



# UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

A INFORMAÇÃO REGIONAL NO SERVIÇO PÚBLICO DE TELEVISÃO:  
O PROGRAMA "PORTUGAL EM DIRETO" DA  
RTP 1

Relatório de Estágio apresentado à Universidade Católica  
Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Ciências da  
Comunicação, vertente Media e Jornalismo

Por

Afonso Flora Pires

Faculdade de Ciências Humanas

Setembro 2022



# UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

A INFORMAÇÃO REGIONAL NO SERVIÇO PÚBLICO DE TELEVISÃO: O  
PROGRAMA "PORTUGAL EM DIRETO" DO CANAL  
RTP 1

Relatório de Estágio apresentado à Universidade Católica Portuguesa para  
obtenção do grau de mestre em Ciências da Comunicação, vertente Media  
e Jornalismo

Por

Afonso Flora Pires

Faculdade de Ciências Humanas

Sob orientação de Nelson Costa Ribeiro

Setembro 2022

## Resumo

A empresa concessionária do serviço público de rádio e de televisão tem, de entre as várias missões, a de divulgar informação sobre os acontecimentos que ocorrem em todo o país e no estrangeiro, tendo a responsabilidade acrescida de dar visibilidade à informação regional. Para compreendermos de que forma tal cobertura é realizada, o nosso estudo debruça-se sobre o programa da RTP 1, “Portugal em Direto”, que dá particular atenção à atualidade dos diferentes distritos e arquipélagos. Procuramos compreender como este programa é produzido e de que modo dá visibilidade à informação proveniente das diferentes regiões. Para este efeito, foram analisadas 22 edições do programa “Portugal em Direto” emitidas durante o mês de novembro de 2021. Relativamente aos métodos de investigação, utilizámos o método quantitativo de análise de conteúdo com base em variáveis produzidas e categorizadas de origem, tais como o local de cobertura, o tempo de cobertura, o tipo de intervenientes entrevistados em cada notícia, a forma e o género de reportagem, o tom das notícias e os vários assuntos ou temas específicos abordados. Por outro lado, recorreremos a métodos qualitativos, tais como a observação participante e as entrevistas semidiretivas ou informais.

De uma forma geral e de acordo com os resultados obtidos, registamos que o programa “Portugal em Direto” não faz uma cobertura igualitária de todo o território português incluindo as ilhas dos Açores e da Madeira. Esta assimetria de cobertura é resultado de todo um conjunto de decisões de ordem editorial e ainda da falta de recursos humanos nas várias delegações regionais que fazem parte da RTP e da qual o programa “Portugal em Direto” tem grande dependência.

**Palavras-Chave:** Jornalismo de Proximidade, “Portugal em Direto”, Jornalismo Local e Regional, Televisão, Análise de Conteúdo, Entrevistas Semi Diretivas

## **Abstract**

The concessionaire of the public radio and television service has as one of its missions to disseminate information about the events that happen all over the country and abroad, having an added responsibility to give visibility to regional information. In order to understand how such coverage is carried out, our study focuses on the RTP 1 programme "Portugal em Direto" which gives particular attention to the news of the different districts and archipelagos. We seek to understand how this programme is produced and how it gives visibility to the information coming from the different regions. For this purpose, we analysed 22 editions of the programme "Portugal em Direto" broadcasted during the month of November 2021. Regarding the research methods, we used the quantitative method of content analysis based on variables produced and categorized of origin such as the place of coverage, the time of coverage, the type of actors interviewed in each news item, the form and genre of reporting, the tone of the news items and the various subjects or specific themes addressed. On the other hand, we used qualitative methods, such as participant observation and semi-directive or informal interviews.

In general, and according to the results obtained, we register that the program "Portugal em Direto" does not make an equal coverage of the whole Portuguese territory including Azores and Madeira islands. This asymmetry of coverage is the result of a set of editorial decisions and also of the lack of human resources in the various regional delegations that are part of RTP and on which the programme "Portugal em Direto" is highly dependent.

**Key words:** Proximity Journalism, "Portugal em Direto", Local and Regional Journalism, Television, Content Analysis, Semi -Directive Interviews

## **Agradecimentos**

Um agradecimento especial ao professor Doutor Nelson Ribeiro pela orientação deste trabalho. Muito obrigado pelas suas indicações, observações e conselhos ao longo de todas as fases de realização deste relatório de estágio.

Aos meus pais, Carla e José Afonso, e ao meu irmão, Salvador, pelas inúmeras horas de apoio e consolação nas diferentes fases deste trabalho.

A ti, Beatriz, pela força, apoio e ajuda, mas sobretudo por todas as horas de desabafo e compreensão.

Um agradecimento especial à minha amiga Dulce por todo o apoio prestado ao longo do estágio na RTP, por me ter apresentado aos seus colegas do programa “Portugal em Direto” e auxiliado em todas as tarefas, para além das boleias oferecidas. Muito obrigado pela tua amizade e sobretudo pela tua paciência.

Aos meus amigos, André Rodrigues, André Lajas, José Fidalgo e Diogo Marcos, pela força, consolação, auxílio e transmissão de conhecimento em todas as fases deste trabalho.

Aos meus colegas de faculdade, pelas indicações, conselhos e partilha de conhecimentos durante todo o tempo da realização deste trabalho.

A todos os jornalistas da RTP e especialmente aos do programa “Portugal em Direto” por todas as lições e pela motivação, com os quais tive o privilégio de aprender mais sobre o jornalismo televisivo. Um agradecimento especial à jornalista Filipa Marques Henriques que me incentivou para a escolha deste tema e à subdiretora de informação, Adília Godinho, orientadora do meu estágio curricular, por todos os ensinamentos e desafios propostos.

## Índice

<b>Introdução .....</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo 1 - Memória Descritiva do Estágio Curricular realizado na RTP .....</b>	<b>12</b>
<b>Capítulo 2 – O caso do Serviço Público de Televisão .....</b>	<b>16</b>
2.1.O Serviço Público na Europa: Problemas e Desafios.....	16
2.2.O Serviço Público em Portugal após o aparecimento das televisões privadas .....	24
2.3.A RTP no Ambiente Digital .....	29
2.4.A RTP e o contrato de Concessão: Princípios e Valores.....	34
2.4.1.A RTP e a presença da informação Regional .....	39
<b>Capítulo 3 – O Jornalismo de Proximidade .....</b>	<b>43</b>
3.1. Características do Jornalismo Local e Proximidade .....	43
3.2. A Imprensa Local e de Proximidade: Contexto Atual .....	48
3.2.1. A Televisão Local e Proximidade na Europa e em Portugal: As Web TV Regionais .....	54
3.3. O Jornalismo de Proximidade: Técnicas, Ângulos de Reportagem e Necessidades das Comunidades Locais .....	59
3.4.Éticas do Jornalismo de Proximidade .....	64
<b>Capítulo 4 – Metodologia .....</b>	<b>67</b>
4.1. Objeto de Estudo: Programa “Portugal em Direto” do Canal RTP 1 .....	67
4.2. Objetivos do Estudo .....	68
4.3. Métodos de Análise e Recolha de Dados .....	69
4.3.1. Observação Participante .....	69
4.3.2. Entrevistas Semi-Diretivas.....	71
4.3.3. Análise de Conteúdo.....	75
4.3.4. Hipóteses de Investigação.....	77
4.3.5. Variáveis de Análise .....	78
<b>Capítulo 5 – A Análise do Programa “Portugal em Direto” no mês de novembro de 2021 .....</b>	<b>87</b>
5.1. Análise e Verificação de Resultados .....	87
5.2. Discussão dos dados obtidos.....	98
<b>Conclusão .....</b>	<b>107</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>110</b>
<b>Webgrafia .....</b>	<b>115</b>

<b>Anexos .....</b>	<b>117</b>
<b>Anexo 1 .....</b>	<b>118</b>
Tabela de Observação Participante do Estágio Curricular realizado na RTP entre 2 de novembro de 2021 e 18 de março de 2022 .....	118
<b>Anexo 2 .....</b>	<b>132</b>
Tabela Análise de Conteúdo das 22 edições do programa “Portugal em Direto” decorridas no mês de novembro de 2021 .....	132
<b>Apêndice 1 .....</b>	<b>157</b>
Tabelas de análise dos Guias de Entrevista, Análise de conteúdo das Entrevistas e Transcrições: Dimensões I, II, III e IV .....	157

## **Índice de Gráficos**

**Gráfico 1** – Representação da Variável *Local* no total de 427 notícias analisadas do programa “Portugal em Direto”

**Gráfico 2** - Representação da variável *Local* por percentagem na classificação por NUT I

**Gráfico 3** – Representação da Variável *Local* por percentagem na classificação por NUT II

**Gráfico 4** – Representação da Variável *Local* na classificação por NUT III

**Gráfico 5** – Representação da Variável *Forma* por percentagem no total dos 22 programas do “Portugal em Direto”

**Gráfico 6** – Representação da Variável *Tom* por percentagem no total dos 22 programas do “Portugal em Direto”

**Gráfico 7** – Representação da variável *Assunto* no total dos 22 programas do “Portugal em Direto”

**Gráfico 8** – Representação da variável *Género* no total dos 22 programas do “Portugal em Direto”

**Gráfico 9** - Representação da variável *Interveniente* no total dos 22 programas do “Portugal em Direto”

**Gráfico 10** – Representação da categoria Género de Interveniente da variável *Interveniente* no total dos 22 programas do “Portugal em Direto”

**Gráfico 11** – Representação da variável *Tempo* no total dos 22 programas do “Portugal em Direto”

## **Índice de Tabelas**

**Tabela 1** – Grelha de Variáveis da Análise do programa “Portugal em Direto”

**Tabela 2** – Observação Participante do Estágio Curricular realizado na RTP

**Tabela 3** - Análise de Conteúdo das 22 edições do programa “Portugal em Direto” durante o mês de novembro de 2021

**Tabela 4**– Guião de Entrevista I – Dimensão I

**Tabela 5** – Análise de Conteúdo Entrevista I – Dimensão I

**Tabela 6** – Análise de Conteúdo Entrevista II – Dimensão I

**Tabela 7** –, Guião de Entrevista II – Dimensão II

**Tabela 8** – Análise de Conteúdo da Entrevista III – Dimensão II

**Tabela 9** – Análise de Conteúdo Entrevista IV – Dimensão II

**Tabela 10** – Análise de Conteúdo Entrevista V – Dimensão II

**Tabela 11** – Guião de Entrevista III – Dimensão III

**Tabela 12** - Análise de Conteúdo Entrevista VI – Dimensão III

**Tabela 13** – Guião de Entrevista IV – Dimensão IV

**Tabela 14** – Análise de Conteúdo Entrevista VII – Dimensão IV

**Tabela 15**– Análise de Conteúdo da Entrevista VIII – Dimensão IV

**Tabela 16** – Análise de Conteúdo Entrevista IX – Dimensão IV

## Introdução

Os programas de informação são parte integrante do nosso quotidiano, sendo através deles possível obter informação sobre a atualidade nacional e internacional. Atualmente, nos telejornais, tende-se a reportar sobretudo os acontecimentos com impacto nacional, daqui resultando uma menor importância da informação regional. Paralelamente, o serviço público continua em constante crise de existência, resultado das várias divergências de opiniões sobre o que deve ser o seu objetivo e de problemas a nível estrutural. Um bom exemplo deste caso é o programa “Portugal em Direto” transmitido pela RTP 1 em Portugal, o qual se constitui como objeto de investigação neste trabalho.

Nesta investigação serão analisadas 22 edições do programa “Portugal em Direto” transmitidas durante todo o mês de novembro de 2021. Neste sentido, procuramos analisar estes programas de forma a conseguir responder à seguinte questão de partida: *De que forma as regiões portuguesas são representadas no programa “Portugal em Direto” do Canal RTP 1?*

De modo a poder responder a esta pergunta, irão ser utilizados três métodos de investigação. Numa primeira instância será usada a técnica de observação participante tal como proposta pelo autor António Carlos Gil (2008); numa segunda instância procederemos à realização de entrevistas semidiretivas ou informais, tal como definidas pelo autor supramencionado e por Danielle Ruquoy (1997). Estas entrevistas serão realizadas aos jornalistas, coordenadores, à apresentadora e aos jornalistas das delegações regionais do programa “Portugal em Direto”, sendo posteriormente analisadas através de técnicas de tratamento de materiais volumosos, de acordo com o procedimento proposto por Christian Maroy (1997). Em último lugar, procedemos à análise de conteúdo de um total de 427 das peças informativas de 22 edições do programa “Portugal em Direto”, seguindo a proposta de Laurence Bardin (2016).

Este relatório de estágio está dividido em duas partes: uma referente à componente teórica e outra correspondente à parte empírica. Começando pela parte teórica, esta encontra-se dividida em dois capítulos estruturais, cada um dividido em quatro subcapítulos. Relativamente ao *Capítulo 2*,

aborda-se a atualidade do serviço público em Portugal e no Mundo, a história de como o mesmo evoluiu e como se implantou, existindo um foco no caso de Portugal e na RTP a partir do subcapítulo 2.2. Procura-se, deste modo, explicar a história da RTP a partir do aparecimento dos canais privados em 1992 e compreender a forma como os mesmos afetaram a RTP não só a nível estrutural, mas também a nível financeiro. Neste segundo capítulo, procuramos analisar de igual forma o impacto do setor digital no serviço público de televisão e compreender se o mesmo tem feito o acompanhamento próximo das novas tecnologias e, por último, analisar a importância dada pelo serviço público de Portugal à informação regional. No *Capítulo 3*, procuramos, de uma forma geral, definir e explicar o que é o jornalismo de proximidade, as éticas que devem constar nas suas práticas, as necessidades das comunidades locais e o que as mesmas esperam do jornalismo local e de proximidade. Dedicamos uma parte de um subcapítulo às novas televisões de proximidade ou *web tv* regionais que se destacam na sociedade atual.

Relativamente à parte empírica deste trabalho, esta encontra-se dividida igualmente em dois capítulos. No *Capítulo 4*, são apresentados o objeto de estudo desta investigação, incluindo o corpus de análise, os objetivos e hipóteses que se pretendem alcançar comprovar e os vários métodos qualitativos e quantitativos usados para chegar às conclusões. Destacamos que, para cada método de análise utilizado, é apresentada uma justificação ancorada na literatura. Por último, no *Capítulo 5*, pretendemos, com base na metodologia usada, apresentar e discutir os principais resultados obtidos de modo a chegar a conclusões que sejam produtivas e que suscitem a curiosidade para futuras investigações.

Em síntese, pretendemos que, com este trabalho, seja possível compreender e desmistificar a importância dada pelo serviço público às regiões portuguesas, inclusive as regiões autónomas, explicar que tipo de reportagens é que são utilizadas pelo programa “Portugal em Direto” e compreender se o mesmo se baseia no jornalismo de proximidade para realizar a cobertura das várias regiões de Portugal.

## Capítulo 1 - Memória Descritiva do Estágio Curricular realizado na RTP

Para a realização deste relatório final para a obtenção de grau de mestre em Ciências da Comunicação, vertente Media e Jornalismo, decidi optar pela modalidade de estágio curricular. Esta opção adveio da minha curiosidade e vontade de poder ter um contacto mais direto com o mercado de trabalho e de adquirir ferramentas práticas junto de jornalistas profissionais.

No decurso do estágio curricular consegui adquirir competências práticas ao nível da televisão e ainda tive oportunidade de acompanhar os vários jornalistas das diversas editorias, principalmente do programa “Portugal em Direto”, objeto de estudo deste relatório, nas várias reportagens que os repórteres iam realizando sobre os mais variados temas. Foi, sem dúvida, uma experiência enriquecedora através da qual consegui ficar com uma visão bastante abrangente do significado de se ser um jornalista de serviço público em Portugal.

O estágio curricular na direção de informação da RTP ocorreu no 1.º semestre do segundo ano de mestrado e teve a duração de quatro meses e três semanas, num total de 137 dias de aprendizagem, trabalho, desafios e muitas curiosidades. O mesmo iniciou-se no dia 2 de novembro de 2021 e terminou a 18 de março de 2022. O estágio era suposto ter tido a duração de quatro meses, porém devido à COVID-19, o mesmo foi prolongado por mais três semanas após o prazo que tinha sido estipulado. A orientadora de estágio da RTP que me acompanhou nestes quatro meses e meio foi a diretora adjunta de informação da RTP, Adília Godinho.

Logo após a reunião inicial com a orientadora de estágio, na qual especifiquei os objetivos relativamente à minha investigação, fui encaminhado para várias editorias onde adquiri diversas competências. As reuniões com a orientadora realizavam-se de duas em duas semanas de forma a permitir um acompanhamento contínuo ao longo do desenvolvimento do estágio. No início do mesmo, a primeira editoria onde fui colocado foi a Sociedade onde aprendi e entrei em contacto com vários programas tecnológicos de produção de notícias, nomeadamente o *Quantel SQ View*,

*SQ Cut* e ainda o ENPS. Através destes programas, os estagiários conseguiam acompanhar ao minuto as notícias que iam sendo disponibilizadas pelas agências Lusa e internacionais, bem como a possibilidade de acesso ao servidor da RTP, o AGS, onde estavam disponíveis por tempo limitado os brutos das reportagens mais recentes de todas as editorias. A partir destes programas, fui incentivado a escrever os meus próprios OFF's para notícias e ainda a produzir as minhas próprias peças televisivas que eram corrigidas e avaliadas tanto pelos jornalistas que me estavam a acompanhar como também pela orientadora de estágio. De uma forma geral, a redação do texto das peças era feita no programa ENPS e, posteriormente, após a correção e avaliação, a edição e gravação de voz da mesma eram auxiliadas por um editor profissional da RTP, que em conjunto com o estagiário iam escolhendo as imagens dos brutos para a notícia que havia sido escrita no programa ENPS. Uma das principais aprendizagens da RTP foi a importância de conseguir pensar e escrever, tendo presente as imagens que tinha disponíveis.

Apesar de o estagiário ter a possibilidade de produzir peças televisivas, fui informado que as mesmas não poderiam ser emitidas pela RTP. Na editoria da sociedade tive, de igual forma, a possibilidade de sair em reportagem com os vários jornalistas, realizar entrevistas e aprender as várias dinâmicas de interação com o público.

A segunda editoria onde estive foi em Economia, na qual aprendi que a escrita para televisão deve ser atenciosa nos mais pequenos detalhes, principalmente quando se trata de assuntos económicos, e ainda a escrever de forma mais simples e objetiva as ideias que pretendia transmitir com a notícia. Tive de igual forma a oportunidade de sair em reportagem e acompanhar de perto uma manifestação dos CTT que se realizou às portas do Ministério das Finanças e ainda a possibilidade de conhecer figuras do governo português, nomeadamente, a então Ministra da Administração Pública, Alexandra Leitão.

A terceira editoria onde estagiei foi o Desporto, na qual aprendi a editar as minhas próprias peças. Uma curiosidade sobre esta editoria prende-se com o facto de ser a mais autónoma, na medida em que os jornalistas têm à sua disposição, em cada secretária, ferramentas técnicas para edição e

gravação das suas peças televisivas, ou seja, o jornalista não tem a necessidade de pedir a um editor profissional para o auxiliar na edição das suas peças. Neste sentido, a minha experiência nesta editoria foi bastante rica em termos de atividades. Para além de ter ganho autonomia na edição das minhas peças, acompanhei e assisti a um relato de um jogo de rugby e saí em reportagem para um dérbi de futebol, onde tive a possibilidade de realizar simulações de diretos.

A quarta editoria onde estive foi em Cultura, onde compreendi, através do auxílio de vários jornalistas, que a escrita nesta editoria deve alargar horizontes e perspetivas. Acompanhei e assisti de igual forma a espetáculos e eventos artísticos em Lisboa.

Por último, a editoria onde passei o último mês e meio de estágio foi no “Portugal em Direto”. Não retirando a importância a todas as outras aprendizagens que obtive nas restantes editorias, foi aqui onde notei que o meu estágio curricular tinha valido a pena. Escolhi a editoria do “Portugal em Direto” para último, pois pretendia compreender as diferenças ao nível de tratamento de informação entre as editorias nacionais e esta dedicada à informação regional, sendo este o tema do meu relatório de estágio. Nesta editoria, acompanhei os vários jornalistas e repórteres de imagem nas saídas em reportagem, compreendi o tratamento que dão à informação regional e local, principalmente na confiança com o contacto com as fontes e as várias dinâmicas de reportagem que usam, onde se encontra presente a técnica de *lives* ou falsos diretos e toda a sua construção, desde o texto ao processo de edição. Acompanhei de igual forma a régie do programa, inclusive a forma como esta era coordenada e orientada em todas as fases do mesmo.

De um ponto de vista pessoal, as razões que me levaram a escolher a RTP foram várias. Em primeiro lugar, pela experiência e comentários positivos de colegas meus que já tinham estado na RTP, em segundo lugar pelo facto de a RTP ser uma grande referência e, por último, por ser a única empresa de serviço público de televisão em Portugal. De uma forma geral, o estágio curricular que tive na RTP foi bastante positivo desde o contacto com os vários jornalistas das editorias aos desafios e atividades que me foram propostos. Destaco neste estágio curricular o acompanhamento próximo por parte da orientadora de estágio e dos jornalistas que sempre

demonstraram empatia e disponibilidade para ajudar, bem como as lições que me foram transmitidas em cada uma das editorias.

## Capítulo 2 – O caso do Serviço Público de Televisão

### 2.1. O Serviço Público na Europa: Problemas e Desafios

A situação das televisões de serviço público a nível europeu apresenta hoje várias dificuldades, desde o financiamento até à construção das grelhas de programação dos conteúdos informativos e de entretenimento que têm vindo a perder qualidade com a entrada dos canais de nível comercial ou do setor privado (Lopes, 1999). Neste panorama, Gregory Ferrell Lowe e Jo Bardoel (2007) apontam três grandes desafios que os media de serviço público devem ultrapassar. Em primeiro lugar, devem desenvolver o seu modelo de transmissão tradicional que tem condicionado vários profissionais na área do *broadcasting*. Em segundo lugar, o serviço público deve promover novas linhas de orientação, não só ao nível da comunicação, mas também ao nível da transmissão de conteúdos. Por fim, devem alterar, de forma significativa, a sua relação com as audiências, orientando os seus conteúdos para um interesse público em vez de competir com a concorrência privada e pela conquista das audiências.

Foi a partir dos anos 80 que a hegemonia ou o monopólio do serviço público de radiodifusão começou a entrar em colapso na Europa, devido à entrada dos novos concorrentes comerciais, o que originou um sistema de competição dual entre estes dois oponentes. No entanto, foi a partir dos anos 90 que as pressões desta competição começaram a ganhar destaque, tornando necessária uma reformulação das missões e objetivos do serviço público de modo a poder sobreviver no contexto competitivo em que se encontrava (Bardoel & Lowe, 2007). Neste âmbito, Mcquail apresentava, nesta fase, um novo *ethos* pelo qual o serviço público se devia reger. Em primeiro lugar, a “missão de serviço universal”, em segundo lugar, “a procura pela diversidade e pela segurança na representação dos contextos político, social e cultural”, em terceiro lugar “a garantia da democracia e do significado do financiamento público” e, por último, a “aderência a objetivos sem fins lucrativos” (Mcquail, 1994:49-64). Outros autores como Kleist e Scheuer (2006) apontam objetivos igualmente importantes para o serviço público como a independência, a neutralidade, a diversidade, o pluralismo, a igualdade de serviços independentemente da posição geográfica ou social e a promoção de culturas.

Em 1997, o tratado de Amesterdão legitimou e organizou algumas destas missões. O protocolo deste tratado reconheceu que o serviço público de radiodifusão estava diretamente ligado à democracia e às necessidades culturais e sociais dos cidadãos europeus e com a necessidade de manter um pluralismo a nível mediático (Bardoel & Lowe, 2007). Segundo Felisbela Lopes (1999) este tratado incluía uma cláusula sobre o setor audiovisual, na qual cada Estado Membro da União Europeia devia definir o que é o serviço público. Este protocolo assegurava também que cada Estado Membro deveria providenciar fundos para acompanhar a evolução da televisão pública, sem afetar as suas condições de negócio e a competição na sua comunidade, o que era considerado como sendo contrário ao interesse público (Bardoel & Lowe, 2007). Atualmente, é a Comissão Europeia que decide se uma determinada atividade mediática se pode inserir no conceito de serviço público, o que por vezes pode criar conflitos no seio de alguns Estados Membros (Lopes, 1999). Neste sentido, os critérios pelos quais a comissão europeia se guia na avaliação das atividades mediáticas são os seguintes: se a atividade preenche os requisitos de serviço público relacionados com a presença dos novos media digitais, a existência de uma separação bem estipulada entre a atividade comercial e a de serviço público e se existe financiamento suficiente capaz de suportar a atividade mediática de modo a que esta não tenha de proceder a cortes a nível de subsídios (Bardoel & Lowe, 2007). Em consequência deste aspeto, os serviços públicos de radiodifusão têm vindo a reformular as suas missões para se poderem adaptar a estes critérios. Esta reformulação passa atualmente por trazer ao público o conteúdo da forma que pretende e como pretende (Nissen, 2006).

Com a entrada dos novos concorrentes mediáticos, o serviço público apresentou várias dificuldades de coexistência com a multiplicidade de canais privados. Por um lado, com as mudanças tecnológicas, o serviço público tornou-se um meio cada vez menos relevante, por outro lado, baixou as audiências e o seu nível de programação é hoje igualado aos conteúdos dos canais privados (Collins, 2002). Segundo Collins (2002), o grande problema nesta fase da liberalização televisiva foi a falta de diversidade de ofertas e propostas, uma ideia que era defendida pelos otimistas da ideologia de um mercado livre. Porém, com a elevada concorrência de canais, assistiu-se a uma “uniformização e mimetismo concorrencial” dos conteúdos por parte da televisão pública (Fidalgo, 2005:26). Felisbela Lopes cita Hugues le Paige para explicar este fenómeno mediático:

“Ao afrontar as estações privadas no seu próprio terreno, os canais públicos não só renunciam ao seu maior trunfo – o de serem a diferença – como se colocam numa situação de inferioridade particularmente quando pretendem rivalizar ao nível do espetáculo puro” (Lopes, 1999:57).

Karen Donders (2012) contra-argumenta afirmando que o serviço público teve de mudar as suas estratégias e políticas de programas em torno das audiências, de modo a poder legitimar a sua posição no mercado. O serviço público foi forçado, na era da liberalização do mercado, a competir com os concorrentes comerciais, pois não se podia arriscar a perder audiências para os concorrentes privados.

No contexto atual dos novos media, as mudanças ideológicas e culturais existentes nas várias sociedades trazem conceitos inovadores como a individualização, o consumo, a privatização e o autoautoritarismo, o que põe em causa o conceito de interesse público (Blumler,1998). Neste sentido, existem autores que defendem uma modernização do serviço público, o ajuste às novas realidades tecnológicas para responder às várias mudanças sociais. Argumentam, de igual forma, que não haverá futuro para o serviço público enquanto a União Europeia e o Conselho Europeu não procederem a mudanças significativas para o setor digital (Jakubowicz, 2006 & 2007; EBU Digital Strategy Group, 2002). Neste prisma, Karol Jakubowicz (2007) propõe seis estratégias para a viabilidade e desenvolvimento dos media de serviço público no século XXI.

Em primeiro lugar, propõe a remoção de objeções ideológicas. A Comissão Europeia estrutura este problema da seguinte forma:

The future of the dual system of broadcasting in Europe, comprising public and private broadcasters, depends on the role of public service broadcasters being reconciled with the principles of fair competition and the operation of a free market (European Commission,1999:12).

Segundo Jakubowicz (2007), existem três ideologias relacionadas com o serviço público. Em primeiro lugar, a ideologia de liberalismo económico “com face humana” que defende que o serviço público deve apoiar os media comerciais, o que promove a não existência de uma competição tanto na programação como no uso das novas tecnologias e plataformas. Na opinião do autor, esta ideologia irá acabar financeiramente com os media de serviço público. Em segundo lugar, a ideologia neoliberal vê o mercado televisivo como um mecanismo das necessidades individuais e sociais o que, de acordo com Jakubowicz, é um tipo de ideologia que não satisfaz os objetivos do serviço público. Por último, a terceira ideologia apoiada pelo Conselho Europeu argumenta que a comunidade deve garantir que todos possam receber um serviço público organizado a nível de programas e conteúdos. Neste sentido, o serviço público é visto como oferecendo um leque de conhecimentos de que o público precisa, o que contribui para o desenvolvimento da democracia (Jakubowicz, 2007). De uma forma geral, esta ideologia aponta os pilares da democracia e os valores sociais e públicos do serviço público como elementos estruturais para uma visão mais alargada do liberalismo presente na sociedade democrática (Murdock, 2005; Barnett, 2001; Graham, 2001; Graham & Davies, 1997). Porém, existem autores que defendem um controlo mais fechado por parte dos governos. Eduardo Cintra Torres dá o exemplo da teoria “expansionista” que defende que os canais e os serviços dos media devem estar sob controlo do Estado (Torres, 2011). Puttnam (2007) defende que, à medida que o interesse público precisa de avançar para a era digital, defende que é necessário a existência de uma intensificação da intervenção pública nos media eletrónicos e no serviço público.

A segunda estratégia defendida por Jakubowicz (2007) é provar a relevância do serviço público na era digital. A mudança para o contexto digital tem promovido a competição entre o número crescente de operadores de televisão e de distribuidores de programas em várias plataformas, o que tem reduzido a habilidade das televisões em promover o valor social (Papathanassopoulos, 2002). Outros autores afirmam que a televisão de serviço público está a perder audiências, pois as pessoas têm maior preferência por canais de subscrição e serviços alternativos. Com o decréscimo das audiências e a presença de novos modelos de negócio, o serviço público tem perdido toda a sua sustentabilidade, inclusive ao nível da publicidade (Norris & Pauling, 2005). Segundo estes autores, os canais comerciais pagos de maior sucesso como a *CNN* ou o *Discovery Channel* não

vão de encontro aos pedidos de interesse público, nomeadamente de interesse cultural, exigidos ao serviço público. De uma forma geral, estes autores concluem que os canais de subscrição apresentam, em primeiro lugar, conteúdo para certos mercados e não para todos os géneros e, em segundo lugar, as televisões pagas não respeitam ou não correspondem aos pedidos de democracia que devem estar presentes no serviço público. Paralelamente, não providenciam notícias locais nem oferecem espaço para o discurso público que apresenta uma importância para a democracia. Para a resolução destes problemas, defendem que o serviço público precisa de ser salvaguardado e desenvolvido para a entrada no mundo *online*, pois exerce uma função fundamental para a coesão social (Norris & Pauling, 2005).

A terceira estratégia prende-se com a anterior supramencionada, na qual se define por uma mudança interna ao nível da radiodifusão (Jakubowicz, 2007). Neste sentido, aponta-se para o serviço público a necessidade de inserção dos seus programas e conteúdos para o ambiente digital (EBU Digital Strategy Group, 2002). De um modo geral, o serviço público pode complementar-se com serviços temáticos para públicos-alvo (Wiio, 2004). Nissen (2006) dá o exemplo dos serviços *web* ou SMS que podem ser usados para fomentar um dos princípios do serviço público, o encorajamento do debate público. Outro exemplo é o desenvolvimento de serviços de alerta de notícias para *smartphones* na qual o utilizador pode obter a informação extra mediante pagamento. Estes são alguns exemplos de áreas nas quais o serviço público pode marcar a sua presença, entrando assim no mundo *online* e no setor “*on demand*”, promovendo o aumento do número de audiências e personalização dos conteúdos (Jakubowicz, 2007). Jowell (2007) argumenta, neste sentido, que futuramente os media de serviço público (PSM) poderão ter uma reformulação do seu conceito para serviço público de conteúdos (PSC). Esta ideia é apoiada por Eduardo Cintra Torres (2011) quando se refere ao caso da televisão pública em Portugal (RTP), afirmando que este modelo de serviço público deveria ser:

(...) dialogante com a sociedade civil e com a produção independente. Não deveria ter publicidade. Deveria ter menos canais, um único generalista e deveria centrar-se absolutamente nos conteúdos, produzir menos, mas melhor. Deveria notabilizar-se pela diferença e pela excelência, e não pela imitação dos privados (Cintra Torres, 2011:104).

Resumindo, Eduardo Cintra Torres afirma que o serviço público, tomando o caso de Portugal, deveria resumir-se em apenas um canal com o foco exclusivo no interesse público e o afastamento dos modelos de negócio com base no interesse das audiências (Torres,2011). Por sua vez, no âmbito digital, Foster (2007) argumenta que o serviço público ao entrar no setor “*on demand*” digital pode desenvolver conteúdo interativo para as audiências e afastar-se dos modelos de canais programados de forma tradicional e convencional.

A quarta estratégia define que o serviço público apresente um reforço dos seus serviços e princípios. Neste sentido, Jakubowicz (2007) afirma que, se o serviço público pretender continuar a servir uma política de cidadania e democracia, deve dar a conhecer aos cidadãos informação sobre organizações a nível internacional, contribuir para a coesão social e para a criação de uma sociedade regional, continental e global, servir como uma instituição de “cão de guarda” para organizações internacionais e globais e ainda desenvolver um espírito de comunidade numa era digital onde os indivíduos têm maior tendência para se inserirem em comunidades virtuais e para se afastarem das suas sociedades ou nações de origem. Neste âmbito, Jakubowicz (2006) foca-se ainda nos setores da cultura e da educação, realçando que o serviço público deve promover o respeito pela diversidade cultural e de linguagem. Argumenta, neste caso, que os media de serviço público podem promover a produção audiovisual nacional através da partilha de trabalhos nacionais originais e ainda proceder à partilha de estações regionais e locais para a promoção da cultura nacional (Jakubowicz, 2007). Devido ao facto de o conteúdo local estar em decadência, em consequência da presença dos media eletrónicos comerciais, é necessário que o serviço público se transforme numa indústria a nível cultural (Hesmondhalgh, 2005). Outro campo onde o serviço público pode contribuir é na educação. Atualmente, os novos objetivos do serviço público neste setor passam pelo desenvolvimento de práticas *online* como o *e-learning* e pela adaptação às necessidades educativas do século XXI, pela disponibilidade do serviço público em todas as plataformas digitais de modo a atrair mais audiências, pela criação de conteúdos digitais interativos no *online* e ainda pela promoção da literacia e sensibilização no uso das ferramentas de informação dos media digitais (Jakubowicz, 2007).

A quinta estratégia para o futuro do serviço público é lidar com os problemas financeiros (Jakubowicz, 2007). Os vários métodos de financiamento dos media de serviço público têm sido, desde sempre, determinados pelos governos, o que, por vezes, tem resultado em conflitos internos nos vários sistemas de produção públicos europeus (Papathanassopoulos, 2007). Espera-se, neste sentido, para o futuro dos métodos de financiamento do serviço público, um investimento nos media digitais e uma reformulação dos princípios e valores do serviço público (Jakubowicz, 2007). Neste prisma, existem autores que defendem dois modelos de financiamento opostos. Em primeiro lugar, os defensores do neoliberalismo e do liberalismo defendem que o financiamento do serviço público deve ser feito através da competição com os oponentes privados no fornecimento de conteúdos (Giles, 2006). Por outro lado, os defensores do modelo de serviço público argumentam que a segurança de um financiamento dedicado se aponta com uma necessidade para salvaguardar o interesse público. Apoiando esta última visão, Rumphorst (2007) afirma que o pagamento obrigatório de imposto ou licença pelos residentes nacionais é uma condicionante que deve ser preservada para a manutenção de uma programação de serviço público. A partir desta perspetiva, defende-se que devem ser impostas duas mudanças ao nível do financiamento do serviço público. Em primeiro lugar, manter a taxa de televisão e alargá-la às novas plataformas. Jakubowicz (2007) dá os exemplos dos países da Suíça, Dinamarca, Irlanda, Suécia e França, nos quais o imposto é obrigatório para todos os residentes que sejam capazes de ver televisão independentemente do meio que usem. Porém, este autor defende que a manutenção desta taxa pode ser difícil de manter, principalmente na era atual do *on demand*, onde a presença de métodos alternativos de pagamento se torna cada vez mais popular. A segunda mudança é ser dada autorização às empresas de serviço público para cooperarem com atividades focadas no mercado de audiências (Søndergaard, 2000).

Por último, a sexta estratégia para o futuro do serviço público é a redefinição das relações com as audiências (Jakubowicz, 2007). Atualmente, as mudanças culturais e ideológicas trazem conceitos como a individualização, recordando Blumler anteriormente neste capítulo (Blumler, 1998). Neste sentido, o serviço público deve ir mais além na redefinição das relações com as audiências e programar conteúdos que permitam a coesão social e o diálogo com o público (Jakubowicz, 2007). São vários os autores que defendem esta perspetiva:

People should be able to feel that public service broadcasting is theirs (...). New media, as several public service broadcasters have recognized, provide striking opportunities to break out of [the] “take what you are given” mode. But organizational changes also offer public service broadcasters’ opportunity to build new relationships of partnership, identification, and a sense of shared ownership which involve viewers, listeners, and web surfers – indeed, which make receivers into senders (Collins et al., 2001:11).

De acordo com Stark (2006), a revolução tecnológica atual baseia-se na habilidade dos usuários poderem produzir, partilhar novos conteúdos e fazerem parte de um discurso público cultural. Alguns autores definem estes conteúdos como “bens digitais” ou então “bens informativos” (Kranich, 2004; Murdock, 2005). Neste sentido, aponta-se como objetivo fulcral para o serviço público a introdução destes novos conteúdos criados pelos usuários, não pondo em causa a qualidade do modelo de serviço público, porém tornando a rede de audiências numa possível parceira das organizações de serviço público (Jakubowicz, 2007).

Concluindo, o serviço público no século XXI encontra-se ainda numa fase experimental, desenvolvendo os seus programas no *online* e explorando as possibilidades da interatividade das audiências. Apesar dos custos e das crises de financiamento, o serviço público deve continuar a diversificar os seus conteúdos e as suas fontes de receita (Donders, 2012).

## **2.2. O Serviço Público em Portugal após o aparecimento das televisões privadas**

A abertura da televisão à iniciativa privada teve um impacto muito significativo na RTP, empresa de serviço público em Portugal. A RTP iniciou as suas emissões experimentais em 1956, porém só a partir da constituição de 1976 foi reconhecida como uma televisão pública. Foi somente na passagem de 1989 para 1990, com o fim do monopólio, que apareceram os primeiros obstáculos ao serviço público em Portugal. Para além da entrada dos operadores privados, a abolição de quaisquer entraves à iniciativa privada e a aprovação da lei da televisão que legalizava a presença de canais privados no espectro hertziano português foram aspetos igualmente impactantes na RTP (Santos & Sousa, 2003). Segundo Manuel Pinto (2011), a RTP viveu no final do século XX uma profunda crise económica e de identidade, devido ao facto de, em primeiro lugar, o governo de Cavaco Silva ter abolido a taxa de televisão que se constituía como uma das suas principais fontes de rendimento. Segundo Alberto Arons de Carvalho (2009), o montante resultante desta taxa simbolizava 18% das receitas da RTP. Em segundo lugar, com o aumento da iniciativa privada, o tempo de publicidade na RTP foi reduzido através de um contrato de concessão com o Estado assinado em 1993. De igual forma, este contrato vigorou numa fase em que a RTP passava por uma profunda crise de identidade, o que justificou a opção da mesma em concorrer com a iniciativa privada em vez de apostar num conteúdo diferenciado, contribuindo para uma desvalorização do seu papel enquanto canal de serviço público (Santos & Sousa, 2005). Nas palavras de António Reis, “o surgimento dos canais privados de televisão teve efeitos ambivalentes”. Por um lado, fez com que a RTP adotasse um “comportamento menos oficioso” dando atenção a grandes questões de âmbito nacional, por outro lado fez com que a RTP desenvolvesse “uma informação mais sensacionalista” e uma “homogeneização por baixo do tipo de programação, cada vez mais dependente da chamada ditadura das audiências” (Reis, 1992:399).

Em 1992, o governo de Cavaco Silva, em resposta à controvérsia existente sobre os vários processos de atribuição de frequências, optou por atribuir duas a dois canais de televisão nacionais: uma à TVI (Televisão Independente), um canal ligado a instituições religiosas católicas e outra à SIC (Sociedade Independente de Comunicação) liderada na altura por Pinto Balsemão (Santos & Sousa, 2005). Segundo Manuel Pinto (2011), desconhecem-se as razões de ordem política que

levaram o governo de Cavaco Silva a abolir a taxa de televisão quando já se sabiam as consequências e o impacto desta decisão nos canais de serviço público em Portugal (RTP 1 e RTP 2) com a presença de um quadro concorrencial bastante aguerrido (Pinto, 2011). Porém, ao longo da década de 90, a crise da RTP foi-se agravando em três pontos: “no modo de atuar (performatividade), no plano da identidade num novo quadro concorrencial e, sobretudo, no plano do financiamento” (Pinto, 2011:261). Com a concorrência privada cada vez mais presente, o presidente do conselho de Administração, Freitas Cruz, numa fase onde a RTP era dirigida por José Eduardo Moniz (1985-1994), procedeu a cortes nas despesas, nomeadamente na utilização de satélites, equipas de produção externa e ainda na compra de programas. Porém, estas soluções não foram suficientes para resolver os problemas financeiros da RTP (Santos & Sousa, 2003). Nesta fase, as dificuldades financeiras também eram resultado do sucesso comercial dos canais privados. Este fator foi descrito por vários autores: “Dois anos e sete meses depois de ter iniciado as suas emissões, e apesar da feroz concorrência da RTP, a SIC ultrapassou o *share* semanal do canal 1 da RTP” (Pinto et.al., 2000:47). Segundo Helena Sousa e Luís António Santos (2003), a reestruturação do mercado agravou por um lado o panorama financeiro da RTP e por outro lado a própria independência política da estação. Neste sentido, a RTP continuou a ser vista como uma estação parcial e dependente dos interesses dos governos, o que fez com que o seu papel enquanto serviço público de televisão fosse duvidado e posto em causa.

Para a resolução destes problemas, o governo de Cavaco Silva tentou introduzir algumas melhorias na relação entre a RTP e o Estado, através de um contrato de concessão assinado a 17 de março de 1993 (Santos & Sousa, 2003). Para além do interesse público, a diversidade, a participação política e cívica dos cidadãos, este contrato vinha estabelecer um conjunto de objetivos particulares para a RTP tais como:

“(…) direito de antena, tempo de emissão para as confissões religiosas, tempos de emissão para a Universidade Aberta e para a Administração Pública, apoio ao cinema e à indústria audiovisual, promoção da “produção e emissão de programas educativos ou formativos” destinados a crianças, jovens, minorias e deficientes auditivos etc.” (Arons de Carvalho, 2009:109-110).

Em termos de fiscalização, este contrato estipulava que o seu cumprimento seria tutelado pelos dois membros do governo que controlavam a empresa, neste caso, o Ministro das Finanças e o responsável pela tutela da área da comunicação social. Neste sentido, a principal inovação deste contrato estava no facto de se respeitar uma indemnização compensatória, ou seja, pelo facto de os canais RTP 1 e 2 apresentarem custos ao nível da programação, o Estado obrigava os responsáveis pela área dos conteúdos a procurarem receitas no setor da publicidade. Esta ação veio colocar a RTP no campo dos operadores privados, não se diferenciando nos seus objetivos e fontes de rendimento, constituindo-se com um dos principais problemas deste contrato (Carvalho, 2009).

Outro dos problemas provenientes deste contrato era o facto de a sua lista de objetivos não ser explícita quanto à tipologia de programas. Neste sentido, não existia qualquer diferença entre explicar o que se entendia por interesse público ou o que se entendia por qualidade ou diversidade da televisão pública. A lei da televisão (Lei n.º 58/90, de 7 de setembro) aprovada pelo governo de Cavaco Silva colocava o público como o foco da televisão defendendo a identidade nacional, a formação cultural e cívica do público, a independência, o pluralismo, a objetividade da informação entre outros objetivos específicos. Porém, nesta lei não estava presente qualquer diferença entre um operador do serviço público e um operador do setor privado. Neste sentido, qualquer pessoa que decidisse intervir na atividade mediática estava dependente dos objetivos do legislador conforme o que entendesse ser o interesse público. Helena Sousa e Luís António Santos explicam as ações da RTP neste contexto: “A RTP não procurou desenvolver a sua estratégia de programação em função dos cidadãos. A transformação, antes e depois da abertura da televisão à iniciativa privada, manteve-se na RTP muito próxima dos interesses governamentais” (Santos & Sousa, 2005:71).

Em outubro de 1995, a vitória do PS (Partido Socialista) de António Guterres levou a uma mudança estrutural no serviço público com a alteração do contrato de concessão de 1993 para um novo assinado em 31 de dezembro de 1996. Este novo contrato apresentava inovações nos conteúdos como a presença de uma programação detalhada de âmbito cultural, por exemplo, teatro dramático,

através de companhias independentes, um limite de publicidade para a RTP 1 estipulado em 7 minutos e 30 segundos e a abolição de qualquer tipo de publicidade no canal RTP 2 (Carvalho, 2009). Relativamente à estrutura interna da empresa, o Partido Socialista apresentou planos de reestruturação da RTP que foram aprovados. Neste caso, os planos apontavam para uma mudança na Direção de informação da RTP colocando profissionais conhecidos pela sua experiência, como foi o caso do jornalista Joaquim Furtado, que se manteve no cargo de diretor de informação entre janeiro de 1996 e março de 1998. Porém, apesar destas tentativas de reestruturação, a RTP não conseguiu resolver os seus problemas de índole financeiro e editorial, o que agravou a sua situação. Apesar das tentativas de alteração na orientação de programas para o interesse público, tanto o contrato de 1993 como o de 1996 falharam em conseguir resolver os problemas financeiros da RTP (Santos & Sousa, 2003). Em 1996, foi aprovada ainda uma nova lei da televisão que permitia a criação de canais de âmbito local, regional e ainda canais temáticos. No entanto, a proliferação dos canais temáticos veio trazer e agravar o problema da fragmentação das audiências que já existia desde o início do aparecimento dos canais privados, o que complicou a situação financeira do serviço público em Portugal. Neste sentido, a RTP veio ainda a sofrer um decréscimo das suas receitas devido a um decreto governamental de janeiro de 1997 que obrigou a um decréscimo do volume publicitário na estação pública. As crescentes dificuldades às quais António Guterres não soube dar resposta, serviram de incentivo à crítica por parte dos operadores privados. Estes defendiam a privatização da RTP afirmando que o canal não prestava um verdadeiro serviço público (Santos & Sousa, 2003).

Em finais de 2001, o governo voltou a mudar, desta vez com a vitória do PSD, em março de 2002, o que permitiu voltar-se atrás na ideia da privatização da RTP. Porém, para esta questão, o governo entendeu que eram necessárias decisões que passassem pela redução de colaboradores e por medidas de saneamento financeiro. Esta problemática levou a um grande debate, entre março e junho de 2002, no qual se discutiram três posições e estratégias para se definir o futuro da RTP: a posição liberal, a conservadora e a reformadora (Pinto, 2011). A posição liberal defendia que o serviço público consistia numa forma oculta ou disfarçada de propaganda governamental, o que era considerado um risco, segundo esta visão, para a liberdade de informação. A posição conservadora defendia que a RTP deveria manter o estatuto que detinha até à data e optar por

renovações (Pinto, 2011). Nas palavras de Vítor Moreira: “Para debelar a doença da má gestão financeira da televisão pública, basta curá-la com um novo quadro institucional e regulatório, sendo manifestamente excessivo matar o doente” (Público, 14 de maio de 2002). A posição reformadora defendia a mudança total do serviço público e a criação de um novo projeto de televisão (Pinto, 2011).

Neste sentido, o governo decidiu optar pela gestão reformadora, retirando a RTP 2 da alçada da RTP e entregando-a à própria sociedade civil. Esta ideia vinha permitir que o público em geral, através de “tempos regulares de emissão previamente acordados”, pudesse prestar um serviço público (Pinto, 2011:264). Paralelamente, a este fator era reconhecido o aparecimento de novos atores na antena portuguesa. Porém, à medida que o tempo foi passando questionou-se se este projeto não seria apenas um espaço de propaganda ou então de autopromoção de instituições sociais que pudesse vir a aborrecer os telespectadores. Em 2005, o governo volta a mudar com a vitória por maioria absoluta por parte do PS, o que trouxe uma nova mudança na estrutura da RTP, neste caso o retorno do canal 2 ao controlo da empresa da RTP, mantendo-se até hoje (Pinto, 2011).

De uma forma geral, segundo Manuel Pinto (2011), grande parte das elites vê a televisão pública como educadora e formadora de interesses para as audiências. No panorama audiovisual televisivo e agora com ambiente digital, a diversidade de ofertas e formas de proliferação de informação modifica-se de forma significativa. Existem pessoas que consideram que esta nova era irá tornar a ideia de serviço público mais confusa e problemática enquanto outras pessoas afirmam que a interatividade presente nas plataformas e redes sociais vai criar novas oportunidades para o serviço público se poder relacionar com os cidadãos, sendo este último um dos principais objetivos para um verdadeiro serviço público. Segundo Manuel Pinto (2011), o serviço público deve encarar e cuidar das pessoas com as quais se relaciona de forma diária. Se o serviço público continuar a olhar para o seu público com uma mercadoria de interesse comercial então será um serviço a mais ou sem relevância para a sociedade (Pinto, 2011).

### 2.3. A RTP no Ambiente Digital

No setor digital, a RTP foi pioneira em Portugal no desenvolvimento de projetos tecnológicos como forma de resposta às várias exigências provenientes da presença dos novos media. Muitos destes projetos basearam-se na criação de servidores de vídeo, ainda que com baixa resolução na fase primordial, na criação de uma rede de partilha de conteúdos e ainda na criação de um “novo conceito de régie de continuidade de emissão para exploração multicanal – o projeto para a tele expo – canal da expo 98 – cujos equipamentos viriam maioritariamente a equipar o centro de emissão da RTP na sua transição para a tecnologia digital” (Carvalho, 2009:219).

Neste subcapítulo, procuramos explorar e elencar as várias investigações feitas por diversos autores de modo a podermos apontar quais foram as principais evoluções da RTP no ambiente digital enquanto empresa de serviço público em Portugal. No entanto, antes de apresentarmos os estudos já realizados, parece-nos relevante a proposta de Hélder Bastos (2010) sobre a periodização do jornalismo *online* português. A primeira fase, denominada de “implementação”, remonta ao período entre 1995 e 1998, no qual foram criados os primeiros *websites* dos media; a segunda fase, no período entre 1999 e 2000, denominada de “expansão”, na qual se assistiu a uma aposta dos modelos tradicionais na era digital; e a terceira fase, no período entre 2001 a 2010, denominada de “depressão” onde se verificou que a maioria dos investimentos dos media realizados no digital não permitiram mais rentabilidade com a presença de novos públicos (Bastos, 2010).

O primeiro estudo sobre a aposta da RTP na fase inicial do digital foi realizado no ano de 2000 por Francisco Cádima, no qual procurou fazer uma primeira abordagem sobre a qualidade dos *websites* de serviço público. O estudo consistiu na análise da página de abertura do site da RTP, na qual eram disponibilizados vários conteúdos como a programação, o teletexto, os destaques, entre outras informações mais específicas. Era possível ainda aceder ao telejornal *online*, apesar de este, no ano em estudo, ter apresentado alguns problemas técnicos (Cádima, 2000). De uma forma geral, Francisco Cádima (2000) apontou, no seu estudo, que o grau de interatividade do *site*

da RTP no ano de 2000 ainda era bastante reduzido, afirmando ainda a falta de existência de programas relacionados com o arquivo da RTP. Segundo a direção de arquivos de documentos da RTP, a empresa tinha nesta fase a função de garantir o acesso público ao arquivo através de uma gestão eficaz do mesmo. Para a resolução do problema de arquivo, a RTP já tinha iniciado processos de digitalização, porém o estudo conduzido por Francisco Cádima (2000) ainda era bastante incerto quanto à quantidade de documentos do arquivo existentes em formato digital. Nesta fase primordial, os projetos que já tinham sido criados pela RTP eram o “Aurora” (Automated Restoration on Original Film and Video Archives), instalado na altura da Expo 98, que permitia a digitalização de várias horas de documentos de arquivo e, paralelamente, dois projetos *intranet* desenvolvidos para uma melhoria da rede interna da empresa, para além de um outro projeto para melhorar o acesso do público ao *site* na internet. De uma forma geral, esperava-se no ano de 2000 que a RTP iniciasse a sua produção de conteúdos para o ambiente digital com o auxílio de centros de emissão digital e servidores de vídeo (Cádima 2019).

O segundo estudo foi realizado por Fernando Zamith (2008) e teve como objeto de estudo um período de 10 anos após o início do ciberjornalismo em Portugal, tendo mostrado que a RTP aproveitou cerca de 36% das potencialidades do ciberjornalismo na internet. Visto que estas potencialidades passam pela multimedialidade de técnicas audiovisuais como o vídeo, o áudio e a infografia, e a interatividade, este estudo concluiu que a RTP apenas aproveitava 17,5% das facilidades da internet relativamente à interação com os seus públicos, o que significava um grande afastamento entre a RTP e os utilizadores ou visitantes nos processos de produção de informação. Estas facilidades passam atualmente pela permissão que os usuários digitais têm na produção de informação ao entrarem em contacto com os jornalistas através do *email* ou através da criação de fóruns de discussão *online* ou ainda salas de *chat* para a participação do público (Zamith, 2008). Arons de Carvalho (2009) aponta que, apesar de a RTP ainda não se ter desenvolvido digitalmente nesta fase, foi inovadora no uso da interatividade. As iniciativas da RTP passaram neste sentido pela criação e difusão de mensagens do público que passavam em rodapé nos programas e que eram igualmente vistas e recebidas pelos espectadores. Outra inovação foi relativa ao conteúdo, nomeadamente a oportunidade dada ao espectador para votar em direto no programa a partir do uso de telemóvel caso estivesse presente no estúdio ou a partir do telefone caso estivesse a

acompanhar o programa através da sua residência. De igual forma, a RTP inovou na área das acessibilidades, permitindo que as pessoas com necessidades especiais pudessem ter direito a serviços de legendagem ou então de linguagem gestual a partir de abril de 2008 (Arons de Carvalho,2009).

De uma forma geral, a evolução da comunicação social no *online* entre os anos de 1998 a 2007 foi positiva, na medida em que o principal objetivo do serviço público simbolizava manter-se *online* lado a lado com os seus oponentes comerciais, seguindo sempre como modelos as tendências do internacional quer na produção de conteúdos para a informação e estrutura das páginas no *online* quer na criação e desenvolvimento de planos para o acesso do público ao digital (Cádima, 2019). Segundo Arons de Carvalho (2009), a RTP, seguindo o modelo da BBC, foi pioneira no uso da plataforma do *Youtube*, não só com o objetivo de promover os seus conteúdos como também o de procurar chegar às faixas etárias mais jovens.

Neste período de dez anos, o *website* da RTP foi evoluindo apesar da persistência de problemas que já tinham sido apresentados nos estudos debatidos anteriormente neste capítulo. Embora a existência de problemas de qualidade presentes nos vídeos disponíveis nos *websites* persistisse, havia outras questões bastante frequentes. Muitas vezes, o próprio site da RTP não disponibilizava informações acerca dos programas que transmitia, providenciando apenas o título ou o tema do programa (Cádima, 2019).

O terceiro estudo teve a autoria de Jorge Fernandes (2011), no qual procurou estudar as primeiras páginas dos *websites* dos canais de televisão generalistas em Portugal. O autor debruçou-se sobre o período entre março e agosto de 2011, tendo concluído que a RTP tinha optado por uma tipologia de menu “em painel”, dando múltiplas opções de escolha ao utilizador. Na opinião do autor e de acordo com a sua investigação, o uso desta tipologia de menus mostrava-se ser bastante desaconselhado, na medida em que era massivo em termos de conteúdos para o utilizador, dificultando desta forma a acessibilidade:

Num sítio *Web* grande é fundamental cuidar da estrutura da informação para dar a possibilidade aos utilizadores de tecnologias de apoio a possibilidade de saltar por listas, cabeçalhos, parágrafos, tabelas, formulários, imagens, etc. A estrutura enriquece as possibilidades de navegação pelas páginas (Fernandes, 2011:13).

De igual forma, o estudo de Jorge Fernandes apontou outros problemas como a presença de *links* que redirecionavam para *sites* que não existiam, vídeos que não se encontravam disponíveis, motores de busca precários e ainda dificuldades por parte das pessoas com necessidades especiais em assistirem aos vídeos. Neste último caso seria positivo, segundo o autor, a presença de sintetizadores em português que permitissem melhor acessibilidade relativamente à leitura dos vídeos e ainda a presença de sistemas de legendagem ou linguagem gestual mais eficazes (Fernandes, 2011).

Outra das inovações ao nível do *online* e dos dispositivos móveis foi a criação da RTP Mobile. Com o início das emissões experimentais a partir de 2006, a RTP Mobile foi um projeto que se integrou rapidamente na direção de programas da RTP. As potencialidades deste canal passam, nomeadamente, pelo aumento do uso do telemóvel como ecrã alternativo e ainda pela possibilidade de atração de novos públicos devido ao facto de esta funcionalidade permitir uma maior diversificação e especialização de conteúdos a serem transmitidos e ainda uma melhoria relativamente aos modos de acessibilidade e conetividade com os utilizadores (Carvalho, 2009). Relativamente às plataformas sociais, os vários canais da RTP (RTP 1, RTP 2, RTP 3, RTP África e RTP Internacional) passaram a estar presentes no Facebook e no Twitter, assim como a redação de notícias através da sigla @rtpnoticias e determinados programas como, por exemplo, o “Preço Certo” através da sigla @oprecocerto (Cádima, 2019).

Relativamente à presença da RTP no *online*, o seu *website* evoluiu do modelo em painel para uma maior consolidação relativamente às necessidades da era digital, nomeadamente a ubiquidade, a privacidade, a diversidade e acima de tudo a arquivabilidade (Cádima, 2019). Segundo Francisco

Cádima (2019), não deve ser apenas função da RTP a salvaguarda da herança e dos arquivos nacionais, é necessário que a estrutura dos *sites* de arquivo seja desenvolvida para evitar problemas relativamente à perda de dados. De uma forma geral, a plataforma *online* na RTP ainda tem um longo caminho para se desenvolver, em primeiro lugar, desde a infraestrutura dos *sites* e a relação com os seus públicos aos ajustes e princípios da verificabilidade ou ao “fact checking” e ainda aos fatores da proporcionalidade ou então aos testes de valor do que é interesse público (Ridinger, 2009; Svendsen, 2011; Michalis, 2012; Moe & Donders, 2012; Page, 2015; IRIS, 2015; Castro & Freire, 2018; Cádima, 2019). Em segundo lugar, deve reforçar e valorizar conteúdos culturais, nomeadamente, através da difusão de séries ou documentários que explorem a cultura portuguesa e europeia. De uma forma geral, a RTP deve constituir-se como um exemplo de disseminação de conhecimento e de boas práticas que sirva de impacto social não só na comunidade como também nos media (Cádima, 2019).

Por último Francisco Cádima (2019), aponta que o problema atual da RTP no digital passa pela aplicação de políticas que tenham em conta a preservação do arquivo no ambiente digital. Neste sentido, Cádima aponta que a preservação do arquivo global deve permanecer como missão fulcral para o serviço público em geral:

O problema da arquivabilidade da Web não tem tido, do nosso ponto de vista, a atenção que necessita, e que é cada vez mais urgente. Veja-se que a União Europeia se tem preocupado muito – e bem – com as políticas da privacidade e do direito ao esquecimento, mas não se preocupa com algo bem mais importante que é o facto de uma parte significativa dos conteúdos da web ir caindo no esquecimento, ou desaparecer mesmo para sempre (Cádima, 2019:24).

Concluindo, a RTP *online* deve melhorar as suas infraestruturas de modo a poder atrair mais públicos, poder melhorar a própria acessibilidade dos seus conteúdos e, de uma forma geral, poder apresentar um arquivo documental que seja fácil de aceder e preservar (Cádima,2019).

## 2.4. A RTP e o contrato de Concessão: Princípios e Valores

Para o cumprimento de um serviço público de televisão de qualidade é necessário atender aos objetivos, princípios e valores presentes no contrato de concessão da empresa de televisão pública. Neste sentido, parece-nos importante elencar os princípios que devem estar presentes num serviço público de televisão, segundo o parecer de Felisbela Lopes (1999 & 2005) e confrontá-los com os objetivos e valores presentes no contrato de concessão da RTP assinado em 2015 e que se encontra atualmente em vigor e disponível no próprio *site* da empresa pública.

Começamos pelos princípios que são exigidos ao serviço público de televisão. Segundo Felisbela Lopes (1999), devem estar presentes num operador de serviço público os princípios da continuidade, mutabilidade, igualdade e neutralidade. Acrescenta-se ainda um princípio proposto por Pontier sobre “a participação dos cidadãos no funcionamento dos serviços públicos” (Pontier, 1996:95).

Em primeiro lugar, o princípio da continuidade destaca-se pelo simples facto de não ser um princípio exclusivo do serviço público, mas sim abrangente a toda a atividade mediática. Porém, no caso do serviço público, este princípio afirma que caso exista uma situação de paralisação da emissão televisiva por algum problema técnico, o telespectador fica privado do que realmente necessita de ver. Sendo que uma notícia é feita através de som e imagem, uma paralisação na emissão não afeta só a empresa de serviço público como também o telespectador que pagou o imposto pelo serviço e não lhe está a ser fornecido nas melhores condições (Lopes, 2005). Segundo o contrato de concessão da RTP de 2015, não existe nenhuma alínea que aponte para uma solução para o caso de qualquer canal da RTP ter uma paralisação na sua emissão. Porém, segundo a alínea J) da cláusula 4.<sup>a</sup>, que remete para as formas de atuação, é referido que a RTP deve proporcionar um serviço de transmissão de qualidade através da adoção de equipamentos e tecnologias que permitam a eficiência do serviço público e também a sua disponibilização nas várias plataformas digitais (RTP, 2015).

Em segundo lugar, o princípio da mutabilidade afirma-se como um princípio moral que tem como função orientar os operadores públicos nas suas funções mediáticas. Neste sentido, este princípio afirma que qualquer operador público deve ter como objetivo o interesse geral da sociedade, não permitindo a existência de qualquer tipo de comentário ou juízo de valor (Isar, 1995 & Lopes, 1999). Em terceiro lugar, é possível adicionar a este objetivo, o princípio da neutralidade, no qual se pressupõe que o serviço público sirva apenas o interesse geral da sociedade em vez de interesses particulares (Lopes, 2005). Segundo Hervé Isar (1995), existem dois caminhos para o serviço público se poder afastar da parcialidade. Em primeiro lugar, a existência de um pluralismo de emissão, na qual estejam representados diferentes grupos da sociedade e, em segundo lugar, a existência de um equilíbrio de opiniões. Por exemplo, na construção de uma notícia ou peça televisiva, o operador público deve optar por colocar visões opostas, de modo a manter a neutralidade. O contrato de concessão da RTP de 2015 refere várias vezes nas suas cláusulas a necessidade da existência de um pluralismo da informação para a coesão social e para a diversidade cultural, porém, chamamos a atenção para a alínea BB) inicial do contrato e ainda a alínea E) da cláusula 5.<sup>a</sup> que se refere aos objetivos da RTP enquanto concessionária de serviço público. Numa primeira instância, a alínea BB) refere que a RTP deve garantir a:

(...) imparcialidade e independência da informação e do comentário, disseminar conteúdos audiovisuais inovadores e diversificados, de acordo com padrões éticos e qualitativos elevados, e assumir-se como fórum de discussão plural e meio de promover a participação democrática alargada dos cidadãos... (Contrato de Concessão RTP, 2015:5).

Numa segunda instância, na cláusula 5.<sup>a</sup> do contrato, na qual se explicitam os objetivos do serviço público de televisão para a RTP, é referido na alínea E) que a RTP deve produzir uma informação que seja independente, plural, rigorosa e que seja uma referência de credibilidade e de confiança para todos os mais variados públicos (RTP, 2015).

Em quarto lugar o princípio da igualdade ou da universalidade refere que todos os cidadãos devem estar em pé de igualdade perante a lei, não existindo qualquer espécie de discriminação.

Relativamente ao serviço público de televisão, este princípio afirma que todos os cidadãos que partilhem a mesma nacionalidade e que possuam condições audiovisuais para a receção de mensagens mediáticas devem poder aceder ao serviço público de forma gratuita. Neste sentido, o princípio da igualdade refere que o serviço público deve assegurar uma cobertura integral a todo o território. Felisbela Lopes afirma que um exemplo deste princípio passa por fazer chegar a imagem a pessoas que possuam deficiências ao nível da audição. A igualdade também se pode estender à possibilidade de representação dos valores das maiorias e minorias nos vários canais de serviço público (Lopes, 1999 & 2005). No contrato de concessão da RTP, podemos encontrar este princípio bem explícito ao longo do contrato, porém chamamos a atenção para as alíneas A) e L) da cláusula 6.<sup>a</sup> na qual são referidas as obrigações específicas que a RTP deve ter em conta. Na alínea A) é referido que a RTP deve fornecer uma programação que seja diversificada, diferente de forma a promover “a diversidade cultural” e “os interesses das minorias” (Contrato de Concessão RTP, 2015:10). Na alínea L), é exigida à RTP o acompanhamento das emissões às pessoas com “necessidades especiais, nomeadamente através do recurso à legendagem por teletexto, à interpretação por meio da língua gestual, à áudio- descrição ou a outras técnicas que se revelem adequadas...” (Contrato de Concessão RTP, 2015:11).

Por último, em quinto lugar, o princípio da participação pública nos programas de serviço público é considerado por Pontier (1996) como um dos princípios fulcrais para a existência de uma democracia. No entanto, este princípio não se encontra explícito no contrato da RTP relativamente ao campo da informação. Já no campo do entretenimento, este princípio pode ser encontrado no Ponto 8, alínea A) da cláusula 9.<sup>a</sup> que remete para a transmissão de programas generalistas de âmbito nacional. Neste sentido, segundo a alínea A) encontra-se explícito que a RTP deve promover programas de entretenimento que favoreçam a integração dos vários grupos sociais e ainda o contacto de várias comunidades regionais presentes tanto no território nacional como nos países estrangeiros, nomeadamente os PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) (RTP, 2015).

Quanto aos valores que devem estar presentes no serviço público de televisão, Felisbela Lopes destaca os valores de qualidade nos programas, a diversidade, a presença da identidade cultural

(Lopes, 1999) e o afastamento relativamente às fontes de financiamento (Lopes, 2005). Relativamente à qualidade nos programas, é esperado que o serviço público inove nos seus programas e formatos televisivos, através da criação de debates sobre assuntos relevantes para a sociedade, da presença de autenticidade nos programas e riqueza cultural nos conteúdos emitidos (Lopes, 1999). Segundo Gianpietro Mazzoleni (1992) este valor reflete-se no facto de proteger obras de valor cultural nacional de “agressões comerciais”, pelo respeito pela dignidade do público, pela proibição de publicidade a produtos que possam ser prejudiciais para o público como o álcool ou o tabaco e ainda pela obrigação na difusão de produção de âmbito nacional. No caso da grelha de programação do serviço público, este valor traduz-se pela procura da inovação nos programas. Quanto à diversidade espera-se que a programação de um serviço público de qualidade abranja as realidades regionais, políticas e culturais. Segundo Felisbela Lopes (1999), este valor destaca-se na medida em que o serviço público deve fornecer uma grelha de programação que seja multiforme de modo a poder permitir uma democracia mais eficaz, uma melhoria na coesão social e uma eficácia na representação das diferentes realidades de grupos maioritários e minoritários. Já a identidade cultural é um valor que reforça a necessidade da valorização da cultura nacional, neste caso, a presença de programas em língua materna, serviços especiais para as regiões e ainda a partilha de produtos de origem nacional (Lopes, 2005). Porém, segundo Felisbela Lopes (1999), um dos problemas do serviço público neste parâmetro é o facto de este dedicar importância ou atenção às expressões culturais das maiorias. Segundo a autora, este foco do serviço público não permite, por um lado, criar uma diversidade cultural na cultura de massas que se apresenta como um valor necessário para a democracia e, por outro lado, não permite a existência de manifestações por parte de outras culturas, o que se constitui como uma exigência para o serviço público (Lopes, 1999). Por último, o distanciamento das fontes de rendimento é um valor que segundo Denis McQuail (1982) é necessário para as televisões públicas, pois afirma que as suas formas de rendimento se devem afastar da publicidade de forma a poderem garantir o valor da autonomia na televisão pública. Segundo Blumler (1992), é possível ligar-se o valor da autonomia à preocupação em afastar os canais do serviço público dos conteúdos da publicidade. Segundo este autor, se houvesse a junção entre a publicidade e o serviço público, o entretenimento iria prevalecer sobrepondo-se à informação, permitindo a criação de notícias sensacionalistas. Neste sentido, os operadores públicos seriam obrigados a orientar os seus programas em torno do interesse das audiências em vez de promoverem a democracia e a cidadania.

De uma forma geral, estes valores encontram-se presentes ao longo de todo o contrato de concessão da RTP, sendo bastante afirmada a sua presença nas cláusulas 5.<sup>a</sup>, 6.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup> referentes aos objetivos e obrigações de serviço público exigidos à RTP e aos valores dos programas generalistas de foro nacional (RTP, 2015).

### **2.4.1. A RTP e a presença da informação Regional**

A informação regional na RTP e os estudos de investigação referentes à mesma são ainda bastante escassos sendo necessária uma atualização das investigações ao nível de programas de foro regional realizados pela RTP. O estudo que propomos trazer para debater este problema do serviço público data de 1999 e foi realizado pela investigadora e autora Felisbela Lopes sobre o telejornal da RTP, entre os anos de 1988 e 1992, uma era em que a televisão pública se encontrava a ultrapassar uma grande crise financeira e de identidade devido à presença e concorrência de canais privados, como vimos nos capítulos anteriores (Lopes, 1999).

Sendo que para a presença de uma informação regional eficaz no serviço público é necessária a existência de valores e princípios como a identidade nacional, diversidade cultural e pluralidade, a RTP procurou responder a estes desafios através da criação de delegações ou centros de emissão regional espalhados por todo o território nacional. Neste sentido, a RTP criou em 1959 o centro de emissão do Porto, em 1972 o da Madeira e por fim em 1975 o dos Açores, sendo que estas estações de televisão funcionam atualmente como centros de emissão nacional. Em 1988, a RTP criou vários centros de delegação nas cidades de Viseu, Évora, Vila Real, Coimbra e Faro, sendo que a última a ser criada foi a delegação de Bragança em 1992 (Lopes, 1999).

Segundo a investigação levada a cabo por Felisbela Lopes (1999), parece-nos relevante ter em conta três cenários que estruturaram a importância da informação regional. Em primeiro lugar, no Porto, o seu centro de emissão começou a transmitir a partir de 1987 conteúdos diários matinais através de um programa de informação o “Bom dia” e o “Às dez” para o formato de entretenimento. No entanto, em 1985, este centro de emissão já havia criado um programa de informação que ocorria perto da hora de almoço, o “Jornal da Tarde”. A maioria das notícias deste programa é atualmente produzida pela redação situada no Monte da Virgem, em Vila Nova de Gaia, que retrata assuntos de ordem nacional e internacional, porém dá mais importância aos assuntos regionais principalmente os que ocorrem na grande área do Porto. Segundo a investigação levada a cabo por Felisbela Lopes, a maior parte do trabalho realizado pela redação do Monte da

Virgem não foi apresentada no telejornal, sendo que a maioria das notícias que ocorrem e que são aproveitadas desta redação são sobre a atualidade nacional, nomeadamente, acontecimentos relacionados com a política dos vários partidos e com o governo (Lopes, 1999).

Em segundo lugar, os centros regionais das ilhas da Madeira e dos Açores tiveram a sua autonomia financeira e editorial através do decreto-lei n.º 156/80, de 24 de maio. A partir daqui os centros regionais presentes nas regiões autónomas obtiveram total independência nos seus programas assim como a possibilidade de poderem transmitir peças diferidas e diretos. Atualmente os canais da RTP Madeira e Açores produzem conteúdos estritamente nacionais, assumindo total independência sobre os mesmos. Neste prisma, segundo a investigação realizada por Felisbela Lopes, o período de informação sobre as ilhas não se encontrou presente na grelha de informação do Telejornal do território continental português (Lopes, 1999).

Em terceiro lugar, relativamente às restantes regiões do país, Felisbela Lopes concluiu que, durante os anos de 1988 a 1992, a RTP não conseguiu proceder a uma cobertura de informação equilibrada sobre o que acontecia no país (Lopes, 1999). Sobre este ponto em concreto a autora conclui também que:

Destacar assuntos puramente regionais que são notícia apenas em determinado espaço não constituiu uma prioridade em 1988. 9 das 19 categorias onde se integram os acontecimentos que ocorreram fora do Porto e de Lisboa chegaram, nesse ano, ao Telejornal ou porque diziam respeito a factos que foram deslocados da capital para a província (Estado, assuntos militares e internacional – religião) ou porque davam conta de acontecimentos que colidiam com a normalidade imposta ao tecido social (mortes, trânsito, casos de polícia, julgamentos, acidentes e protestos) (Lopes, 1999:144-145).

Apesar destes incidentes, em 1992, as regiões conseguiram ser notícia, devido à existência de jornalistas que produziam por norma notícias em Lisboa, mas que se deslocaram para regiões específicas para relatar certas situações anómalas e vice-versa. Este tipo de ocorrências fora da

realidade quotidiana, que aconteciam nas regiões, permitiu ao serviço público a exibição de certos aspetos da vida social nestas localidades, como a partilha do património regional, a descoberta de festividades e eventos culturais, os problemas nos sistemas de saúde das regiões entre muitos outros problemas sociais que ocorriam ao nível regional. Porém, segundo a investigação realizada por Felisbela Lopes, os tempos de emissão que eram dados às regiões do resto de Portugal, entre os anos de 1988 e 1992, ainda eram muitos escassos (Lopes, 1999).

Com estas conclusões, Felisbela Lopes afirma que a RTP não dedicou neste período muito tempo às regiões fora das grandes áreas metropolitanas, quando o seu objetivo devia passar pela igualdade e representação das situações sociais e culturais pertencentes às maiorias e minorias. Na opinião da autora, a cobertura que a RTP fazia acerca dos eventos corresponde às realidades das elites e às classes que se encontram no poder, nomeadamente através de uma representação bastante alargada da cidade de Lisboa (Lopes, 1999).

Neste sentido, Felisbela Lopes concluiu com o seu estudo que a RTP peca pela ausência de uma informação que falha, em primeiro lugar, por não oferecer a diversidade do conhecimento e do património cultural e pela abertura a novas expressões culturais, que se constituem como valores imprescindíveis do serviço público, como vimos anteriormente e, em segundo lugar, por ser um canal que é adverso em relação às comunidades locais e à representação de diferentes estilos dos cidadãos que vivem fora da cidade de Lisboa (Lopes, 1999).

No atual contrato de concessão da RTP, os serviços que se dedicam à regionalização podem ser encontrados na cláusula 12.<sup>a</sup>. Neste ponto, são referidos os objetivos específicos dos programas televisivos destinados às regiões autónomas, nos quais deve existir uma valorização da expressão regional e ainda uma eficácia na cobertura das regiões. Neste sentido atentemos de igual forma ao ponto 4 da cláusula 12.<sup>a</sup> na qual se afirma que:

Os serviços de programas televisivos de âmbito regional da concessionária asseguram a cobertura informativa das manifestações e acontecimentos políticos, cívicos, sociais, culturais e desportivos regionais, com isenção e rigor, respeitando os princípios do pluralismo e da representatividade (Contrato de Concessão RTP, 2015 Artigo 4, Cláusula 12.ª:18).

De uma forma geral, a RTP compromete-se a fornecer de forma diária noticiários sobre assuntos de âmbito regional e ainda debates e programas que possam acompanhar as atividades das assembleias legislativas regionais (RTP, 2015).

## Capítulo 3 – O Jornalismo de Proximidade

### 3.1. Características do Jornalismo Local e Proximidade

“Contar a vida, é mostrar que nos interessamos pelas pessoas, que temos respeito pelo que fazem e pelo que dizem” (Gerbaud, 1996:10-16).

No novo contexto tecnológico onde o ecossistema mediático está em constante transformação, também as práticas de jornalismo se têm alterado tanto nos meios de comunicação nacionais como regionais, resultando no desenvolvimento de novas práticas de produção noticiosa. No campo regional, com o desenvolvimento dos meios de comunicação social, as interações sociais modificaram-se e foram separadas do espaço de comunhão e partilha, contrariamente ao que acontecia na era dos meios tradicionais, nomeadamente, na era do monopólio da imprensa. Porém, João Carlos Correia defende que, apesar das novas tecnologias destruírem ou modificarem as narrativas ou meios já existentes, estas criam também a possibilidade de uma nova interação com o público, explicando que o jornalismo regional deve ser um elemento criado num espaço público regional, no qual exista debate e interação em torno dos problemas que são próximos dos cidadãos (Correia, 1998). Neste sentido, é possível defender que os media regionais se devem guiar em dois sentidos. Por um lado, devem reforçar a identidade das comunidades (Correia, 1998) e por outro devem ser espaços de “abertura ao mundo” na medida em que “comunicação e identidade não são antagonistas, mas substancialmente ligadas” (Wolton, 1996:169).

Têm sido vários os estudos, embora controversos e ambíguos, sobre uma definição de qualidade do jornalismo local e de proximidade. Os investigadores e jornalistas consideram que este tipo de jornalismo é “terrível” na medida em que é visto como superficial, diferente, controverso e que serve sobretudo para alimentar a angariação de publicidade. Outros afirmam que providencia informações sobre os assuntos locais, guia-se, quando possível, pelas elites locais, providencia fóruns para discussão e mantém a comunidade unida (Nielsen, 2015).

A primeira característica fundamental que se destaca no âmbito do jornalismo regional ou local são as diferenças ao nível dos produtos informativos entre nacional e regional. Neste sentido,

Correia (1998) destaca o facto de no primeiro existir uma estereotipação respeitante à informação na medida em que esta se foca maioritariamente no campo político ou a nível das elites. Já o segundo é um tipo de jornalismo consumido pelos públicos regionais e onde existe uma partilha de saberes entre os repórteres e o público. Neste sentido, para a existência de um jornalismo regional eficaz é necessário o reforço do sentimento de pertença e presença da comunidade nos jornais regionais (Correia, 1998). Porém, Carlos Camponez aponta para o perigo da criação de um território de pertença de identidade que pode condicionar a comunicação em massa, neste caso nos media locais e regionais, de uma forma mais restritiva. Defende, de igual forma, que este território não deve ser considerado um limite para as audiências (Camponez, 2002). Parece-nos também importante acrescentar a ideia de Bengt Engan, o qual afirma que os media locais e de proximidade providenciam “valores” socioculturais para as comunidades, na medida em que não só estimulam a construção de uma identidade, como também o desenvolvimento económico, a vitalidade geral e o otimismo. Paralelamente, o mesmo reforça que estes valores devem ajudar as pessoas a orientarem-se no seu ambiente social de modo a que possam tomar as decisões certas no seu quotidiano (a nível geográfico) e a compreenderem o contexto nacional e global da sua comunidade (Engan, 2015).

A partir deste ponto, seguimos para a segunda característica do jornalismo local ou regional: a geografia. Segundo Jules Gritti é possível definir o jornalismo local do seguinte modo:

A informação que cobre a vida de um bairro urbano ou de uma associação bem determinada e aquela que cobre as cidades de menor dimensão, cantões, comunas e aldeias do interior do país, em suma, tudo o que está claramente localizado do ponto de vista geográfico ou sociológico (Gritti, 1975 *apud* Ringlet, 1981:23).

Ringlet acrescenta que “a informação local é constituída por notícias que dizem respeito a uma área geográfica delimitada e relativamente restrita, onde se encontram reagrupados, no jornal, em espaços próprios.” (Ringlet, 1981:23). De igual modo, Bengt Engan afirma que o sucesso do jornalismo local e de proximidade é o facto de existir uma âncora geográfica. Esta característica

em específico dá ao cidadão a possibilidade de compreender o conteúdo jornalístico e os impactos que a informação pode ter na sua vida. Desta forma, o conteúdo é ligado aos valores e à cultura local que são fáceis de compreender. Porém, nem todas as decisões, atitudes ou interesses podem estar afiliadas geograficamente. Atualmente, a comunicação social já não necessita de um espaço próprio para a realização de conversas quotidianas. Através da tecnologia e principalmente da internet, torna-se possível que as dimensões e as distâncias geográficas sejam ultrapassadas, contrariamente ao que acontecia no passado, tornando as interações sociais cada vez mais mediadas. Atualmente, a importância do local está sob pressão, pois as noções de tempo e de espaço estão a mudar. Por outras palavras, a mediatização faz com que algo que esteja longínquo se torne presente e seja visto com uma realidade do local e do presente (Engan, 2015). Outra ideia é descrita por Bordieu, o qual afirma que nem toda a identidade pode ser ligada a uma região na medida em que esta também pode ocorrer a nível de uma construção social (Bordieu, 1994).

É a partir do conjunto destas características que o jornalismo de proximidade ganha a sua força e se afirma como prática jornalística. Na opinião de Carlos Camponez (2002:110) é “na ligação conceptual entre a localização territorial e a territorialização dos conteúdos que a imprensa regional e local constrói a sua razão de ser, a sua especificidade e a sua força”.

O jornalismo de proximidade assume-se, neste contexto, como uma estratégia de comunicação que permite a recuperação de públicos que muitas vezes não se encontram em sintonia com “os grandes meios de comunicação de massa, quer pelo acesso ao conteúdo, quer pela possibilidade de se constituírem como sujeitos de comunicação” (Camponez, 2002:114). Neste prisma, o jornalismo de proximidade desenvolve-se a partir das seguintes características: local ou geográfica, temporal, psicoafetiva e sociocultural. A nível geográfico ou local, Van Dijk (1996: 173-181) afirma que a estratégia de proximidade permite que o jornalismo compreenda os valores notícia e a partir daí poder guiar-se por elementos de valor tais como a “novidade, a relevância, a consonância, o desvio e a negatividade”. Neste sentido, o autor defende que o jornalista possui um conhecimento prévio sobre o assunto que irá tratar pois está familiarizado com o meio local onde se encontra: “(...) sabemos mais sobre a nossa própria aldeia, cidade, país, continente, em parte pela nossa experiência direta e pelas comunicações informais das experiências de outros que conhecemos”

(Van Dijk,1996:80). Porém, Orlando Raimundo (1994) alerta para o facto de o jornalismo de proximidade, através das suas relações de cumplicidade, poder ser usado para o bem ou para o mal, neste caso, para um desvio sensacionalista. Ao nível temporal, o mesmo autor argumenta que este tipo de proximidade se destaca na medida em que auxilia de uma forma mais clara o leitor relativamente ao tempo dos acontecimentos. Por exemplo, o uso de palavras como “hoje”, “amanhã ou “ontem” no relato das notícias (Raimundo, 1994). A nível psicoafetivo, esta característica é muitas vezes referida pela imprensa como a criação de conteúdos ou modelos de comunicação que são mais “intimistas” e que apelam às emoções do povo. Neste âmbito, os editores falam na criação de uma “*informação mais próxima*” (Abrantes, 2004) ou então num jornalismo de proximidade que se dirige diretamente para as pessoas (Camponez, 2012). Neste âmbito, Orlando Raimundo (1994) afirma ainda que o jornalismo de proximidade psicoafetivo pode também integrar valores como a segurança, o dinheiro, o destino ou então a morte. A nível sociocultural, o mesmo autor argumenta que este tipo de proximidade se refere à presença de temáticas que são próximas do cidadão como a família, o trabalho e as profissões, as classes sociais, a religião, as ideologias e as políticas. Importa destacar a opinião de Bahia (2009), o qual afirma que o jornalismo de proximidade tem um papel de relevo na formação da própria identidade cultural da região. Neste sentido, argumenta que o papel deste tipo de jornalismo sempre foi o de potencializar a cultura de uma região de modo a poder dar espaço e abertura para os artistas, investigadores e pensadores da sociedade.

Através destas vertentes, o jornalismo de proximidade assume-se como uma prática que não só se distingue da ideia de jornalismo de investigação ou *watchdog* de instituições sociais, como também permite a criação do conceito de “aldeia global” cunhado por Marshall McLuhan (Camponez, 2002& Puente, 1996). Através dos novos meios de comunicação, os assuntos de âmbito internacional e nacional chegam a todas as localizações, permitindo uma universalização na partilha e discussão de conteúdos. Segundo Julio Puente, diretor do diário galego “Faro de Vigo”:

É na universalização, por muito chocante que pareça, que está o auge da questão da proximidade. O mundo é cada vez mais uniforme. Somos tão iguais que precisamente o nosso (mundo) é o que nos diferencia, o que nos torna distintos, o que nos dá identidade.” (...) “Já

não é preciso ir buscar o mundo: ele entra todos os dias nas nossas casas pelas janelas dos meios de comunicação (...). Chegados à aldeia global concluímos que a única coisa que nos diferencia na realidade é a nossa aldeia (Puente, 1996 in Camponez, 2002:120).

### 3.2. A Imprensa Local e de Proximidade: Contexto Atual

Desde os anos 90 que cientistas e investigadores afirmam que não é possível definir-se com clareza a ideia de jornalismo local ou então de comunidades locais, principalmente se se pensarem como social, económica e politicamente independentes. As relações e as interações sociais estão a mudar. Desta forma, à medida que as pessoas se vão deslocando cada vez com mais frequência, os serviços e as decisões de impacto no seu quotidiano são tomadas fora da sua comunidade local ou contexto local de interação (Giddens, 1990 & Nielsen, 2015). As pessoas, os bens e os serviços circulam agora em novas redes que ultrapassam as barreiras tradicionais entre o local, o regional, o nacional e o global (Sassen, 2006). Segundo Nielsen (2015), os desafios da imprensa local passam, atualmente, por identificar, com a sua audiência, o que é o local, o que faz ser local e a razão pela qual o local ainda é importante. Neste sentido, segundo Pedro Jerónimo, pode definir-se a imprensa local ou regional por:

(...) todas as publicações periódicas de informação geral que, de forma regular publicam informações sobre as comunidades a que se destinam e a territórios que atingem, no mínimo, a dimensão de um “distrito” ... (Jerónimo, 2015:11).

Relativamente ao contexto atual do setor da imprensa regional a nível global, a circulação de jornais encontra-se em queda acentuada e, como consequência, as receitas publicitárias têm vindo a diminuir significativamente, resultando em cortes de investimento por parte dos meios de comunicação locais e regionais e nas redações, fazendo com que a maioria das operações seja concentrada num centro de delegação regional. Neste caso, numa redação única que abrange um número limitado de jornalistas (Franklin, 2006). Em consequência, os jornais locais e regionais têm perdido publicidade (classificados, anúncios etc.) para os concorrentes no *online*, nomeadamente, lojas virtuais a nível global como a *Amazon*, *Ebay* ou *Ali express* que permitem uma personalização dos conteúdos locais (Correia & Jerónimo, 2020). Com o desenvolvimento tecnológico, este fator fez com que a imprensa regional apostasse numa transformação estrutural ao nível dos seus produtos informativos de modo a tentar equilibrar as perdas das receitas. Porém,

os seus esforços não têm sido suficientes em consequência dos recursos limitados e da concorrência entre os diferentes media, públicos e privados (Nielsen, 2015). Neste âmbito, Currah (2009) aponta que o declínio dos jornais faz com que se levantem preocupações sobre o crescimento do fosso entre a informação que é importante e à qual as comunidades locais devem ter acesso, e a informação que é disponibilizada pelas fontes independentes de notícias. Nas áreas regionais, os jornais não estão apenas a fazer cortes nos investimentos como também existem casos de editorias que encerram por falta de recursos. Isto faz com que os *broadcasters* ou os meios digitais providenciem pouca reportagem local sobre certas regiões assistindo-se ao conceito de “*desertos de notícia*”, onde as comunidades que não têm qualquer tipo de cobertura procuram informação através das relações interpessoais ou então através de fontes de informação independentes, de modo a estarem informadas sobre os assuntos locais (Friedland et al. 2012).

Apesar do crescimento dos media digitais ser acompanhado com otimismo, tendo os novos media locais condições para prosperarem *online* com baixos custos de entrada e de operação com vista a potencializarem uma cobertura eficiente e com detalhe sobre as comunidades, existem situações onde o jornalismo local precisa de se desenvolver (Nielsen, 2015). Num ambiente mediático competitivo onde existem novas iniciativas comerciais com ou sem fins lucrativos (Barnett & Townend, 2014), as várias tentativas dos media locais nesta área são caracterizadas pela sua baixa qualidade e têm levantado questões e dúvidas sobre a sua autonomia editorial e a independência das publicações (Kurpius et al., 2010; Thrumann et al., 2012; Van Kerkhoven & Bakker, 2014).

(...) there is little evidence (...) that the internet has expanded the number of local news outlets. While the internet adds only a pittance of new sources of local news, the surprisingly small audience for local news traffic (also) helps explain the financial straits local news organizations now face (Hindman, 2011:10).

Porém não é apenas na concorrência tecnológica que se podem apontar fragilidades à imprensa regional. Em primeiro lugar, uma das maiores críticas que têm sido apontadas a este tipo de imprensa é o facto de nas publicações impressas existir uma linha ténue entre informação e

publicidade. Diversos autores afirmam que esta relação já tinha sido inventada em Inglaterra há quatro séculos onde “as notícias políticas eram escritas por conselheiros, candidatos e membros do parlamento” (Curran & Seaton, 2001:330). Neste sentido, estas notícias são hoje chamadas de “*pseudoacontecimentos*” onde o principal objetivo passa por assegurar e controlar os media. Esta imagem sempre se associou a este tipo de imprensa que é caracterizada como sendo manipulável ao nível de interesses das elites locais e de autoridades políticas, religiosas ou económicas (Amaral, 2012). Em segundo lugar, devido aos problemas financeiros, a imprensa regional tem apresentado grandes “dificuldades nos serviços de distribuição das suas publicações, isto porque a maioria destes serviços não se integra a nível profissional” (ERC, 2010). Recordemos que para a imprensa e jornalismo de proximidade, o impacto da geografia e do território, de que nos fala Carlos Camponez (2002), é significativo na vida política, económica, social e cultural ao contrário do jornalismo a nível nacional. Neste sentido, quanto menor for a área de influência de um jornal local, maiores irão ser as dificuldades ou os problemas desse mesmo meio (Amaral, 2012). Segundo o estudo feito pela ERC em 2010, os problemas da imprensa regional podem resumir-se nos seguintes dois pontos: no investimento publicitário baixo e nos níveis reduzidos de leitura e no número cada vez menor de assinantes (ERC, 2010). Neste sentido, a imprensa regional é caracterizada atualmente pela “fraca representação no mercado, diminuição de receitas, baixos índices de leitura e baixas tiragens e desinteresse pelos agentes económicos” (Amaral, 2005:181-194). Já em 2002-2003, o anuário da OBERCOM apontava ainda como fragilidade da imprensa regional a falta de uma visão estratégica e de marketing (OBERCOM, 2002-2003).

Para a solução dos problemas da imprensa regional, Vítor Amaral sugere, em primeiro lugar, uma integração das narrativas jornalísticas de modo descentralizado e com a participação mais ativa da comunidade. Em segundo lugar, aponta que se deve impulsionar a imprensa local e de proximidade para a conquista de novos públicos. Acrescenta que se devem mudar as estratégias ao nível empresarial em termos de modelos de comunicação de forma a manter uma balança equilibrada entre as necessidades económicas e a “necessidade de se fazer bom jornalismo” e, por último, “fazer pela vida com convicção, pensar e agir em escala” (Amaral, 2012:13-14). Partindo deste ponto, Carlos Camponez (2017) argumenta que, apesar de a imprensa regional e o jornalismo de proximidade se encontrarem em crise devido à concorrência digital onde um leitor de jornal pode

encontrar informações semelhantes em motores de busca como o Google (Camponez, 2017), as particularidades da imprensa e jornalismo de proximidade podem ser usadas para combater esta crise. Desta forma, o autor afirma que a peculiaridade deste jornalismo reside no facto de conhecer melhor os seus públicos do que os jornais nacionais e internacionais de maneira a poder personalizar os conteúdos informativos e a atender com melhor eficácia às necessidades das suas audiências. Camponez afirma ainda que esta ligação com a identidade cultural da região pode até ser fidelizada com as assinaturas do público (Camponez, 2017). Decorrente desta situação, o autor apresenta uma reinvenção do jornalismo de proximidade através da internet:

A alternativa é dar uma dimensão comunicacional e normativa ao hiperlocal distinta, integrando modelos de negócio consentâneos com a própria vida das comunidades, juntando modelos editoriais de proximidade empenhados local e regionalmente, com economias e estruturas também de proximidade. Falamos de modelos que terão de compaginar o *crowdfunding*, a comunicação comunitária com formas cooperativas de organização empresarial, às estratégias de negócio centradas nos media com a participação em eventos lucrativos de interesse público e comunitário (Camponez, 2017 :18).

Chegamos então à criação de um novo conceito denominado ciberjornalismo de proximidade. Este novo tipo de jornalismo, que funciona através dos meios digitais, é atualmente explorado devido a várias razões. Em primeiro lugar, devido à eliminação das barreiras geográficas, que outrora marcaram o jornalismo de proximidade e às possibilidades de maior interação com os vários públicos. Em segundo lugar, outra das particularidades deste novo tipo de jornalismo é a possibilidade de conquistar novos públicos para os jornais digitais, neste caso, os jovens que tendo pouco interesse pelos meios impressos recebem as notícias pela internet (Guadalupe & Vivar, 2005). Neste sentido Ramón Salaverría define ciberjornalismo de proximidade como “a especialidade do jornalismo que emprega o ciberespaço para investigar, produzir e, sobretudo difundir conteúdos jornalísticos (Salaverría, 2005:21). Neste novo tipo de jornalismo, o cidadão, através das ferramentas *online* torna-se um “*prosumer*” fazendo parte do processo da criação e partilha de conteúdos jornalísticos (Zamith, 2008; Canavilhas & Ferrari, 2018). Relativamente às funcionalidades do ciberjornalismo de proximidade destacam-se a hipertextualidade, que é

definida por Salaverría (2005) como a capacidade dos vários textos poderem estar interligados entre si, a interatividade que é descrita por Baroel e Deuze (2000) como o facto de os utilizadores *online* sentirem que fazem parte dos vários processos de construção das notícias e, por último, a multimedialidade que é definida por Salaverría (2005) como a possibilidade de combinar texto, som e imagem numa única notícia. Esta última funcionalidade é dividida por Salaverría em três tipos: “a multiplataforma, a polivalência e a combinação de linguagens “(Salaverría, 2014:26). Neste sentido, a multiplataforma descreve quando um determinado meio disponibiliza os seus conteúdos informativos em várias plataformas. A polivalência significa que um mesmo profissional pode produzir conteúdo para várias plataformas e a combinação de linguagens é a junção de vários conteúdos provenientes de fontes diferentes, mas que se complementam num documento apenas (Grupillo & Ramos, 2020).

A velocidade de produção dos conteúdos informativos é atualmente potencializada pela internet que não só muda as estruturas do jornalismo como também se torna característica fundamental do mesmo (Grupillo & Ramos, 2020). Palacios (2014) refere que a junção entre a multimedialidade e a interatividade permite ao ciberjornalismo de proximidade a capacidade de poder usar a memória a seu favor. Neste sentido, é possível através dos meios digitais recuperar informações do passado como fotos antigas da imprensa para explicar os fatos do presente. Desta forma, o autor argumenta que o cidadão pode aceder aos bancos de dados do jornal desde que seja assinante do mesmo, de modo a poder ter acesso ao arquivo de notícias. Este fator, segundo Palacios, torna-se atrativo para a venda de assinaturas.

No caso de Portugal, a evolução da imprensa e do ciberjornalismo de proximidade divide-se em quatro períodos, segundo Pedro Jerónimo (2015). A primeira fase denominada de implementação teve lugar entre os anos de 1996 e 1997 com um número de jornais regionais digitais bastante reduzido, sendo que nesta fase o primeiro jornal regional digital que apareceu foi o *Setúbal na Rede* (Jerónimo, 2015). Nas palavras do fundador Pedro Brinca, um jornal que “pratica um jornalismo de proximidade, junto das populações, e não feito à secretária e a partir dos assessorios de comunicação. Tem jornalistas que questionam, que vão ao local. Aposta na comunicação participativa e na interatividade” (Brinca, 2011). Porém, as primeiras notícias regionais digitais já

tenham sido publicadas em 1995 pelo *Jornal de Notícias* (Granado, 2005). A segunda fase denominada “Reação” ocorreu entre 1998 e 2006, quando a imprensa regional começou a integrar-se e a desenvolver-se nos meios digitais. A terceira fase denominada “Boom”, entre os anos de 2007 e 2009, foi aquela em que apareceram vários ciberjornais regionais. Por último, a “Estagnação” é a fase que ocorre desde 2010 em que o aparecimento das redes sociais e dos dispositivos móveis desafia o ciberjornalismo de proximidade português a integrar-se nesta nova era tecnológica.

Apesar das potencialidades de produção e disseminação de conteúdos mais rápidos trazidas pelos dispositivos móveis, Adriana Goncalves explica que a imprensa regional explora muito pouco estas novas funcionalidades, devido à falta de recursos humanos e temporais (Gonçalves, 2020; Jerónimo, 2015). Segundo a autora, em Portugal, a maioria dos jornais regionais tem um número bastante reduzido de jornalistas que têm de se dividir para realizar diversificadas tarefas. A imprensa regional apenas utiliza os dispositivos móveis para pesquisa informativa ou para entrar em contacto com as fontes, sendo que a sua maior aposta continua a ser no formato em papel. Este fator acaba por não ser positivo, segundo a autora, pois enquanto os jornalistas regionais resistirem às novas tendências de informação irão estar a afastar-se de novos públicos (Gonçalves, 2020).

Neste sentido, a mesma explica que a adaptação da escrita para o *online* pode ser um desafio para os jornalistas não só ao nível da construção das narrativas como também no design e estética da notícia, porém aponta que o mesmo deve ter os apoios dos repórteres de imagem, designers e programadores de modo a produzir com mais eficácia informação para os novos meios digitais e consequentemente para os novos públicos (Gonçalves,2020).

### **3.2.1. A Televisão Local e Proximidade na Europa e em Portugal: As Web TV Regionais**

As televisões locais de proximidade nunca foram bem enquadradas pela legislação em vários países. Nos casos de Espanha e do Reino Unido, muitas televisões trabalharam durante vários anos em situações de ilegalidade ao fisco. O caso em Portugal foi semelhante. Apesar da falta das licenças ou de fiscalizações, este fator nunca foi um entrave para a entrada de televisões regionais no país (Mota, 2005).

As televisões regionais começaram a ganhar destaque na Europa com o surgimento da associação europeia de televisões regionais (CIRCOM Regional) em 1983, da qual faziam parte 48 estações de serviço público de quatro países europeus. Relativamente às formas de financiamento das televisões locais e regionais, estas sempre tiveram como fonte de rendimento a publicidade, porém, Mota (2005) afirma que os canais regionais também dependiam financeiramente de subsídios públicos, patrocínios ou então de donativos. Apesar de o fator económico ser determinante para os operadores, na sua origem estiveram, em muitos casos, motivações de ordem política e cultural, nomeadamente na América do Norte, América Latina e na Europa. Neste sentido, assiste-se, através destas motivações, a uma transformação na estrutura do audiovisual europeu, na qual a era dos monopólios estatais é substituída pela entrada de novos concorrentes nomeadamente operadores privados no setor televisivo.

Com a concorrência televisiva cada vez mais presente, surge então a necessidade de um mapeamento das zonas de cobertura regionais. Neste sentido, em 1992 o conselho europeu atribuiu ao Grupo EUROTV<sup>1</sup> a missão de produzir um mapa de cobertura regional na qual recomendasse ou sugerisse possíveis rumos ou políticas de comunicação para os vários media regionais (Lopez,1998). Após esta investigação, surge então a fase que é denominada por vários autores como a descentralização da televisão de âmbito nacional. No caso de Portugal, este fenómeno

---

<sup>1</sup> O Grupo EUROTV foi um conjunto de quinze investigadores de media regionais que tinham a coordenação de Miquel de Moragas e Carmelo Garitaonandia (Mota,2005).

ocorreu com o aparecimento de dois canais autónomos regionais de uma mesma estação pública a nível nacional e que ainda hoje se mantêm: a RTP Madeira e a RTP Açores (Moragas Spà & Garitaonandía, 1995). Em Portugal, tal como nos países europeus, o serviço público foi o impulsionador dos primeiros canais regionais. Porém, a grande diferença foi que, no caso português, não se passou desta primeira fase, enquanto nos outros países europeus os canais regionais ganharam autonomia permitindo que se criassem fortes laços regionais ou comunitários através das várias iniciativas a nível municipal (Mota, 2005).

Relativamente aos conteúdos informativos, a descentralização da televisão nacional permitiu que os canais regionais comesçassem a transmitir conteúdos próprios. Um exemplo são os centros regionais da RTP, cujos blocos de informação eram produzidos a nível regional e local, sendo esta a primeira fase de descentralização na qual Portugal se manteve. A nível europeu, esta fase simbolizou então a recriação do conceito de serviço público de televisão e uma maior procura pela legitimidade social (Bustamente, 2003). Com o desenvolvimento tecnológico, a proliferação dos canais regionais em maior escala deu-se entre os anos 80 e 90 (Moragas Spà & Garitaonandía, 1995). Segundo Mota (2005), os suportes tecnológicos, como o cabo e o satélite, permitiram melhores emissões nos canais regionais e ainda fizeram com que os números das audiências nestes canais, em alguns casos, fossem superiores aos canais de âmbito nacional. Porém, segundo a autora, estes processos levaram a consequências negativas em alguns países. Em Itália, a rápida proliferação dos canais regionais registou -se ao nível do milhar, o que provocou uma saturação no mercado publicitário e uma decadência acentuada da programação que fez descer as audiências. Esta experiência de mercado, como é descrita por vários autores, foi travada com a criação de leis de televisão a partir de 1990 que normalizaram esta situação (Comissão de reflexão sobre o Futuro da Televisão, 2000; Bustamente, 2000; Heretakis, 2000; Pruzzo & Molle, 2002; Cádima, 2000). Após este incidente no mercado italiano, o então secretário de estado da comunicação social português, Alberto Arons de Carvalho (1995-2002), afirmou que existiam razões para atrasar o desenvolvimento dos canais regionais e locais em Portugal.

A partir deste momento, os canais RTP Madeira e RTP Açores não tiveram qualquer tipo de reestruturação a nível interno. Segundo Mota (2005), estes dois canais podiam ter vocação

regional, porém, categorizavam-se como sendo de âmbito nacional, uma vez que as suas emissões de caráter regional nunca tinham sido regulamentadas, após três revisões da lei da televisão realizadas nos anos de 1990, 1998 e 2002, o que colocou as funções das televisões regionais e locais totalmente em suspenso. Apesar da falta de legislação, surgiram mais tarde dois canais de vocação regional, mas que não obedeciam a iniciativas comunitárias ou regionais, na medida em que foram participadas pela Portugal Telecom que, na altura, era a empresa que detinha a maior parte das comunicações a nível nacional e ainda a TVcabo, a empresa líder na distribuição por cabo em Portugal. Falamos então, em primeiro lugar, do canal de notícias de Lisboa (CNL), que começou as suas emissões a 15 de setembro de 1999, mas que foi vendida um ano depois ao grupo Impresa que atualmente é dona da sociedade independente de comunicação (SIC) e, em segundo lugar, a NorteTV (NTV) no Porto que começou as suas emissões em novembro de 2002, sendo detida em 25% pela Rádio e Televisão de Portugal (RTP), o canal de serviço público nacional. No caso da NorteTV, as várias dificuldades internas, nomeadamente a mudança de diretores, dificuldades financeiras e interrupções das emissões do canal fizeram com que a RTP adquirisse a totalidade do capital (Mota, 2005).

Distinguem-se dois momentos fundamentais na história da televisão regional em Portugal e nos seus esforços de descentralização da televisão nacional. Em primeiro lugar, entre os anos 80 até à recusa da regionalização legal em 1998, que se caracterizou pelo aumento de iniciativas como as televisões piratas<sup>2</sup> em vários locais de modo a criar um conceito de televisão de proximidade. Em segundo lugar, a criação e difusão de canais regionais através das tecnologias de cabo, porém ambas estas soluções fracassaram (Mota, 2005).

Com o desenvolvimento dos media digitais, o cenário alterou-se com a criação de um novo conceito de televisão através da internet. Segundo Francisco Cádima (2008), as WebTV regionais surgem como resposta ao facto de os vários governos terem recusado a criação de canais regionais hertzianos com base na falta de espectro. Porém, Pedro Coelho aponta que esta não é apenas a

---

<sup>2</sup> As televisões piratas consistiram em projetos de televisão voluntários feitos a nível local que tiveram grande impacto nas populações comunitárias às quais se dirigiam. Muitas destas televisões tiveram o apoio de políticos locais e eram bastante admiradas devido à longevidade que tinham e da sua fuga à fiscalização (Mota, 2005).

única causa pela qual não existiu legalização das televisões regionais. O autor aponta que tem existido inércia por parte das comunidades locais ao nível financeiro:

A falta de uma vontade política forte que se associe às televisões de proximidade, tem sido, ao longo da história, amparada pela inexistência de uma pressão social reivindicativa, por parte das comunidades regionais, de televisões próprias (Coelho,2005:192).

As WebTV regionais vieram então pôr fim às várias limitações impostas pelo governo que se tinham estabelecido em Portugal com o início das televisões hertzianas. Em Portugal, os primeiros projetos ocorreram em 2005, tendo assumido maior destaque a TVNET, uma webtv regional com origem nos Açores (Cádima, 2008). Mais tarde, esta Webtv expandiu a sua transmissão para o continente português a partir de uma sede fundada em Lisboa. Nesta altura, Filipe Morais, jornalista do *Diário de Notícias*, escrevia:

Dos Açores para o resto do mundo, chega hoje aos monitores nacionais um projeto de televisão eletrónica. A TVNET é uma televisão com emissão exclusiva pela internet que começou hoje as suas emissões experimentais (Diário de Notícias, 16 de dezembro de 2005).

As televisões regionais começaram então a proliferar em 2006 em Portugal. Na maioria dos casos, uma particularidade deste tipo de televisões foi terem associada o acrónimo TV, neste caso AveiroTV, EspinhoTV ou TVviana. Por outro lado, sendo que as suas emissões não integravam o conceito de televisão proposto pela ERC, outra das particularidades deste tipo de televisões era o facto de não estarem sujeitas à lei da televisão ou à fiscalização o que, segundo Cádima (2008) agradava a bastantes operadores. Porém uma das responsáveis da OesteTV, Anabela Sá, discordava desta situação:

“Estamos a tentar pôr no ar um projeto de qualidade e por isso achamos que deveria haver fiscalização”, disse, lamentando ainda a falta de legislação que leva a que “qualquer curioso que produza vídeo possa ter uma televisão digital regional” (IrrealTV,16 de janeiro de 2007).

Importa, neste âmbito, destacar as principais fragilidades das WebTV regionais. Eduardo Cintra Torres (2007) indica a pobreza de conteúdo nos próprios *websites* dos canais regionais, na medida em que não só não criam dinâmicas locais e regionais como também são atualizados com muita pouca frequência. Afirmar ainda que, em alguns *sites*, a falta de vídeos ou reportagens faz com que o mesmo não alcance o número de visitas desejado (Torres,2007). Segundo Cádima (2008), nesta nova era tecnológica, estes novos projetos de televisão ainda têm muito por fazer para se integrarem no campo da web 2.0. Porém, o que se espera destes novos projetos é que possam reestruturar a experiência da democracia da informação realçando valores colaborativos e participativos que possam levar a um melhor caminho, a esfera da cidadania.

### **3.3. O Jornalismo de Proximidade: Técnicas, Ângulos de Reportagem e Necessidades das Comunidades Locais**

Na atualidade, são várias as iniciativas para se entrar no universo dos media. Existem pessoas que pretendem alcançar a fama, outras consideram que o jornalismo é uma atividade fascinante ou política, porém apenas alguns consideram ser satisfatório a descoberta de notícias ou eventos que muitas pessoas poderiam nem sequer ter interesse em descobrir ou então relatar (Cole, 2006). Na opinião de Peter Cole, o interesse por novos assuntos define quem são os potenciais jornalistas que devem relatar os assuntos locais, as políticas locais e principalmente as histórias das pessoas (Cole, 2006). À medida que o jornalismo local vai evoluindo, em resposta aos vários desafios impostos pelas tecnologias no setor dos media (Anderson; Bell & Shirky, 2014, Downie & Schudson, 2009; Fancher, 2011; Picard, 2014), vão surgindo divergências de opinião significativas nas comunidades sobre a forma como o jornalismo deve servir as suas necessidades informativas.

Tomando o caso do Reino Unido como exemplo, no passado, muitas das carreiras dos jornalistas locais iniciavam-se numa editoria regional. Os jornalistas aprendiam sempre as várias técnicas de reportagem com o acompanhamento de um repórter experiente ou de um chefe executivo em campo. Os vários exames teóricos podiam consistir na escrita de notícias, direito e administração pública. Posteriormente, o progresso do aprendiz dependia sempre de fatores económicos e da sua vontade de prosseguir na área. Ao nível dos conteúdos, segundo Cole (2006), os estagiários aprendiam a fazer a cobertura dos espaços, da vida cultural, da importância de manter as audiências entretidas, mas acima de tudo em manterem os contactos ou as fontes que lhes poderiam providenciar boas histórias. Segundo o autor, esta é a primeira estratégia de um futuro jornalista de proximidade: conquistar a confiança do público. Segundo Sanders: “Trust is the whole basis upon which the reporting edifice is founded”. “News agencies trade on trust and need a reputation for accuracy, speed and reliability” (Sanders, 2003:109). Porém, é importante realçar que os jornalistas locais, por questões deontológicas, devem selecionar o material das fontes conforme os seus princípios editoriais (Harrison, 2006).

Importa então questionar: o que faz um bom jornalista local? Têm sido várias as investigações feitas neste âmbito. De uma forma geral, o website “Holdthefrontpage” oferece a seguinte lista de características que devem estar presentes num jornalista local e de proximidade. Em primeiro lugar, o jornalista deve ter interesse sobre a atualidade de um modo geral, especialmente pelas pessoas, pelos locais e pelos eventos. Em segundo lugar, deve ter habilidade para escrever num estilo claro e objetivo, de modo que todas as pessoas de todas as faixas etárias possam compreender o que escreve. Em terceiro lugar, para além de boa dicção, gramática e pontuação, o jornalista deve ter também apreciação ou reconhecimento por parte da imprensa local. Sendo que esta tem uma função de destaque nas comunidades locais, é positivo para o jornalista ter boas referências neste aspeto. Por último, para além da habilidade de trabalhar sob pressão e a horas que possam fugir à sua rotina diária, o jornalista deve ter determinação e persistência (Holdthefrontpage,2022). Outro estudo publicado pelo centro de formação de jornalistas em França é escrito por Christian Sauvage que dedicou várias páginas às especificidades do jornalista local e de proximidade. Entre estas destaca-se, em primeiro lugar, que o jornalista local deve ser uma pessoa atenta aos comentários que faz sobre qualquer assunto. Em segundo lugar, deve ser uma pessoa afastada de qualquer tipo de assuntos polémicos de modo a poder proteger as suas fontes de confiança e com as quais contacta de forma diária, com mais eficácia e segurança. Em terceiro lugar, deve ser uma pessoa atenta a todos eventos e bem enraizada na região onde trabalha, facilitando também as relações interpessoais no seu quotidiano. Em quarto lugar, deve fazer um “jornalismo de notáveis”, o que segundo o estudo é a procura de eventos de interesse público, o que permite ao próprio repórter poder tornar-se num jornalista de destaque a longo prazo na região. E, em quinto lugar, deve ser um “profissional mais sério e mais solidário com os seus colegas do que os seus congéneres da imprensa nacional” (Sauvage, 1988: 75-82). Manuel Fernández Areal argumenta ainda que a força da comunicação regional e local ou “o jornalismo de nomes e apelidos” está nas relações humanas entre os repórteres que devem informar, dar conselhos e escrever notícias e o público que não é apenas recetor de conteúdos, mas muito ativo na medida em que “informa, recrimina, aceita, valora, aplaude ou censura de forma eficaz “(Areal,1997:29).

Porém, não é apenas nos manuais de práticas, técnicas e ângulos que o jornalismo local e de proximidade deve assentar a eficácia das suas estratégias. Existem várias investigações sobre o

que é esperado pelas comunidades locais em relação ao jornalismo local. Como vimos anteriormente, este tipo de jornalismo, segundo Nielsen (2015), é visto de forma negativa por alguns investigadores devido ao facto de se deixar influenciar pelas elites locais ou então por comunidades que detenham algum poder social. Outros autores afirmam que este fenómeno acontece porque os jornalistas dependem destes grupos como fontes de notícia e também porque a própria informação que disponibilizam atrai maiores receitas de publicidade (Donohue et al., 1995; Tichenor et al., 1980). Neste sentido, é proposta a seguinte questão: O que é esperado pelo jornalismo local? Segundo um estudo realizado nos Países Baixos sobre as televisões locais, em primeiro lugar, esperam que o jornalismo local providencie informação diversa, confiável, a tempo e de modo imparcial sobre os vários assuntos comunitários. Em segundo lugar, esperam que os media locais fomentem a integração social de modo a poderem ajudar as pessoas nas suas tarefas do quotidiano, servindo também desta forma como guia local da comunidade. Em terceiro lugar, esperam destes media um exemplo de inspiração para boas práticas. Em quarto lugar, esperam que garanta a representação dos vários setores da comunidade e que aumentem a compreensão intralocal entre os vários grupos da mesma. Em último lugar, para além de ajudar a manter a memória local, esperam que contribuam para a coesão social e para o sentimento de pertença à localidade (Costera Meijer, 2010).

Apesar destas expectativas por parte das comunidades locais, os jornalistas preferem ser vistos como forças independentes, ainda que dependam de certas fontes locais para a eficácia das suas reportagens e sustento das organizações para as quais trabalham. Neste sentido, as audiências podem respeitar esta escolha de imparcialidade por parte dos jornalistas, porém esperam que os media locais se engajem com as comunidades com a qual fazem cobertura (Nielsen, 2015). Os públicos esperam também que os jornalistas se preocupem com a comunidade, compreendam, respeitem os seus valores, mas principalmente que priorizem as soluções e os problemas nas reportagens (Heider et al., 2005).

Parece-nos de igual forma importante relatar os estudos que foram feitos sobre como o jornalismo local e como as suas práticas são vistas atualmente pelas várias comunidades. Os estudos feitos por investigadores incidem sobre três pontos fundamentais: a responsabilidade e informação, o

engajamento cívico e comunitário e a integração comunitária (Nielsen, 2015). Em relação à responsabilidade e informação, vários estudos mostram que o jornalismo local e de proximidade se baseia em fontes únicas de interesse como políticos, oficiais do governo local ou então trabalhadores locais (Franklin & Richardson, 2002; O'Neill & O'Connor, 2008; Örebro, 2002). As reportagens que se apoiam em múltiplas fontes e vários pontos de vista representam uma minoria nos jornais diários regionais ou em *broadcasters* regionais (Lund, 2010; Project for Excellence in Journalism, 2010). Neste sentido, ao nível da imprensa, em termos de ordem das fontes locais, os políticos e os oficiais do governo são, em muitos casos, as primeiras fontes a serem citadas, os trabalhadores locais em segundo, os ativistas comunitários em terceiro, sendo que estes são entrevistados com menos frequência e os cidadãos deixados para último, podendo nem sempre aparecer nas notícias (Kaniss, 1991; O'Neill & O'Connor, 2008). Neste caso, as rotinas de reportagem são criadas e organizadas à volta de um conjunto de fontes privilegiadas que ocupam altos cargos na política, no governo e negócio locais. Porém, segundo Nielsen (2015) este fator não faz com que o jornalismo local não providencie cobertura eficaz ou substancial ao nível dos acontecimentos públicos.

Outras críticas evidenciam o facto de o jornalismo local se focar em assuntos sensacionalistas, de crime ou então em simples histórias locais de entretenimento (Franklin, 2006). Porém, estudos feitos a nível global demonstram que o jornalismo local é imparcial e factual e tem um alcance bastante aprofundado (Franklin & Richardson, 2002). Alguns autores apontam que o jornalismo local, tendo a função de publicar o que as autoridades estão a fazer (Ekström et al., 2006), permite algum grau de debate nas comunidades locais, principalmente quando existem desacordos ou quezílias entre as várias elites locais (Tichenor et al., 1980). Por outro lado, estudos a nível global demonstraram que as notícias locais têm ajudado na redução da corrupção governativa (Brunetti & Weder, 2003) e a tornar os membros do governo local mais responsivos às necessidades da comunidade (Snyder & Strömberg, 2008). Em síntese, os investigadores apontam dois lados no que toca à informação no jornalismo local. O lado positivo é o facto de o público, que segue as notícias locais, saber mais sobre os assuntos locais (Shaker, 2009 & Tichenor et al., 1970). Quanto ao lado negativo, é a existência de uma barreira de conhecimento entre as pessoas que usam as notícias de forma regular e as que não seguem as notícias com frequência. Esta barreira existe

devido às diferenças socioeconómicas entre as pessoas mais fluentes, educadas e localmente engajadas, neste caso as que mais sabem sobre os assuntos locais, e as pessoas menos fluentes, menos educadas e menos localmente engajadas (Donohue et al., 1995; Tichenor et al., 1970).

Em relação ao engajamento cívico e político, são vários os estudos a nível global que demonstram uma influência positiva na política local (Schufle et al., 2002). Através da imprensa, do *broadcast* e dos meios digitais as notícias locais têm influenciado o engajamento cívico, nomeadamente ao nível de resultados das eleições locais (Shah et al., 2001; Baekgaard et al., 2014; Gentzkow et al., 2009). Estes estudos demonstram, de igual forma, que os jornais locais influenciam o público através da motivação para a eleição. Neste sentido, apesar dos receios existentes sobre o facto de o jornalismo local ser superficial e apelar a iniciativas de entretenimento que possam reduzir a participação política, na prática, as notícias têm um efeito positivo no engajamento cívico e político (Nielsen,2015).

Em relação à integração da comunidade, investigadores demonstraram que os media locais ajudam a orientar as pessoas numa geografia partilhada. Neste sentido, ajudam o público com a criação de uma agenda local onde são mostrados os casamentos, aniversários, funerais de personalidades importantes para comunidade local. Podem também providenciar outro tipo de informações acerca de eventos desportivos e ofertas de negócios locais (Nielsen,2015). Inúmeros estudos têm igualmente revelado que os jornais locais e comunitários ajudam os públicos a definirem-se, a manterem-se como identidades vizinhas nas grandes áreas metropolitanas (Janowitz, 1952) e a conectarem-se e a identificarem-se umas com as outras nas grandes áreas rurais separadas (Kirkpatrick, 1995). Uma equipa de investigadores demonstrou de forma empírica que os media locais não aumentam apenas o engajamento cívico e político, mas também dá às pessoas um sentimento de pertença à comunidade (Kim & Ball-Rokeach, 2006). Neste sentido, as notícias locais ajudam a cultivar o consenso, a coerência e a estabilidade numa comunidade (Janowitz,1952).

### 3.4. Éticas do Jornalismo de Proximidade

O jornalismo de proximidade, sendo um tipo de jornalismo que aposta na proximidade, na criação de uma relação de confiança com os cidadãos e com as comunidades às quais se dirige (Camponez, 2002; Camponez, 2012), lida por vezes com certos conflitos ao nível da ética das suas práticas. Segundo Carlos Camponez (2012), o jornalismo de proximidade é um tipo de jornalismo que está ligado às causas regionais ou locais e por vezes é considerado como um jornalismo de propaganda que pode entrar em conflito com o interesse público:

É importante salientar que existem linhas ténues entre o que pode ser um jornalismo próximo das pessoas e formas alternativas de comunicação comunitária que vão para além do jornalismo como é conhecido atualmente (Camponez,2012:42).

Partindo deste ponto, consideramos que seja importante apontar as várias queixas que têm sido feitas à imprensa local e ao jornalismo local de proximidade e a partir daqui elencar quais devem ser as principais diretrizes éticas para a prática saudável de um jornalismo de proximidade.

Quanto às reclamações que são feitas, tanto nos jornais nacionais como regionais, muitas delas incidem sobre aspetos como a invasão de privacidade ou a exploração da emoção de pessoas anónimas, como crianças ou então familiares em situação de luto. Outra das principais críticas feita ao jornalismo local é a má representação das comunidades. Muitas vezes, os leitores de jornais locais queixam-se que os jornalistas não registam os nomes corretamente ou então confundem detalhes importantes onde, por vezes, estão envolvidas pessoas de alto nível autárquico (Frost, 2001). Neste sentido, uma das particularidades do jornalismo local reside no facto de o público, quando se apercebe de erros existentes relativamente ao relato de histórias, poder ligar e falar diretamente com os jornalistas. Estes, por sua vez, podem introduzir as correções devidas na versão digital e ainda, quando necessário, poderem publicar um pedido de desculpas.

Segundo Carlos Camponez (2012), o valor de proximidade no jornalismo levanta problemas à sua própria identidade. Neste sentido, sendo que em termos deontológicos, um dos valores do jornalismo *mainstream* é o distanciamento das fontes e a objetividade da informação, Camponez (2012) afirma que este fator sempre se revelou confuso e que as normas éticas do que deve ser um jornalismo de proximidade estão longe de estarem definidas. Este fator distingue-se pelo facto de as decisões editoriais do jornalismo de proximidade apostarem na “identificação de especificidades das suas práticas, para além das alusões vagas sobre o papel na defesa dos interesses das respetivas populações” (Camponez, 2012:37).

Neste âmbito, Carlos Camponez (2012), ao referir autores como Ron F. Smith e Marc-François Bernier, afirma que as grandes dificuldades do jornalismo de proximidade se situam ao nível das suas práticas. O autor refere casos como a pressão que é feita pelas elites locais, os riscos que poderão advir de sanções económicas ou políticas, os desafios na questão da igualdade e tratamento da informação e ainda o próprio envolvimento dos jornalistas nas questões regionais e locais que podem pôr a sua integridade e independência profissionais em causa.

De uma forma geral, Marc-François Bernier (2006) afirma que o jornalista, ao se envolver em questões de proximidade geográfica e cultural, pode colocar-se em situações adversas que o podem tornar vulnerável em relação às normas das suas práticas:

Pode-se, no entanto, sustentar que a função de vigilância imparcial, rigorosa e integra dos que agem em nome do bem comum é igualmente de uma importância fundamental. Ela merece ser valorizada com o objetivo de aliviar o sentimento de impotência de alguns jornalistas, no caso de sentirem que a sua profissão não traz em si um contributo significativo à comunidade que servem (Bernier, 2006:136).

Apesar destes problemas, Carlos Camponez (2012) afirma que o jornalismo de proximidade continua a destacar-se e a definir-se pela distanciação das suas práticas. Auxiliando esta ideia,

Chaparro (2012) afirma que a proximidade no jornalismo se destaca pela sua noticiabilidade e atualidade das ações humanas e não pelos interesses dos grupos sociais.

O jornalismo local e de proximidade envolve que se lide com as pessoas que podem tornar-se contactos diários e de confiança. Quando uma notícia ocorre, de interesse nacional e local, o tratamento que os jornais nacionais dão à própria notícia ou às fontes é sempre feita de uma forma apressada e brusca, o que faz com que as pessoas fiquem nervosas no relato das histórias. Estas situações, por vezes, tornam-se complicadas para os jornalistas locais, pois têm de voltar a criar laços fortes com a fonte de modo a poder obter informações. Outro aspeto importante a ter em conta é a redação de notícias locais. Os jornais locais podem apresentar histórias que, mesmo sendo verdadeiras, podem implicar sérios riscos para o jornal local. Neste caso, enquanto os jornais nacionais podem escrever histórias sem qualquer tipo de preocupação sobre as consequências da sua reportagem, no caso do jornalismo local, os jornalistas podem chegar a receber ameaças por parte do público. De uma forma geral, o fator chave que diferencia o jornalismo local do nacional em termos éticos é a proximidade que os jornalistas têm com a comunidade que reportam. Esta ligação de lealdade com a comunidade faz com que o repórter ponha o seu foco na fonte e na história e posteriormente na forma como esta é usada e publicada (Frost, 2006).

Concluindo, parece-nos fundamental a visão de Carlos Camponez (2012) quanto às linhas éticas que devem existir no jornalismo de proximidade. Em primeiro lugar, em compreender que os cidadãos devem ter o direito à verdade e a uma informação que seja de qualidade. Em segundo lugar, compreender que a proximidade implica que se garanta ao público uma informação que seja objetiva e verídica. Em terceiro lugar, perceber que devem existir cuidados no jornalismo de proximidade quanto à vida privada e pública dos cidadãos. Em último lugar, compreender que devem existir quadros de referência que definam quais as possibilidades ou limites relativamente à intervenção dos media nas causas públicas regionais.

## Capítulo 4 – Metodologia

### 4.1. Objeto de Estudo: Programa “Portugal em Direto” do Canal RTP 1

O jornalismo local e regional baseia-se fortemente na ligação de confiança estabelecida entre o jornalista e as suas fontes quotidianas, como nos refere Dominique Gerbaud: “Contar a vida é mostrar que nos interessamos pelas pessoas, que temos respeito pelo que fazem e pelo que dizem” (Gerbaud,1996:10-16). Paralelamente, mostrar interesse e respeito pelas pessoas é também demonstrar a relevância da cultura nacional, do património e da memória que são preservados pelo povo ao longo de várias gerações e que cada vez mais são esquecidos pela luta constante entre o interesse público e o interesse para as audiências.

Neste sentido, o presente relatório analisa o programa “Portugal em Direto” do canal RTP 1, apresentado pela jornalista e pivô Dina Aguiar. O mesmo, substituto do antigo programa “Regiões” apresentado por Fátima Campos Ferreira, é emitido de 2<sup>a</sup> a 6<sup>a</sup> feira, sendo dedicado à informação regional. O *corpus* de análise consiste em 22 emissões do programa, transmitidas de 1 de novembro a 30 de novembro de 2021.

Quanto à estrutura do programa, o mesmo tem a duração de 90 minutos (1 hora e meia) e é atualmente transmitido no canal RTP 1, das 17:30 às 19:00 horas. O referido programa estrutura-se em três partes. Na primeira parte, o programa apresenta informação a nível nacional sobre os temas mais recentes que se destacam na atualidade, seguindo-se um “espaço regional” onde as várias editorias regionais e, por vezes de ordem internacional, apresentam os temas mais marcantes da imprensa a nível local. A título exemplificativo, a delegação de Faro pode apresentar os principais eventos de Albufeira presentes na sua imprensa local. É ainda apresentada uma pergunta diária sobre cultura geral acerca de uma região portuguesa aleatória e um espaço denominado “Minuto Verde” onde são debatidas práticas de proteção ambiental.

Na segunda parte do programa, por um lado são apresentadas as várias notícias regionais sobre temas que a coordenação considera que são de interesse para o público-alvo que ambicionam, por outro lado é criado um espaço de entrevista na qual a pivô Dina Aguiar interage com um convidado previamente escolhido pela coordenação para debater os mais variados temas de teor atual tanto a nível regional como nacional. A título exemplificativo, estes espaços de entrevista podem ter como tema tanto o lançamento de um livro na qual se explique, por breves palavras, o contexto e história do mesmo como problemas de ordem social que possam afetar a sociedade de uma forma geral.

Na terceira parte do programa, existe uma continuação na apresentação de notícias a nível regional e local em Portugal Continental e nas regiões autónomas e no final do mesmo é ainda feito um espaço sobre a meteorologia em todos os distritos e regiões autónomas em Portugal.

## **4.2. Objetivos do Estudo**

O objetivo do presente relatório é o de responder à seguinte questão de partida: *De que forma as regiões portuguesas são representadas no programa “Portugal em Direto” do Canal RTP 1?* Neste sentido, a presente investigação visa, em primeiro lugar, estudar a forma, o ângulo, o tom e as várias estratégias de reportagem que são usadas ao longo do programa. Em segundo lugar, este estudo tem como objetivo analisar os tempos de cobertura que são dados às regiões portuguesas, incluindo as regiões autónomas da Madeira e dos Açores e, em último lugar, analisar quais são as fontes ou intervenientes que são entrevistados nas reportagens.

### **4.3. Métodos de Análise e Recolha de Dados**

#### **4.3.1. Observação Participante**

A primeira técnica de análise adotada para esta investigação é a observação participante, a qual é descrita por António Carlos Gil (2008) como um método que permite a obtenção de conhecimento através da integração do investigador na comunidade que pretende investigar. Neste sentido, é possível definir observação participante de duas formas: observação natural, na qual o investigador faz parte e está familiarizado com a comunidade que pretende investigar e observação artificial, que se verifica quando o investigador se insere através de processos de confiança e integração na comunidade que tem como objeto de estudo (Gil, 2008). Nesta investigação, a técnica usada é a observação participante artificial, na medida, em que o investigador, sendo estagiário curricular em Mestrado de Ciências da Comunicação vertente Media e Jornalismo, foi inserido na empresa que pretendia investigar, a RTP, e posteriormente na editoria do programa que era objeto de estudo da sua investigação, o programa “Portugal em Direto”.

De acordo com Florence Kluckhan (1946), este método de investigação apresenta as seguintes vantagens e desvantagens. Relativamente às vantagens, o investigador, através do estabelecimento de relações de confiança e confidencialidade, não só acede rapidamente aos dados que pretende recolher acerca da comunidade como também pode, eventualmente, ser-lhe dado acesso a dados que a comunidade considere ser de foro privado. Quanto às desvantagens, Kluckhan (1946) aponta apenas que a presença de desconfiança em casos onde o investigador pretenda ocultar os objetivos da sua investigação pode resultar na limitação e na baixa qualidade dos dados e informações obtidas.

No caso da investigação presente neste relatório, o investigador esteve em contacto, durante todo o estágio curricular, com os jornalistas da RTP das várias editorias (sociedade, economia, desporto, cultura e “Portugal em Direto) onde explicou os objetivos da sua pesquisa e os métodos que pretendia usar para a recolha de dados e análise empírica. Neste sentido, foi estabelecida, desde o

princípio, uma relação de confiança com as fontes de informação. Por conseguinte, ao estagiário foi-lhe dado acesso a material e a experiências que lhe possibilitaram ficar com um conhecimento e uma visão mais abrangente do objeto de estudo. Neste caso, o mesmo teve acesso a conteúdos de arquivo da RTP que não poderiam ser transmitidos para o público, informações confidenciais sobre a estrutura e organização do “Portugal em Direto” e as várias práticas de jornalismo de proximidade utilizadas nas reportagens pelos jornalistas do programa, as quais o estagiário teve a oportunidade de acompanhar.

À medida que o estágio se foi desenvolvendo, foi possível o acompanhamento do programa “Portugal em Direto” na própria régie, onde, através do contacto próximo com os coordenadores do programa, o estagiário teve a oportunidade de compreender as várias fases de construção do mesmo e conhecer os elementos que produziam o programa, desde a assistente de informação aos responsáveis pela imagem e som. De uma forma geral, este método permitiu também que através do contacto próximo com os jornalistas do “Portugal em Direto” fosse possível a prática do próprio jornalismo de proximidade por parte do estagiário através das saídas em reportagem e ainda pela realização de peças gravadas que não iam para transmissão. Neste âmbito foi possível adquirir experiência sobre o tipo de linguagem e abordagem utilizados e a seleção e tratamento das notícias para o próprio programa. Todas as aprendizagens foram anotadas pelo estagiário num diário de campo (*vide* Anexo 1), assim como os textos de todas as peças produzidas que se encontram impressas e disponíveis em vídeos através de uma pasta em portfólio. No entanto, quanto às peças realizadas em vídeo, foi transmitido ao estagiário que as mesmas não poderiam ser partilhadas por qualquer meio ou dispositivo eletrónico.

### 4.3.2. Entrevistas Semidiretivas

Como segunda técnica de recolha de dados, procede-se ao método de realização de entrevistas semiestruturadas ou semidiretivas.

O sociólogo Danielle Ruquoy (1997) afirma que optar-se pelo método de entrevista conduz a que existam determinadas condições metodológicas. Em primeiro lugar, defende que a entrevista é uma relação de diálogo entre o investigador e o entrevistado, sendo que esta relação pode ser feita de forma direta ou indireta. A diferença entre estas duas diz respeito ao local, na medida em que, no caso da forma direta, o investigador encontra-se frente a frente com o entrevistado e na forma indireta a entrevista pode ser realizada através de telefone, email ou outro tipo de contacto à distância. Em segundo lugar, o sociólogo defende que, para a realização de uma entrevista, é necessário que esta se baseie no uso de um guia de entrevista “para colocar o entrevistado em condições de se exprimir, seguindo o curso do seu pensamento” (Ruquoy, 1997:87), ao contrário do que acontece nos questionários, nos quais o investigador consegue controlar a resposta que é dada pelo público que pretende investigar.

Relativamente ao grau de liberdade das entrevistas, Danielle Ruquoy afirma que uma entrevista pode ser semidiretiva, diretiva, um relato de vida e não diretiva. Focando-nos nas semidiretivas, esta técnica “trata-se de permitirmos que o próprio entrevistado estruture o seu pensamento em torno do objetivo perspectivado...” (Ruquoy, 1997:87). António Carlos Gil (2008) complementa esta ideia afirmando que a técnica de entrevista informal deve ser o menos estruturada possível e apenas se distingue de uma conversação quotidiana pelo simples facto de ter como objetivo a recolha de dados. Segundo Gil (2008), o que se pretende com este tipo de entrevistas é ter uma visão abrangente do problema ou do objeto de estudo que se pretende investigar.

Quanto à operacionalização das próprias entrevistas, António Carlos Gil (2008), Danielle Ruquoy (1997) e Christian Maroy (1997) apontam várias práticas que devem ser tidas em conta quanto à

realização das perguntas e anotação das respostas, procedimentos quanto ao guia de entrevista, intervenções no conteúdo das respostas e ainda a análise qualitativa das mesmas. Em primeiro lugar, Gil (2008) afirma que, no caso das entrevistas informais, não existem regras específicas e as perguntas ocorrem consoante o desenvolver da conversa, desde que o investigador saiba respeitar as condições do entrevistado e que as próprias respostas estejam enquadradas com os objetivos da investigação. Em segundo lugar, quanto ao registo das respostas numa entrevista semidiretiva ou informal, este pode ser feito através do uso de apontamentos ou através de um dispositivo eletrónico. É claro que, segundo Gil (2008), a segunda opção será a mais viável, pois a memória humana não consegue reter toda a informação possível, porém, o autor alerta que o uso de gravador só poderá ser feito caso exista consentimento por parte do entrevistado. Em terceiro lugar, quanto ao guia de entrevista, Danielle Ruquoy (1997) define o mesmo como o “conjunto de pontos que desejamos explorar” (Ruquoy, 1997:109). Neste sentido, o autor defende que o mesmo pode dividir-se entre forte e fracamente elaborado. No primeiro caso, o guia é elaborado com base numa questão indutora e vários eixos temáticos, enquanto no segundo existe uma elaboração em torno de temas diversificados e hipóteses. De uma forma geral, Danielle Ruquoy defende que:

O guia não é usado como um questionário, é um sumário, recorre-se a ele respeitando o mais possível a ordem de exposição do pensamento do entrevistado. O procedimento seguido corresponde bem à lógica da entrevista semi diretiva: explorar livremente o pensamento do outro, permanecendo ao mesmo tempo no quadro do objeto de estudo (Ruquoy,1997:110-111).

Em quarto lugar, quanto às intervenções do investigador no conteúdo das entrevistas, os sociólogos Rodolphe Ghiglione e Benjamin Matalon (1978) defendem que, em primeiro lugar, a questão inicial do guia de entrevista deve ser a mais clara possível, pois constitui-se como a premissa inicial que organiza o pensamento do entrevistado. Em segundo lugar, o investigador pode proceder à clarificação de conteúdos ou então à repetição de uma pergunta para verificação dos factos. Segundo os autores, esta técnica será positiva se for efetuada com naturalidade, ou seja, se o entrevistado entender que existe interesse e compreensão por parte do investigador. Em terceiro lugar, outro tipo de intervenções que podem ser feitas a nível de conteúdo por parte do investigador passam pela utilização de expressões que sejam breves e que encorajem o

entrevistado a desenvolver o seu discurso, por pedidos de mais informação por parte do investigador, por “manifestações de incompreensão voluntária” e ainda pela “técnica do espelho” (Ghiglione & Matalon, 1978:85-86). Segundo os autores, esta última técnica consiste na repetição de palavras ou expressões ditas pelo entrevistado. Através deste procedimento, o investigador acaba por demonstrar interesse e simpatia selecionando as afirmações mais pertinentes.

Por último, relativamente à análise qualitativa das entrevistas, Christian Maroy (1997) afirma que o tratamento de dados considerados volumosos, como é o caso das entrevistas, pode ser feito através de dois utensílios, as “isotopias” e a “condensação descritiva”. Segundo o autor, os materiais volumosos não devem ser analisados linha por linha ao ritmo natural de leitura. Por sua vez, nos mesmos devem definir-se “locais estruturais” ou “isotopias”, ou seja, ideias predominantes numa determinada entrevista que podem posteriormente ser divididas em diferentes níveis de categoria consoante os objetivos da investigação. Segundo Maroy (1997), deve haver uma separação clara das informações entre as várias “isotopias” ou “locais estruturais”.

Relativamente à “condensação descritiva”, este utensílio “consiste em fazer emergir “modelos”, ou seja, “tipos” comuns a uma “multiplicidade de manifestações” (Maroy, 1997:182). Por outras palavras, nos materiais volumosos a quantidade de expressões sinónimas é bastante significativa, porém, para que exista uma abstração dessas expressões, este utensílio permite que sejam criadas unidades de informação comuns abstraindo assim o pormenor das informações e mantendo o que é essencial para os objetivos da investigação (Maroy, 1997).

Na investigação presente neste relatório de estágio, cinco das nove entrevistas aos jornalistas das delegações regionais, repórteres, coordenadores e apresentadora do “Portugal em Direto” foram realizadas de forma direta e presencialmente na sala das editorias da RTP e na sala de gravações. Estes espaços para entrevista foram aconselhados pelos entrevistados, pois consideraram que estas salas tinham melhor acústica e isolamento de som para a gravação das entrevistas. Quanto à entrevista com a jornalista e pivô Dina Aguiar, esta foi realizada de forma indireta através de

email devido à pouca disponibilidade por parte da mesma. Relativamente às três entrevistas com os jornalistas das delegações das regiões de Castelo Branco, Évora e Faro, as mesmas foram realizadas através da plataforma *Zoom*. Quanto ao procedimento das entrevistas, estas foram realizadas em regime informal, existindo um relacionamento na segunda pessoa do singular entre investigador e entrevistado de modo a promover um clima de confiança, segurança e confidencialidade. As entrevistas foram realizadas com o apoio de um guia de entrevista fortemente elaborado e previamente realizado com base na revisão de literatura (*vide* Anexo 2) para cada entrevistado, no entanto, a ordem das perguntas foi sempre acompanhada pelo pensamento e discurso do entrevistado, não existindo, desta forma, uma ordem rigorosa nas questões propostas. Quanto ao registo das respostas, as mesmas foram auxiliadas, no caso das entrevistas presenciais, através do uso de gravador de telemóvel. Já no caso das entrevistas aos jornalistas das delegações regionais, estas foram realizadas através da plataforma online *Zoom* e foram gravadas em imagem e som através das funcionalidades da mesma. De uma forma geral, todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento dos entrevistados e interrompidas a pedido dos mesmos.

Relativamente à análise qualitativa das entrevistas, procedeu-se ao uso de locais estruturais e métodos de condensação descritiva propostos por Christian Maroy (1997). Por conseguinte, os jornalistas das delegações e do programa “Portugal em Direto”, coordenadores e apresentadora, foram divididos por quatro dimensões consoante a sua função. Quanto ao conteúdo das entrevistas foi realizada uma tabela (*vide* Apêndice 1) para cada entrevistado, na qual se dividiram as ideias principais de cada entrevista em categorias com as citações mais importantes atribuídas a cada categoria. Desta forma, foi possível criar unidades de sentido com o intuito de condensar a informação e a analisar os resultados obtidos.

### 4.3.3. Análise de Conteúdo

Como terceira estratégia na investigação presente neste relatório de estágio é usado o método quantitativo de análise de conteúdo proposto pelos investigadores Laurence Bardin (2016) e Klaus Krippendorff (1980). Este método é usado para analisar o *corpus* composto pelas 22 edições do programa “Portugal em Direto” da RTP 1 durante o mês de novembro de 2021.

Segundo Laurence Bardin (2016), a análise de conteúdo define-se como um método sociológico dividido por três fases: a “pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação” (Bardin, 2016:125). De uma forma geral, a pré-análise, tendo por objetivos a clarificação dos objetivos e ideias iniciais da investigação, pode ser realizada através da escolha de documentos que devem ser submetidos para análise e formulação de hipóteses que conduzam a uma interpretação que seja final. Por conseguinte, após haver a delimitação do universo que se pretende investigar através da seleção de documentos, é necessário a criação de um *corpus* de análise (Bardin, 2016). No caso desta investigação, a seleção de documentos, definida por Bardin, são as 22 edições do programa de televisão “Portugal em Direto” do canal RTP 1 emitidas durante o mês de novembro de 2021.

Klaus Krippendorff (1980) afirma que mais importante do que a formulação de perguntas ou hipóteses específicas com base na revisão de literatura é o investigador justificar os meios pelos quais conduziu a construção da análise de conteúdo. Nesta investigação, a mesma foi construída através de um conjunto de sete variáveis que irão ser desenvolvidas mais à frente neste relatório. Todo este processo foi realizado através do auxílio do programa *Excel* para verificação das hipóteses, construção de gráficos e tabelas para cada uma das variáveis de investigação. Relativamente ao *corpus* de análise, Bardin afirma que, na seleção de documentos e construção do mesmo, devem assegurar-se as regras de “exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência” (Bardin, 2016:126-128).

Relativamente à exploração de material, esta fase corresponde, segundo Bardin (2016), a todas as operações de codificação e de enumeração das categorias ou variáveis de análise. Deste modo, a codificação é definida pelo cientista político Ole Holsti como: “(...) o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente, e agregados em unidades, os quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo” (Holsti, 1969 *apud* Bardin, 2016:133). Neste sentido, este processo divide-se em três fases: “a escolha das unidades de análise, a enumeração onde se escolhem as regras de contagem e a classificação e agregação das categorias” (Bardin, 2016:133). Quanto à produção de categorias ou variáveis, Bardin (2016) afirma que se trata de um processo de organização de elementos que se podem dividir segundo critérios que sejam previamente definidos, como por exemplo, a classe social ou o género de uma determinada pessoa. No caso desta investigação, cada uma das variáveis de análise é codificada por categorias de unidade de forma a poderem retirar-se conclusões significativas.

Quanto ao processo de categorização, Laurence Bardin (2016) aponta que a categorização das variáveis deve ser feita segundo regras específicas, como a “exclusão mútua, a homogeneidade, a pertinência, a objetividade e a fidelidade e produtividade” (Bardin, 2016:150). Desta forma, em primeiro lugar, a “exclusão mútua” e a “homogeneidade” definem que, em cada variável, deve haver uma separação clara entre todas as categorias. A título de exemplo, neste relatório, a variável “forma” só compreende as opções de diferido, misto ou direto. Em segundo lugar, o princípio de pertinência entende que o material escolhido para análise deve refletir os objetivos para a investigação, a questão de partida e deve estar adaptada à literatura existente. Em terceiro lugar, a objetividade e a fidelidade entendem que, em termos de codificação das categorias ou variáveis, deve existir igualdade, de forma que não exista qualquer tipo de distorção ou subjetividade relativamente aos resultados obtidos. Neste aspeto, Bardin (2016) aconselha que, desde o início, o investigador deve precisar de forma clara o índice e as variáveis que pretende tratar e, neste sentido, as opções de escolha que devem constar em cada uma delas. Por último, a produtividade afirma que, se todos estes passos forem realizados de forma eficaz, os resultados serão precisos. No caso desta investigação, foi realizada uma tabela de análise de conteúdo na qual constam as sete variáveis da investigação divididas por categorias, assim como o nome e ordem

de todas as notícias regionais e locais analisadas e a ordem por número e parte de todos os 22 programas analisados (*Vide Anexo 2*).

Quanto às vantagens do uso deste método, o investigador assume liberdade na construção dos gráficos ou tabelas de análise, sendo que, se todos os passos forem realizados com total eficácia, o investigador obterá resultados seguros, significativos e válidos. Neste sentido, o investigador, tendo à sua disposição este tipo de resultados, pode propor, com segurança, inferências e interpretações com base nos objetivos propostos ou ainda descobrir resultados inesperados. Por outro lado, as investigações decorridas deste método podem também servir de base para outro tipo de investigações futuras (Bardin, 2016).

#### **4.3.4. Hipóteses de Investigação**

Sendo a construção de hipóteses uma das etapas fundamentais do método quantitativo de análise de conteúdo e para que exista uma definição clara dos objetivos da análise empírica como precisámos no subcapítulo anterior, Laurence Bardin define hipótese como:

(...) uma afirmação provisória que nos propomos verificar (...). Trata-se de uma suposição cuja origem é a intuição e que permanece em suspenso enquanto não for submetida à prova de dados seguros (Bardin, 2016:128).

Quanto às fontes das hipóteses, estas podem ser de origem teórica, se forem baseadas em documentos ou estudos anteriores, ou podem basear-se na intuição ou ambição do investigador. No entanto, segundo António Carlos Gil (2008), pode tornar-se difícil avaliar *a priori* as hipóteses de tipo não teórico pois não são claras quanto às razões pelas quais foram formuladas, o que pode tornar incerta a qualidade das mesmas, porém, não deixam de ser válidas. No caso deste relatório, as hipóteses são formuladas através de vários estudos realizados por autores presentes na revisão da literatura sobre jornalismo local e de proximidade. Outros tipos de hipóteses são de igual forma

formuladas através de intuições e razões pessoais por parte do investigador. Assim, a realização do estágio curricular na RTP e o acompanhamento das dinâmicas do programa “Portugal em Direto” foram determinantes para a formulação de hipóteses acerca das práticas de jornalismo de proximidade no serviço público de televisão.

Neste sentido, formularam-se seis hipóteses:

H1. No que toca ao género das fontes no programa “Portugal em Direto”, os homens são usados com maior frequência do que as mulheres (Grabe et al., 1999; WACC, 2000).

H2. “O programa Portugal em Direto” serve apenas as elites locais (Nielsen, 2015).

H3. O programa “Portugal em Direto” relata apenas conflitos e representa a dispersão do jornalismo (Le Cam & Domingo, 2015).

H4. O programa “Portugal em Direto” serve uma faixa etária mais velha.

H5. O programa “Portugal em Direto” é dependente das notícias das delegações.

H6. Lisboa e Porto são as regiões com maior representação nos programas de informação.

Estas hipóteses formuladas serão avaliadas e confirmadas através da verificação de dados feita pelos métodos de análise de conteúdo e entrevistas semidiretivas. As variáveis que servirão de guia para análise empírica do programa “Portugal em Direto” da RTP 1 irão ser descritas com maior pormenor no seguinte subcapítulo.

#### **4.3.5. Variáveis de Análise**

Para a verificação e análise do *corpus* é necessário que se proceda à criação de variáveis que sejam categorizáveis, tal como afirma Laurence Bardin (2016).

Sendo que os estudos empíricos sobre programas de teor regional são ainda bastante reduzidos, procedeu-se à criação original de sete variáveis com vista a responder à questão de partida e objetivos propostos para esta investigação sobre o programa “Portugal em Direto” do canal RTP1 previamente descritos nos subcapítulos anteriores. Todas as variáveis foram categorizadas segundo elementos únicos e claros, com base nos objetivos da investigação, de forma que não existisse qualquer caso de subjetividade ou distorção na análise, pois tal como afirma Bardin (2016) é uma das condições necessárias para a formulação das variáveis.

Antes de ser apresentada a tabela final com cada uma das variáveis de análise, considera-se pertinente que seja feita uma descrição pormenorizada sobre cada uma delas. As variáveis serão usadas para analisar as 22 edições do programa “Portugal em Direto” durante o mês de novembro de 2021.

#### **a. Local**

Na primeira variável, considerada de extrema importância, identifica-se o local ou região que teve cobertura mediática. Nesta variável procedeu-se dois tipos diferentes de análise: por NUTS (I, II e III) e pelos 12 distritos de Portugal Continental, Regiões Autónomas dos Açores e Madeira, Nacional<sup>3</sup> e internacional<sup>4</sup>.

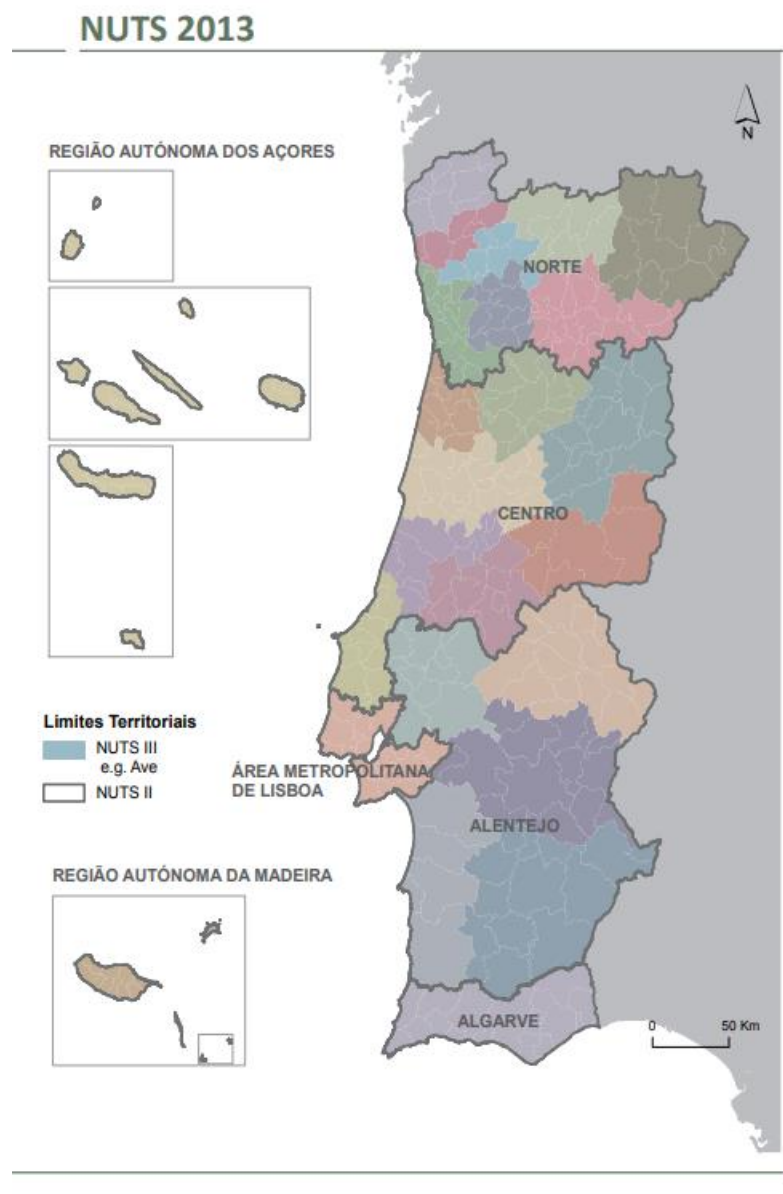
Contextualizando, as NUTS (Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos), criadas pela EUROSTAT com o objetivo de análise estatística para os vários países da União Europeia baseiam-se numa divisão “coerente e estruturada do território económico comunitário” (INE, 2015:3). Neste sentido, as NUTS dividem-se por três categorias de classificação e servem de suporte para a organização da informação regional a nível estatístico (INE, 2015). No caso de Portugal, a NUT I divide o território em Portugal Continental, Região Autónoma dos Açores e

---

<sup>3</sup> Por “Nacional” pretendemos categorizar todas as notícias referentes a todo o país de Portugal e Regiões Autónomas, sem qualquer tipo de especificação.

<sup>4</sup> Por “Internacional” pretendemos categorizar todas as notícias referentes a países de origem estrangeira.

Região Autónoma da Madeira. Quanto à categorização por NUTS II, Portugal é classificado e dividido conforme consta na Imagem 1.



**Imagem 1** – Classificação por NUTS II 2013 segundo o INE 2015 (Instituto Nacional de Estatística)

Relativamente à categorização por NUTS III, Portugal encontra-se dividido e classificado segundo a imagem 2.



**Imagem 2** – Classificação por NUTS III 2013 segundo o INE 2015 (Instituto Nacional de Estatística)

Para a classificação por NUTS foram excluídas as categorizações de nacional e internacional, relativas a todas as notícias respeitantes de uma forma generalizada a Portugal Continental, Regiões Autónomas e países estrangeiros.

## **b. Forma**

Como segunda variável de análise, a *forma* refere-se ao processo de emissão televisiva. Neste sentido, a mesma pode categorizar-se em diferido, misto ou direto. Em primeiro lugar, em *diferido* se a notícia for transmitida de forma gravada, em segundo lugar, em *misto* se a notícia for transmitida através de momentos gravados e momentos em direto, sendo que esta ordem pode ser realizada de forma aleatória, e por último em *direto* quando a própria notícia é transmitida em direto ou ao vivo.

## **c. Tom**

Como terceira variável nesta investigação, consideramos pertinente avaliar o tom presente nas notícias. Por outras palavras, analisar o tom significa compreender se a construção de texto da mesma foi feita de forma *positiva*, *negativa* ou *neutra*. Não se trata, desta forma, de analisar se o assunto presente nas notícias é positivo ou negativo, mas sim compreender a abordagem realizada pelo jornalista quando construiu a notícia. Neste sentido, consideremos, a título de exemplo, uma notícia sobre uma feira gastronómica na Guarda. A notícia pode ter um tom *positivo* se o jornalista se focar no aumento do número de receitas e de reconhecimento cultural que foram resultado da feira gastronómica. Em relação ao tom *negativo*, tal verifica-se se, por exemplo, se o jornalista referir que a feira gastronómica e o acrescido número de pessoas permitiram o aumento de contágios por Covid-19. Por último, o tom *neutro* significa, neste caso, que o relato da feira gastronómica foi feito de uma forma meramente descritiva na qual o jornalista relata os objetivos da feira, a quem se dirige, a sua localização e duração.

## **d. Assunto**

Como quarta variável nesta investigação, consideramos relevante analisar quais são os assuntos de maior relevância na informação regional e comparar a relevância que é dada ao nacional e ao local. Para esta variável, consideramos pertinente dividi-la em 12 categorias: Ciência e Tecnologia, COVID-19, Crime, Cultura Local, Cultura Nacional, Desporto Local, Desporto Nacional, Economia Local, Economia Nacional, Política Local, Política Nacional, Sociedade. De uma forma geral, consideramos pertinente incluir a categoria COVID-19 dada a relevância do tema no período

objeto de análise. Sendo que o programa “Portugal em Direto” apresenta na primeira parte um foco maior a nível nacional consideramos pertinente analisar as várias dinâmicas e medidas de reportagem numa fase onde a situação de calamidade ainda se encontrava em vigor em novembro de 2021, que constitui o nosso *corpus* de análise.

#### **e. Género**

A quinta variável presente nesta investigação refere-se à tipologia de reportagem de uma emissão televisiva. Neste sentido, no caso do programa “Portugal em Direto”, categorizamos esta variável por: *Peça*, *OFF*, *Direto*, *Entrevista*, *Falso Direto* e *excerto de entrevista*.

Em primeiro lugar a *peça* é uma reportagem realizada de forma diferida onde o jornalista e repórter de imagem relatam a notícia com o auxílio de imagens e presença de intervenientes. Por norma, na RTP, as peças de informação devem ter até 1:30 de duração, porém, no caso do programa “Portugal em Direto”, e devido à sua estrutura e organização, a peça não tem a obrigatoriedade de seguir este requisito.

Em segundo lugar, o *OFF* é uma reportagem de curta duração onde a apresentadora relata de forma sucinta a notícia através do auxílio de imagens e sem a presença de intervenientes, no entanto, podem existir exceções a este aspeto caso se verifique necessidade do uso dos mesmos.

Em terceiro lugar, o *direto* representa um género onde uma notícia foi transmitida em direto ou ao vivo.

Em quarto lugar, a *entrevista* é um género que representa uma conversa em direto entre dois intervenientes. No caso do programa “Portugal em Direto”, a apresentadora Dina Aguiar recebe um convidado por programa onde são debatidos os mais variados temas sobre a atualidade nacional ou problemas de ordem social.

Em quinto lugar, o *Falso Direto* ou *Live* como é denominado pelos jornalistas da RTP, é uma particularidade do programa “Portugal em Direto”. Este género representa uma notícia segundo a forma de direto, porém, é uma peça gravada. Por outras palavras, o jornalista relata a notícia como se estivesse em direto, falando sobre o que se encontra à sua volta, no entanto, a reportagem é transmitida em diferido. Segundo a maioria dos jornalistas do “Portugal em Direto”, o objetivo deste género é mostrar aos telespectadores uma reportagem à semelhança de uma visita guiada e ocorre quando a informação a ser transmitida é demasiada para ser condensada numa peça televisiva.

Por último, o *Excerto de Entrevista* representa uma notícia onde ocorre apenas um momento gravado de uma entrevista. Este tipo de género ocorre quando declarações de um determinado interveniente são importantes para serem condensadas numa determinada notícia. A título de exemplo, este tipo de género ocorreu quando especialistas relataram os cuidados a ter durante a pandemia.

#### **f. Tempo**

Como sexta variável desta investigação, o *Tempo* representa a duração de cada peça, direto, falso direto, entrevista, excerto de entrevista ou OFF analisados durante todo o *corpus* de análise. Esta variável é bastante importante na medida em que será possível através dela compreender quanto tempo de cobertura teve cada distrito ou região de Portugal.

#### **g. Interveniente**

Como sétima e última variável desta investigação, o *Interveniente* refere-se a todos os indivíduos entrevistados presentes em todo o *corpus* de análise. Para evitar particularizar cada um dos intervenientes e também para ser mais fácil a sua classificação, procedemos à sua categorização consoante a sua função ou estrato social e ainda por género, criando-se desta forma quatro categorias.

Em primeiro lugar, classificamos como *cidadão local*, intervenientes que sejam produtores de comércio local (feirantes, pescadores, agricultores), residentes locais entre outros. Em segundo lugar, classificamos como *elite local*, intervenientes que representem alto cargo autárquico a nível local como presidentes da câmara municipal, políticos ou médicos locais. Em terceiro lugar, classificamos como *titular de cargo político nacional*, todos os intervenientes que representam alto cargo autárquico a nível nacional como o presidente da república ou os ministros de Portugal. Por último, classificamos como *represente de ordem profissional*, intervenientes como representantes de sindicatos profissionais ou bastonários de ordens profissionais.

Nesta análise foi ainda feita uma separação por género entre intervenientes de sexo masculino e sexo feminino, de forma a podermos analisar e responder à hipótese 1, previamente referida neste relatório.

De uma forma geral, todos os intervenientes são categorizados conforme o que representam para a sociedade na qual estão inseridos.

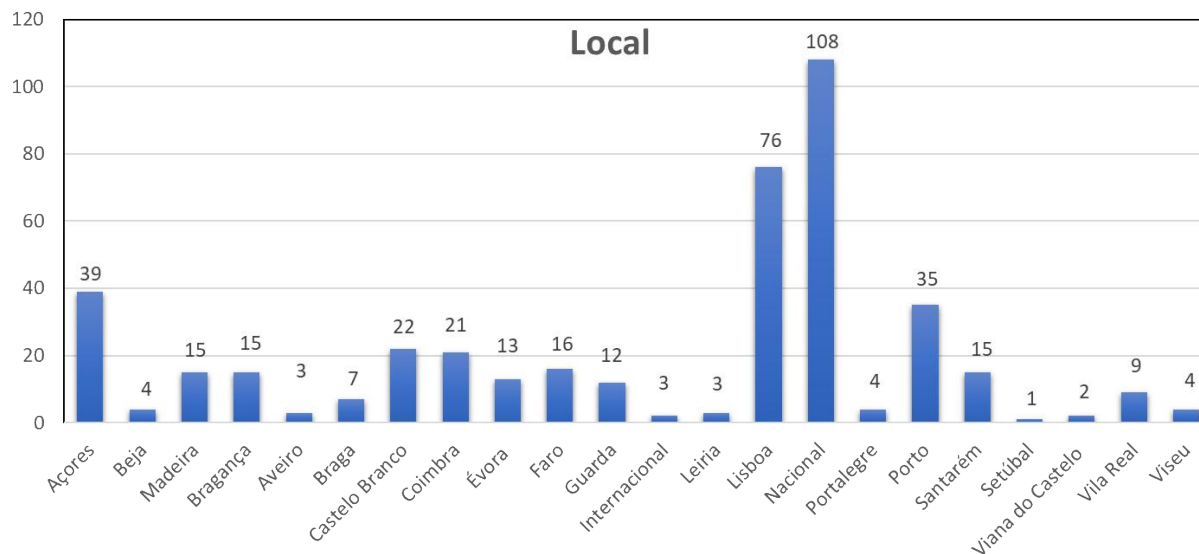
<b>a) Local</b>	Classificação pelos 12 Distritos, Regiões Autónomas Nacional, Internacional e NUTS I, II E III
<b>b) Forma</b>	Diferido / Misto / Direto
<b>c) Tom</b>	Positivo / Neutro / Negativo
<b>d) Assunto</b>	Ciência e Tecnologia / COVID-19 / Crime / Cultura Local / Cultura Nacional / Desporto Nacional / Desporto Local / Economia Nacional / Economia Local / Política Local/ Política Nacional e Sociedade
<b>e) Género</b>	Peça / Direto / Entrevista / Falso Direto / OFF / Excerto de Entrevista
<b>f) Tempo</b>	Duração de cada Notícia
<b>g) Interveniente</b>	Cidadão Local / Elite Local / Representante de Ordem Profissional / Titular de Cargo Político Nacional  Género Masculino ou Feminino

**Tabela 1** – Grelha de Variáveis da Análise do programa “Portugal em Direto”

## Capítulo 5 – A Análise do Programa “Portugal em Direto” no mês de novembro de 2021

### 5.1. Análise e Verificação de Resultados

Neste capítulo, serão apresentados os resultados da aplicação de todas as variáveis de análise, como explicitámos no subcapítulo anterior através da tabela 1. Neste subcapítulo serão confrontadas as seis hipóteses formuladas mediante os resultados obtidos.



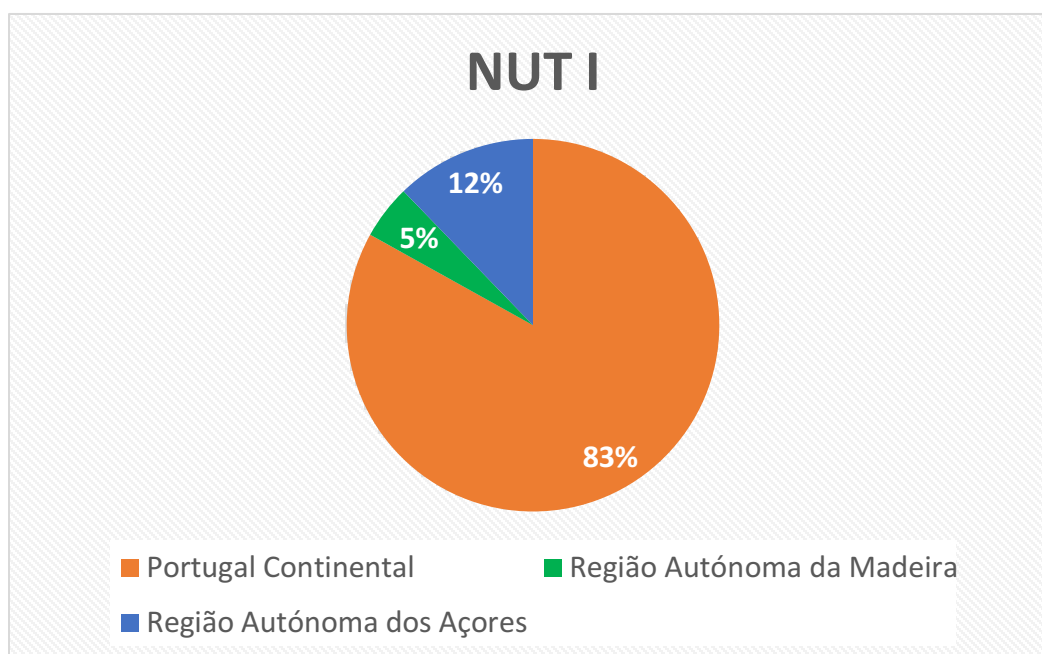
**Gráfico 1** – Representação da Variável *Local* no total de 427 notícias analisadas do programa “Portugal em Direto”

Relativamente ao local, podemos verificar que no total das 427 notícias analisadas, o nacional foi a categoria que mais se destacou com um total de 108 notícias, o que equivale a 26% das notícias emitidas no programa no período em análise.

Em segundo e terceiro lugar, verificamos que o distrito de Lisboa e a Região Autónoma dos Açores tiveram maior cobertura noticiosa, na qual Lisboa teve um total de 76 notícias (17%) e os Açores

um total de 39 (9%). Por conseguinte, o distrito que teve menor cobertura noticiosa foi Setúbal com apenas 1 notícia registada.

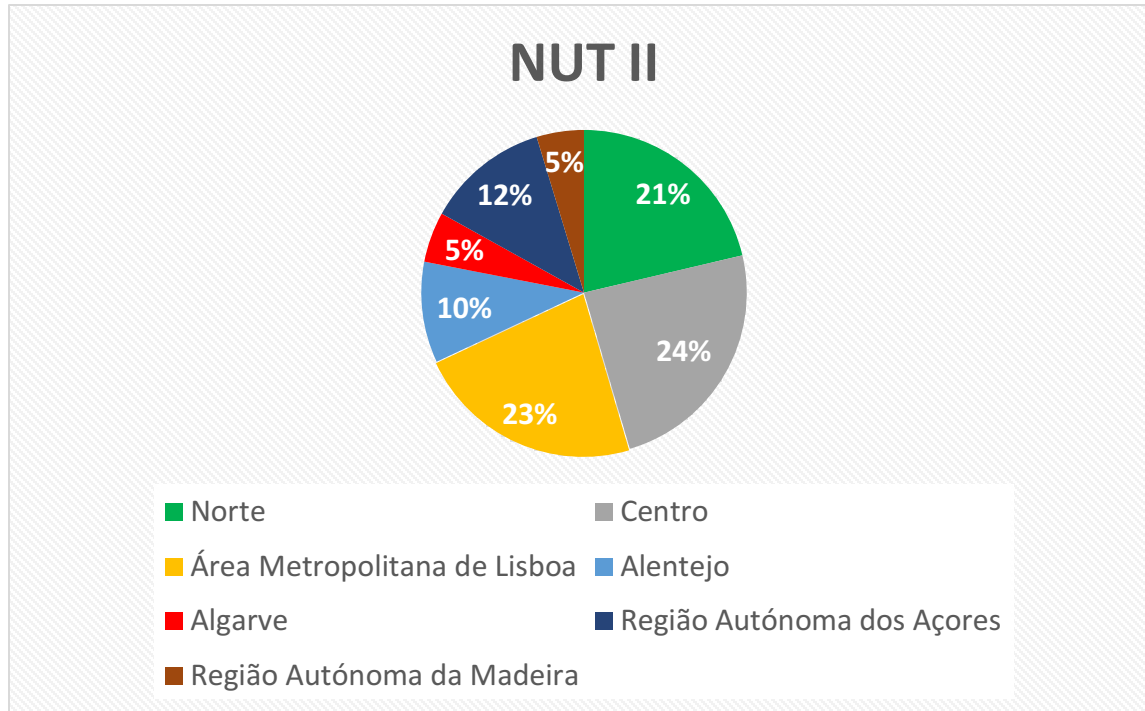
Nos gráficos seguintes, iremos apresentar os resultados referentes à classificação pelas NUTS I, II e III respetivamente. Para esta análise em específico excluimos as notícias de nacional e internacional devido ao facto de não se constituírem como uma região NUT, reduzindo assim o universo para um total de 316 notícias.



**Gráfico 2** – Representação da variável *Local* por percentagem na classificação por NUT I

Relativamente ao gráfico 2, é possível verificar os resultados referentes à classificação por NUT I nos 22 programas do “Portugal em Direto” analisados.

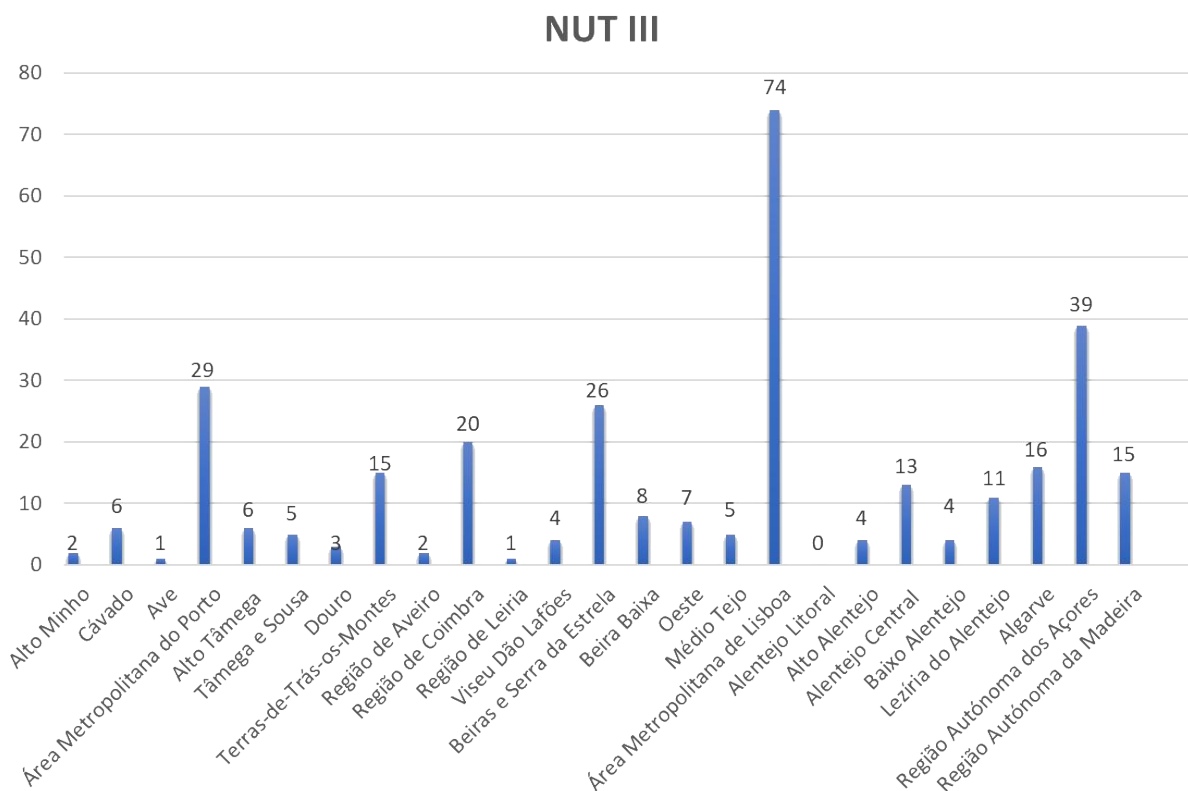
Por conseguinte, verificamos na variável NUT I que Portugal continental teve uma maior cobertura noticiosa de 83 %, o equivalente a um total de 265 notícias. Quanto à categoria que teve menor representação pela NUT I, destacamos a Região Autónoma da Madeira que teve uma representação de apenas 5% no universo total analisado, o que equivale a 15 notícias.



**Gráfico 3** – Representação da Variável *Local* por percentagem na classificação por NUT II

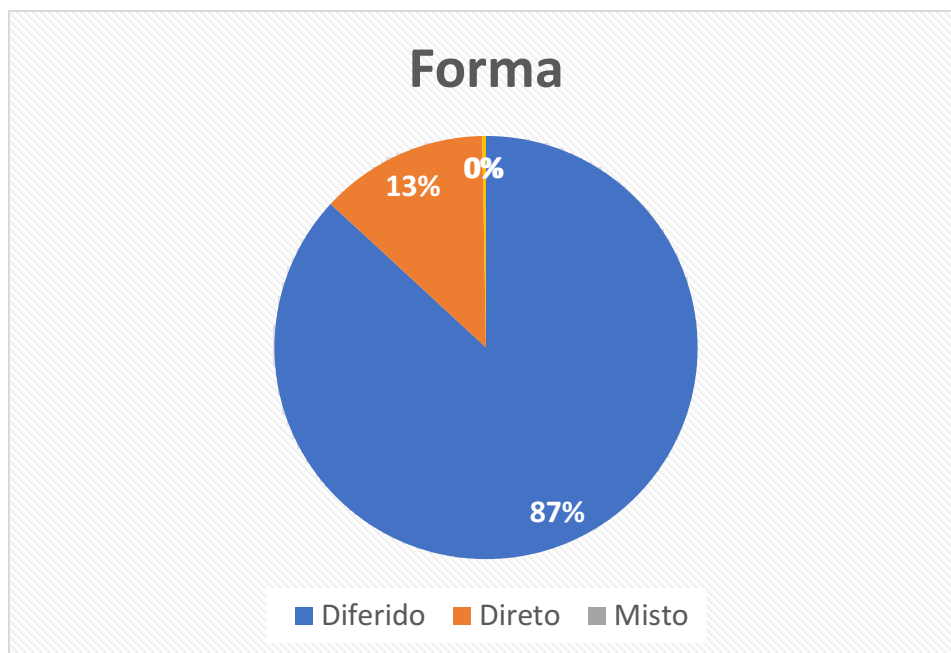
No gráfico 3, é possível verificar-se a variável *Local* através da classificação por NUT II, no total de 316 notícias analisadas. Em primeiro lugar, a categoria que se destaca mais nesta classificação é o centro com 24%, o equivalente a um total de 77 notícias. Em segundo lugar, é possível verificar uma distribuição quase igualitária entre as representações da área metropolitana de Lisboa (23%) e norte (21%), sendo que foram emitidas 72 notícias sobre a região de Lisboa e 68 notícias sobre o Norte.

Por último, as regiões que tiveram menos destaque nesta classificação foram o Algarve (5%) e a Madeira (5%), nas quais o Algarve teve 16 notícias emitidas e a Madeira teve 15.



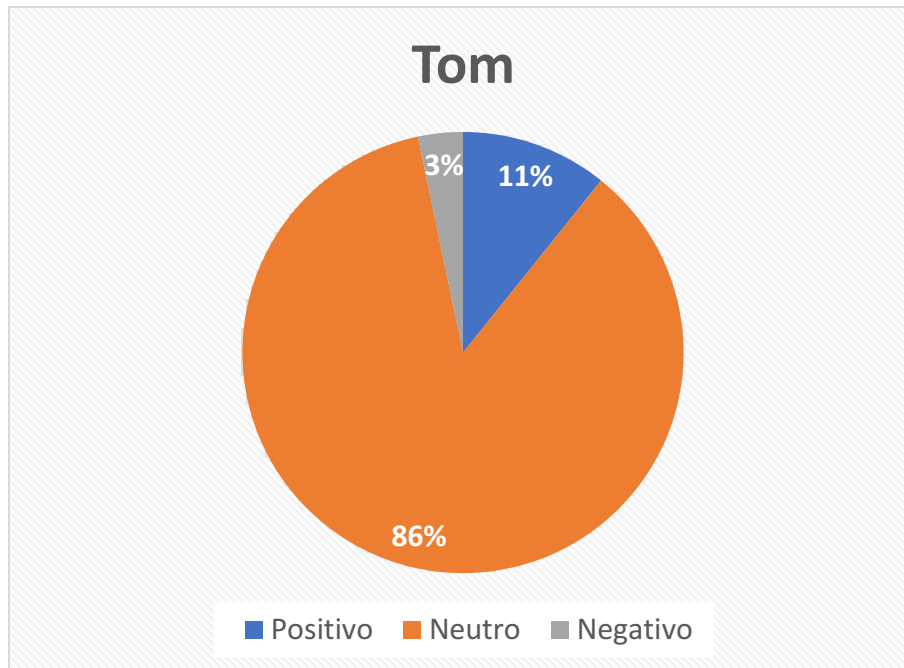
**Gráfico 4** – Representação da Variável *Local* na classificação por NUT III

De acordo com o gráfico 4, a divisão por NUT III representa em si a divisão do território português em 25 regiões. Neste gráfico, verifica-se que a categoria que teve maior representação foi a área metropolitana de Lisboa com um total de 74 notícias analisadas (25%). Posteriormente, em segundo lugar, segue-se a Região Autónoma dos Açores com um total de 39 notícias analisadas, o equivalente, em termos percentuais, a um total de 13% das notícias emitidas. Por conseguinte, a região que teve menos representação segundo a classificação por NUT III foi a região do Alentejo Litoral onde não se verificou nenhuma notícia sobre esta região no período de análise.



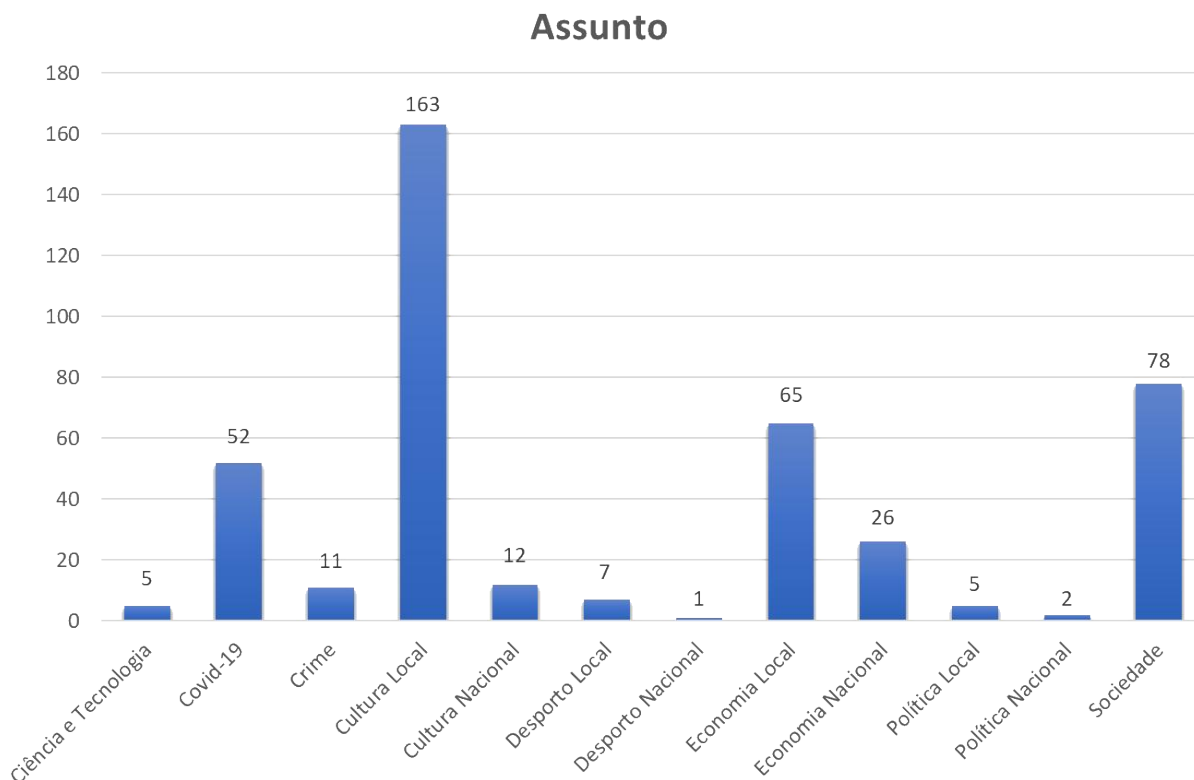
**Gráfico 5** – Representação da Variável *Forma* por percentagem no total dos 22 programas do “Portugal em Direto”

Relativamente à *Forma* das notícias, verificamos que o meio mais utilizado foi o diferido (87%). Já a forma de direto, isto é, notícias que foram transmitidas ao vivo, registou-se uma menor ocorrência (13%) num total de 55 diretos. No universo das 427 notícias analisadas, não se verificou nenhum caso de forma mista, ou seja, notícias onde existisse a ocorrência de direto e diferido em simultâneo.



**Gráfico 6** – Representação da Variável *Tom* por percentagem no total dos 22 programas do “Portugal em Direto”

Quanto à variável *Tom* que, como explicitámos, analisa a linguagem adotada pelo jornalista na construção das notícias, é possível analisar os resultados de cada categoria como é demonstrado no gráfico 6. Deste modo, verificamos que num total de 427 notícias, o tom neutro (86%) foi o mais usado. Por outras palavras, nas notícias analisadas existiu um maior foco na descrição das mesmas inexistindo qualquer expressão de adjetivação. Em contrapartida, o tom negativo (3%) foi o menos usado, sendo que a sua ocorrência se verificou em apenas 14 notícias.

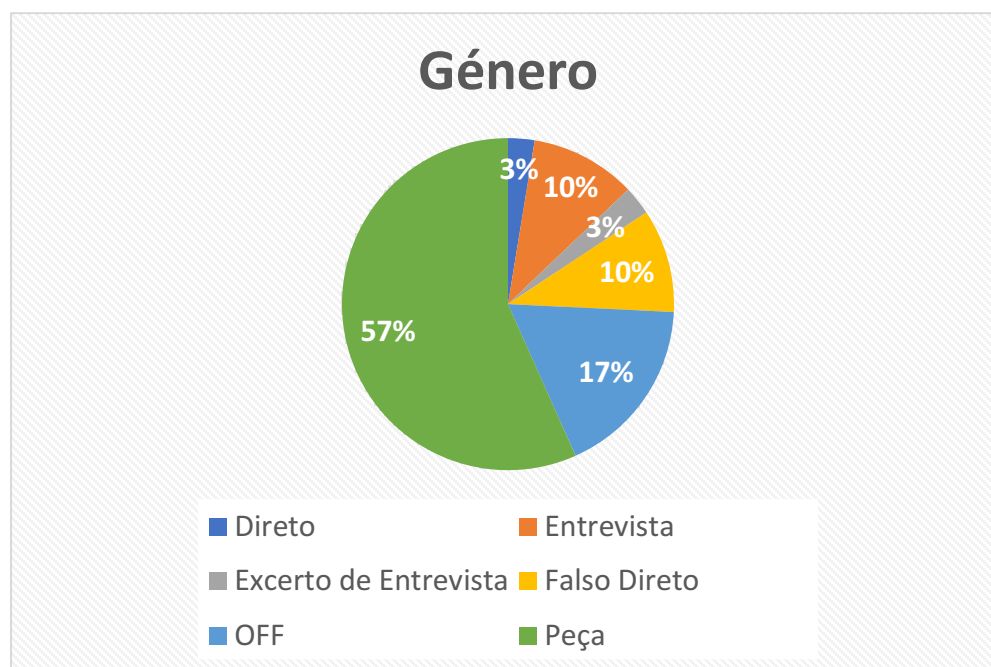


**Gráfico 7** – Representação da variável *Assunto* no total dos 22 programas do “Portugal em Direto”

Quanto à variável *Assunto*, que consideramos como uma das mais importantes, é representada como consta no gráfico 7. Como referido anteriormente, procedeu-se à separação entre categorias nacionais e locais de modo a poder-se averiguar qual é a importância dada a cada uma.

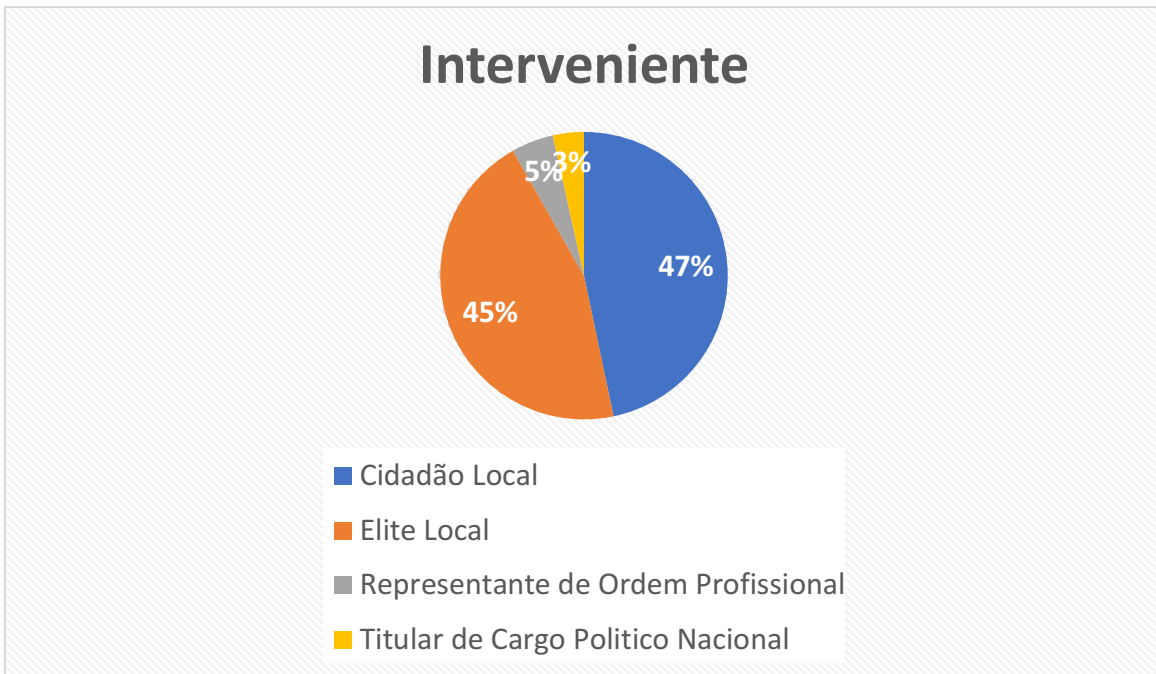
Neste sentido, verificamos que a categoria mais noticiada durante o mês de novembro de 2021 foi a cultura local com um total de 163 notícias (38%). A categoria de cultura local representa, neste caso, todas as notícias referentes a espetáculos locais, feiras gastronómicas e artesanais entre outro tipo de festividades. Em segundo lugar, convém destacar a categoria de sociedade (18%), que teve 78 notícias associadas e que representa notícias como problemas de ordem local, políticas ambientais ou problemas nos hospitais, ou seja, todas as principais necessidades das comunidades locais. Destacamos também a relevância dada à pandemia COVID-19 (12%), que, a seguir a economia local, foi a quarta categoria com maior relevância com um total de 52 notícias. Por

último, a categoria que se destacou menos foi o desporto nacional com apenas uma notícia referente ao distrito de Faro sobre o estágio da seleção feminina de Futebol e a sua preparação para o campeonato mundial.

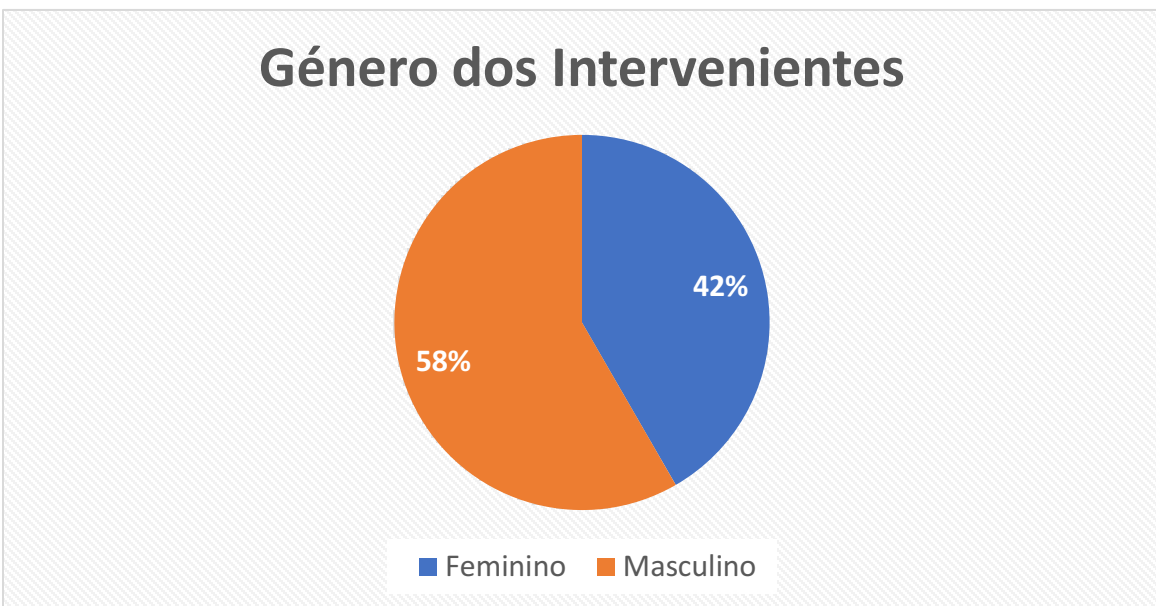


**Gráfico 8** – Representação da variável *Género* no total dos 22 programas do “Portugal em Direto”

Relativamente à variável *Género*, é possível verificar a divisão pelas suas tipologias como consta no gráfico 8. Neste caso, é possível verificar que o género peça (57%) foi o mais usado para fazer a cobertura mediática das regiões portuguesas. Já, em último lugar, destacamos as categorias de direto e excertos de entrevista (3%).



**Gráfico 9** – Representação da variável *Interveniente* no total dos 22 programas do “Portugal em Direto”

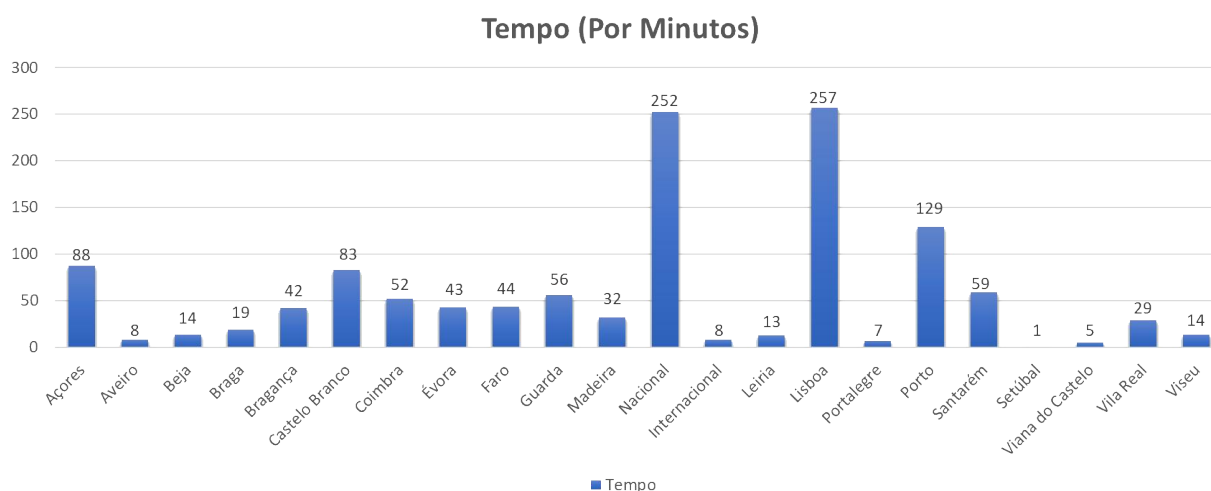


**Gráfico 10** – Representação da categoria Género de Interveniente da variável *Interveniente* no total dos 22 programas do “Portugal em Direto”

Quanto à variável *Interveniente* pretendemos analisá-la a partir de dois gráficos diferentes. O gráfico 9 representa os resultados da análise de conteúdo referente às categorias de cidadão local, elite local, representante de ordem profissional e titular de cargo político nacional e o gráfico 10 representa os resultados da análise de conteúdo referente ao género dos intervenientes. Este último gráfico visa confirmar a veracidade da hipótese 1.

Deste modo, verificamos que, no gráfico 9, o cidadão local (47%) foi o interveniente mais entrevistado durante os 22 programas do “Portugal em Direto” e durante todo o mês de novembro. De uma forma geral, como vimos anteriormente, esta categoria representa pessoas locais como agricultores, produtores, feirantes, entre outros. Já o titular de cargo político nacional, referente a detentores de cargos públicos eleitos, foi a categoria com menos representação nesta variável com um equivalente a um total de 36 intervenientes entrevistados.

Relativamente ao género dos intervenientes, observamos que o sexo masculino foi o mais entrevistado, com 602 indivíduos entrevistados.



**Gráfico 11** – Representação da variável *Tempo* no total dos 22 programas do “Portugal em Direto”

No gráfico 11 é apresentada a variável *Tempo* que representa o total de minutos de cobertura mediática dedicados a cada distrito e região. Neste sentido, os vários tempos foram quantificados em minutos para efeitos de análise.

De uma forma geral, nesta variável registou-se um total de 257 minutos dedicados ao distrito de Lisboa, o equivalente a 4 horas, 17 minutos e 54 segundos seguido pela categoria nacional que registou aproximadamente 252 minutos e 18 segundos o equivalente a 4 horas e 20 minutos de cobertura. Neste sentido, o distrito de Setúbal foi o que teve menos cobertura a nível temporal, com um total 1 minuto de 11 segundos de cobertura mediática.

## 5.2. Discussão dos dados obtidos

Através dos dados obtidos na análise de conteúdo das 22 edições do programa “Portugal em Direto”, durante o mês de novembro de 2021, é possível retirarmos conclusões e procedermos à verificação das hipóteses que formulámos no início desta investigação.

Começando pela primeira hipótese proposta, a hipótese 1 (*No que toca ao género e à seleção das fontes no programa “Portugal em Direto”, os homens são usados com maior frequência do que as mulheres* (Grabe et al., 1999; WACC, 2000) é possível concluir que esta se valida (*vide* Gráfico 10). No total das 427 notícias referentes às 22 edições do programa analisadas durante o mês de novembro ocorreu o aparecimento de 602 intervenientes pertencentes ao género masculino contra 430 intervenientes do género feminino. Durante a investigação, não conseguimos encontrar nenhuma explicação plausível para este facto, porém consideramos que os dados poderiam ser diferentes se se procedesse à análise de um mês diferente. De uma forma geral, poderemos afirmar que no mês de novembro o género masculino esteve mais presente nas notícias, porém os dados poderão ser outros se a investigação do programa for feita de forma anual. Deixamos esta questão para futuras investigações.

Relativamente à segunda hipótese proposta, a hipótese 2 (*O programa Portugal em Direto” serve apenas as elites locais* (Nielsen,2015), concluímos que esta não se valida (*vide* Gráfico 9). Neste sentido, o programa “Portugal em Direto” tenta, de uma forma geral, que diferentes estratos da população estejam representados. No gráfico 9, observámos que os valores de cidadão local e elite local estão quase iguais, o que demonstra que durante o mês de novembro de 2021 foi possível verificar-se esse balanceamento na representação. Neste sentido, são vários os jornalistas que defendem que os cidadãos locais devem assumir uma maior importância relativamente às elites locais, porém não quer dizer que estas últimas não devam estar presentes. Por exemplo, observámos que, no caso da jornalista Filipa Marques Henriques (*vide* Apêndice 2.8), a mesma opta por entrevistar em primeiro lugar os cidadãos locais devido ao facto de estes serem as pessoas

que mais estão em contacto com o acontecimento a ser coberto pelos jornalistas do que as elites locais:

“(…) eu já fiz várias reportagens sobre novos acessos, portanto “novo troço da A5 em Cascais” quem é que aparece em primeiro na peça? Os automobilistas... eu vou tentar entrevistar automobilistas a perguntar: “então o que é que acha deste novo acesso? Ah é assim olhe, isto vai facilitar imenso a minha vida porque poupo aqui 15 minutos no trânsito”. Pronto, estas pessoas são as primeiras a falar se eu conseguir ter os testemunhos delas só depois fala o responsável da iniciativa.” (P4, EIII, p.1)

Por outras palavras, segundo Filipa Marques Henriques, o processo de produção de notícias é bastante subjetivo, ou seja, cabe ao jornalista escolher a ordem dos intervenientes que devem constar na notícia. Esta visão é também partilhada pelo jornalista da delegação regional de Castelo Branco (*vide* Apêndice 2.18). António Nunes Farias afirma que um jornalista deve ser o advogado do povo ou então um intermediário que vincule as duas fontes:

“(…) nós tivemos aqui um coordenador conhecido em Castelo Branco e é conhecido na Comunicação Social que foi o José Manuel Barata Feyo que dizia que ser jornalista é uma espécie de advogado do povo e eu por acaso vou um bocado por aí. Nós, de alguma forma, não é uma questão de queixinhas que o povo do interior fala muito baixinho ou não tem voz suficiente para chegar aos grandes decisores, mas nós somos um bocadinho o intermeio de tudo isso. Não direi um intermediário, mas alguém que põe as pessoas a falar que de outra forma não se ouviria e esse é o trabalho que nós fazemos que, de alguma forma, eu penso... temos vindo a rentabilizar da melhor maneira quer para o trabalho que é nosso, quer para a empresa... o desiderato que falávamos desde o início ... o serviço público.” (P4, EVII, p.2)

Concluindo, de acordo com os entrevistados, na notícia é importante que estejam presentes os cidadãos locais e as elites locais, no entanto, a importância está na ordem dos intervenientes, ou seja, os jornalistas do “Portugal em Direto” defendem que, em primeiro lugar, devem aparecer os cidadãos locais e só depois as elites. No âmbito do nacional, observámos que a sua representação

foi muito pouco significativa, o que se deve pelo facto de o programa “Portugal em Direto” ter apenas a sua primeira parte dedicada ao nacional, neste caso, à pandemia COVID-19.

Relativamente à terceira hipótese formulada, a hipótese 3 (*O programa “Portugal em Direto” relata apenas conflitos e representa a dispersão do jornalismo* (Le com & Domingo, 2015), constatamos que esta não se valida por duas razões. Em primeiro lugar, verificamos que no gráfico sobre a variável *Assunto* (*vide* Gráfico 7), o assunto que teve mais cobertura foi a cultura local, tendo a categoria de Sociedade muito menos relevância no programa, apesar de ser aquela na qual se incluem as notícias sobre os conflitos locais. Neste sentido, podemos concluir que o programa “Portugal em Direto” aposta na promoção de eventos culturais a nível local. Em segundo lugar, apesar de esta categoria ser defendida por ambos os coordenadores, a mesma não é posta em igual grau de importância. Por outras palavras, a coordenadora Filipa Costa (*vide* Apêndice 2.2) defende que no programa “Portugal em Direto”, para além dos conflitos sociais e da saúde, devem constar notícias que os próprios telespectadores apreciem, ou seja, no seu parecer, eventos de artesanato ou feiras gastronómicas:

“Para o nosso público-alvo os temas de maior relevância são os temas regionais, ou seja, problemas que estejam a acontecer em determinadas zonas do país, portanto são problemas que dizem muito às pessoas que lá vivem, depois problemas de saúde nomeadamente como está o acesso à saúde. [...] Depois temos também a parte da produção, ou seja, como está o mercado de trabalho ou o mercado laboral na área, os problemas das fábricas ... se fecham ou se abrem, se abrem novos negócios, ou seja, como é que está a economia local porque também temos de dar esse ponto de vista porque as pessoas gostam de saber como é que está o emprego ou o nível de emprego. A cultura, nós vamos muito em termos de museus portanto dar a conhecer o que é que todas as terras têm em termos culturais em termos de museus, de teatro local, também damos muito relevo e destaque a nível cultural em termos de música como jovens músicos ou concertos etc. Portanto tudo com âmbito regional e também muito artesanato porque as pessoas gostam muito de conhecer a parte do artesanato, ou seja, dar a conhecer os artesãos, jovens artesãos ou outros artesãos que ainda lá estão e que ainda preservam determinadas tradições que podem estar em risco de se perder” (P8, EI, pp 1-2).

Por outro lado, o coordenador Fernando Miravent (*vide* Apêndice 2.4) esclarece que é importante que o “Portugal em Direto”, sendo na sua base um telejornal, deve apostar em primeiro lugar em conteúdos de atualidade nacional e que ajudem as pessoas e deve apostar na promoção de iniciativas sociais e posteriormente apostar na promoção de museus ou eventos culturais:

“Eu acho que o “Portugal em Direto” deve ter uma grande preocupação com os assuntos de ordem social, dar assistência às pessoas, do combate ao isolamento, de produção dos cuidados de saúde ... das ações que se desenvolvem para que a saúde vá ao encontro das pessoas ... notícias novas também sobre o esclarecimento de novos tratamentos sobre determinados problemas de saúde e isso é muito importante. [...] Para mim, é importante relatar os problemas, mas também toda a atividade de dinamização da indústria que na região tem maior impacto...” [...] também deve haver espaço para outro tipo de assuntos que não são de premência noticiosa mas que estão a acontecer ou que refletem uma determinada situação cultural, na área da música, no que toca a instituições ou museus com projetos de novas exposições ... no fundo é um jornal e portanto temos as coisas que são a atualidade do dia, as coisas que têm a haver com as aflições do momento que estamos a atravessar e depois as outras coisas que também estão a acontecer e que devem ganhar espaço” (P8, EII, pp.1-2).

De uma forma geral, ambos os coordenadores afirmam que a presença da cultura local é uma premissa importante para a existência do “Portugal em Direto”. Desta forma, o programa não se dedica exclusivamente aos conflitos locais, mas também à promoção de atividades locais culturais e ao desenvolvimento da indústria e da economia locais.

Quanto à quarta hipótese formulada, a hipótese 4 (*O programa “Portugal em Direto” serve uma faixa etária mais elevada*), verificamos que a mesma se valida, apesar de já existirem indícios de que o programa tem audiências de uma faixa etária mais baixa como afirmam os coordenadores do programa:

“Hoje em dia o nosso *target* sobretudo é pessoas a partir dos 40 para cima, geralmente mais do interior do que do litoral [...] mas o nosso público também se tem, derivado do nosso *feedback*, diversificado. Muitas vezes temos jovens a procurar-nos, porque gostaram imenso de uma reportagem, temos pessoas desde as mais variadas faixas etárias e dos mais variados estratos sociais, com todo o tipo de habilitações literárias” (P19, EI, p.1 e 2).

“O público, por excelência, do “Portugal em Direto” é um público a partir dos 40, 50 ou 60 anos. Normalmente é um público com um pouco mais de idade, mas dadas as audiências que temos, obviamente que é um público que tem todo o interior como das linhas metropolitanas e de todo o litoral” (P15, EII, p.1).

Neste sentido, verificamos que o público do “Portugal em Direto” ainda se mantém numa faixa etária elevada, porém, segundo a coordenadora Filipa Costa, estes dados podem mudar devido às alterações nos números das audiências. Por outro lado, o público-alvo do programa também se diversifica geograficamente, não existindo apenas audiências do interior do país ou do litoral. De qualquer forma, para podermos comprovar esta hipótese sem qualquer margem de dúvida, teríamos de realizar uma análise às audiências e à forma como estas se relacionam com o próprio programa, sendo esta uma investigação que se poderá deixar para o futuro.

Relativamente à quinta hipótese formulada, a hipótese 5 (*O programa “Portugal em Direto” é dependente das notícias das delegações*), esta é válida e consideramos de extrema relevância para esta investigação. O programa “Portugal em Direto” tem por base a informação de tónica regional através do jornalismo de proximidade. Neste sentido, as suas notícias dependem dos jornalistas que trabalham nas delegações regionais, pois têm contacto com o público que reside nas localidades e sabem de antemão o que de melhor ocorre quer a nível cultural e social, quer a nível da economia local. Esta realidade é explicada tanto pelos coordenadores do programa como também pelos jornalistas das delegações regionais:

“A nível nacional, nós vemos todas as editorias que fazem parte da redação da RTP, o que é que elas estão a tratar, o que é que importa e interessa ao “Portugal em Direto”, portanto eu vou ali buscar uma série de notícias a nível nacional. A nível regional é na zona de Lisboa, onde está a redação de Lisboa, que nós escolhemos os temas, vemos o que há em termos noticiosos, o que é que nos interessa mais para a parte regional e depois nos centros de emissão regional espalhados pelo país, cada centro tem um coordenador e nós falamos com os coordenadores. [...] Eles próprios como estão mais próximos das suas regiões tem conhecimento mais privilegiado do que nós aqui em Lisboa e propõem-nos diariamente” (P3, EI, p.1-2).

“Com as coisas que vão acontecendo, com a agenda, com o que nos chega também das nossas delegações... os nossos colegas, com os quais procuramos estabelecer contacto todos os dias, e saber o que é que têm, ou então coisas que nós já planeámos com eles, já sabemos que vão acontecer e que eles têm oportunidade de ir fazer reportagem ou direto e então nós aproveitamos, e então isso parte de toda uma dinâmica que procuramos ter na medida do possível com os colegas das delegações” (P2, EII, p.2).

“(...) a maioria das vezes somos nós que temos a iniciativa de sugerir reportagens porque dominamos melhor a atualidade da nossa região e as características da nossa região depois há vezes também, em que eles próprios encontram assuntos de reportagem sobre o Algarve e fazem essa proposta” (P1, EVIII, p.1).

“Das duas maneiras. Tem corredores nos dois sentidos, nós sugerimos coisas e eles pedem-nos coisas” (P1, EIX, p.1).

A partir destas afirmações, reparamos que a dependência do programa “Portugal em Direto” nas delegações regionais é clara. A relação entre coordenadores e jornalistas das delegações baseia-se nas práticas do jornalismo de proximidade, pois os jornalistas, como residem nas áreas nas quais fazem cobertura, acabam por ser mais práticos na produção de notícias dessas mesmas localidades. De uma forma geral, como reparámos, os coordenadores podem ver o que está a ocorrer nas regiões

e contactar as delegações ou pode haver o inverso, como é no caso da delegação de Faro, na qual a maior parte das vezes são os próprios jornalistas da delegação a sugerir temas ou notícias para serem transmitidas no programa “Portugal em Direto”. Concluimos, desta forma, que o programa “Portugal em Direto” se baseia não só nas notícias produzidas pelos jornalistas da editoria em Lisboa, mas antes depende fortemente das notícias produzidas pelos jornalistas das delegações regionais.

Por último, a sexta hipótese formulada, a hipótese 6 (*Lisboa e Porto são as regiões com maior representação nos programas de informação*) considera-se válida apenas para a cidade de Lisboa. Como verificámos no capítulo anterior, a cidade de Lisboa teve maior tempo de cobertura (*vide* Gráfico 11) e maior representatividade na variável *Local* (*vide* Gráfico 1) e *NUT III* (*vide* Gráfico 4). Já o Porto teve menor representação em todos os gráficos mencionados anteriormente. Consideramos relevante mencionar que os Açores tiveram maior representação do que o Porto nos gráficos da variável *Local* e *NUT III*. De uma forma geral, notamos que tanto na variável *Tempo* como na variável *Local*, a assimetria na representação das regiões é bastante evidente. Segundo os coordenadores este cenário revela-se como o principal problema do programa “Portugal em Direto”:

“Nos meus alinhamentos, eu tento que todo o país esteja representado de forma equitativa. Atualmente, dado o panorama dos nossos centros de emissão regional, isso não é possível. Porque estamos com poucas pessoas, para fazer e cobrir todo o país, e esse é atualmente o grande problema do “Portugal em Direto” (P.13, EI, p.1).

(...) como há muitas vicissitudes e há delegações que não têm o número que deveriam ter de elementos e, por vezes, há regiões que têm uma cobertura deficiente...” (P10, EII, p.1).

Neste sentido, segundo o parecer dos coordenadores, a maioria das delegações regionais apresenta falta de recursos humanos e também falta de material. Este problema é também partilhado pelos jornalistas das várias delegações regionais entrevistados no âmbito desta investigação (Castelo

Branco, Faro e Évora). Iremos, neste sentido, elencar os problemas das delegações regionais, começando pelo caso da delegação de Castelo Branco:

“Adaptamo-nos e também não fazemos tantos diretos porque também tecnicamente não é possível por uma razão muito simples. Nós para Castelo Branco e para a Guarda temos apenas um *live view* para fazer os diretos, então a forma de ... não é aldrabar, mas a forma de contornar essa ausência de mais um aparelho, esse aparelho podia ficar na Guarda e o outro em Castelo Branco e portanto quer um distrito quer o outro distrito estariam devidamente cobertos para se fazer diretos onde fosse necessário fazer mas isso não acontece e posso dizer, quando a minha equipa da Guarda precisa de um *live view*, nós temos de ir deixar o *live view* à Covilhã para eles irem lá buscá-lo porque temos um *live view* para três equipas...” (P7, EVII, p.1).

Segundo o jornalista António Nunes Farias, reparamos que para além da falta de recursos humanos, um dos grandes problemas da sua delegação passa pela ausência de material de reportagem o que pode condicionar a representação das regiões de Castelo Branco e da Guarda.

Por outro lado, o caso da delegação de Évora reflete, de igual forma, este cenário:

“Nós aqui temos uma particularidade, temos uma região muito grande em termos de área geográfica. O Alentejo é um terço do país e nós temos que chegar aos três distritos. Não cobrimos por completo, os três distritos ... há ali as franjas do baixo Alentejo, alto Alentejo que ficam para a zona de Castelo Branco, para o Algarve e para Lisboa, mas ainda assim temos uma área geográfica muito grande. Nós quando saímos em reportagem nunca temos menos do que 2 horas de viagem ida e volta...” (P7, EIX, p.1).

“(...) se tivesse mais uma equipa de reportagem comigo aqui na zona a tempo inteiro acredito que fosse mais bem representado porque era mais fácil ir porque... eu sozinha não consigo estar em dois sítios ao mesmo tempo, não consigo chegar a tudo e o outro colega que faz televisão aqui comigo, faz televisão e rádio e portanto, a prioridade dele é a rádio, depois dá

uma ajuda na televisão e isso faz com que a coisa se torne mais difícil porque a área é muito grande porque, como já disse, as viagens são muito longas e, portanto, não é fácil chegar...” (P11,EIX,p.1).

No caso de Évora, segundo o parecer da jornalista Teresa Marques, observamos que os grandes problemas da delegação regional de Évora são a falta de recursos humanos e ainda as dificuldades de acesso e transporte.

De uma forma geral, concluímos, através das afirmações dos vários jornalistas das delegações regionais, que a assimetria na representação das regiões portuguesas deve-se sobretudo à falta de recursos humanos.

## Conclusão

Nesta investigação respondemos à questão de partida: *De que forma as regiões portuguesas são representadas no programa “Portugal em Direto” do Canal RTP 1?* o que nos levou à formulação de hipóteses e objetivos de investigação que nos auxiliaram na retirada de conclusões sobre a forma como o programa “Portugal em Direto” faz a representação das regiões e se a mesma é feita de forma simétrica.

Durante a investigação, e consoante os vários objetivos, foram criadas variáveis de análise que foram codificadas e que nos permitiram retirar conclusões sobre as hipóteses que tinham sido formuladas. Podemos, desta forma, concluir que a representação que o programa “Portugal em Direto” faz sobre as regiões portuguesas, inclusive as Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, é assimétrica e insuficiente. Ao longo da investigação, podemos verificar que as várias delegações regionais apresentam problemas a nível de recursos humanos que necessitam de ser resolvidos, o que passa também pela resolução dos problemas de ordem estrutural e financeiro que afetam a RTP desde 1992. De uma forma geral, o programa aposta nas reportagens de peça e falsos diretos para a cobertura das regiões, o que permite aos jornalistas fazer um acompanhamento mais próximo dos temas e ainda explorar todas as vertentes da notícia, proporcionando assim mais espaço e tempo não só à região que está a ser alvo de cobertura, mas também à promoção das atividades que são produzidas pelos cidadãos e elites locais como afirma Gerbaud: “Contar a vida, é mostrar que nos interessamos pelas pessoas, que temos respeito pelo que fazem e pelo que dizem” (Gerbaud,1996:10-16).

Neste sentido, o objetivo do programa “Portugal em Direto” é, de uma forma geral, representar e promover a cultura e economia nacionais e locais e tentar, de uma forma igualitária, chegar a todas as regiões portuguesas. No entanto, este objetivo último só poderá ser cumprido quando as delegações regionais apresentarem mais meios para a produção de notícias. No nosso parecer, só desta forma as regiões portuguesas poderão ter destaque nos programas de informação. O parecer do jornalista da delegação de Faro representa bem este cenário:

“Como é que as coisas funcionam agora? O que funciona agora é que o Telejornal e o Jornal da Tarde são, digamos, o repositório de tudo aquilo que se passa em Lisboa e na área metropolitana do Porto e o “Portugal em Direto”, pronto, é o que se passa no Algarve, nos Alentejo Alto e Baixo, nas Beiras... nas três, em Trás-os-Montes e nas ilhas e no Ribatejo. Eu sou absolutamente contra esta lógica porque eu não sou nem menos português nem menos jornalista, mas, sobretudo, não sou menos português por estar no Algarve. Na minha região acontecem pequenos e grandes factos, não acontecem só factos pequenos e, nesse sentido, tenho algumas divergências com aquilo que é... com aquilo em que o “Portugal em Direto” se transformou (P5, EVIII, p.3).

Porém, apesar destas fragilidades, o programa “Portugal em Direto” é um programa que, dependendo diariamente da produção e apresentação de notícias por parte de toda uma equipa de coordenadores, jornalistas e de uma das apresentadoras com mais tempo de antena, Dina Aguiar, é um programa que é fortemente apreciado pelo público que o segue. De uma forma geral, também pretendemos deixar claro que continua a ser uma necessidade em Portugal debater o conceito de serviço público. Consideramos de extrema importância ponderar a perspetiva defendida pela Comissão Europeia, segundo a qual o serviço público deve apostar em conteúdos que sejam diferenciadores e educativos.

De uma forma geral e respondendo à questão inicial de partida, concluímos que as regiões portuguesas são representadas pelo programa “Portugal em Direto” em primeiro lugar, através do uso de peças. Segundo os dados presentes neste relatório, averiguámos que cerca de 57% das 427 notícias analisadas eram peças, o que equivale a um total de 242 peças. Porém apesar destes dados, o programa aposta noutra forma de formatos de forma a inovar o contacto que tem com os seus telespectadores, como é o caso dos falsos diretos. Em segundo lugar, concluímos que as regiões são representadas maioritariamente através de diferidos (87%) com tom neutro (86%). Por outras palavras, reparámos que os jornalistas do “Portugal em Direto” apostam numa descrição assertiva e objetiva das notícias. Por último, resta-nos referir que as regiões portuguesas são alvo de uma cobertura mediática por parte do programa “Portugal em Direto” que tem maioritariamente como

objetivo a promoção cultural das regiões através de um equilíbrio de entrevistas entre cidadãos locais e elites locais. Neste relatório, relembramos que a categoria de cultura local se destacou em 163 notícias, existindo uma quase igualdade de percentagens na variável interveniente entre cidadão local (47%) e elite local (45%).

A realização deste trabalho permitiu-nos apurar a realidade das delegações regionais e os seus problemas, compreender as principais funções do serviço público de televisão em Portugal bem como todas as suas práticas de reportagem (peça, falso direto, direto e entrevista). Relativamente aos limites desta investigação, consideramos que teria sido positivo, em primeiro lugar, analisar o tempo de cobertura que é dado a figuras de âmbito nacional e local de modo a conseguirmos averiguar a importância que é dada pelo programa a estas duas vertentes. Em segundo lugar, consideramos que para a hipótese 1 (*No que toca ao género e à seleção das fontes no programa “Portugal em Direto”, os homens são usados com maior frequência do que as mulheres*) (Grabe et al., 1999; WACC, 2000) se validar com mais profundidade seria necessária uma análise a um *corpus* mais vasto de notícias. Em terceiro lugar, deixamos para futuras investigações a análise sobre os níveis de audiência do programa e o modo como estes se relacionam com o programa.

## Bibliografia

Albarello, Luc *et al.* (1997), *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva

Amaral, Vítor (2005) “Imprensa Regional e Políticas da Comunicação: situação geral no quadrilénio 1999-2002”, *Comunicação e Sociedade*, 7, Braga: Universidade do Minho

Amaral, Vítor (2012), “A Proximidade de uma imprensa Regional à ideia de Cidadania Ativa”, Correia, João (org.), *Ágora – Jornalismo de Proximidade: Limites, Desafios e Oportunidades*, Covilhã, LabCom: Universidade da Beira Interior: pp: 1-16

Areal, Fernández (1997), “El Público em los médios Locales de Comunicación”, *Estudios de Periodística*, Pontevedra: Deputação de Pontevedra, pp:21-43

Arons de Carvalho, Alberto (2009), *A RTP e o Serviço Público de Televisão*, Coimbra: Edições Almedina

Bardin, Laurence (2016), *Análise de Conteúdo*, São Paulo: Edições 70

Bardoel, Jo & Lowe Ferrell, Gregory (2007), *From Public Service Broadcasting to Public Service Media*, Universidade de Gotemburgo: Nordicom

Bardoel, Jo & Lowe Ferrell, Gregory (2007), “From Public Service Broadcasting to Public Service Media – The Core Challenge”, Bardoel, Jo & Lowe Ferrell, Gregory (org.), *From Public Service Broadcasting to Public Service Media*, Universidade de Gotemburgo: Nordicom, pp: 9-26

Barnett, Brooke; Grabe, Elizabeth Maria & Zhou, Shuhua (1999), “Sourcing and reporting in news magazine programs: 60 minutes versus hard copy”, *Journalism and Mass Communication Quarterly*, 76(2), pp: 293-312

Bernier, Marc-François (2006), “Être journaliste en milieu minoritaire: les défis éthiques de la proximité”, Beauchamp, Michel & Watine, Thierry (org.), *Médias et milieux francophones*, Laval: Presses de Université de Laval

Brinca, Pedro (2011), “O contributo da comunicação social para o desenvolvimento local”, *Estudos locais do Distrito de Setúbal*, Setúbal: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

Brinca, Pedro (2012) “Jornalismo de Proximidade e Participação. Por uma dieta equilibrada de informação, contra a fast-information”, Correia, João (org.), *Ágora – Jornalismo de Proximidade: Limites, Desafios e Oportunidades*, Covilhã, LabCom: Universidade da Beira Interior, pp: 31-34

Cadima, Rui Francisco (2008) “Web TV Local/Regional em Portugal: Que alternativa à TV?” *2008: Comunicação e Cidadania no Espaço Lusófono*. Coimbra & Braga: Pé de página & Universidade do Minho.

Cádima, Francisco (2019) “A RTP em Ambiente Digital: Dos anos 90 à atualidade – Um enquadramento teórico”, *Revista Internacional de História de la Comunicación*, 13, pp. 11-28

Camponez, Carlos (2002), *Jornalismo de Proximidade*, Coimbra: Minerva

Camponez, Carlos (2012) “Jornalismo Regional: Proximidade e Distanciamos. Linhas de Reflexão sobre uma ética da Proximidade no Jornalismo”, Correia, João (org.), *Ágora – Jornalismo de Proximidade: Limites, Desafios e Oportunidades*, Covilhã, LabCom: Universidade da Beira Interior, pp: 35-48

Camponez, Carlos (2017), “Proposta de Novos Pactos Comunicacionais na Era do Hiperlocal”, Jerónimo, Pedro (org.), *Media e jornalismo de Proximidade na Era Digital*, Covilhã, LabCom: Universidade da Beira Interior, pp:11-26

Cintra Torres, Eduardo (2011), *A Televisão e o Serviço Público*, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos & Relógio D’Água Editores

Coelho, Pedro (2005), *A TV de Proximidade e os Novos Desafios do Espaço Público*, Livros Horizonte: Lisboa

Cole, Peter (2006), “Educating and Training Local Journalists”, Franklin, Bob (org.), *Local Journalism and Local Media: Making the Local News*, Abingdon: Routledge, pp: 73-82

Collins, Richard *et al.* (2001) “Public Service Broadcasting Beyond 2000: Is there a Future for Public Service Broadcasting?” *Canadian Journal of Communication*, 25, pp. 3-15

Comissão Europeia (1999) *Principles and Guidelines for the community's Audiovisual Policy in the Digital Age*. Bruxelas: União Europeia

Correia, João (1998), *Jornalismo e Espaço Público*, Covilhã, LabCom: Universidade da Beira Interior

Correia, João (2012), *Ágora – Jornalismo de Proximidade: Limites, Desafios e Oportunidades*, Labcom: Universidade da Beira Interior

Correia, João & Jerónimo, Pedro (2020), *O Pulsar da Proximidade nos Media e no Jornalismo*, Covilhã, LabCom: Universidade da Beira Interior

Curran, James e Seaton, Jean (2001) *Imprensa, Rádio e Televisão – Poder sem Responsabilidade*, Lisboa: Instituto Piaget

Dijk, Van (1996) *La Noticia como Discurso – Comprensión, Estructura y Producción*, Barcelona-Buenos Aires, Paidós Ediciones.

Domingo, David e Le cam, Florence (2015), “The Plurality of Journalistic Identities in Local Controversies”, Nielsen, Rasmus (org.), *Local Journalism in the Decline of Newspapers and The Rise of Digital Media*, Londres: I.B.Tauris, pp:108-126

Donders, Karen (2012) *Public Service Media Policy in Europe*, Londres: Palgrave Macmillan

Engan, Bengt (2015), “Perceived Relevance of and Trust in Local Media”, Nielsen, Rasmus (org.), *Local Journalism in the Decline of Newspapers and The Rise of Digital Media*, Londres: I.B.Tauris, pp:156-180.

Fernandes, Jorge (2011), “Os media Portugueses na Internet: Acessibilidade dos conteúdos Web da imprensa escrita, radiofónica e televisiva segundo as WCAG 1.0 do W3C” Lisboa: UMIC

Fidalgo, Joaquim (2005), “De que é que se fala quando se fala em Serviço Público de Televisão?”, Pinto, Manuel (org.), *Televisão e Cidadania*, Porto: Campo das Letras, pp. 23-40

Franklin, Bob (2006), *Local Journalism and Local Media: Making the Local News*, Abingdon: Routledge

Frost, Chris (2006), “Ethics for Local Journalism”, Franklin, Bob (org.), *Local Journalism and Local Media: Making Local News*, Abingdon: Routledge, pp: 270-279

Gerbaud, Dominique (1996), “La presse locale, facteur de cohésion sociale”, *Communication & Languages*, 109, pp.10-16

Ghiglione, Rodolphe & Matalon, Benjamin (1993) *O Inquérito – Teoria e Prática*, Lisboa: Celta

Gil Carlos, António (2008), *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, São Paulo: Editora Atlas

Godinho, Rui & Pereira, Cláudia (2020) “O Digital e os Media Locais: Proximidade ou Afastamento?”, Correia, João & Jerónimo, Pedro (org.), *O Pulsar da Proximidade nos Media e no Jornalismo*, Covilhã, LabCom: Universidade da Beira Interior pp: 65-81

Gonçalves, Adriana (2020) “A Adaptação da Imprensa Regional aos Dispositivos Móveis”, Correia, João & Jerónimo, Pedro (org.), *O Pulsar da Proximidade nos Media e no Jornalismo*, Covilhã, LabCom: Universidade da Beira Interior pp:83-101

Grupillo, Aline & Ramos, Giovanni (2020), “Jornalismo Regional em Novas Plataformas”, Correia, João & Jerónimo, Pedro (org.), *O Pulsar da Proximidade nos Media e no Jornalismo*, Covilhã, LabCom: Universidade da Beira Interior, pp: 31-44

Hamer, Martin (2006), “Trading on Trust: News Agencies, Local Journalism and Local Media”, Franklin, Bob (org.), *Local Journalism and Local Media: Making Local News*, Abingdon: Routledge, pp: 210-218

Harrison, Shirley (2006), “Local Government Public Relations and the Local Press”, Franklin, Bob (org.), *Local Journalism and Local Media: Making Local News*, Abingdon: Routledge, pp: 175-188.

Hindman, Matthew (2011), *Less of the Same: The Lack of Local News on the Internet*, Washington DC: Universidade George Washington

Jakubowicz, Karol (2007), “Public Service Broadcasting in the 21<sup>st</sup> Century – What chance for a New Beginning”, Bardoel, Jo & Lowe Ferrell, Gregory (org.) *From Public Service Broadcasting to Public Service Media*, Universidade de Gotemburgo: Nordicom, pp. 29 - 49

Jerónimo, Pedro (2015), *Ciberjornalismo de Proximidade*, Covilhã, LabCom: Universidade da Beira Interior

- Lopes, Felisbela (1999) “As Notícias Regionais no Telejornal da RTP: Que serviço Público?”, *Comunicação e Sociedade 1*, Vol.12(1-2), pp. 131-150
- Lopes, Felisbela (1999) “Serviço Público de Televisão: a crise, a identidade e os desafios” *Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade*, 1-11, Braga: Universidade do Minho
- Lopes, Felisbela (2005) “Os conteúdos do Serviço Público de Televisão: Pistas para a elaboração de uma grelha de programação”, Pinto, Manuel (org.) *Televisão e Cidadania*, Porto: Campo das Letras, pp. 81-114
- Krippendorff, Klaus (2004), *Content Analysis An Introduction to its Methodology*, Nova Iorque: SAGE
- Maroy, Christian (1997), “A análise qualitativa das entrevistas”, Albarello, Luc (org) *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva
- McCollough, Kathleen, Napoli, M., Philip, Renninger, Bryce, Stonbely, Sarah (2016) “Local Journalism and the Information Needs of Local Communities”. *Journalism Practice* 11(4), pp:373-395.
- McQuail, Denis (1992), *Media Performance: Mass Media and the Public Interest*, Londres: Sage
- Mota, Dora (2005) “A televisão adiada: as políticas para a televisão regional e local em Portugal”. *Comunicação e Sociedade*, 7, pp:115-152.
- Nielsen, Rasmus (2015), *Local Journalism the Decline of Newspapers and The Rise of Digital Media*, Londres: I.B.Tauris.
- Nielsen, Rasmus (2015), “Introduction: The Uncertain Future of Local Journalism”, Nielsen, Rasmus (org.), *Local Journalism in the Decline of Newspapers and The Rise of Digital Media*, Londres: I.B.Tauris, pp: 1-25.
- Pinto, Manuel (2000), *A Comunicação e os Media em Portugal 1995-1999. Cronologia e Leitura de Tendências*, Braga: Universidade do Minho
- Pinto, Manuel (2005), *Televisão e Cidadania*, Porto: Campo das Letras
- Pinto, Manuel (2005), “Introdução – Serviço Público – Uma perspetiva”, Pinto, Manuel (org.), *Televisão e Cidadania*, Porto: Campo das Letras, pp.11- 21

Pinto, Manuel (2011), “O Debate sobre o Serviço Público de Televisão em Portugal: Algumas Notas”, *Alicerces: Revista de Investigação, Ciência, Tecnologia e Artes*, 4, pp. 255- 266

Pontier, Jean Marie (1996), *Les Services publics*, Paris: Hachette Supérieur

Reis, António (1992), “A evolução da atividade televisiva”, Reis, António (org.), *Portugal, 20 Anos de Democracia*, Lisboa: Círculo de Editores

Ringlet, Gabriel (1981), *Le Mythe au Milieu du Village – Comprendre et analyser la presse locale*, Bruxelas: Vie Ouvrière

Ruquoy, Danielle (1997), “Situação de entrevista e estratégia do entrevistador”, Albarello, Luc *et al.*(org.), *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva

Salaverría, Ramón (2014),” Multimedialidade: Informar para cinco sentidos”, Canavilhas, João (org.), *Webjornalismo 7 características que fazem a diferença*, Covilhã, LabCom: Universidade da Beira Interior, pp: 25-52.

Sanders, Karen (2003), *Ethics & Journalism*, Londres: Sage

Santos, Luis & Sousa, Helena (2003) “RTP e Serviço Público – Um percurso de inultrapassável dependência e contradição”, Pinto, Manuel (org.), *Televisão e Cidadania*, Porto: Campo das Letras, pp. 61-80

Seydegart, Kasia & Spears, George (2000) *Who makes the News?* Londres: World Association for Christian Communication

Wolton, Dominique (1995) “As Contradições do Espaço Público Mediatizado”, *Revista de Comunicação e Linguagens*, 21-22, pp:167-188

## **Webgrafia**

Cláusula nº5 do contrato de concessão do serviço público de rádio e de televisão: “Objetivos do Serviço Público in <https://media.rtp.pt/empresa/wp-content/uploads/sites/31/2015/07/contratoConcessao2015.pdf>

Cláusula nº6 do contrato de concessão do serviço público de rádio e de televisão: “Obrigações Específicas da Concessionária” in <https://media.rtp.pt/empresa/wp-content/uploads/sites/31/2015/07/contratoConcessao2015.pdf>

Cláusula nº12 do contrato de concessão do serviço público de rádio e de televisão:” Serviços de Programas de Âmbito Regional” in <https://media.rtp.pt/empresa/wp-content/uploads/sites/31/2015/07/contratoConcessao2015.pdf>

ERC (2010) “*A imprensa Regional em Portugal*” Retirado a maio 12, 2022, de [ERICImprensaLocaleRegionalfinal.pdf](#)

INE (2015) “*NUTS 2013: As Novas Unidades Territoriais para Fins Estatísticos*” Retirado a Agosto 20, 2022 de [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=230205992&PUBLICACOESmodo=2&xlang=pt](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=230205992&PUBLICACOESmodo=2&xlang=pt)

IrrealTV (2007) “*Web Tv’s Regionais & Etc.*” Retirado a maio 10, 2022, de <http://irrealtv.blogspot.com/2007/01/web-tvs-regionais-etc.html>

Morais, Filipe (2005) “*Açores lançam televisão nacional através da net*” Retirado a maio 9, 2022, de <https://www.dn.pt/arquivo/2005/acoes-lancam-televisao-nacional-atraves-da-net-631698.html>

Moreira , Vítor (2002) “Serviço público "versus" interesses privados na televisão” Retirado a Junho 24,2022, de <https://www.publico.pt/2002/05/14/jornal/servico-publico-versus-interesses-privados-na-televisao-170488>

## **Anexos**

## **Anexo 1**

**Tabela de Observação Participante do Estágio Curricular realizado  
na RTP entre 2 de novembro de 2021 e 18 de março de 2022**

Semanas de Análise	Observações Anotadas
<p><b>2 a 5 de novembro de 2021</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrada na editoria de Sociedade onde aprendi a utilizar o programa ENPS. Neste programa foi possível a escrita de notícias e acompanhar ao minuto, através da opção <i>Telex Agências</i> todas as notícias publicadas pelas várias agências mediáticas nacionais e internacionais (<i>Reuters, Agência Lusa e AFP</i>).</li> <li>• Acompanhamento em direto da emissão do programa “Portugal em Direto” através da editoria da sociedade. Neste programa, é feita uma análise geral das temáticas de última hora e dos acontecimentos com maior destaque e interesse público dos últimos tempos.</li> <li>• Produção de OFF’s para notícias com o acompanhamento da jornalista Lavínia Leal e posterior acompanhamento do programa “Portugal em Direto”. O mesmo aposta num espaço de entrevista para dar a conhecer a cultura nacional. Aqui foi possível anotar a minha primeira questão de investigação: “As regiões portuguesas são bem representadas pelo programa “Portugal em Direto?””.</li> <li>• Realização de uma peça televisiva sobre os despedimentos coletivos no Altice Arena com o auxílio do programa <i>SQ cut</i>. Ensinaram-nos o que deve constar numa peça, nomeadamente a escolha dos vivos mais importantes e criação de <i>pivot’s</i>. Em anotação registei todos os tempos dos vivos que mais me interessaram e que posteriormente coloquei na peça para ser avaliada.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Continuação na editoria de Sociedade e primeira saída em reportagem para fazer cobertura sobre as</li> </ul>

**8 a 12 de novembro de  
2021**

manifestações relativas às filas de espera nos pavilhões de vacinação. Acompanhei a jornalista Carla Diogo e o repórter de imagem Nuno Tavares. Posteriormente na RTP procedi à realização da peça sobre a reportagem à qual tinha ido. Nas várias correções fui informado que um vivo de entrevista deve ter no máximo 10 minutos, a sua cobertura deve ser feita através de planos de imagem, deve-se estar atento a quem está mais indignado pois pode ter algo a dizer.

- Realizei uma peça sobre a vacinação para as pessoas com mais de 80 anos.
- Conheci o apresentador e *pivot* do Telejornal, João Adelino Faria. À conversa, o jornalista informou-me que a notícia é sempre o *pivot*, apontar sempre o que é mais importante ou o que chocou na notícia. Posteriormente, a um *pivot* cabe comprovar, explicar e defender a notícia, fazer com que o telespectador olhe para o ecrã, utilizar o tempo verbal no presente pois marca o que é mais importante. De uma forma geral, o pivot deve utilizar frases gancho que pode ser o mesmo a criá-las ou pode receber sugestões por parte da equipa de jornalistas e, por último verificar se o que foi escrito está claro e faz sentido.
- Saída em reportagem com a jornalista Silvana Cunha e repórter de imagem David Freitas. A reportagem teve como tema os novos radares que foram instalados na cidade de Lisboa. Foi possível acompanhar e compreender, de uma forma geral, as entrevistas feitas às

	<p>várias fontes que devem constar numa notícia. Confesso que foi uma experiência interessante acompanhar uma reportagem feita dentro de um automóvel conduzido por um cidadão local e experienciar a vida de muitos automobilistas em Lisboa principalmente quando se deparam com os novos radares. Esta reportagem pode ser observada no site da RTP pesquisando sobre o tema: “Novos Radares”.</p>
<p><b>15 a 19 de novembro de 2021</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrada na editoria de Economia. Através do auxílio do jornalista Rui Veloso fui incentivado a seleccionar e a produzir OFF’s das três notícias mais importantes do dia.</li> <li>• Aprendizagem de construção de peças para Economia. Segundo o jornalista Rui Veloso, uma peça para economia não contém números, é importante que uma notícia “aborrecida” se torne visualmente apelativa para o telespectador através de imagens fortes.</li> <li>• Saída em reportagem com a jornalista Ana Serapicos e o repórter de imagem David Freitas. O tema foi a manifestação dos CTT junto ao ministério das Finanças. Nesta reportagem compreendi a importância de haver os dois lados numa notícia, neste caso a CGTP e os trabalhadores. Fui incentivado a realizar uma entrevista com uma colaboradora dos CTT que se encontrava em manifestação. Fui, de igual forma, aconselhado pelo repórter de imagem a manter sempre o microfone para baixo em entrevista, de modo a aparecer o menos possível nos planos de imagem e a fazer questões para que a entrevistada falasse o máximo tempo possível.</li> </ul>

	<p>Posteriormente na chegada à RTP fui incentivado a criar a minha própria peça sobre esta reportagem.</p>
<p><b>22 a 26 de novembro de 2021</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Continuação na editoria de economia. Realização de uma peça sobre o estudo estatístico do emprego público.</li> <li>• Realização de OFF's para notícias. Fui aconselhado a colocar a referência temporal quando esta tivesse importância.</li> <li>• Saída em reportagem com a jornalista Marina Conceição e repórter de imagem Maria Costa Lopes. O objetivo da reportagem foi recolher depoimentos da então Ministra da Administração Pública, Alexandra Leitão, sobre o estudo do emprego público e os processos na contratação de jovens para o mercado de trabalho.</li> </ul>
<p><b>29 de novembro a 3 de dezembro</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrada na editoria de Desporto e realização da primeira peça desportiva sobre o falecimento do antigo piloto de Fórmula 1 e fundador da Williams Racing, Frank Williams. Posteriormente, fui incentivado pelos jornalistas da editoria a gravar e a pôr voz na peça que tinha produzido. A peça encontra-se arquivada numa pasta em portfólio que não pode ser partilhada por qualquer meio ou dispositivo eletrónico, por ordem da RTP. Uma curiosidade interessante é o facto de os jornalistas desta editoria terem autonomia na gravação, edição e produção das peças. As outras editorias dependem de editores disponíveis para a produção das suas peças.</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nesta editoria, fui incentivado a produzir as minhas primeiras simulações de diretos. Saí em reportagem para o dérbi Benfica – Sporting com o jornalista João Miguel Nunes e repórter de imagem David Freitas. Fui aconselhado a levar sempre comigo pequenas anotações com os jogadores que estariam de baixa para o jogo, mas acima de tudo explicar com pormenor e clareza aquilo que se encontrava à minha volta e lembrar as várias tipologias de testes de Covid-19 que eram aceites à entrada do estádio.</li> </ul>
<p><b>6 a 10 de dezembro de 2021</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Continuação na editoria de Desporto onde procedi à realização de várias peças sobre as antevisões de vários jogos da primeira Liga portuguesa e tive oportunidade de aprender a editar as minhas próprias peças. Confesso que foi uma das grandes aprendizagens que tive ao longo de todo o estágio. Através do auxílio dos jornalistas Alexandre Albuquerque, António Pedro Carvalho, João Miguel Nunes, Carlos Albuquerque, Alexandre Santos, João Domingos, Gonçalo Ventura e João Almeida tive várias aprendizagens sobre a edição das peças como a de aproveitar sempre as deixas ou os fins de cada entrevistado nas suas declarações.</li> <li>• Realizei um resumo do jogo entre Benfica e Dynamo Kiev e outras peças de antevisões de jogos. Todas as peças estão guardas numa pasta em arquivo. Fui aconselhado a ouvir sempre o som da minha gravação sem auscultadores pois a opinião dos outros jornalistas,</li> </ul>

	<p>sendo eles “telespectadores” pois não produziram a peça, é importante para dar um parecer final sobre a peça produzida.</p>
<b>13 a 17 de dezembro</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Continuação na editoria de desporto. Realização de peça sobre a vitória de Max Verstappen no campeonato mundial de Fórmula I em Abu Dabhi.</li> <li>• Realização várias peças incluindo a despedida de Sérgio Agüero do futebol, Rafael Nadal e a sua presença no Open Australia entre outro tipo de eventos.</li> <li>• Interrupção de estágio devido à Covid-19.</li> </ul>
<b>4 a 7 de janeiro de 2022</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Retorno à editoria de Sociedade. Realização de peças.</li> </ul>
<b>10 a 14 de janeiro de 2022</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Continuação na editoria de Sociedade e realização de peças: agressão escola Barranha em Matosinhos e Vacina Criança com cancro.</li> </ul>
<b>17 a 21 de janeiro de 2022</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrada na editoria de Cultura. Realização de peças: Falecimento do cantor Armando Gama.</li> <li>• Saída em reportagem com o jornalista Diogo Louçã e repórter de imagem Maria Costa Lopes. O tema da reportagem foi dar a conhecer a nova exposição do pavilhão Underdogs em Lisboa. Desta forma, fui incentivado a ter uma mente aberta pois o principal elemento na produção de peças em Cultura é a inspiração.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Continuação na editoria de Cultura. Saída em reportagem com o jornalista Diogo Louçã e a repórter de imagem Maria Costa Lopes. O tema foi ir assistir e fazer cobertura</li> </ul>

<p><b>24 a 28 de janeiro de 2022</b></p>	<p>da ópera de Orpheu no Centro Cultural de Belém, em Lisboa.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Nesta semana, ocorreram duas saídas em reportagem com o jornalista Diogo Louçã para o “Desconcerto” no Coliseu dos Recreios e ainda o concerto dos Club Makumba no Centro Cultural de Belém. Ambas as reportagens serviram para compreender as formas de reportagem e de entrevista que eram feitas aos vários artistas. O objetivo era sobretudo antes do concerto cada artista expressar o objetivo que pretendia passar com o seu trabalho.</li> <li>• Nesta semana ainda tive oportunidade de assistir ao programa “Horas extraordinárias” apresentado por Teresa Nicolau.</li> </ul>
<p><b>31 de janeiro a 4 de fevereiro de 2022</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrada na editoria do programa “Portugal em Direto” e na qual permaneci o resto do estágio. Ao falar com a coordenadora do programa Filipa Costa reparei que os <i>lives</i> (falsos diretos) são na realidade gravados em vez de diretos como eu anteriormente julgava.</li> <li>• Fui incentivado em cada reportagem, a realizar pelo menos um dos géneros de reportagem: peça ou falso direto. Neste sentido, a primeira reportagem que acompanhei foi ao museu do oriente que tinha como tema a nova exposição sobre o oriente. Acompanhei a jornalista Ana Luísa Alves e o repórter de imagem David Freitas. Aqui tive oportunidade de realizar o meu primeiro falso direto que se encontra gravado e guardado</li> </ul>

	<p>em arquivo. Posteriormente quando cheguei à RTP o falso direto foi editado e corrigido pelos coordenadores.</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• As principais correções e diferenças que notei em relação às outras editorias foi o facto de o <i>live</i> ser uma conversa normal e fluída com o entrevistado, ser um tipo de reportagem que deve referir as imagens que estão a ser mostradas, nomeadamente em casos de museus onde o jornalista muitas vezes, aparece a caminhar ao lado da entrevistada como se de uma visita guiada se tratasse. O jornalista no “Portugal em Direto” deve ter humildade e atenção no tratamento das notícias, ou nas palavras de Filipa Costa o objetivo é “desinstitucionalizar as peças” porque são a voz do povo e aqui reside a força do jornalismo de proximidade. Neste sentido, não se trata de ser um jornalismo de “<i>hard news</i>”, mas sim de um jornalismo com criatividade.</li><li>• Saída em reportagem com a jornalista Filipa Marques Henriques e repórter de imagem Maria Costa Lopes. Confesso que foi uma reportagem bastante interessante sobre uma das lojas centenárias em Lisboa, onde tivemos oportunidade de conhecer a história da loja e das suas ferragens e compreender o processo de formação das mesmas e o que confere a sua originalidade. Aqui tive oportunidade de produzir a minha primeira peça na editoria do “Portugal em Direto” e ainda fiz o que é denominado por “<i>Promo</i>” no “Portugal em Direto”. Neste sentido, uma <i>promo</i> é uma espécie de <i>Teaser</i> ou gancho para uma notícia que irá ser transmitida. O objetivo é incentivar o telespectador e a deixá-lo</li></ul>
--	---

	<p>interessado sobre uma notícia que posteriormente irá ser transmitida. A sua duração é mais ou menos 15 a 20 segundos e fui informado que apenas devia constar aquilo que mais surpreendesse o telespectador. A peça que produzi encontra-se guardada num ficheiro em arquivo.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Saída em Reportagem para os bairros da Graça e 2 de maio em Lisboa com a jornalista Mariana Morais e repórter de imagem David Freitas. O tema desta reportagem foi dar a conhecer dois murais urbanos que tinham entrado para o ranking mundial de Arte Urbana da comunidade “Street Art Cities”. Foi uma reportagem interessante na qual tive a oportunidade de realizar dois falsos diretos e entrevistar os autores dos dois murais, neste caso os artistas <i>Ozearv</i> e <i>Regg Salgado</i>. Fiquei a compreender nesta reportagem a importância que o povo português dá ao serviço público de televisão e ainda uma história intrigante urbana sobre fantasmas no bairro 2 de maio que originou o mural “Linen Ghost” criado por <i>Regg Salgado</i>.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Saída em Reportagem com a jornalista Mariana Morais e repórter de imagem Vítor Amorim. O tema desta reportagem foi a “Mezze Escola” que é um projeto dedicado a acolher refugiados que pretendem seguir restauração e a inserirem-se no mercado português. Aqui tive oportunidade de realizar uma peça com dois vivos incluídos. Neste sentido, o vivo trata-se de um plano de</li> </ul>

<p><b>7 a 11 de fevereiro de 2022</b></p>	<p>imagem, pode ser a meio da peça ou no final, onde o jornalista aparece a transmitir informação a ser noticiada.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Nesta semana, a orientadora de estágio Adília Godinho pediu-nos para realizarmos simulações de diretos e posteriormente deu-nos indicações sobre aspetos que deveríamos corrigir. Retenho que um jornalista em direto deve relatar de forma fluída o que está a acontecer e de forma pausada.</li> <li>• Saída em reportagem para a Golegã com a jornalista Filipa Marques Henriques. O tema da reportagem foi dar a conhecer o museu da máquina de escrever que conta com um espólio de quase 300 exemplares. Desta reportagem realizei uma peça que foi posteriormente corrigida e avaliada pelo coordenador Fernando Miravent.</li> <li>• Saída em Reportagem para Almada com a jornalista Filipa Marques Henriques. O tema desta reportagem foi dar a conhecer o arquivo histórico de Almada e todo o seu espólio de documentos e fotografias. Foi uma reportagem bastante interessante onde aprendi as várias técnicas de conservação de documentos que são realizadas no arquivo e as várias histórias pertencentes ao concelho. Aqui tive oportunidade de realizar uma peça televisiva com imagens do arquivo RTP sob correção da coordenadora Filipa Costa. Destaco que a RTP apresenta um grande arquivo histórico de imagens e vídeos que podem ser usados pelos jornalistas na produção das suas</li> </ul>
---	--

	<p>peças. No caso do “Portugal em Direto” o arquivo é usado com bastante frequência.</p>
<p><b>14 a 18 de fevereiro de 2022</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Saída em reportagem para Salvaterra de Magos com a jornalista Mariana Morais. O tema desta reportagem foi dar a conhecer os bordados de Salvaterra de Magos que entraram para o inventário do Património Imaterial Nacional.</li> <li>• Saída em reportagem para o Hotel “The Editory Riverside” em Lisboa com a jornalista Mariana Morais e a repórter de imagem Maria Costa Lopes. O objetivo foi dar a conhecer o novo hotel criado na estação de comboios em Santa Apolónia e que iria ser brevemente inaugurado para o público.</li> <li>• Saída em reportagem para Vila Franca de Xira com a jornalista Ana Luísa Alves e o repórter de imagem David Freitas. O objetivo foi dar a conhecer um novo tipo de transporte sustentável. Nesta reportagem foi possível compreender a importância que é dada em termos de ordem de fontes, neste caso, em primeiro lugar, o cidadão local e posteriormente a elite local, neste caso, o presidente da câmara municipal de Vila Franca de Xira.</li> </ul>
<p><b>21 a 25 de fevereiro de 2022</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realização de peças de todas as reportagens acompanhadas na semana anterior com as correções dos coordenadores Filipa Costa e Fernando Miravent. As mesmas encontram-se guardadas em arquivo.</li> <li>• Saída em reportagem para o <i>Yoga Live Academy</i> em Lisboa, com a jornalista Mariana Morais e a repórter de</li> </ul>

	<p>imagem Maria Costa Lopes. Nesta reportagem, dá-se a conhecer um novo estilo de vida e novas experiências.</p>
<p><b>28 de fevereiro a 4 de março</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Saída em reportagem para o Palácio Nacional de Queluz em Lisboa com a jornalista Filipa Marques Henriques. Nesta reportagem anotei que todos os falsos diretos devem ter uma linha condutora na sua produção. Neste caso, o palácio tinha muita coisa a ser noticiada, logo a jornalista decidiu por optar por refazer o percurso da rainha D. Isabel II em 1957 por ser uma figura que os telespectadores, em maioria, conhecem.</li> <li>• Saída em reportagem para Oeiras com a jornalista Ana Luísa Alves e o repórter de imagem David Freitas. O tema da reportagem foi a exposição em homenagem ao poeta Cesário Verde.</li> </ul>
<p><b>7 a 11 de março de 2022</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realização de peças relativas a todas as reportagens que acompanhei na semana anterior com as correções dos coordenadores Filipa Costa e Fernando Miravent.</li> <li>• Saída em reportagem para Loures com a jornalista Ana Luísa Alves e a repórter de imagem Maria Costa Lopes. O tema desta reportagem foi dar a conhecer o espetáculo infantil da Biblioteca Municipal de Loures sobre a obra de José Saramago “A Maior Flor do Mundo”.</li> <li>• Saída em reportagem para Coruche com a jornalista Mariana Morais. O tema desta reportagem foi dar a conhecer o evento sobre as feiras gastronómicas de Coruche que estavam a ocorrer e toda a sua cultura.</li> </ul>

<p><b>14 a 18 de março de 2022</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Saída na última reportagem que realizei no estágio. O objetivo desta reportagem foi dar a conhecer uma iniciativa para refugiados da guerra na Ucrânia.</li>   <li>• Posteriormente nos últimos dias do estágio, realizei peças sobre todas as reportagens que tinha feito com as correções dos coordenadores.</li>   <li>• Fim do estágio.</li> </ul>
--	---

**Tabela 2** – Observação Participante do Estágio Curricular realizado na RTP

## **Anexo 2**

### **Tabela Análise de Conteúdo das 22 edições do programa “Portugal em Direto” decorridas no mês de novembro de 2021**

Progr.	Parte	Nº Notícia	Título da Notícia	Local	NUT I	NUT II	NUT III	Forma	Tom	Ordem tema	Assunto	Género	Tempo	Ordem Intery.	Tipo Intery.	Sexo
1	1ª	1	Horas Extras SNS	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:39	1	ROP	M
1	1ª	1	Horas Extras SNS	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:39	2	ROP	M
1	1ª	2	Imunidade à C-19	Sant.	PC	Centro	MT	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:11	1	ROP	M
1	1ª	3	Faltam Vacinas Animais	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	02:24	1	EL	M
1	1ª	3	Faltam Vacinas Animais	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	02:24	2	ROP	M
1	2ª	4	Proibição Plásticos de Utilização Única	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	OFF	00:34	0		
1	2ª	5	Liga Contra o Cancro	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:44	1	CL	F
1	2ª	5	Liga Contra o Cancro	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:44	2	CL	M
1	2ª	5	Liga Contra o Cancro	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:44	3	CL	F
1	2ª	5	Liga Contra o Cancro	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:44	4	CL	F
1	2ª	5	Liga Contra o Cancro	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:44	5	ROP	M
1	2ª	5	Liga Contra o Cancro	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:44	6	CL	M
1	2ª	6	Dia de Todos os Santos	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:25	1	CL	F
1	2ª	6	Dia de Todos os Santos	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:25	2	CL	F
1	2ª	6	Dia de Todos os Santos	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:25	3	CL	M
1	2ª	6	Dia de Todos os Santos	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:25	4	CL	F
1	2ª	6	Dia de Todos os Santos	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:25	5	CL	F
1	2ª	6	Dia de Todos os Santos	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:25	6	CL	M
1	2ª	6	Dia de Todos os Santos	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:25	7	CL	F
1	2ª	6	Dia de Todos os Santos	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:25	8	CL	F
1	2ª	6	Dia de Todos os Santos	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:25	9	CL	M
1	2ª	6	Dia de Todos os Santos	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:25	10	CL	F
1	2ª	6	Dia de Todos os Santos	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:25	11	CL	F
1	2ª	6	Dia de Todos os Santos	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:25	12	CL	F
1	2ª	7	Festival "Mochila"	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dir.	Neu.	1	CL	Ent.	06:00	1	EL	M
1	2ª	8	Espaço Imprensa Regional	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dir.	Neu.	1	CL	Ent.	03:30	1	EL	M
1	2ª	8	Espaço Imprensa Regional	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dir.	Neu.	2	DL	Ent.	03:30	1	EL	M
1	2ª	8	Espaço Imprensa Regional	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dir.	Neu.	3	Soc.	Ent.	03:30	1	EL	M
1	2ª	8	Espaço Imprensa Regional	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dir.	Neu.	4	EL	Ent.	03:30	1	EL	M
1	2ª	8	Espaço Imprensa Regional	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dir.	Neu.	5	PL	Ent.	03:30	1	EL	M
1	2ª	8	Espaço Imprensa Regional	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dir.	Neu.	6	Cr.	Ent.	03:30	1	EL	M
1	2ª	9	Terramoto 1755 (Parte 1)	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	FD	05:26	1	EL	M
1	2ª	10	Casa dos Patudos (Parte 1)	Sant.	PC	Centro	LA	Dif.	Neu.	1	CL	FD	05:20	1	EL	M
1	3ª	11	Desconto nos Combustíveis	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EN	OFF	00:44	0		
1	3ª	12	Casa dos Patudos (Parte 2)	Sant.	PC	Centro	LA	Dif.	Neu.	1	CL	FD	06:16	1	EL	M
1	3ª	13	Feira Castanha de Trancoso	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	05:22	1	CL	F
1	3ª	13	Feira Castanha de Trancoso	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	05:22	2	CL	M
1	3ª	13	Feira Castanha de Trancoso	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	05:22	3	CL	F
1	3ª	13	Feira Castanha de Trancoso	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	05:22	4	CL	F

1	3ª	13	Feira Castanha de Trancoso	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	05:22	5	CL	M
1	3ª	13	Feira Castanha de Trancoso	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	05:22	6	CL	M
1	3ª	13	Feira Castanha de Trancoso	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	05:22	7	CL	F
1	3ª	13	Feira Castanha de Trancoso	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	05:22	8	EL	M
1	3ª	13	Feira Castanha de Trancoso	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	05:22	9	CL	M
1	3ª	13	Feira Castanha de Trancoso	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	05:22	10	EL	M
1	3ª	14	Vendedores de Castanhas	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	EL	Peça	02:51	1	CL	F
1	3ª	14	Vendedores de Castanhas	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	EL	Peça	02:51	2	CL	M
1	3ª	14	Vendedores de Castanhas	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	EL	Peça	02:51	3	CL	F
1	3ª	14	Vendedores de Castanhas	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	EL	Peça	02:51	4	CL	F
1	3ª	14	Vendedores de Castanhas	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	EL	Peça	02:51	5	CL	M
1	3ª	14	Vendedores de Castanhas	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	EL	Peça	02:51	6	CL	F
1	3ª	15	Sabores de Outono	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:00	1	CL	M
1	3ª	15	Sabores de Outono	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	2	CL	Peça	02:00	2	CL	M
1	3ª	15	Sabores de Outono	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	3	CL	Peça	02:00	3	CL	F
1	3ª	15	Sabores de Outono	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	4	CL	Peça	02:00	4	CL	M
1	3ª	16	Terramoto 1755 (Parte 2)	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	04:43	1	EL	M
1	3ª	17	Pergunta Portugal em Dir... Resposta	Bra.	PC	Norte	Cávado	Dif.	Pos.	1	CL	OFF	01:42	0		
1	3ª	18	Bárbara Tinoco	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	CN	OFF	01:14	0		
2	1ª	1	Surto Montemor-o-Velho	Coim.	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:18	1	EL	M
2	1ª	2	Vacina Pneumonia	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	OFF	01:14	1	EL	M
2	1ª	3	Estado de Alerta	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	01:57	1	CL	M
2	1ª	3	Estado de Alerta	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	01:57	2	CL	M
2	1ª	3	Estado de Alerta	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	01:57	3	CL	F
2	1ª	3	Estado de Alerta	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	01:57	4	CL	M
2	1ª	4	Medicamentos mais caros	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EN	Peça	02:26	1	ROP	M

2	1ª	4	Medicamentos mais caros	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EN	Peça	02:26	2	ROP	M
2	1ª	4	Medicamentos mais caros	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EN	Peça	02:26	3	ROP	F
2	1ª	5	Espaço Imprensa Regional	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dir.	Neu.	1	EL	Ent.	03:00	1	EL	M
2	1ª	5	Espaço Imprensa Regional	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dir.	Neu.	2	Soc.	Ent.	03:00	1	EL	M
2	2ª	6	Consumo de Energia	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EN	OFF	00:43	0		
2	2ª	7	Preço do Pão	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neg.	1	EN	OFF	00:35	0		
2	2ª	8	Greve Metro e Rodoviária de Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	02:19	1	CL	F
2	2ª	8	Greve Metro e Rodoviária de Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	02:19	2	CL	F
2	2ª	8	Greve Metro e Rodoviária de Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	02:19	3	CL	M
2	2ª	8	Greve Metro e Rodoviária de Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	02:19	4	CL	F
2	2ª	8	Greve Metro e Rodoviária de Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	02:19	5	ROP	F
2	2ª	8	Greve Metro e Rodoviária de Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	02:19	6	ROP	M
2	2ª	8	Greve Metro e Rodoviária de Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	02:19	7	CL	M
2	2ª	9	Ealtam Inspetores na ASAE	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	01:51	1	EL	M
2	2ª	10	Projeto Piloto Ensino Profissional	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:33	1	CL	F
2	2ª	10	Projeto Piloto Ensino Profissional	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:33	2	CL	M
2	2ª	10	Projeto Piloto Ensino Profissional	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:33	3	EL	M
2	2ª	10	Projeto Piloto Ensino Profissional	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:33	4	CL	M
2	2ª	10	Projeto Piloto Ensino Profissional	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:33	5	CL	M
2	2ª	10	Projeto Piloto Ensino Profissional	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:33	6	EL	M
2	2ª	10	Projeto Piloto Ensino Profissional	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:33	7	EL	M

2	2ª	11	Nova Cátedra Universidade de Év.	Év.	PC	AL	AC	Dif.	Neu.	1	CT	Peça	03:59	1	EL	M
2	2ª	11	Nova Cátedra Universidade de Év.	Év.	PC	AL	AC	Dif.	Neu.	1	CT	Peça	03:59	2	EL	F
2	2ª	11	Nova Cátedra Universidade de Év.	Év.	PC	AL	AC	Dif.	Neu.	1	CT	Peça	03:59	3	TCPN	M
2	2ª	11	Nova Cátedra Universidade de Év.	Év.	PC	AL	AC	Dif.	Neu.	1	CT	Peça	03:59	4	EL	M
2	2ª	12	Lançamento Livro "Inês de Castro"	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dir.	Neu.	1	CN	Ent.	06:00	1	CL	F
2	2ª	13	Museu " A Estação" (Parte 1)	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	FD	06:07	1	EL	F
2	3ª	14	Desemprego subiu em Setembro	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EN	OFF	01:07	1	TCPN	F
2	3ª	15	Eletrificação Linha do Alg.	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Neu.	1	EL	OFF	01:23	1	TCPN	M
2	3ª	16	Túnel de Santo Ovídio	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	01:29	1	CL	F
2	3ª	16	Túnel de Santo Ovídio	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	01:29	2	CL	F
2	3ª	16	Túnel de Santo Ovídio	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	01:29	3	CL	M
2	3ª	16	Túnel de Santo Ovídio	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	01:29	4	EL	F
2	3ª	17	Balcão Único do Prédio	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	PN	Peça	03:28	1	TCPN	F
2	3ª	17	Balcão Único do Prédio	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	PN	Peça	03:28	2	EL	M
2	3ª	18	Desenhos Mestres Europeus	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	06:10	1	EL	M
2	3ª	18	Desenhos Mestres Europeus	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	06:10	2	CL	F
2	3ª	18	Desenhos Mestres Europeus	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	06:10	3	CL	F
2	3ª	19	Museu " A Estação" (Parte 2)	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	FD	06:19	1	CL	M
2	3ª	19	Museu " A Estação" (Parte 2)	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	FD	06:19	2	CL	M
2	3ª	19	Museu " A Estação" (Parte 2)	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	FD	06:19	3	EL	F
2	3ª	20	50 Ilhas Selvagens	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Pos.	1	CL	Peça	02:11	1	EL	M
2	3ª	20	50 Ilhas Selvagens	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Pos.	1	CL	Peça	02:11	2	EL	F
2	3ª	21	Vulcão "La Palma"	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:24	1	EL	M
2	3ª	22	Pergunta Portugal em Dir. Resposta	VR	PC	Norte	AT	Dif.	Pos.	1	CL	OFF	01:24	0		
2	3ª	23	Ana Bacalhau	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	CN	OFF	00:28	0		
3	1ª	1	Vacina C-19	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	C-19	EDE	00:58	1	ROP	M
3	1ª	2	Acordo no Hospital de Bra.	Bra.	PC	Norte	Cávado	Dif.	Neu.	1	Soc.	OFF	02:05	0		
3	1ª	3	Saúde na Pandemia	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:39	1	ROP	M
3	1ª	3	Saúde na Pandemia	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:39	2	EL	M
3	1ª	3	Saúde na Pandemia	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:39	3	TCPN	F
3	1ª	4	Espaço Imprensa Regional	Brag.	PC	Nac.	Nac.	Dir.	Neu.	1	CL	Ent.	03:00	1	EL	M
3	1ª	4	Espaço Imprensa Regional	Brag.	PC	Nac.	Nac.	Dir.	Neu.	2	PL	Ent.	03:00	1	EL	M
3	1ª	4	Espaço Imprensa Regional	Brag.	PC	Nac.	Nac.	Dir.	Neu.	3	EL	Ent.	03:00	1	EL	M
3	1ª	4	Espaço Imprensa Regional	Brag.	PC	Nac.	Nac.	Dir.	Neu.	4	DL	Ent.	03:00	1	EL	M
3	1ª	5	Lixo Marinho	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:15	1	EL	F
3	1ª	5	Lixo Marinho	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:15	2	EL	F
3	2ª	6	Consciencialização do Stress	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Pos.	1	Soc.	Peça	02:52	1	CL	F
3	2ª	6	Consciencialização do Stress	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Pos.	1	Soc.	Peça	02:52	2	CL	M
3	2ª	6	Consciencialização do Stress	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Pos.	1	Soc.	Peça	02:52	3	CL	M
3	2ª	7	"SOA" 5 Episódios da RTP 2	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dir.	Neu.	1	CN	Ent.	07:00	1	CL	F
3	2ª	8	Dança das Virgens da Lousa	CB	PC	Centro	BSE	Dif.	Neg.	1	CL	Peça	02:13	1	EL	M
3	2ª	8	Dança das Virgens da Lousa	CB	PC	Centro	BSE	Dif.	Neg.	1	CL	Peça	02:13	2	CL	M
3	2ª	9	Património Imaterial	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dir.	Neu.	1	CN	Ent.	06:00	1	EL	F
3	2ª	10	Barro Negro Bisalhães	VR	PC	Norte	Douro	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:12	1	CL	M
3	2ª	10	Barro Negro Bisalhães	VR	PC	Norte	Douro	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:12	2	EL	F
3	2ª	11	Castanha do Fundão	CB	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	FD	06:50	1	CL	F

3	2ª	11	Castanha do Fundão	CB	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	FD	06:50	2	EL	M
3	3ª	12	Crédito Habitação	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EN	OFF	00:37	0		
3	3ª	13	Bluepharma Park	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:33	1	EL	M
3	3ª	14	"Web Summit" Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CT	Peça	02:24	1	CL	M
3	3ª	14	"Web Summit" Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CT	Peça	02:24	2	CL	F
3	3ª	14	"Web Summit" Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CT	Peça	02:24	3	CL	M
3	3ª	14	"Web Summit" Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CT	Peça	02:24	4	CL	F
3	3ª	14	"Web Summit" Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CT	Peça	02:24	5	CL	M
3	3ª	14	"Web Summit" Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CT	Peça	02:24	6	CL	M
3	3ª	14	"Web Summit" Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CT	Peça	02:24	7	CL	F
3	3ª	14	"Web Summit" Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CT	Peça	02:24	8	CL	F
3	3ª	14	"Web Summit" Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CT	Peça	02:24	9	EL	M
3	3ª	14	"Web Summit" Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CT	Peça	02:24	10	TCPN	M
3	3ª	15	Livraria Saldanha	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	FD	03:53	1	EL	F
3	3ª	16	Do que a terra dá	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	01:46	1	EL	M
3	3ª	16	Do que a terra dá	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	01:46	2	EL	F
3	3ª	17	Fim de Semana Prolongado	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:21	1	EL	M
3	3ª	17	Fim de Semana Prolongado	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:21	2	EL	M
3	3ª	18	30 Anos Confraria São Jorge	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:46	1	EL	M
3	3ª	18	30 Anos Confraria São Jorge	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:46	2	CL	F
3	3ª	18	30 Anos Confraria São Jorge	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:46	3	EL	M
3	3ª	19	"CAM em Movimento"	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	01:57	1	CL	M
3	3ª	19	"CAM em Movimento"	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	01:57	2	CL	F
3	3ª	19	"CAM em Movimento"	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	01:57	3	EL	M
3	3ª	20	Pergunta Portugal em Dir. Resposta	CB	PC	Centro	BB	Dif.	Pos.	1	CL	OFF	01:47	0		
4	1ª	1	Dupla Vacinação	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	01:49	1	CL	F
4	1ª	1	Dupla Vacinação	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	01:49	2	CL	M
4	1ª	1	Dupla Vacinação	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	01:49	3	ROP	F
4	1ª	2	Espaço Imprensa Regional	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dir.	Neu.	1	CL	Ent.	03:00	1	EL	F
4	1ª	2	Espaço Imprensa Regional	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dir.	Neu.	2	EL	Ent.	03:00	1	EL	F
4	1ª	2	Espaço Imprensa Regional	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dir.	Neu.	3	Soc.	Ent.	03:00	1	EL	F
4	1ª	2	Espaço Imprensa Regional	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dir.	Neu.	4	DL	Ent.	03:00	1	EL	F
4	1ª	3	Tertúlia Artistas Locais	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:15	1	CL	M
4	2ª	4	Transportes Públicos	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EN	OFF	00:48	0		
4	2ª	5	Greve Metro de Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	01:52	1	CL	F
4	2ª	5	Greve Metro de Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	01:52	2	CL	M
4	2ª	5	Greve Metro de Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	01:52	3	CL	M
4	2ª	5	Greve Metro de Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	01:52	4	CL	F
4	2ª	5	Greve Metro de Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	01:52	5	CL	M
4	2ª	5	Greve Metro de Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	01:52	6	CL	F
4	2ª	5	Greve Metro de Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	01:52	7	EL	M
4	2ª	6	Concessões Mineiras	CB	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:06	1	EL	M
4	2ª	6	Concessões Mineiras	CB	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:06	2	EL	M
4	2ª	7	"Vinhos com História"	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dir.	Pos.	1	CN	Ent.	06:00	1	EL	F
4	2ª	8	Festival Mochila	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dir.	Neu.	1	CL	Dir.	04:00	1	EL	M
4	2ª	8	Festival Mochila	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dir.	Neu.	1	CL	Dir.	04:00	2	CL	F

4	2ª	9	Castelo Portel (Parte 1)	Év.	PC	AL	AC	Dif.	Neu.	1	CL	FD	04:09	1	EL	F
4	3ª	10	Crise Dielmar	CB	PC	Centro	BSE	Dif.	Neg.	1	EL	Peça	01:47	1	EL	F
4	3ª	11	Rendimento dos Portugueses	Lx	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	EL	OFF	00:48	0		
4	3ª	11	Rendimento dos Portugueses	Por.	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	EL	OFF	00:48	0		
4	3ª	12	Loja com 90 anos	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	03:14	1	CL	M
4	3ª	12	Loja com 90 anos	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	03:14	2	CL	F
4	3ª	12	Loja com 90 anos	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	03:14	3	EL	F
4	3ª	12	Loja com 90 anos	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	03:14	4	EL	M
4	3ª	12	Loja com 90 anos	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	03:14	5	EL	M
4	3ª	13	Valorização Queijo São Jorge Novos Mercados	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:12	1	EL	M
4	3ª	13	Valorização Queijo São Jorge Novos Mercados	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:12	2	EL	F
4	3ª	14	Castelo Portel (Parte 2)	Év.	PC	AL	AC	Dif.	Neu.	1	CL	FD	05:16	1	EL	F
4	3ª	14	Castelo Portel (Parte 2)	Év.	PC	AL	AC	Dif.	Neu.	1	CL	FD	05:16	2	EL	M
4	3ª	15	Reabertura Sala de Cinema Por.	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	05:00	1	EL	M
4	3ª	15	Reabertura Sala de Cinema Por.	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	05:00	2	EL	F
4	3ª	16	Casa de Sende	VDC	PC	Norte	AM	Dif.	Pos.	1	CL	Peça	02:56	1	CL	M
4	3ª	16	Casa de Sende	VDC	PC	Norte	AM	Dif.	Pos.	1	CL	Peça	02:56	2	EL	F
4	3ª	16	Casa de Sende	VDC	PC	Norte	AM	Dif.	Pos.	1	CL	Peça	02:56	3	EL	M
4	3ª	17	Painéis São Vicente	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:39	1	CL	M
4	3ª	17	Painéis São Vicente	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:39	2	EL	F
4	3ª	17	Painéis São Vicente	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:39	3	EL	F
4	3ª	17	Painéis São Vicente	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:39	4	EL	M
4	3ª	18	Casa Achada do Teixeira	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:36	1	EL	F
4	3ª	19	Pergunta Portugal em Direção Resposta	Év.	PC	AL	AC	Dif.	Pos.	1	CL	OFF	01:35	0		

4	3ª	20	Constança Quinteiro	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	CN	OFF	01:14	0		
5	1ª	1	Dose de Reforço	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:09	1	EL	F
5	1ª	1	Dose de Reforço	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:09	2	CL	M
5	1ª	1	Dose de Reforço	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:09	3	CL	F
5	1ª	2	Vacinação Gripe e C-19	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:39	1	ROP	F
5	1ª	2	Vacinação Gripe e C-19	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:39	2	ROP	M
5	1ª	2	Vacinação Gripe e C-19	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:39	3	CL	F
5	1ª	3	Tráfico de Droga nos Aço.	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Pos.	1	Cr.	Peça	02:36	1	EL	M
5	1ª	3	Tráfico de Droga nos Aço.	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Pos.	1	Cr.	Peça	02:36	2	EL	M
5	1ª	4	Espaço Imprensa Regional	Sant.	PC	AL	LA	Dir.	Neu.	1	PL	Ent.	03:00	1	EL	M
5	1ª	4	Espaço Imprensa Regional	Sant.	PC	AL	LA	Dir.	Neu.	2	Soc.	Ent.	03:00	1	EL	M
5	1ª	4	Espaço Imprensa Regional	Sant.	PC	AL	LA	Dir.	Neu.	3	CL	Ent.	03:00	1	EL	M
5	2ª	5	Transporte a Pedido - Sit Flexi	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	03:34	1	CL	F
5	2ª	5	Transporte a Pedido - Sit Flexi	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	03:34	2	EL	M
5	2ª	5	Transporte a Pedido - Sit Flexi	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	03:34	3	CL	F
5	2ª	5	Transporte a Pedido - Sit Flexi	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	03:34	4	CL	M
5	2ª	5	Transporte a Pedido - Sit Flexi	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	03:34	5	EL	M
5	2ª	6	Dia do Cuidador Informal	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:45	1	CL	M
5	2ª	6	Dia do Cuidador Informal	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:45	2	EL	F
5	2ª	6	Dia do Cuidador Informal	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:45	3	ROP	F

5	2ª	7	Dia do Cuidador Informal - Ent.	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dir.	Neu.	1	Soc.	Ent.	06:00	1	EL	F
5	2ª	8	Caminhos Cinema Português	Coim.	PC	Centro	<u>R.Coim</u>	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:04	1	EL	M
5	2ª	8	Caminhos Cinema Português	Coim.	PC	Centro	<u>R.Coim</u>	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:04	2	EL	M
5	2ª	9	Festival "Género ao Centro"	Coim.	PC	Centro	<u>R.Coim</u>	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:51	1	CL	M
5	2ª	9	Festival "Género ao Centro"	Coim.	PC	Centro	<u>R.Coim</u>	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:51	2	CL	F
5	2ª	9	Festival "Género ao Centro"	Coim.	PC	Centro	<u>R.Coim</u>	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:51	3	CL	F
5	2ª	9	Festival "Género ao Centro"	Coim.	PC	Centro	<u>R.Coim</u>	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:51	4	CL	M
5	2ª	9	Festival "Género ao Centro"	Coim.	PC	Centro	<u>R.Coim</u>	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:51	5	EL	F
5	2ª	10	Festa do Rancho	Vis.	PC	Centro	VDL	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:15	1	EL	M
5	2ª	10	Festa do Rancho	Vis.	PC	Centro	VDL	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:15	2	EL	M
5	2ª	10	Festa do Rancho	Vis.	PC	Centro	VDL	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:15	3	CL	M
5	3ª	11	Transportes de Passageiros Pandemia	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EN	OFF	00:29	0		
5	3ª	12	"Voar na Beira Baixa"	CB	PC	Centro	BB	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:28	1	CL	M
5	3ª	12	"Voar na Beira Baixa"	CB	PC	Centro	BB	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:28	2	CL	M
5	3ª	12	"Voar na Beira Baixa"	CB	PC	Centro	BB	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:28	3	EL	M
5	3ª	12	"Voar na Beira Baixa"	CB	PC	Centro	BB	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:28	4	EL	M
5	3ª	13	Pastel de Castanha "Quinas"	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	FD	07:02	1	CL	M
5	3ª	13	Pastel de Castanha "Quinas"	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	FD	07:02	2	EL	M
5	3ª	14	"Rural Castanea"- Festa Castanha Vinhais	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Pos.	1	CL	FD	04:40	1	CL	F
5	3ª	14	"Rural Castanea"- Festa Castanha Vinhais	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Pos.	1	CL	FD	04:40	2	CL	F
5	3ª	14	"Rural Castanea"- Festa Castanha Vinhais	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Pos.	1	CL	FD	04:40	3	CL	M
5	3ª	14	"Rural Castanea"- Festa Castanha Vinhais	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Pos.	1	CL	FD	04:40	4	EL	M
5	3ª	15	Feira do Cavalo Golegã	Sant.	PC	AL	LA	Dir.	Neu.	1	CL	Dir.	06:30	1	EL	M
5	3ª	15	Feira do Cavalo Golegã	Sant.	PC	AL	LA	Dir.	Neu.	1	CL	Dir.	06:30	2	CL	M
5	3ª	16	Arqueologia Náutica	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	01:46	1	EL	M
5	3ª	16	Arqueologia Náutica	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	01:46	2	TCPN	F
5	3ª	17	Livro Cabo Girão	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:21	1	EL	F
5	3ª	17	Livro Cabo Girão	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:21	2	EL	F
5	3ª	18	Pergunta Portugal em Dir. Resposta	Port.	PC	AL	AA	Dif.	Pos.	1	CL	OFF	01:12	0		
6	1ª	1	Investigação Militares	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Cr.	Peça	02:48	1	TCPN	M
6	1ª	2	DGS Acelera Vacinação	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:07	1	ROP	M
6	1ª	2	DGS Acelera Vacinação	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:07	2	ROP	F
6	1ª	3	Surto em Cruzeiro	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neg.	1	C-19	Peça	01:22	0		
6	1ª	4	Polémica Igreja Rabo Peixe	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:34	1	CL	F
6	1ª	4	Polémica Igreja Rabo Peixe	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:34	2	CL	F
6	1ª	4	Polémica Igreja Rabo Peixe	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:34	3	CL	F
6	1ª	4	Polémica Igreja Rabo Peixe	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:34	4	EL	M
6	1ª	5	Espaço Imprensa Regional	Év.	PC	AL	AC	Dir.	Neu.	1	Cr.	Ent.	03:00	1	EL	F
6	1ª	5	Espaço Imprensa Regional	Év.	PC	AL	AC	Dir.	Neu.	2	EL	Ent.	03:00	1	EL	F
6	1ª	5	Espaço Imprensa Regional	Év.	PC	AL	AC	Dir.	Neu.	1	CL	Ent.	03:00	1	EL	F

6	1ª	5	Espaço Imprensa Regional	Éx.	PC	AL	AC	Dir.	Neu.	1	DL	Ent.	03:00	1	EL	F
6	2ª	6	Greve Parciais Transtejo	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:40	1	CL	F
6	2ª	6	Greve Parciais Transtejo	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:40	2	CL	M
6	2ª	6	Greve Parciais Transtejo	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:40	3	CL	F
6	2ª	6	Greve Parciais Transtejo	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:40	4	CL	F
6	2ª	7	Hospital Ponta Delgada	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:46	1	EL	M
6	2ª	8	Stress	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	Soc.	Ent.	06:00	1	EL	M
6	2ª	9	Crise Mobiliário	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	EL	FD	05:28	1	EL	M
6	2ª	9	Crise Mobiliário	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	EL	FD	05:28	2	EL	M
6	2ª	10	Projeto Serra Camisolas	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:28	1	CL	M
6	2ª	10	Projeto Serra Camisolas	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:28	2	CL	M
6	2ª	10	Projeto Serra Camisolas	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:28	3	CL	M
6	3ª	11	Mau Tempo Faial	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:08	1	EL	M
6	3ª	12	Heróis da Fruta	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	FD	07:29	1	CL	F
6	3ª	12	Heróis da Fruta	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	FD	07:29	2	CL	M
6	3ª	12	Heróis da Fruta	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	FD	07:29	3	CL	M
6	3ª	12	Heróis da Fruta	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	FD	07:29	4	CL	F
6	3ª	12	Heróis da Fruta	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	FD	07:29	5	CL	F
6	3ª	12	Heróis da Fruta	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	FD	07:29	6	EL	M
6	3ª	13	CINANIMA	Av.	PC	Centro	R.Av.	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:09	1	EL	M
6	3ª	14	"Exposição de Amantes"	Lx	PC	Centro	Oeste	Dif.	Neu.	1	CL	FD	02:55	1	CL	F
6	3ª	15	Festival Acordeão	Lx	PC	Centro	Oeste	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:21	1	CL	M
6	3ª	15	Festival Acordeão	Lx	PC	Centro	Oeste	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:21	2	CL	M
6	3ª	15	Festival Acordeão	Lx	PC	Centro	Oeste	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:21	3	CL	F
6	3ª	15	Festival Acordeão	Lx	PC	Centro	Oeste	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:21	4	CL	M
6	3ª	16	Festival Balões de Ar Quente	Éx.	PC	AL	AC	Dif.	Pos.	1	EL	Peça	02:40	1	CL	M
6	3ª	16	Festival Balões de Ar Quente	Éx.	PC	AL	AC	Dif.	Pos.	1	EL	Peça	02:40	2	CL	F
6	3ª	16	Festival Balões de Ar Quente	Éx.	PC	AL	AC	Dif.	Pos.	1	EL	Peça	02:40	3	CL	M
6	3ª	16	Festival Balões de Ar Quente	Éx.	PC	AL	AC	Dif.	Pos.	1	EL	Peça	02:40	4	CL	M
6	3ª	16	Festival Balões de Ar Quente	Éx.	PC	AL	AC	Dif.	Pos.	1	EL	Peça	02:40	5	CL	M
6	3ª	16	Festival Balões de Ar Quente	Éx.	PC	AL	AC	Dif.	Pos.	1	EL	Peça	02:40	6	CL	F
6	3ª	16	Festival Balões de Ar Quente	Éx.	PC	AL	AC	Dif.	Pos.	1	EL	Peça	02:40	7	CL	M
6	3ª	17	Pergunta Portugal em Dir.: Resposta	CB	PC	Centro	BB	Dif.	Pos.	1	CL	OFF	01:23	0		
7	1ª	1	Exportações e Importações	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EN	OFF	00:24	0		
7	1ª	2	Elétrico da Linha 22	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:01	1	CL	F
7	1ª	2	Elétrico da Linha 22	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:01	2	CL	F
7	1ª	2	Elétrico da Linha 22	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:01	3	EL	M
7	1ª	3	Preços dos Combustíveis	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EN	OFF	01:19	0		
7	1ª	4	Notas de Escudo	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Pos.	1	Soc.	Peça	02:38	1	CL	M
7	1ª	4	Notas de Escudo	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Pos.	1	Soc.	Peça	02:38	2	CL	F
7	1ª	4	Notas de Escudo	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Pos.	1	Soc.	Peça	02:38	3	CL	F
7	1ª	4	Notas de Escudo	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Pos.	1	Soc.	Peça	02:38	4	CL	M
7	1ª	5	Espaço Imprensa Regional	Gua.	PC	Centro	BSE	Dir.	Neu.	1	Soc.	Ent.	03:00	1	EL	M
7	1ª	5	Espaço Imprensa Regional	Gua.	PC	Centro	BSE	Dir.	Neu.	2	EL	Ent.	03:00	1	EL	M
7	1ª	5	Espaço Imprensa Regional	Gua.	PC	Centro	BSE	Dir.	Neu.	3	CL	Ent.	03:00	1	EL	M
7	1ª	6	Coffee Cabana	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	03:04	1	CL	M
7	1ª	6	Coffee Cabana	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	03:04	2	EL	M
7	2ª	7	Saúde Mental Pós Pandemia	CB	PC	Centro	BB	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:59	1	CL	F
7	2ª	7	Saúde Mental Pós Pandemia	CB	PC	Centro	BB	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:59	2	ROP	F

7	2ª	7	Saúde Mental Pós Pandemia	CB	PC	Centro	BB	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:59	3	EL	F
7	2ª	8	SOS Cagarro Corvo	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Pos.	1	Soc.	Peça	04:50	1	EL	F
7	2ª	9	Teatro no LU.CA	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	CL	Ent.	06:00	1	EL	F
7	2ª	10	Coleção Siza Serralves	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:00	1	CL	F
7	2ª	10	Coleção Siza Serralves	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:00	2	CL	F
7	2ª	10	Coleção Siza Serralves	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:00	3	EL	F
7	2ª	10	Coleção Siza Serralves	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:00	4	TCPN	M
7	2ª	10	Coleção Siza Serralves	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:00	5	CL	M
7	2ª	11	Disparidade Educativa	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neg.	1	Soc.	OFF	00:49	0		
7	3ª	12	Programa Bairro Feliz	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	FD	05:43	1	EL	F
7	3ª	12	Programa Bairro Feliz	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	FD	05:43	2	EL	M
7	3ª	13	Feira do Cavalo Golegã	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Pos.	1	CL	FD	04:09	1	CL	F
7	3ª	13	Feira do Cavalo Golegã	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Pos.	1	CL	FD	04:09	2	CL	M
7	3ª	13	Feira do Cavalo Golegã	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Pos.	1	CL	FD	04:09	3	CL	F
7	3ª	13	Feira do Cavalo Golegã	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Pos.	1	CL	FD	04:09	4	CL	M
7	3ª	13	Feira do Cavalo Golegã	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Pos.	1	CL	FD	04:09	5	CL	M
7	3ª	13	Feira do Cavalo Golegã	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Pos.	1	CL	FD	04:09	6	CL	M
7	3ª	14	Queijos Premiados	CB	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	FD	05:16	1	EL	M
7	3ª	15	Novos "Cartuchos" Castanhas	Bra.	PC	Norte	Cávado	Dif.	Pos.	1	CL	FD	07:00	1	CL	F
7	3ª	15	Novos "Cartuchos" Castanhas	Bra.	PC	Norte	Cávado	Dif.	Pos.	1	CL	FD	07:00	2	CL	F
7	3ª	15	Novos "Cartuchos" Castanhas	Bra.	PC	Norte	Cávado	Dif.	Pos.	1	CL	FD	07:00	3	CL	F
7	3ª	16	Golfinhos Ria Formosa	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:27	1	EL	F
7	3ª	17	Pergunta Portugal em Dir. Resposta	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	OFF	01:12	0		
8	1ª	1	Autovoucher a Funcionar	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:11	1	CL	F
8	1ª	1	Autovoucher a Funcionar	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:11	2	CL	M
8	1ª	1	Autovoucher a Funcionar	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:11	3	CL	M
8	1ª	1	Autovoucher a Funcionar	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:11	4	CL	M
8	1ª	1	Autovoucher a Funcionar	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:11	5	CL	F
8	1ª	1	Autovoucher a Funcionar	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:11	6	CL	F
8	1ª	1	Autovoucher a Funcionar	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:11	7	EL	M
8	1ª	2	Arranca Autovoucher	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EN	Peça	01:39	1	TCPN	M
8	1ª	3	Pão e Bolos mais caros	Coim.	PC	Centro	<u>R.Coim</u>	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:12	1	CL	M
8	1ª	3	Pão e Bolos mais caros	Coim.	PC	Centro	<u>R.Coim</u>	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:12	2	CL	F
8	1ª	3	Pão e Bolos mais caros	Coim.	PC	Centro	<u>R.Coim</u>	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:12	3	CL	M
8	1ª	3	Pão e Bolos mais caros	Coim.	PC	Centro	<u>R.Coim</u>	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:12	4	CL	F
8	1ª	3	Pão e Bolos mais caros	Coim.	PC	Centro	<u>R.Coim</u>	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:12	5	CL	F
8	1ª	4	Espaço Imprensa Regional	Lei	PC	Centro	<u>R.Lei</u>	Dir.	Neu.	1	EL	Ent.	03:00	1	EL	F
8	1ª	4	Espaço Imprensa Regional	Lei	PC	Centro	<u>R.Lei</u>	Dir.	Neu.	1	CL	Ent.	03:00	1	EL	F
8	1ª	4	Espaço Imprensa Regional	Lei	PC	Centro	<u>R.Lei</u>	Dir.	Neu.	1	PL	Ent.	03:00	1	EL	F
8	1ª	4	Espaço Imprensa Regional	Lei	PC	Centro	<u>R.Lei</u>	Dir.	Neu.	1	Soc.	Ent.	03:00	1	EL	F
8	1ª	5	Navios de Cruzeiro Aço.	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:32	1	EL	M
8	2ª	6	C-19: Estudo do Técnico	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	01:29	1	EL	M
3	2ª	7	Isolamentos Alunos Vinhais	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	01:28	1	EL	M
8	2ª	8	Irmãs Oblatas - Prostituição	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:17	1	CL	F
8	2ª	8	Irmãs Oblatas - Prostituição	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:17	2	EL	F
8	2ª	9	Prostituição em Lx e Direitos das Mulheres	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	Soc.	Ent.	09:00	1	EL	F
8	2ª	10	Fármaco para o Cérebro	Bra.	PC	Norte	Cávado	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:20	1	EL	F
8	2ª	11	Casa Fernando Pessoa (Parte 1)	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	FD	06:42	1	EL	F

8	2ª	11	Casa Fernando Pessoa ( <u>Parte 1</u> )	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	FD	06:42	2	EL	F
8	3ª	12	Obras na Baixa do Por.	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:40	1	CL	M
8	3ª	12	Obras na Baixa do Por.	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:40	2	CL	M
8	3ª	12	Obras na Baixa do Por.	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:40	3	CL	F
8	3ª	12	Obras na Baixa do Por.	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:40	4	CL	F
8	3ª	12	Obras na Baixa do Por.	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:40	5	CL	F
8	3ª	12	Obras na Baixa do Por.	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:40	6	EL	M
8	3ª	13	Hóteis Serra da Estrela	CB	PC	Centro	BSE	Dif.	Pos.	1	EL	Peça	02:10	1	EL	M
8	3ª	13	Hóteis Serra da Estrela	CB	PC	Centro	BSE	Dif.	Pos.	1	EL	Peça	02:10	2	EL	M
8	3ª	13	Hóteis Serra da Estrela	CB	PC	Centro	BSE	Dif.	Pos.	1	EL	Peça	02:10	3	EL	M
8	3ª	14	Casa Fernando Pessoa ( <u>Parte 2</u> )	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	FD	06:02	1	EL	F
8	3ª	15	Dielmar	CB	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:17	1	ROP	F
8	3ª	15	Dielmar	CB	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:17	2	EL	F
8	3ª	15	Dielmar	CB	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:17	3	TCPN	M
8	3ª	16	Semana Gastronómica do Vinho	Bej.	PC	AL	BA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:11	1	CL	F
8	3ª	16	Semana Gastronómica do Vinho	Bej.	PC	AL	BA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:11	2	CL	M
8	3ª	16	Semana Gastronómica do Vinho	Bej.	PC	AL	BA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:11	3	CL	F
8	3ª	16	Semana Gastronómica do Vinho	Bej.	PC	AL	BA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:11	4	CL	F
8	3ª	16	Semana Gastronómica do Vinho	Bej.	PC	AL	BA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:11	5	EL	M
8	3ª	17	Golfinhos na Ria Formosa	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:55	1	EL	F
8	3ª	18	Empresas Turismo	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EN	OFF	00:28	0		
8	3ª	19	Pergunta Portugal em Direção - Resposta	Por.	PC	Norte	TS	Dif.	Pos.	1	CL	OFF	01:26	0		
9	1ª	1	Vacinação mais de 65 Anos	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	01:39	1	TCPN	M
9	1ª	2	Demissões Hospital Santa Maria	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:33	1	ROP	M
9	1ª	2	Demissões Hospital Santa Maria	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:33	2	ROP	M
9	1ª	2	Demissões Hospital Santa Maria	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:33	3	EL	M

9	1ª	2	Demissões Hospital Santa Maria	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:33	4	TCPN	M
9	1ª	3	Colisão Violenta Abrantes	Sant.	PC	AL	MT	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:24	1	CL	M
9	1ª	4	Espaço Imprensa Regional	Sant.	PC	AL	MT	Dir.	Neu.	1	PL	Ent.	03:00	1	EL	F
9	1ª	4	Espaço Imprensa Regional	Sant.	PC	AL	MT	Dir.	Neu.	2	C-19	Ent.	03:00	1	EL	F
9	1ª	4	Espaço Imprensa Regional	Sant.	PC	AL	MT	Dir.	Neu.	3	Soc.	Ent.	03:00	1	EL	F
9	1ª	4	Espaço Imprensa Regional	Sant.	PC	AL	MT	Dir.	Neu.	4	EL	Ent.	03:00	1	EL	F
9	2ª	5	Protesto Congresso Hóteis	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Neu.	1	EL	OFF	01:17	1	ROP	M
9	2ª	6	Hotelaria no Alg.	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	01:54	1	EL	F
9	2ª	6	Hotelaria no Alg.	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	01:54	2	EL	M
9	2ª	6	Hotelaria no Alg.	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	01:54	3	EL	M
9	2ª	7	Rede Cidades Criativas	CB	PC	Centro	BSE	Dir.	Neu.	1	CL	Ent.	06:00	1	EL	F
9	2ª	8	Mau ano Castanha Marvão	Port.	PC	AL	AA	Dif.	Neg.	1	EL	Peça	02:34	1	CL	M
9	2ª	8	Mau ano Castanha Marvão	Port.	PC	AL	AA	Dif.	Neg.	1	EL	Peça	02:34	2	CL	M
9	2ª	8	Mau ano Castanha Marvão	Port.	PC	AL	AA	Dif.	Neg.	1	EL	Peça	02:34	3	CL	F
9	2ª	8	Mau ano Castanha Marvão	Port.	PC	AL	AA	Dif.	Neg.	1	EL	Peça	02:34	4	CL	F
9	2ª	9	Dia de São Martinho	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	CL	Dir.	06:00	1	CL	M
9	2ª	9	Dia de São Martinho	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	CL	Dir.	06:00	2	CL	M
9	2ª	9	Dia de São Martinho	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	CL	Dir.	06:00	3	CL	M
9	2ª	9	Dia de São Martinho	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	CL	Dir.	06:00	4	CL	F
9	2ª	9	Dia de São Martinho	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	CL	Dir.	06:00	5	CL	M
9	2ª	9	Dia de São Martinho	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	CL	Dir.	06:00	6	CL	F
9	2ª	9	Dia de São Martinho	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	CL	Dir.	06:00	7	CL	M
9	2ª	9	Dia de São Martinho	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	CL	Dir.	06:00	8	CL	M
9	2ª	9	Dia de São Martinho	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	CL	Dir.	06:00	9	EL	M
9	2ª	10	Feira de São Martinho Penafiel	Por.	PC	Norte	TS	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	01:52	1	CL	F
9	2ª	10	Feira de São Martinho Penafiel	Por.	PC	Norte	TS	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	01:52	2	CL	F
9	2ª	10	Feira de São Martinho Penafiel	Por.	PC	Norte	TS	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	01:52	3	CL	M

9	2ª	10	Feira de São Martinho Penafiel	Por.	PC	Norte	TS	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	01:52	4	CL	F
9	2ª	10	Feira de São Martinho Penafiel	Por.	PC	Norte	TS	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	01:52	5	CL	F
9	2ª	10	Feira de São Martinho Penafiel	Por.	PC	Norte	TS	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	01:52	6	CL	M
9	3ª	11	Visitas Guiadas Coliseu	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	07:00	1	EL	M
9	3ª	11	Visitas Guiadas Coliseu	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	07:00	2	EL	F
9	3ª	12	Cozido Barrosão	VR	PC	Norte	AT	Dir.	Neu.	1	CL	Dir.	06:00	1	CL	M
9	3ª	12	Cozido Barrosão	VR	PC	Norte	AT	Dir.	Neu.	1	CL	Dir.	06:00	2	CL	M
9	3ª	12	Cozido Barrosão	VR	PC	Norte	AT	Dir.	Neu.	1	CL	Dir.	06:00	3	CL	M
3	3ª	13	Escultura enterrada São Sebastião	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	FD	06:44	1	CL	M
9	3ª	13	Escultura enterrada São Sebastião	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	FD	06:44	2	CL	M
9	3ª	13	Escultura enterrada São Sebastião	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	FD	06:44	3	CL	M
9	3ª	13	Escultura enterrada São Sebastião	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	FD	06:44	4	EL	F
9	3ª	14	Momentus Festival	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:51	1	CL	M
9	3ª	14	Momentus Festival	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:51	2	CL	F
9	3ª	14	Momentus Festival	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:51	3	EL	F
9	3ª	14	Momentus Festival	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:51	4	CL	F
9	3ª	14	Momentus Festival	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:51	5	CL	F
9	3ª	15	Pergunta Portugal em Dir. Resposta	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Pos.	1	CL	OFF	01:10	0		
10	1ª	1	Greve Função Pública	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:37	1	CL	F
10	1ª	1	Greve Função Pública	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:37	2	CL	M
10	1ª	1	Greve Função Pública	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:37	3	CL	F
10	1ª	1	Greve Função Pública	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:37	5	CL	F
10	1ª	1	Greve Função Pública	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:37	6	CL	M
10	1ª	1	Greve Função Pública	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:37	7	CL	F
10	1ª	1	Greve Função Pública	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:37	8	ROP	M
10	1ª	1	Greve Função Pública	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:37	9	CL	M
10	1ª	1	Greve Função Pública	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:37	10	CL	F
10	1ª	1	Greve Função Pública	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:37	12	CL	F
10	1ª	1	Greve Função Pública	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:37	13	CL	M
10	1ª	1	Greve Função Pública	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:37	14	CL	M
10	1ª	2	Greve Função Pública	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:44	1	TCPN	F
10	1ª	2	Greve Função Pública	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:44	2	EL	M
10	1ª	2	Greve Função Pública	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:44	3	ROP	F
10	1ª	3	Espaço Imprensa Regional	Por.	PC	Norte	TS	Dir.	Pos.	1	EL	Ent.	03:00	1	EL	M
10	1ª	3	Espaço Imprensa Regional	Por.	PC	Norte	TS	Dir.	Pos.	2	CL	Ent.	03:00	1	EL	M
10	1ª	3	Espaço Imprensa Regional	Por.	PC	Norte	TS	Dir.	Pos.	3	DL	Ent.	03:00	1	EL	M
10	1ª	3	Espaço Imprensa Regional	Por.	PC	Norte	TS	Dir.	Pos.	4	Soc.	Ent.	03:00	1	EL	M
10	2ª	4	C-19 Campanha Vacinação	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:46	1	ROP	F
10	2ª	4	C-19 Campanha Vacinação	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:46	2	ROP	M
10	2ª	5	Dia Mundial da Pneumonia	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dir.	Neu.	1	Soc.	Ent.	06:00	1	EL	M
10	2ª	6	102 Anos Policia Maritima	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	Soc.	Dir.	06:00	1	EL	M
10	2ª	6	102 Anos Policia Maritima	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	Soc.	Dir.	06:00	2	EL	M
10	2ª	7	20 Palmilha Dentada	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	05:51	1	CL	M
10	2ª	7	20 Palmilha Dentada	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	05:51	2	CL	M
10	2ª	7	20 Palmilha Dentada	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	05:51	3	EL	M
10	2ª	8	Faias - Serra da Estrela (Parte 1)	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	FD	04:28	1	EL	M
10	3ª	9	Vinha da Talha	Bej.	PC	AL	BA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:44	1	CL	M
10	3ª	9	Vinha da Talha	Bej.	PC	AL	BA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:44	2	CL	M
10	3ª	9	Vinha da Talha	Bej.	PC	AL	BA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:44	3	CL	M
10	3ª	9	Vinha da Talha	Bej.	PC	AL	BA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:44	4	EL	M

10	3ª	9	Vinha da Talha	Bej.	PC	AL	BA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:44	5	CL	M
10	3ª	9	Vinha da Talha	Bej.	PC	AL	BA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:44	6	EL	F
10	3ª	10	Cineteatro Covilhã	CB	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	FD	06:06	1	EL	M
10	3ª	10	Cineteatro Covilhã	CB	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	FD	06:06	2	EL	M
10	3ª	10	Cineteatro Covilhã	CB	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	FD	06:06	3	CL	M
10	3ª	11	Gastronomia Macedo de Cavaleiros	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:18	1	CL	M
10	3ª	11	Gastronomia Macedo de Cavaleiros	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:18	2	CL	M
10	3ª	11	Gastronomia Macedo de Cavaleiros	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:18	3	CL	M
10	3ª	11	Gastronomia Macedo de Cavaleiros	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:18	4	CL	M
10	3ª	11	Gastronomia Macedo de Cavaleiros	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:18	5	CL	F
10	3ª	11	Gastronomia Macedo de Cavaleiros	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:18	6	EL	F
10	3ª	12	Faias - Serra da Estrela (Parte 2)	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	FD	04:41	1	CL	M
10	3ª	12	Faias - Serra da Estrela (Parte 2)	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	FD	04:41	2	EL	M
10	3ª	13	Pergunta Portugal em Direção Resposta	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Pos.	1	CN	OFF	01:12	0		
10	3ª	14	Homenagem Mário Silva	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:27	1	CL	M
10	3ª	14	Homenagem Mário Silva	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:27	2	EL	M
10	3ª	15	Festival Balonismo Coruche	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:34	1	CL	M
10	3ª	15	Festival Balonismo Coruche	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:34	2	CL	M
10	3ª	15	Festival Balonismo Coruche	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:34	3	CL	F
10	3ª	15	Festival Balonismo Coruche	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:34	4	CL	M
10	3ª	15	Festival Balonismo Coruche	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:34	5	CL	F

10	3ª	15	Festival Balonismo Coruche	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:34	6	CL	F
10	3ª	15	Festival Balonismo Coruche	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:34	7	CL	M
10	3ª	15	Festival Balonismo Coruche	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:34	8	CL	M
10	3ª	15	Festival Balonismo Coruche	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:34	9	CL	M
11	1ª	1	Agravamento da Pandemia	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	OFF	00:30	0		
11	1ª	2	Casa Aberta Vacinação	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	OFF	01:47	0		
11	1ª	3	Vacinação Profissionais de Saúde	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	01:43	1	CL	F
11	1ª	3	Vacinação Profissionais de Saúde	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	01:43	2	EL	M
11	1ª	3	Vacinação Profissionais de Saúde	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	01:43	3	ROP	M
11	1ª	3	Vacinação Profissionais de Saúde	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	01:43	4	EL	M
11	1ª	4	Urgências de Pediatria	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:43	1	EL	F
11	1ª	4	Urgências de Pediatria	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:43	2	EL	F
11	1ª	4	Urgências de Pediatria	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:43	3	EL	F
11	1ª	5	Uso de Máscara	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	EDE	00:36	1	ROP	F
11	1ª	6	Casos a Aumentar	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:40	1	EL	M
11	1ª	6	Casos a Aumentar	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:40	2	CL	M
11	1ª	7	Espaço Imprensa Regional	CB	PC	Centro	BSE	Dir.	Neu.	1	EL	Ent.	03:00	1	EL	M
11	1ª	7	Espaço Imprensa Regional	CB	PC	Centro	BSE	Dir.	Neu.	2	Soc.	Ent.	03:00	1	EL	M
11	1ª	7	Espaço Imprensa Regional	CB	PC	Centro	BSE	Dir.	Neu.	3	CL	Ent.	03:00	1	EL	M
11	1ª	8	Natal no Por. Santo	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:09	1	EL	M
11	1ª	8	Natal no Por. Santo	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:09	2	EL	M
11	2ª	9	Aumento Crédito Consumo	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EN	OFF	01:12	0		
11	2ª	10	Central de Abrantes	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Neu.	1	EL	OFF	00:45	0		

11	2ª	11	"Vítimas Vulneráveis"	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:06	1	EL	F
11	2ª	11	"Vítimas Vulneráveis"	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:06	2	TCPN	M
11	2ª	11	Enxaqueca	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dir.	Neu.	1	Soc.	Ent.	07:00	1	ROP	F
11	2ª	12	Quinzena Gastronómica (Parte 1)	Lx	PC	Centro	Oeste	Dif.	Neu.	1	CL	FD	05:22	1	CL	M
11	2ª	12	Quinzena Gastronómica (Parte 1)	Lx	PC	Centro	Oeste	Dif.	Neu.	1	CL	FD	05:22	2	CL	M
11	2ª	13	Showcooking Biológico	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Pos.	1	Soc.	Peça	02:04	1	CL	M
11	2ª	13	Showcooking Biológico	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Pos.	1	Soc.	Peça	02:04	2	EL	M
11	2ª	14	Melhor Hotel de Luxo	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	03:10	1	EL	F
11	2ª	14	Melhor Hotel de Luxo	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	03:10	2	CL	M
11	3ª	15	AMP	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	EL	OFF	00:30	0		
11	3ª	16	Alojamento Turístico	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EN	OFF	01:29	0		
11	3ª	17	Dia da Língua Gestual	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	OFF	01:28	1	EL	M
11	3ª	18	Magusto Celta	VR	PC	Norte	AT	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:33	1	CL	F
11	3ª	18	Magusto Celta	VR	PC	Norte	AT	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:33	2	CL	M
11	3ª	18	Magusto Celta	VR	PC	Norte	AT	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:33	3	CL	F
11	3ª	18	Magusto Celta	VR	PC	Norte	AT	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:33	4	CL	M
11	3ª	18	Magusto Celta	VR	PC	Norte	AT	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:33	5	CL	F
11	3ª	18	Magusto Celta	VR	PC	Norte	AT	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:33	6	CL	F
11	3ª	18	Magusto Celta	VR	PC	Norte	AT	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:33	7	CL	F
11	3ª	18	Magusto Celta	VR	PC	Norte	AT	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:33	8	CL	F
11	3ª	19	Quinzena Gastronómica (Parte 2)	Lx	PC	Centro	Oeste	Dif.	Neu.	1	CL	FD	04:17	1	CL	F
11	3ª	19	Quinzena Gastronómica (Parte 2)	Lx	PC	Centro	Oeste	Dif.	Neu.	1	CL	FD	04:17	2	EL	M

11	3ª	20	Convento da Saudação	Ex.	PC	AL	AC	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:41	1	EL	M
11	3ª	20	Convento da Saudação	Ex.	PC	AL	AC	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:41	2	TCPN	F
11	3ª	20	Convento da Saudação	Ex.	PC	AL	AC	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:41	3	EL	M
11	3ª	20	Convento da Saudação	Ex.	PC	AL	AC	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:41	4	EL	M
11	3ª	21	Polémica Camisola Poveira	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:21	1	CL	M
11	3ª	21	Polémica Camisola Poveira	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:21	2	CL	F
11	3ª	21	Polémica Camisola Poveira	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:21	3	CL	F
11	3ª	21	Polémica Camisola Poveira	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:21	4	CL	F
11	3ª	21	Polémica Camisola Poveira	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:21	5	EL	F
11	3ª	22	Livro João Lizardo - "Colónia"	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:06	1	CL	M
11	3ª	23	Exposição Teresa Canto Noronha	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:22	1	CL	F
11	3ª	23	Exposição Teresa Canto Noronha	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:22	2	EL	M
11	3ª	24	LEFFEST	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:56	1	CL	M
11	3ª	24	LEFFEST	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:56	2	CL	M
11	3ª	24	LEFFEST	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:56	3	CL	M
11	3ª	25	Pergunta Portugal em Dir. - Resposta	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Pos.	1	CL	OFF	01:12	0		
12	1ª	1	Operação PJ	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Cr.	OFF	01:09	0		
12	1ª	2	Vacinação Atrasada AL	Ex.	PC	AL	AC	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:12	1	EL	F
12	1ª	2	Vacinação Atrasada AL	Ex.	PC	AL	AC	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:12	2	CL	M
12	1ª	2	Vacinação Atrasada AL	Ex.	PC	AL	AC	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:12	3	EL	F
12	1ª	2	Vacinação Atrasada AL	Ex.	PC	AL	AC	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:12	4	CL	F
12	1ª	3	Vacinas de Segunda Geração	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:14	1	EL	M
12	1ª	3	Vacinas de Segunda Geração	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:14	2	EL	M
12	1ª	4	Espaço Imprensa Regional	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dir.	Neu.	1	C-19	Ent.	02:00	1	EL	M

12	1ª	4	Espaço Imprensa Regional	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dir.	Neu.	2	PL	Ent.	02:00	1	EL	M
12	1ª	4	Espaço Imprensa Regional	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dir.	Neu.	3	EL	Ent.	02:00	1	EL	M
12	1ª	5	Concurso Queijo de Portugal	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:03	1	EL	M
12	2ª	6	Tirotoeio em Loures	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Cr.	OFF	00:38	0		
12	2ª	7	2 Toneladas de Peixe Apreendido	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Cr.	OFF	01:28	0		
12	2ª	8	Transporte a Pedido Baião	Por.	PC	Norte	TS	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:27	1	CL	F
12	2ª	8	Transporte a Pedido Baião	Por.	PC	Norte	TS	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:27	2	EL	M
12	2ª	8	Transporte a Pedido Baião	Por.	PC	Norte	TS	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:27	3	CL	M
12	2ª	8	Transporte a Pedido Baião	Por.	PC	Norte	TS	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:27	4	EL	M
12	2ª	9	Pé Diabético	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dir.	Neu.	1	Soc.	Ent.	07:30	1	EL	M
12	2ª	10	Lançamento do Vega	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	CT	Peça	01:42	1	EL	F
12	2ª	10	Lançamento do Vega	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	CT	Peça	01:42	2	EL	M
12	2ª	11	Dia do Mar	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	FD	04:32	1	CL	M
12	2ª	11	Dia do Mar	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	FD	04:32	2	EL	F
12	2ª	12	Apanha da Castanha Valpaços	VR	PC	Norte	AT	Dif.	Neg.	1	CL	FD	05:17	1	EL	M
12	2ª	12	Apanha da Castanha Valpaços	VR	PC	Norte	AT	Dif.	Neg.	1	CL	FD	05:17	2	CL	F
12	2ª	12	Apanha da Castanha Valpaços	VR	PC	Norte	AT	Dif.	Neg.	1	CL	FD	05:17	3	CL	F
12	3ª	13	População Pandemia	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	OFF	00:38	0		
12	3ª	14	Hoteis Serra da Estrela	CB	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	01:59	1	EL	M
12	3ª	14	Hoteis Serra da Estrela	CB	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	01:59	2	EL	M
12	3ª	14	Hoteis Serra da Estrela	CB	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	01:59	3	EL	M
12	3ª	15	Campanha da Azeitona	CB	PC	Centro	BB	Dif.	Neu.	1	EL	FD	06:27	1	CL	M
12	3ª	15	Campanha da Azeitona	CB	PC	Centro	BB	Dif.	Neu.	1	EL	FD	06:27	2	EL	F
12	3ª	15	Campanha da Azeitona	CB	PC	Centro	BB	Dif.	Neu.	1	EL	FD	06:27	3	EL	F

12	3ª	16	"Pinturas Partilhadas"	Por.	PC	Norte	TS	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:57	1	EL	M
12	3ª	17	85 Anos de Anita Guerreiro	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Pos.	1	CL	Peça	02:42	1	EL	M
12	3ª	17	85 Anos de Anita Guerreiro	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Pos.	1	CL	Peça	02:42	2	EL	M
12	3ª	17	85 Anos de Anita Guerreiro	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Pos.	1	CL	Peça	02:42	3	EL	M
12	3ª	17	85 Anos de Anita Guerreiro	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Pos.	1	CL	Peça	02:42	4	EL	M
12	3ª	18	Hino dos Seniores	Vis.	PC	Centro	VDL	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	04:14	1	CL	F
12	3ª	18	Hino dos Seniores	Vis.	PC	Centro	VDL	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	04:14	2	CL	F
12	3ª	18	Hino dos Seniores	Vis.	PC	Centro	VDL	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	04:14	3	CL	F
12	3ª	18	Hino dos Seniores	Vis.	PC	Centro	VDL	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	04:14	4	CL	F
12	3ª	18	Hino dos Seniores	Vis.	PC	Centro	VDL	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	04:14	5	CL	F
12	3ª	18	Hino dos Seniores	Vis.	PC	Centro	VDL	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	04:14	6	EL	F
12	3ª	18	Hino dos Seniores	Vis.	PC	Centro	VDL	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	04:14	7	EL	M
12	3ª	18	Hino dos Seniores	Vis.	PC	Centro	VDL	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	04:14	8	EL	F
12	3ª	19	Fundação Julião Sarmento	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:03	1	EL	M
12	3ª	19	Fundação Julião Sarmento	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:03	2	EL	M
12	3ª	20	Do que a terra dá	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:03	1	EL	M
12	3ª	20	Do que a terra dá	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:03	2	EL	F
12	3ª	21	José Saramago	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	CN	Peça	00:57	1	CL	M
12	3ª	21	José Saramago	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	CN	Peça	00:57	2	EL	M
12	3ª	22	Pergunta Portugal em Dir.: Resposta	Ex.	PC	AL	AC	Dif.	Neu.	1	CL	OFF	01:12	0		
13	1ª	1	Medidas C-19	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:59	1	EL	M
13	1ª	1	Medidas C-19	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:59	2	EL	M
13	1ª	1	Medidas C-19	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:59	3	EL	M
13	1ª	1	Medidas C-19	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:59	4	EL	M
13	1ª	1	Medidas C-19	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:59	5	EL	M
13	1ª	2	Surtos C-19	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:44	1	EL	M

13	1ª	2	Surto C-19	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:44	2	EL	M
13	1ª	2	Surto C-19	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:44	3	EL	M
13	1ª	3	Hospital Pedro Hispano	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:08	1	CL	F
13	1ª	3	Hospital Pedro Hispano	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:08	2	EL	M
13	1ª	3	Hospital Pedro Hispano	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:08	3	CL	F
13	1ª	3	Hospital Pedro Hispano	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:08	4	EL	M
13	1ª	3	Hospital Pedro Hispano	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:08	5	CL	F
13	1ª	4	Dos Elegíveis Vacinados	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	EDE	00:39	1	ROP	M
13	1ª	5	Militares Negacionistas	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	OFF	01:14	0		
13	1ª	6	Espaço Imprensa Regional	Sant.	PC	AL	LA	Dir.	Neu.	1	EL	Dir.	03:00	1	EL	F
13	1ª	6	Espaço Imprensa Regional	Sant.	PC	AL	LA	Dir.	Neu.	2	Soc.	Dir.	03:00	1	EL	F
13	1ª	6	Espaço Imprensa Regional	Sant.	PC	AL	LA	Dir.	Neu.	3	CL	Dir.	03:00	1	EL	F
13	1ª	7	Laboratório Produção Láctea	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:15	1	EL	F
13	1ª	7	Laboratório Produção Láctea	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:15	2	EL	M
13	2ª	8	Sensibilização Escola Rabo de Peixe	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:06	1	EL	M
13	2ª	8	Sensibilização Escola Rabo de Peixe	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:06	2	EL	M
13	2ª	9	Violência Doméstica	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:40	1	TCPN	F
13	2ª	9	Violência Doméstica	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:40	2	TCPN	F
13	2ª	10	Dia da Prematuridade	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:04	1	CL	F
13	2ª	10	Dia da Prematuridade	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:04	2	EL	F
13	2ª	10	Dia da Prematuridade	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:04	3	CL	F
13	2ª	10	Dia da Prematuridade	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:04	4	EL	F
13	2ª	10	Dia da Prematuridade	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:04	5	CL	F
13	2ª	11	Doença Pulmonar Obstrutiva	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dir.	Neu.	1	Soc.	Ent.	06:00	1	EL	M

13	2ª	12	Radiologia Garcia da Horta	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:42	1	CL	F
13	2ª	12	Radiologia Garcia da Horta	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:42	2	EL	M
13	2ª	12	Radiologia Garcia da Horta	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:42	3	EL	F
13	2ª	12	Radiologia Garcia da Horta	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:42	4	EL	M
13	2ª	13	Aparelhos Hospitais Médio Tejo	Sant.	PC	Centro	MT	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:24	1	EL	M
13	2ª	13	Aparelhos Hospitais Médio Tejo	Sant.	PC	Centro	MT	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:24	2	TCPN	M
13	2ª	14	Espectáculo Hélder Moutinho	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	CL	Ent.	05:00	1	CL	M
13	2ª	15	Cavalos Marinheiros	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:03	1	EL	M
13	2ª	15	Cavalos Marinheiros	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:03	2	EL	F
13	2ª	15	Cavalos Marinheiros	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:03	3	EL	M
13	3ª	16	EDP Preços	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EN	OFF	00:32	0		
13	3ª	17	Necessidades Professores	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	OFF	02:14	1	TCPN	M
13	3ª	18	Centro Comboio Oceânico	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	CT	Peça	02:54	1	EL	M
13	3ª	18	Centro Comboio Oceânico	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	CT	Peça	02:54	2	EL	M
13	3ª	18	Centro Comboio Oceânico	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	CT	Peça	02:54	3	EL	M
13	3ª	18	Centro Comboio Oceânico	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	CT	Peça	02:54	4	EL	M
13	3ª	19	Naufrações Figueira da Foz	Coim.	PC	Centro	<u>R.Coim</u>	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:34	1	CL	M
13	3ª	19	Naufrações Figueira da Foz	Coim.	PC	Centro	<u>R.Coim</u>	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:34	2	CL	M
13	3ª	19	Naufrações Figueira da Foz	Coim.	PC	Centro	<u>R.Coim</u>	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:34	3	EL	M
13	3ª	20	Campanha do Azeite	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:21	1	CL	M
13	3ª	20	Campanha do Azeite	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:21	2	CL	M
13	3ª	21	Ecopontos em Vis.	Vis.	PC	Centro	VDL	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	02:28	1	CL	M

13	3ª	21	Ecopontos em Vis.	Vis.	PC	Centro	VDL	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	02:28	2	CL	M
13	3ª	21	Ecopontos em Vis.	Vis.	PC	Centro	VDL	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	02:28	3	CL	M
13	3ª	21	Ecopontos em Vis.	Vis.	PC	Centro	VDL	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	02:28	4	EL	M
13	3ª	21	Ecopontos em Vis.	Vis.	PC	Centro	VDL	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	02:28	5	EL	M
13	3ª	22	Máscaras Transparentes	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:19	1	CL	M
13	3ª	22	Máscaras Transparentes	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:19	2	CL	M
13	3ª	22	Máscaras Transparentes	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:19	3	CL	M
13	3ª	22	Máscaras Transparentes	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:19	4	CL	F
13	3ª	22	Máscaras Transparentes	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:19	5	CL	F
13	3ª	23	Exposição "O Vinho"	Coim.	PC	Centro	<u>R.Coim</u>	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:34	1	EL	F
13	3ª	24	Pergunta Portugal em Dir. Resposta	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Pos.	1	CL	OFF	01:12	0		
13	3ª	25	Festival Guimarães Jazz	<u>Bra.</u>	PC	Norte	Cávado	Dif.	Neu.	1	CL	OFF	01:02	0		
14	1ª	1	Testes Gratuitos	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:29	1	ROP	F
14	1ª	1	Testes Gratuitos	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:29	2	EL	M
14	1ª	1	Testes Gratuitos	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:29	3	EL	M
14	1ª	2	Casos a subir	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:18	1	EL	M
14	1ª	2	Casos a subir	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:18	2	EL	M
14	1ª	2	Casos a subir	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:18	3	EL	M
14	1ª	3	Casa Aberta 65 Anos	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	01:46	1	CL	M
14	1ª	3	Casa Aberta 65 Anos	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	01:46	2	EL	F
14	1ª	3	Casa Aberta 65 Anos	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	01:46	3	CL	F
14	1ª	3	Casa Aberta 65 Anos	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	01:46	4	CL	F
14	1ª	3	Casa Aberta 65 Anos	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	01:46	5	CL	M
14	1ª	3	Casa Aberta 65 Anos	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	01:46	6	CL	M
14	1ª	4	Uso obrigatório de Máscara	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:08	1	TCPN	M
14	1ª	4	Uso obrigatório de Máscara	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:08	2	ROP	M

14	1ª	4	Uso obrigatório de Máscara	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:08	3	ROP	M
14	1ª	5	Espaço Imprensa Regional	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dir.	Neu.	1	PL	Ent.	04:30	1	EL	M
14	1ª	5	Espaço Imprensa Regional	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dir.	Neu.	2	Soc.	Ent.	04:30	1	EL	M
14	1ª	5	Espaço Imprensa Regional	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dir.	Neu.	3	EL	Ent.	04:30	1	EL	M
14	2ª	6	Apoio aos Armadores Aço.	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:27	1	EL	M
14	2ª	6	Apoio aos Armadores Aço.	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:27	2	EL	M
14	2ª	7	Prémio Limpeza das Praias	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:28	1	CL	F
14	2ª	7	Prémio Limpeza das Praias	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:28	2	EL	F
14	2ª	8	Semana Mundial Antibiótico	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dir.	Neu.	1	Soc.	Ent.	06:00	1	EL	F
14	2ª	9	Exposição Bonecas de Trapo	Coim.	PC	Centro	<u>R.Coim</u>	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	04:05	1	CL	F
14	2ª	9	Exposição Bonecas de Trapo	Coim.	PC	Centro	<u>R.Coim</u>	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	04:05	2	CL	F
14	2ª	9	Exposição Bonecas de Trapo	Coim.	PC	Centro	<u>R.Coim</u>	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	04:05	3	EL	F
14	2ª	9	Exposição Bonecas de Trapo	Coim.	PC	Centro	<u>R.Coim</u>	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	04:05	4	CL	F
14	2ª	9	Exposição Bonecas de Trapo	Coim.	PC	Centro	<u>R.Coim</u>	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	04:05	5	EL	F
14	2ª	9	Exposição Bonecas de Trapo	Coim.	PC	Centro	<u>R.Coim</u>	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	04:05	6	EL	M
14	2ª	10	Mercado Solidário Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:15	1	EL	F
14	2ª	10	Mercado Solidário Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:15	2	CL	F
14	2ª	10	Mercado Solidário Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:15	3	CL	F
14	2ª	10	Mercado Solidário Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:15	4	EL	F
14	2ª	10	Mercado Solidário Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:15	5	CL	F

14	2ª	11	Vendas de Natal	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:59	1	CL	F
14	2ª	11	Vendas de Natal	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:59	2	CL	F
14	2ª	11	Vendas de Natal	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:59	3	CL	F
14	2ª	11	Vendas de Natal	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:59	4	CL	M
14	3ª	12	Faltam Professores	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:27	1	TCPN	M
14	3ª	12	Faltam Professores	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:27	2	ROP	M
14	3ª	12	Faltam Professores	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:27	3	ROP	M
14	3ª	13	Galeria Luis da Cruz	CB	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	FD	05:20	1	CL	M
14	3ª	14	Centro Interpretação Mafra	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:52	1	EL	M
14	3ª	14	Centro Interpretação Mafra	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:52	2	EL	F
14	3ª	15	Fa. Oeste	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Neu.	1	CL	FD	05:20	1	EL	F
14	3ª	16	Estação Alcáçovas	Év.	PC	AL	AC	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:53	1	EL	M
14	3ª	16	Estação Alcáçovas	Év.	PC	AL	AC	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:53	2	EL	M
14	3ª	17	Álvaro Siza Vieira	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	01:44	1	EL	M
14	3ª	18	Pergunta Portugal em Dir. Resposta	CB	PC	Centro	BB	Dif.	Pos.	1	CL	OFF	01:30	0		
15	1ª	1	Reunião Infarmed	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	EDE	00:59	1	EL	M
15	1ª	2	Reunião Infarmed	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	EDE	01:05	1	EL	M
15	1ª	3	Espaço Imprensa Regional	IN				Dir.	Neu.	1	PL	Ent.	03:00	1	EL	M
15	1ª	3	Espaço Imprensa Regional	IN				Dir.	Neu.	2	CL	Ent.	03:00	1	EL	M
15	1ª	3	Espaço Imprensa Regional	IN				Dir.	Neu.	3	EL	Ent.	03:00	1	EL	M
15	2ª	4	Lei da Videovigilância	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	4	PN	OFF	00:46	0		
15	2ª	5	Manifestação CTT	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	EN	OFF	01:44	1	EL	F
15	2ª	6	Agricultores Baixo Mondego	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:34	1	CL	M

15	2ª	6	Agricultores Baixo Mondego	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:34	2	EL	M
15	2ª	7	Saúde Mental	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dir.	Neu.	1	Soc.	Ent.	05:00	1	EL	F
15	2ª	8	Holograma Casa da Música	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	05:17	1	CL	M
15	2ª	8	Holograma Casa da Música	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	05:17	2	CL	M
15	2ª	8	Holograma Casa da Música	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	05:17	3	EL	M
15	2ª	8	Holograma Casa da Música	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	05:17	4	EL	M
15	2ª	9	Novo álbum Joana Alegre	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dir.	Neu.	1	CN	Ent.	05:00	1	CL	F
15	2ª	10	Doçaria Alcobaça (Parte 1)	Lei	PC	Centro	Oeste	Dif.	Neu.	1	CL	FD	04:50	1	CL	F
15	2ª	11	Ópera para Crianças	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:27	1	CL	F
15	2ª	11	Ópera para Crianças	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:27	2	CL	M
15	2ª	11	Ópera para Crianças	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:27	3	CL	F
15	2ª	11	Ópera para Crianças	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:27	4	CL	F
15	2ª	11	Ópera para Crianças	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:27	5	CL	M
15	2ª	11	Ópera para Crianças	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:27	6	CL	M
15	2ª	11	Ópera para Crianças	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:27	7	EL	F
15	2ª	11	Ópera para Crianças	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:27	8	EL	M
15	2ª	11	Ópera para Crianças	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:27	9	CL	F
15	3ª	12	Preço dos Combustíveis	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EN	OFF	00:34	0		
15	3ª	13	Aeroclube de Brag.	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:33	1	EL	M
15	3ª	13	Aeroclube de Brag.	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:33	2	CL	F
15	3ª	13	Aeroclube de Brag.	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:33	3	CL	M
15	3ª	13	Aeroclube de Brag.	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:33	4	EL	M
15	3ª	14	Vinhos Maravilhas (Parte 1)	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	FD	03:24	1	EL	M
15	3ª	14	Vinhos Maravilhas (Parte 1)	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	FD	03:24	2	EL	M
15	3ª	15	Luzes Natal	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	Soc.	Dir.	03:50	1	CL	F
15	3ª	15	Luzes Natal	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	Soc.	Dir.	03:50	2	CL	F

15	3ª	15	Luzes Natal	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	Soc.	Dir.	03:50	3	CL	F
15	3ª	15	Luzes Natal	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	Soc.	Dir.	03:50	4	CL	F
15	3ª	15	Luzes Natal	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	Soc.	Dir.	03:50	5	CL	F
15	3ª	15	Luzes Natal	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	Soc.	Dir.	03:50	6	CL	F
15	3ª	15	Luzes Natal	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	Soc.	Dir.	03:50	7	CL	F
15	3ª	15	Luzes Natal	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	Soc.	Dir.	03:50	8	CL	F
15	3ª	15	Luzes Natal	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	Soc.	Dir.	03:50	9	CL	M
15	3ª	16	Doçaria Alcobaça (Parte 2)	Lei	PC	Centro	Oeste	Dif.	Neu.	1	CL	FD	05:53	1	CL	F
15	3ª	16	Doçaria Alcobaça (Parte 2)	Lei	PC	Centro	Oeste	Dif.	Neu.	1	CL	FD	05:53	2	CL	F
15	3ª	16	Doçaria Alcobaça (Parte 2)	Lei	PC	Centro	Oeste	Dif.	Neu.	1	CL	FD	05:53	3	EL	F
15	3ª	17	Alice in Magical Garden	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	CL	Dir.	04:00	1	EL	M
15	3ª	17	Alice in Magical Garden	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	CL	Dir.	04:00	2	EL	M
15	3ª	17	Alice in Magical Garden	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	CL	Dir.	04:00	3	CL	F
15	3ª	17	Alice in Magical Garden	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	CL	Dir.	04:00	4	CL	M
15	3ª	18	"Extended Atlas"	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	01:58	1	EL	F
15	3ª	18	"Extended Atlas"	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	01:58	2	EL	M
15	3ª	19	Pergunta Portugal em Dir. Resposta	Lx	PC	Centro	Oeste	Dif.	Pos.	1	CL	OFF	01:12	0		
15	3ª	20	Vinhos Maravilhas (Parte 2)	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	FD	03:23	1	CL	M
15	3ª	20	Vinhos Maravilhas (Parte 2)	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	FD	03:23	2	EL	M
15	3ª	21	Rock em Stock	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	CL	OFF	01:37	0		
16	1ª	1	Vacinação "Casa Aberta"	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	01:19	1	TCPN	M
16	1ª	2	Reforço Vacinação	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:28	2	CL	M
16	1ª	2	Reforço Vacinação	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:28	3	EL	F
16	1ª	2	Reforço Vacinação	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:28	4	EL	F
16	1ª	2	Reforço Vacinação	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:28	5	EL	F
16	1ª	2	Reforço Vacinação	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:28	6	EL	F

16	1ª	3	Mulheres Assassinadas	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Cr.	Peça	01:53	1	EL	F
16	1ª	3	Mulheres Assassinadas	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Cr.	Peça	01:53	2	EL	F
16	1ª	4	Espaço Imprensa Regional	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dir.	Neu.	1	Soc.	Ent.	03:00	1	EL	F
16	1ª	4	Espaço Imprensa Regional	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dir.	Neu.	2	EL	Ent.	03:00	1	EL	F
16	1ª	4	Espaço Imprensa Regional	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dir.	Neu.	3	CT	Ent.	03:00	1	EL	F
16	1ª	5	Natal Marca Aço.	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	01:50	1	EL	M
16	1ª	5	Natal Marca Aço.	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	01:50	2	EL	M
16	2ª	6	Ligação Rodoviária IC31	CB	PC	Centro	BB	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:34	1	CL	M
16	2ª	6	Ligação Rodoviária IC31	CB	PC	Centro	BB	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:34	2	TCPN	F
16	2ª	6	Ligação Rodoviária IC31	CB	PC	Centro	BB	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:34	3	EL	M
16	2ª	7	Caos Transito Por.	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:53	1	CL	F
16	2ª	7	Caos Transito Por.	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:53	2	CL	M
16	2ª	7	Caos Transito Por.	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:53	3	CL	F
16	2ª	7	Caos Transito Por.	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:53	4	CL	M
16	2ª	8	Cirurgia Inédita em Portugal	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:51	1	CL	M
16	2ª	8	Cirurgia Inédita em Portugal	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:51	2	EL	M
16	2ª	8	Cirurgia Inédita em Portugal	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:51	3	EL	M
16	2ª	9	Cancro do Pulmão	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dir.	Neu.	1	Soc.	Ent.	08:00	1	EL	F
16	2ª	10	Operações Gratuitas	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Pos.	1	Soc.	FD	05:51	1	EL	M
16	2ª	10	Operações Gratuitas	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Pos.	1	Soc.	FD	05:51	2	CL	F
16	2ª	10	Operações Gratuitas	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Pos.	1	Soc.	FD	05:51	3	CL	M
16	2ª	10	Operações Gratuitas	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Pos.	1	Soc.	FD	05:51	4	CL	M
16	2ª	10	Operações Gratuitas	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Pos.	1	Soc.	FD	05:51	5	EL	M
16	2ª	11	Caminhos do Cinema	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:42	1	EL	M

16	2ª	11	Caminhos do Cinema	Coim.	PC	Centro	<a href="#">R.Coim</a>	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:42	2	EL	M
16	2ª	11	Caminhos do Cinema	Coim.	PC	Centro	<a href="#">R.Coim</a>	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:42	3	CL	F
16	2ª	11	Caminhos do Cinema	Coim.	PC	Centro	<a href="#">R.Coim</a>	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:42	4	EL	M
16	3ª	12	Reconversão Florestal	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:04	1	EL	M
16	3ª	12	Reconversão Florestal	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:04	2	TCPN	M
16	3ª	13	Prémio Sustentabilidade	Coim.	PC	Centro	<a href="#">R.Coim</a>	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:43	1	CL	M
16	3ª	13	Prémio Sustentabilidade	Coim.	PC	Centro	<a href="#">R.Coim</a>	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:43	2	EL	M
16	3ª	14	Monotorização Tartarugas	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:55	1	EL	M
16	3ª	14	Monotorização Tartarugas	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:55	2	EL	M
16	3ª	15	"Tartaruga Patuga"	Av.	PC	Centro	<a href="#">R.Av.</a>	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:54	1	CL	F
16	3ª	15	"Tartaruga Patuga"	Av.	PC	Centro	<a href="#">R.Av.</a>	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:54	2	CL	F
16	3ª	15	"Tartaruga Patuga"	Av.	PC	Centro	<a href="#">R.Av.</a>	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:54	3	CL	F
16	3ª	15	"Tartaruga Patuga"	Av.	PC	Centro	<a href="#">R.Av.</a>	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:54	4	CL	F
16	3ª	15	"Tartaruga Patuga"	Av.	PC	Centro	<a href="#">R.Av.</a>	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:54	5	CL	F
16	3ª	15	"Tartaruga Patuga"	Av.	PC	Centro	<a href="#">R.Av.</a>	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:54	6	EL	F
16	3ª	15	"Tartaruga Patuga"	Av.	PC	Centro	<a href="#">R.Av.</a>	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:54	7	EL	F
16	3ª	15	"Tartaruga Patuga"	Av.	PC	Centro	<a href="#">R.Av.</a>	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:54	8	CL	F
16	3ª	15	"Tartaruga Patuga"	Av.	PC	Centro	<a href="#">R.Av.</a>	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:54	9	CL	F
16	3ª	15	"Tartaruga Patuga"	Av.	PC	Centro	<a href="#">R.Av.</a>	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:54	10	CL	M
16	3ª	15	"Tartaruga Patuga"	Av.	PC	Centro	<a href="#">R.Av.</a>	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:54	11	CL	M
16	3ª	15	"Tartaruga Patuga"	Av.	PC	Centro	<a href="#">R.Av.</a>	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:54	12	CL	M
16	3ª	16	Planetário de Marinha	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Pos.	1	CL	Peça	02:12	1	CL	M
16	3ª	16	Planetário de Marinha	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Pos.	1	CL	Peça	02:12	2	EL	M
16	3ª	17	Lagares Rupestres	VR	PC	Norte	AT	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:05	1	CL	F
16	3ª	17	Lagares Rupestres	VR	PC	Norte	AT	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:05	2	EL	F
16	3ª	18	Pergunta Portugal em Dir. Resposta	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Pos.	1	CL	OFF	01:06	0		
16	3ª	19	Mau tempo Aço.	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:08	1	EL	M
17	1ª	1	Situação Hospitais	<a href="#">Port.</a>	PC	AL	AA	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:04	1	EL	M
17	1ª	1	Situação Hospitais	<a href="#">Port.</a>	PC	AL	AA	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:04	2	ROP	M
17	1ª	1	Situação Hospitais	<a href="#">Port.</a>	PC	AL	AA	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:04	3	EL	M
17	1ª	2	Resposta Hospital <a href="#">Port.</a>	<a href="#">Port.</a>	PC	AL	AA	Dif.	Neu.	1	Soc.	OFF	00:21	0		
17	1ª	3	Plano Contingência Covid 19	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Neu.	1	C-19	EDE	00:40	1	EL	F
17	1ª	4	Centro de Vacinação Coim.	Coim.	PC	Centro	<a href="#">R.Coim</a>	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:34	1	CL	M
17	1ª	4	Centro de Vacinação Coim.	Coim.	PC	Centro	<a href="#">R.Coim</a>	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:34	2	CL	F
17	1ª	4	Centro de Vacinação Coim.	Coim.	PC	Centro	<a href="#">R.Coim</a>	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:34	3	CL	F
17	1ª	4	Centro de Vacinação Coim.	Coim.	PC	Centro	<a href="#">R.Coim</a>	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:34	4	CL	M
17	1ª	4	Centro de Vacinação Coim.	Coim.	PC	Centro	<a href="#">R.Coim</a>	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:34	5	EL	M
17	1ª	5	Vacinação em Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	01:23	1	EL	M
17	1ª	6	Espaço Imprensa Regional	IN				Dir.	Neu.	1	Soc.	Ent.	02:00	1	EL	M
17	1ª	6	Espaço Imprensa Regional	IN				Dir.	Neu.	2	EL	Ent.	02:00	1	EL	M
17	1ª	6	Espaço Imprensa Regional	IN				Dir.	Neu.	3	CL	Ent.	02:00	1	EL	M
17	1ª	6	Espaço Imprensa Regional	IN				Dir.	Neu.	4	EN	Ent.	02:00	1	EL	M
17	1ª	7	Semana dos Resíduos	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:52	1	EL	M

17	1ª	7	Semana dos Resíduos	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:52	2	EL	M
17	2ª	8	Crise Setor Agrícola	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:54	1	EL	M
17	2ª	9	Doenças de Tiroide	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dir.	Neu.	1	Soc.	Ent.	06:00	1	EL	F
17	2ª	10	Teqball e Esgrima Lusitana	CB	PC	Centro	BB	Dif.	Neu.	1	DL	FD	06:35	1	CL	M
17	2ª	10	Teqball e Esgrima Lusitana	CB	PC	Centro	BB	Dif.	Neu.	1	DL	FD	06:35	2	CL	M
17	2ª	10	Teqball e Esgrima Lusitana	CB	PC	Centro	BB	Dif.	Neu.	1	DL	FD	06:35	3	EL	M
17	2ª	11	Primárias Ganham Nova Vida	VR	PC	Norte	Douro	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:41	1	CL	F
17	2ª	11	Primárias Ganham Nova Vida	VR	PC	Norte	Douro	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:41	2	EL	M
17	2ª	12	Homenagem Mário de Carvalho	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	01:44	1	CL	M
17	2ª	12	Homenagem Mário de Carvalho	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	01:44	2	TCPN	M
17	3ª	13	Juros Habitação	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EN	OFF	00:42	0		
17	3ª	14	TransAl Rede	Bej.	PC	AL	BA	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	04:16	1	CL	F
17	3ª	14	TransAl Rede	Bej.	PC	AL	BA	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	04:16	2	CL	F
17	3ª	14	TransAl Rede	Bej.	PC	AL	BA	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	04:16	3	CL	F
17	3ª	14	TransAl Rede	Bej.	PC	AL	BA	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	04:16	4	CL	F
17	3ª	14	TransAl Rede	Bej.	PC	AL	BA	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	04:16	5	CL	F
17	3ª	14	TransAl Rede	Bej.	PC	AL	BA	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	04:16	6	CL	M
17	3ª	14	TransAl Rede	Bej.	PC	AL	BA	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	04:16	7	EL	F
17	3ª	14	TransAl Rede	Bej.	PC	AL	BA	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	04:16	8	CL	F
17	3ª	14	TransAl Rede	Bej.	PC	AL	BA	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	04:16	9	CL	M
17	3ª	14	TransAl Rede	Bej.	PC	AL	BA	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	04:16	10	CL	F
17	3ª	15	Èv. Cultura 2027	Èv.	PC	AL	AC	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:35	1	EL	M
17	3ª	15	Èv. Cultura 2027	Èv.	PC	AL	AC	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:35	2	EL	F
17	3ª	16	"O GUA.dor do Sol" 85 Anos Nascimento José Rodrigues	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	06:34	1	CL	F

17	3ª	16	"O GUA.dor do Sol" 85 Anos Nascimento José Rodrigues	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	06:34	2	EL	M
17	3ª	16	"O GUA.dor do Sol" 85 Anos Nascimento José Rodrigues	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	06:34	3	EL	F
17	3ª	16	"O GUA.dor do Sol" 85 Anos Nascimento José Rodrigues	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	06:34	4	CL	M
17	3ª	17	Café Joyeux em Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:23	1	CL	M
17	3ª	17	Café Joyeux em Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:23	2	EL	F
17	3ª	17	Café Joyeux em Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:23	3	CL	M
17	3ª	18	Jogo Playmento	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:24	1	EL	F
17	3ª	18	Jogo Playmento	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:24	2	CL	F
17	3ª	19	Pergunta Portugal em Dir. Resposta	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Pos.	1	CL	OFF	01:27	0		
18	1ª	1	Doses de reforço	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	OFF	00:20	0		
18	1ª	2	Europarque reabre Vacinação	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:14	1	CL	M
18	1ª	2	Europarque reabre Vacinação	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:14	2	CL	F
18	1ª	2	Europarque reabre Vacinação	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:14	3	CL	F
18	1ª	2	Europarque reabre Vacinação	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:14	4	CL	M
18	1ª	2	Europarque reabre Vacinação	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:14	5	EL	M
18	1ª	2	Europarque reabre Vacinação	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:14	6	EL	M
18	1ª	3	Confrontos do Bairro Alto	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Cr.	Peça	02:00	1	EL	M
18	1ª	4	Sinistralidade Aumenta	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Pos.	1	Soc.	OFF	01:37	0		
18	1ª	5	Espaço Imprensa Regional	Sant.	PC	Centro	MT	Dir.	Neu.	1	EL	Ent.	04:00	1	EL	F
18	1ª	5	Espaço Imprensa Regional	Sant.	PC	Centro	MT	Dir.	Neu.	2	Soc.	Ent.	04:00	1	EL	F
18	1ª	5	Espaço Imprensa Regional	Sant.	PC	Centro	MT	Dir.	Neu.	3	CL	Ent.	04:00	1	EL	F
18	1ª	6	Núcleo Museológico - Trinity House	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:07	1	EL	F
18	2ª	7	Bienal da Máscara	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:01	1	CL	M
18	2ª	8	X Bienal da Máscara	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dir.	Neu.	1	CL	Ent.	08:00	1	EL	M

18	2ª	9	Trabalho Partilhado	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Pos.	1	EL	FD	05:34	1	CL	M
18	2ª	9	Trabalho Partilhado	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Pos.	1	EL	FD	05:34	2	CL	F
18	2ª	9	Trabalho Partilhado	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Pos.	1	EL	FD	05:34	3	CL	M
18	2ª	9	Trabalho Partilhado	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Pos.	1	EL	FD	05:34	4	EL	M
18	2ª	9	Trabalho Partilhado	Gua.	PC	Centro	BSE	Dif.	Pos.	1	EL	FD	05:34	5	EL	M
18	2ª	10	Ponta Delgada - Memórias Fotográficas	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	01:43	1	CL	M
18	2ª	11	Livro - " A Horta do Chicão"	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	01:35	1	CL	F
18	3ª	12	Obras Museu Bej.	Bej.	PC	AL	BA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:01	1	EL	F
18	3ª	12	Obras Museu Bej.	Bej.	PC	AL	BA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:01	2	TCPN	F
18	3ª	12	Obras Museu Bej.	Bej.	PC	AL	BA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:01	3	EL	M
18	3ª	13	Painéis Solares Flutuantes	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	OFF	01:24	0		
18	3ª	14	Feirinha de Natal LPCC	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:13	1	CL	F
18	3ª	14	Feirinha de Natal LPCC	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:13	2	CL	F
18	3ª	14	Feirinha de Natal LPCC	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:13	3	CL	F
18	3ª	14	Feirinha de Natal LPCC	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:13	4	CL	F
18	3ª	14	Feirinha de Natal LPCC	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:13	5	CL	F
18	3ª	14	Feirinha de Natal LPCC	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:13	6	EL	F
18	3ª	14	Feirinha de Natal LPCC	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:13	7	CL	F
18	3ª	14	Feirinha de Natal LPCC	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:13	8	CL	F
18	3ª	15	Museu Etnográfico	CB	PC	Centro	BB	Dif.	Pos.	1	CL	FD	06:47	1	CL	F
18	3ª	15	Museu Etnográfico	CB	PC	Centro	BB	Dif.	Pos.	1	CL	FD	06:47	2	EL	M
18	3ª	16	Mostra Cinema Sem Conflitos	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:12	1	CL	M
18	3ª	16	Mostra Cinema Sem Conflitos	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:12	2	EL	F
18	3ª	17	A Ruína de Sagres	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Pos.	1	CL	FD	04:20	1	EL	M

18	3ª	17	A Ruína de Sagres	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Pos.	1	CL	FD	04:20	2	CL	M
18	3ª	18	Pergunta Portugal em Dir. - Resposta	Set.	PC	AMP	AML	Dif.	Pos.	1	CL	OFF	01:11	0		
19	1ª	1	Medidas Reunião de Conselho de Ministros	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Neu.	1	C-19	Dir.	12:00	1	TCPN	M
19	1ª	2	Vacinação dos 5 aos 11	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	01:46	1	ROP	M
19	1ª	2	Vacinação dos 5 aos 11	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	01:46	2	ROP	F
19	1ª	3	Vacinas para Crianças	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	01:31	1	EL	M
19	2ª	4	Centros de Saúde Telefones	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:44	1	CL	M
19	2ª	4	Centros de Saúde Telefones	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:44	2	CL	F
19	2ª	4	Centros de Saúde Telefones	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:44	3	CL	F
19	2ª	4	Centros de Saúde Telefones	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:44	4	CL	F
19	2ª	4	Centros de Saúde Telefones	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:44	5	EL	M
19	2ª	4	Centros de Saúde Telefones	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	03:44	6	ROP	M
19	2ª	5	Museu Caramulo - 150 Anos de Engenharia	Vis.	PC	Centro	VDL	Dif.	Pos.	1	CL	Peça	05:09	1	EL	M
19	2ª	5	Museu Caramulo - 150 Anos de Engenharia	Vis.	PC	Centro	VDL	Dif.	Pos.	1	CL	Peça	05:09	2	CL	M
19	2ª	5	Museu Caramulo - 150 Anos de Engenharia	Vis.	PC	Centro	VDL	Dif.	Pos.	1	CL	Peça	05:09	3	CL	F
19	2ª	5	Museu Caramulo - 150 Anos de Engenharia	Vis.	PC	Centro	VDL	Dif.	Pos.	1	CL	Peça	05:09	4	CL	M
19	2ª	6	Museu do Caramulo - Série Documental	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dir.	Neu.	1	CL	Ent.	06:00	1	EL	M
19	2ª	7	Festival da Gastronomia (Parte 1)	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Neu.	1	CL	FD	05:49	1	CL	M
19	2ª	7	Festival da Gastronomia (Parte 1)	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Neu.	1	CL	FD	05:49	2	CL	M
19	2ª	7	Festival da Gastronomia (Parte 1)	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Neu.	1	CL	FD	05:49	3	CL	M

19	2ª	7	Festival da Gastronomia (Parte 1)	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Neu.	1	CL	FD	05:49	4	CL	F
19	2ª	7	Festival da Gastronomia (Parte 1)	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Neu.	1	CL	FD	05:49	5	EL	M
19	2ª	8	Seleção Feminina	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Neu.	1	DN	Peça	02:23	1	ROP	M
19	2ª	9	Equitação Terapêutica	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Pos.	1	Soc.	Peça	03:03	1	EL	M
19	2ª	9	Equitação Terapêutica	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Pos.	1	Soc.	Peça	03:03	2	EL	F
19	3ª	10	Violência Doméstica	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Cr.	OFF	01:07	1	EL	M
19	3ª	11	Teatro Violência Doméstica	CB	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:17	1	EL	F
19	3ª	11	Teatro Violência Doméstica	CB	PC	Centro	BSE	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:17	2	EL	F
19	3ª	12	Festival da Gastronomia (Parte 2)	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Neu.	1	CL	FD	06:38	1	CL	F
19	3ª	12	Festival da Gastronomia (Parte 2)	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Neu.	1	CL	FD	06:38	2	CL	M
19	3ª	12	Festival da Gastronomia (Parte 2)	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Neu.	1	CL	FD	06:38	3	CL	M
19	3ª	12	Festival da Gastronomia (Parte 2)	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Neu.	1	CL	FD	06:38	4	CL	M
19	3ª	13	Projeto "Life" Vacas Maronesas	VR	PC	Norte	Douro	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:39	1	CL	M
19	3ª	13	Projeto "Life" Vacas Maronesas	VR	PC	Norte	Douro	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:39	2	EL	F
19	3ª	13	Projeto "Life" Vacas Maronesas	VR	PC	Norte	Douro	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:39	3	EL	M
19	3ª	13	Projeto "Life" Vacas Maronesas	VR	PC	Norte	Douro	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:39	4	CL	M
19	3ª	14	"Linha da Frente" na RTP	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:16	0		
19	3ª	15	Pergunta Portugal em Dir. Resposta	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Pos.	1	CL	OFF	01:07	0		
20	1ª	1	Certificado Digital Vacinação - Discotecas e Bares	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:37	1	CL	M

20	1ª	1	Certificado Digital Vacinação - Discotecas e Bares	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:37	2	CL	M
20	1ª	1	Certificado Digital Vacinação - Discotecas e Bares	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:37	3	CL	M
20	1ª	1	Certificado Digital Vacinação - Discotecas e Bares	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:37	4	ROP	F
20	1ª	2	Teletrabalho e Apoios Familiares	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:04	1	TCPN	F
20	1ª	2	Teletrabalho e Apoios Familiares	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:04	2	TCPN	M
20	1ª	3	Visitas a Lares e Hospitais - Teste Neg. C-19	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:49	1	TCPN	F
20	1ª	3	Visitas a Lares e Hospitais - Teste Neg. C-19	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:49	2	TCPN	F
20	1ª	3	Visitas a Lares e Hospitais - Teste Neg. C-19	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:49	3	EL	M
20	1ª	4	Espaço Imprensa Regional	Bra.	PC	Norte	Cávado	Dir.	Pos.	1	Soc.	Ent.	03:00	1	EL	M
20	1ª	4	Espaço Imprensa Regional	Bra.	PC	Norte	Cávado	Dir.	Pos.	2	EL	Ent.	03:00	1	EL	M
20	1ª	4	Espaço Imprensa Regional	Bra.	PC	Norte	Cávado	Dir.	Pos.	3	CL	Ent.	03:00	1	EL	M
20	1ª	4	Espaço Imprensa Regional	Bra.	PC	Norte	Cávado	Dir.	Pos.	4	DL	Ent.	03:00	1	EL	M
20	2ª	5	Compras Saldos - Black Friday	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EN	Peça	02:10	1	ROP	M
20	2ª	6	Mau tempo Nordeste São Miguel	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:30	1	EL	M
20	2ª	7	Documentário Fundação INATEL	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dir.	Neu.	1	CN	Ent.	06:00	1	EL	M
20	2ª	8	Emissão Rádio CHUC	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:49	1	EL	M
20	2ª	8	Emissão Rádio CHUC	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:49	2	EL	F
20	2ª	9	Natalis na FIL	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Pos.	1	CL	Dir.	07:00	1	CL	M
20	2ª	9	Natalis na FIL	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Pos.	1	CL	Dir.	07:00	2	CL	F
20	2ª	9	Natalis na FIL	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Pos.	1	CL	Dir.	07:00	3	EL	F

20	2ª	9	Natali's na FIL	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Pos.	1	CL	Dir.	07:00	4	CL	F
20	2ª	9	Natali's na FIL	Lx	PC	AMP	AML	Dir.	Pos.	1	CL	Dir.	07:00	5	CL	F
20	2ª	10	Teatro Comunitário	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	05:10	1	CL	F
20	2ª	10	Teatro Comunitário	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	05:10	2	CL	M
20	2ª	10	Teatro Comunitário	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	05:10	3	CL	F
20	2ª	10	Teatro Comunitário	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	05:10	4	EL	M
20	2ª	10	Teatro Comunitário	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	05:10	5	EL	F
20	2ª	10	Teatro Comunitário	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	05:10	6	EL	M
20	3ª	11	Receitas de Maria Lourdes Modesto Esculpidas em Açúcar	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:48	1	EL	F
20	3ª	11	Receitas de Maria Lourdes Modesto Esculpidas em Açúcar	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:48	2	EL	M
20	3ª	11	Receitas de Maria Lourdes Modesto Esculpidas em Açúcar	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:48	3	EL	M
20	3ª	12	Festival de Tango	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	FD	04:35	1	EL	F
20	3ª	12	Festival de Tango	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	FD	04:35	2	EL	M
20	3ª	13	Mercadinho de Outono	Gua.	PC	Centro	BSE	Dir.	Neu.	1	CL	Dir.	06:00	1	EL	F
20	3ª	13	Mercadinho de Outono	Gua.	PC	Centro	BSE	Dir.	Neu.	1	CL	Dir.	06:00	2	CL	M
20	3ª	13	Mercadinho de Outono	Gua.	PC	Centro	BSE	Dir.	Neu.	1	CL	Dir.	06:00	3	EL	M
20	3ª	14	"Azul e Ouro"	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:31	1	EL	F
20	3ª	15	Pergunta Portugal em Dir. Resposta	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	OFF	01:20	0		
21	1ª	1	Presidente da Camara Municipal de Oeiras Infetado com C-19 - Isaltino Morais	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	C-19	OFF	01:21	0		
21	1ª	2	Surto na cadeia de Alcoentre	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	C-19	OFF	00:43	0		
21	1ª	3	Casos de infeção em Portugal	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	EDE	01:54	1	ROP	F
21	1ª	4	Surto Ómicron Portugal	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	03:49	1	ROP	F

21	1ª	5	Graça Freitas	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	EDE	01:07	1	ROP	F
21	1ª	6	Nova variante Ómicron	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	EDE	00:28	1	EL	M
21	1ª	7	Ent.Especialistas	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	EDE	01:17	1	EL	F
21	1ª	7	Ent.Especialistas	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	EDE	01:17	2	EL	F
21	2ª	8	Alerta UCI	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	01:20	1	EL	M
21	2ª	9	Programa Calmamente	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	05:08	1	CL	F
21	2ª	9	Programa Calmamente	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	05:08	2	EL	F
21	2ª	9	Programa Calmamente	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	05:08	3	CL	M
21	2ª	9	Programa Calmamente	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	05:08	4	CL	M
21	2ª	9	Programa Calmamente	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	05:08	5	CL	F
21	2ª	9	Programa Calmamente	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	05:08	6	CL	M
21	2ª	9	Programa Calmamente	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	05:08	7	CL	F
21	2ª	9	Programa Calmamente	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	05:08	8	CL	F
21	2ª	9	Programa Calmamente	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	05:08	9	CL	M
21	2ª	9	Programa Calmamente	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	05:08	10	CL	M
21	2ª	9	Programa Calmamente	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	05:08	11	CL	F
21	2ª	10	Álcool e Drogas no Trabalho	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dir.	Neu.	1	Soc.	Ent.	08:00	1	EL	M
21	2ª	11	Festa do Espumante em Melgaço	VDC	PC	Norte	AM	Dif.	Pos.	1	CL	Peça	02:18	1	CL	F
21	2ª	11	Festa do Espumante em Melgaço	VDC	PC	Norte	AM	Dif.	Pos.	1	CL	Peça	02:18	2	CL	M
21	2ª	11	Festa do Espumante em Melgaço	VDC	PC	Norte	AM	Dif.	Pos.	1	CL	Peça	02:18	3	EL	F
21	2ª	11	Festa do Espumante em Melgaço	VDC	PC	Norte	AM	Dif.	Pos.	1	CL	Peça	02:18	4	CL	M
21	2ª	11	Festa do Espumante em Melgaço	VDC	PC	Norte	AM	Dif.	Pos.	1	CL	Peça	02:18	5	CL	M
21	2ª	11	Festa do Espumante em Melgaço	VDC	PC	Norte	AM	Dif.	Pos.	1	CL	Peça	02:18	6	CL	M
21	2ª	12	Apanha da Azeitona Valpaços	VR	PC	Norte	AT	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	05:02	1	EL	M
21	2ª	12	Apanha da Azeitona Valpaços	VR	PC	Norte	AT	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	05:02	2	CL	M
21	2ª	12	Apanha da Azeitona Valpaços	VR	PC	Norte	AT	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	05:02	3	CL	M
21	2ª	12	Apanha da Azeitona Valpaços	VR	PC	Norte	AT	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	05:02	4	CL	F

21	2ª	12	Apanha da Azeitona Valpaços	VR	PC	Norte	AT	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	05:02	5	EL	M
21	2ª	12	Apanha da Azeitona Valpaços	VR	PC	Norte	AT	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	05:02	6	EL	M
21	2ª	13	Fábrica de Bagaço	Év.	PC	AL	AC	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:13	1	EL	M
21	2ª	14	Certificação Alho da Graciosa	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	01:44	1	EL	M
21	3ª	15	Idade da Reforma <del>vai Baixar</del>	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EN	OFF	00:35	0		
21	3ª	16	Arrendamentos em Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	EN	OFF	01:10	0		
21	3ª	17	Novos Destinos <del>Ryanair</del>	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EN	Peça	01:26	1	ROP	M
21	3ª	18	Centro Empresarial Leça do Balio	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	03:53	1	EL	F
21	3ª	18	Centro Empresarial Leça do Balio	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	03:53	2	CL	F
21	3ª	18	Centro Empresarial Leça do Balio	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	03:53	3	CL	F
21	3ª	19	"Beleza em todas as suas formas" - Cabeleireiro Solidário	Lx	PC	Nac.	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:34	1	CL	F
21	3ª	19	"Beleza em todas as suas formas" - Cabeleireiro Solidário	Lx	PC	Nac.	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:34	2	CL	F
21	3ª	19	"Beleza em todas as suas formas" - Cabeleireiro Solidário	Lx	PC	Nac.	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:34	3	EL	F
21	3ª	19	"Beleza em todas as suas formas" - Cabeleireiro Solidário	Lx	PC	Nac.	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:34	4	CL	F
21	3ª	19	"Beleza em todas as suas formas" - Cabeleireiro Solidário	Lx	PC	Nac.	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:34	5	EL	M
21	3ª	19	"Beleza em todas as suas formas" - Cabeleireiro Solidário	Lx	PC	Nac.	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	04:34	6	CL	M
21	3ª	20	Projeto "Bairro Meu"	Lx	PC	Nac.	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:17	1	EL	F
21	3ª	20	Projeto "Bairro Meu"	Lx	PC	Nac.	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:17	2	CL	M
21	3ª	20	Projeto "Bairro Meu"	Lx	PC	Nac.	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:17	3	CL	M
21	3ª	21	Campanha Solidária Violência Doméstica Brag.	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:04	1	CL	M

21	3ª	21	Campanha Solidária Violência Doméstica Brag.	Brag.	PC	Norte	TTOM	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:04	2	EL	F
21	3ª	22	Despedida Eunice <del>Munoz</del>	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Pos.	1	CL	Peça	01:52	1	CL	F
21	3ª	22	Despedida Eunice <del>Munoz</del>	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Pos.	1	CL	Peça	01:52	2	EL	M
21	3ª	22	Livro Jorge Sampaio	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	CN	OFF	01:14	0		
21	3ª	23	Pergunta Portugal em Dir. Resposta	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Pos.	1	CL	OFF	01:28	0		
22	1ª	1	Restrições nas Fronteiras	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	03:04	1	TCPN	M
22	1ª	1	Restrições nas Fronteiras	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	03:04	2	ROP	M
22	1ª	1	Restrições nas Fronteiras	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	03:04	3	ROP	M
22	1ª	2	Restrições nos <del>AeroPor.s</del>	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	EDE	01:07	1	EL	M
22	1ª	2	Restrições nos <del>AeroPor.s</del>	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	EDE	01:07	2	EL	F
22	1ª	2	Restrições nos <del>AeroPor.s</del>	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	EDE	01:07	3	EL	M
22	1ª	3	C-19 nas Prisões	Coim.	PC	Centro	<del>R.Coim</del>	Dif.	Neu.	1	C-19	OFF	00:59	0		
22	1ª	4	Novo centro de Vacinação	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	C-19	EDE	00:27	1	EL	M
22	1ª	5	Encerramento Centros de Saúde	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:06	1	EL	F
22	1ª	6	Espaço Imprensa Regional	IN				Dir.	Neu.	1	Soc.	Ent.	03:00	1	EL	M
22	1ª	6	Espaço Imprensa Regional	IN				Dir.	Neu.	2	PL	Ent.	03:00	1	EL	M
22	1ª	6	Espaço Imprensa Regional	IN				Dir.	Neu.	3	Cr.	Ent.	03:00	1	EL	M
22	1ª	6	Espaço Imprensa Regional	IN				Dir.	Neu.	4	CL	Ent.	03:00	1	EL	M
22	1ª	7	Ilhas Selvagens	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:41	1	EL	M
22	1ª	7	Ilhas Selvagens	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:41	2	EL	M
22	1ª	7	Ilhas Selvagens	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:41	3	EL	M
22	1ª	7	Ilhas Selvagens	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:41	4	TCPN	M

22	1ª	7	Ilhas Selvagens	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neu.	1	Soc.	Peça	02:41	5	EL	M
22	2ª	8	Unidade de Saúde Aqualva	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	02:23	1	CL	M
22	2ª	8	Unidade de Saúde Aqualva	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	02:23	2	CL	M
22	2ª	8	Unidade de Saúde Aqualva	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	02:23	3	CL	F
22	2ª	8	Unidade de Saúde Aqualva	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	02:23	4	CL	M
22	2ª	8	Unidade de Saúde Aqualva	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	02:23	5	CL	F
22	2ª	8	Unidade de Saúde Aqualva	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neg.	1	Soc.	Peça	02:23	6	CL	F
22	2ª	9	Autotestes Covid Esgostados	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:04	1	EL	F
22	2ª	9	Autotestes Covid Esgostados	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:04	2	CL	M
22	2ª	9	Autotestes Covid Esgostados	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:04	3	EL	M
22	2ª	9	Autotestes Covid Esgostados	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:04	4	EL	F
22	2ª	10	Variante Ómicron Portugal	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:51	1	EL	M
22	2ª	10	Variante Ómicron Portugal	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:51	2	EL	M
22	2ª	10	Variante Ómicron Portugal	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:51	3	EL	M
22	2ª	10	Variante Ómicron Portugal	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	C-19	Peça	02:51	4	EL	M
22	2ª	11	Multidão em Guimarães	Bra.	PC	Norte	Ave	Dif.	Neg.	1	CL	Peça	02:14	1	CL	M
22	2ª	11	Multidão em Guimarães	Bra.	PC	Norte	Ave	Dif.	Neg.	1	CL	Peça	02:14	2	CL	M
22	2ª	11	Multidão em Guimarães	Bra.	PC	Norte	Ave	Dif.	Neg.	1	CL	Peça	02:14	3	CL	M
22	2ª	12	Anemia	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dir.	Neu.	1	Soc.	Ent.	07:30	1	EL	F
22	2ª	13	Greve Atlântico Lins	Aço.	RAA	RAA	RA Aço.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	01:44	1	EL	M
22	2ª	14	Terminou a Pesca da Sardinha	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:08	1	EL	M
22	2ª	14	Terminou a Pesca da Sardinha	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:08	2	EL	M
22	2ª	14	Terminou a Pesca da Sardinha	Coim.	PC	Centro	R.Coim	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:08	3	TCPN	M
22	2ª	15	Turismo Outubro	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EN	OFF	01:04	0		
22	2ª	16	Festas de Natal e Fim de Ano	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:09	1	EL	M
22	2ª	17	Natal em Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:31	1	EL	F
22	2ª	17	Natal em Lx	Lx	PC	AMP	AML	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:31	2	EL	F
22	3ª	18	Inflação a Subir	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EN	Peça	02:02	1	TCPN	M
22	3ª	19	Desemprego em Outubro	Nac.	Nac.	Nac.	Nac.	Dif.	Neu.	1	EN	OFF	01:19	0		
22	3ª	20	Escola de Turismo	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:04	1	CL	F
22	3ª	20	Escola de Turismo	Fa.	PC	Alg.	Alg.	Dif.	Neu.	1	EL	Peça	02:04	2	CL	F
22	3ª	21	Igreja São João de Alporão - Restauro	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:36	1	CL	M
22	3ª	21	Igreja São João de Alporão - Restauro	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:36	2	CL	F
22	3ª	21	Igreja São João de Alporão - Restauro	Sant.	PC	AL	LA	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:36	3	CL	F
22	3ª	22	Exposição Montado	Év.	PC	AL	AC	Dif.	Pos.	1	CL	Peça	04:02	1	EL	F
22	3ª	22	Exposição Montado	Év.	PC	AL	AC	Dif.	Pos.	1	CL	Peça	04:02	2	EL	F
22	3ª	23	Restauro Tetos Mudéjares	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:44	1	EL	M
22	3ª	23	Restauro Tetos Mudéjares	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:44	2	CL	M
22	3ª	23	Restauro Tetos Mudéjares	Mad.	RAM	RAM	RA Mad.	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	03:44	3	EL	M
22	3ª	24	Centenário de José Saramago	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:33	1	EL	F
22	3ª	24	Centenário de José Saramago	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:33	2	CL	M
22	3ª	24	Centenário de José Saramago	Por.	PC	Norte	AMP	Dif.	Neu.	1	CL	Peça	02:33	3	CL	M
22	3ª	25	Pergunta Portugal em Direto - Resposta	Av.	PC	Centro	BSE	Dif.	Pos.	1	CL	OFF	01:12	0		

**Tabela 3** – Análise de Conteúdo das 22 edições do programa “Portugal em Direto” durante o mês de novembro de 2021

## **Apêndice 1**

### **Tabelas de análise dos Guias de Entrevista, Análise de conteúdo das Entrevistas e Transcrições: Dimensões I, II, III e IV**

## Apêndice 1.1 – Guião de Entrevista I - Dimensão I

**Dimensão I:** Coordenadores do programa “Portugal em Direto”

**Entrevistados:** Coordenadores Filipa Costa e Fernando Miravent

**Objetivo Geral:** Compreender e analisar a estrutura e organização do programa “Portugal em Direto”.

Local estrutural	Objetivos	Questões propostas	Observações
<b>A) Contextualização da entrevista</b>			<ul style="list-style-type: none"><li>• Dar a conhecer ao entrevistado os objetivos da entrevista;</li><li>• Pedir permissão para a gravação da entrevista;</li><li>• Garantir ao entrevistado que a informação obtida será confidencial e apenas para fins académicos.</li></ul>

<p><b>B) Objetivos do programa “Portugal em Direto”</b></p>	<p>B1. Compreender e analisar quais são os principais objetivos do programa;</p>	<p>B1. Quais são os principais objetivos que a equipa do “Portugal em Direto” visa alcançar com este noticiário?</p>	
<p><b>C) Processos de produção e seleção de assuntos/ notícias do programa “Portugal em Direto”</b></p>	<p>C1. Analisar a estrutura do programa e compreender os seus processos de produção de notícias;</p> <p>C2. Compreender a importância dada às regiões pelo serviço público de televisão;</p> <p>C3. Compreender quais são as principais dificuldades na produção de notícias do programa “Portugal em Direto”.</p>	<p>C1. Sendo que se trata de um coordenador/a, o enquadramento das notícias passa por si, como descreve esse processo? De que forma são selecionadas as notícias? Quais os principais critérios utilizados nessa seleção?</p> <p>C2. Neste âmbito da criação e produção de notícias quais as principais fontes de onde retiram as notícias sobre as regiões?</p> <p>C3. Quais são os temas de maior relevância no</p>	

		<p>programa “Portugal em Direto”?</p> <p>C4. No seu parecer, acredita que as diversas regiões são representadas de forma equitativa no programa? Ou existem regiões com maior representatividade do que outras?</p> <p>C5. Quais são os principais constrangimentos que existem na produção do noticiário?</p>	
<p><b>D) Delegações regionais e Representação das Regiões</b></p>	<p>D1. Analisar como é a relação entre coordenadores e jornalistas das delegações;</p> <p>D2. Compreender como funcionam as reportagens de jornalismo de proximidade;</p>	<p>D1. Como fazem para conseguir ter repórteres em todo o país? Utilizam os jornalistas das delegações da RTP ou também enviam jornalistas de Lisboa ou do Porto para cobrir acontecimentos noutras regiões?</p>	

<p><b>E) O público-alvo do programa e a recetividade</b></p>	<p>E1. Identificar qual é o público-alvo do programa “Portugal em Direto”;</p> <p>E2. Compreender como tem sido avaliada a recetividade do público;</p>	<p>E1. Como avalia a recetividade do público ao programa?</p>	
<p><b>F) Conclusão da Entrevista</b></p>			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Foi questionado ao entrevistado se gostaria de acrescentar mais alguma informação;</li> <li>• Agradecer pela disponibilidade e participação na investigação;</li> </ul>

**Tabela 4** – Guião de Entrevista I – Dimensão I

## Apêndice 1.2 – Transcrição da Entrevista I

**Dimensão I:** Coordenadores do programa “Portugal em Direto”

**Entrevistada:** Coordenadora do programa “Portugal em Direto”: Filipa Costa

**Data da Entrevista:** 10/02/2022

**Local da Entrevista:** Sala da editoria do programa “Portugal em Direto” – RTP

**Duração da Entrevista:** 28 minutos e 44 segundos

**AP: Quais é que consideras ser os principais objetivos do “Portugal em Direto”?**

FC: Um dos principais objetivos do “Portugal em Direto” é o jornalismo de proximidade sempre com tónica regional, ou seja, o “Portugal em Direto” não se pode esquecer de assuntos nacionais mais importantes e esses têm que entrar porque é um programa de informação nacional e que também vai para a RTP internacional em direto portanto, quem nos vê àquela hora também precisa de saber o que está a acontecer a nível nacional, no país, que tem mais relevo nomeadamente nesta altura sobre dos casos de COVID-19, problemas nos hospitais, como é que está a situação em Portugal e depois avançamos para a informação regional. Até nesta questão nacional, por exemplo nos casos de COVID-19, nós não podemos esquecer se há, por exemplo, surtos num sítio em particular como Évora, Castelo Branco ou seja o que for... também não nos podemos esquecer dos Açores e da Madeira porque são partes integrantes do país e, muitas vezes, têm situações em específico, sobretudo a nossa comunidade imigrante que é muito dos Açores e da Madeira também tem necessidade de ter essa informação e saber como estão as ilhas.

Depois, na informação regional, este jornalismo de proximidade tem que lá estar sempre no “Portugal em Direto”, ou seja, seja para dar a conhecer situações negativas que estejam a acontecer como problemas específicos de uma região, de uma terra, de um concelho ou de uma aldeia, coisas positivas como um museu regional que ninguém conhece, um artesão que trabalha numa arte que já está quase em vias de extinção mas que ainda continua e que não tem ninguém para dar continuidade àquela arte... tudo o que for regional tem que haver no nosso programa, nunca esquecendo as ilhas dos Açores e da Madeira que têm uma riqueza de histórias para contar, portanto a filosofia do “Portugal em Direto” é este jornalismo de proximidade regional nunca

esquecendo a informação nacional de maior relevo. Também damos, aquele tipo de notícias que interessa a todo o país como, por exemplo, o aumento dos combustíveis, como é que está a situação da economia em termos de compra de casas, o poder de compra, a inflação, portanto o nacional tem de estar sempre no “Portugal em Direto”, mas a tónica regional é a principal promessa.

**AP: Neste sentido, o “Portugal em Direto” apresenta uma parte de contextualização nacional e duas partes para particularizar a informação regional apostando em conteúdos que os telespectadores desconhecem?**

FC: Nunca esquecendo que apostando o “Portugal em Direto” com a pandemia, eu dei-lhe uma roupagem diferente com a introdução de entrevistas , nomeadamente naquela fase de pico de pandemia ... sempre com entrevistas a médicos ... sempre com temas de saúde não só de COVID-19 mas também para desmistificar um pouco a COVID-19 e as pessoas perceberem o que estava a acontecer , portanto a saúde é um dos temas fundamentais que entra sempre no “Portugal em Direto” porque o nosso público alvo já é um público onde a maioria já tem idade com vários problemas de saúde e que precisa , às vezes , de ser mais esclarecido e tirar aquelas ideias pré concebidas.

**AP: Falando do enquadramento das notícias, como é que descreves o processo de seleção das notícias. Quais são os principais critérios que utilizas para a seleção de peças televisivas para o “Portugal em Direto”?**

FC: A nível nacional, nós vemos todas as editorias que fazem parte da redação da RTP, o que é que elas estão a tratar, o que é que importa e interessa ao “Portugal em Direto”, portanto eu vou ali buscar uma série de notícias a nível nacional. A nível regional é na zona de Lisboa, onde está a redação de Lisboa, que nós escolhemos os temas, vemos o que há em termos noticiosos, o que é que nos interessa mais para a parte regional e depois nos centros de emissão regional espalhados pelo país, cada centro tem um coordenador e nós falamos com os coordenadores.

Se nós... neste caso, se eu tiver alguma proposta eu digo “olha eu gostava que vocês pudessem ir fazer situação isto ou quero conhecer aquele museu, deem a conhecer isto ou aquilo...” ou eles próprios como estão mais próximos das suas regiões têm conhecimento mais privilegiado do que nós aqui em Lisboa e propõem-nos diariamente .. “olha hoje temos aqui este assunto de uma fábrica ou de um museu, um problema aqui naquela aldeia ou o assunto da hotelaria, a crise na restauração” seja o que for. Há sempre um diálogo diário com todos os coordenadores das delegações.

**AP: Quais as principais fontes de onde retiram as notícias sobre as regiões?**

FC: Os centros de emissão regional e também a imprensa regional. Temos de consultar sobretudo também a nível online porque antigamente nós recebíamos todos os jornais regionais em papel. Hoje em dia, já não acontece isso, nós vamos à internet e dos principais jornais regionais, nós retiramos dali muita fonte para podermos pedir também aos próprios centros algumas reportagens.

**AP: Quantos centros de emissão regional trabalham para o “Portugal em Direto”?**

FC: Lisboa tem a maior área de cobertura, nós cobrimos da parte de Lisboa todo o Ribatejo até Abrantes inclusive, toda a zona oeste até Alcobaça inclusive, toda a costa Vicentina até Sines inclusive. Temos o centro emissão regional de Faro, centro emissão regional Évora , centro de emissão regional de Castelo Branco , centro de emissão regional de Coimbra que tem uma subdelegação em Viseu , centro de emissão regional em Bragança , o centro de emissão regional de Castelo Branco tem uma subdelegação da Guarda , depois temos uma subdelegação em Viana do Castelo que está muito dependente do Porto e temos um centro de emissão regional em Vila Real. Sendo que o Porto que é o centro de emissão norte tem uma estrutura muito própria mas tem sempre uma jornalista que está a trabalhar para o “Portugal em Direto” para cobrir toda a zona Norte.

**P: Qual é a diferença de um centro de emissão regional para uma subdelegação?**

FC: É mais pequena porque depende do centro de emissão regional. Por exemplo, Coimbra tem a colega que está em Viseu e, portanto, como é uma grande área e para cobrir não há jornalistas suficientes, ou seja, os de Coimbra teriam que se deslocar e teriam de fazer muitos quilómetros, portanto em Viseu a colega cobre ali uma determinada zona e os colegas de Coimbra cobrem ali outra zona centro. O mesmo acontece na Guarda, portanto de Castelo Branco à Guarda ainda é uma grande distância, portanto, o colega da Guarda cobre toda aquela área ali da Guarda, Vila Nova de Foz côa ou Sabugal. A colega de Viseu cobre ali toda aquela área de Lamego, de Viseu... zonas um pouco mais periféricas e que depois é difícil.

**AP: Sendo que a RTP tem centros de emissão regional, os jornalistas desses centros fazem cobertura exclusivamente dessas áreas?**

FC: Portanto, isto foi definido por um mapa de regiões pela RTP e essa área de cobertura ... neste sentido, os jornalistas de Lisboa não vão à área de Castelo Branco a não ser que haja alguma falha pessoal e nós tenhamos que lá ir com repórteres de imagem etc. Cada área é respeitada e feita pelos respetivos jornalistas e repórteres de imagem.

**AP: Quais são os temas que o “Portugal em Direto” têm maior relevância?**

FC: Para o nosso público-alvo os temas de maior relevância são os temas regionais, ou seja, problemas que estejam a acontecer em determinadas zonas do país, portanto são problemas que dizem muito às pessoas que lá vivem, depois problemas de saúde nomeadamente como está o acesso à saúde. Neste caso são pessoas de idade, muitas vezes não há transporte para os levar a um médico, não têm nenhum médico de família ou o único médico de família que têm, têm não sei quantos doentes para ver e portanto há uma grande lista de espera, os problemas dos hospitais locais, ou seja, a lista de espera para cirurgias portanto, o problema da saúde é um problema

fundamental para o nosso público que lá está, a idade em si, leva a que as pessoas tenham vários problemas de saúde.

Depois temos também a parte da produção, ou seja, como está o mercado de trabalho ou o mercado laboral na área, os problemas das fábricas ... se fecham ou se abrem, se abrem novos negócios, ou seja, como é que está a economia local porque também temos de dar esse ponto de vista porque as pessoas gostam de saber como é que está o emprego ou o nível de emprego. A cultura, nós vamos muito em termos de museus portanto dar a conhecer o que é que todas as terras têm em termos culturais em termos de museus, de teatro local , também damos muito relevo e destaque a nível cultural em termos de música como jovens músicos ou concertos etc. portanto tudo com âmbito regional e também muito artesanato porque as pessoas gostam muito de conhecer a parte do artesanato , ou seja , dar a conhecer os artesãos , jovens artesãos ou outros artesãos que ainda lá estão e que ainda preservam determinadas tradições que podem estar em risco de se perder. Temos uma abrangência muito grande deles.

**AP: Existe uma grande promoção nacional pelo Portugal em Direto?**

FC: Posso dizer seguramente que, atualmente no panorama da televisão nacional nenhuma outra televisão faz o que o “Portugal em Direto” faz.

**AP: A nível da cultura local, o “Portugal em Direto” aposta em cultura gastronómica?**

FC: Gastronomia e feiras são também outros dos assuntos que nós cobrimos muito porque nós temos uma gastronomia muito rica e somos um país que não é muito grande mas é um país muito diversificado , temos gastronomia de norte a sul do país incluindo as ilhas e as pessoas gostam de ver e saber aonde podem ir comer numa determinada terra , que feira é que está a acontecer nomeadamente as feiras de Toledo, a feira do fumeiro em Vinhais , Montalegre, seja o que for que dê a conhecer aqueles produtos autóctones da região e que são vendidos. Nós não vamos a qualquer feirinha, vamos a feiras que têm importância e que atraem também muito turismo local. O

“Portugal em Direto” ajuda também a promover tudo o que é esta riqueza nacional e o que nós temos a nível regional.

**AP: No teu parecer, o “Portugal em Direto” é um programa que se foca muito mais a nível de objetos ou tem foco a nível das pessoas?**

FC: O país é feito por pessoas e todas as pessoas têm uma história para contar e o “Portugal em Direto” conta histórias. Não é só dar notícias... fazer notícias é uma coisa, reportagem é outra, ou seja, toda a reportagem que é o que peço sempre a todos os jornalistas quer em Lisboa, quer no país tem de ter uma história lá dentro... histórias com pessoas. Todas as histórias contam-se com pessoas, obviamente que as tradições, tudo o que lá estiver dentro daquela história, tem a ver... seja com artesanato, seja teatro, seja gastronomia, isto tudo é feito com pessoas.

Portanto o que o “Portugal em Direto” faz é contar histórias, e as histórias são contadas pelas pessoas que as fazem, e que estão no local. Portanto, a reportagem que nós privilegiamos muito, os diretos, os falsos diretos que nós chamamos de *lives*, que é o que eu digo, que é uma história contada em vivo, e as histórias são contadas por pessoas, e as pessoas têm sempre muita riqueza para contar. Claro, que dando privilégio... nós não estamos sempre a focar na pessoa, o que a pessoa está a contar ou no que a pessoa está envolvida, mas tem que ser histórias com gente lá dentro.

**AP: Através da particularidade no foco das pessoas, o “Portugal em Direto” apresenta fluidez e naturalidade na informação?**

FC: Exatamente. O “Portugal em Direto” vive sobretudo da reportagem, ao contrário de um telejornal, que vive muito da notícia, porque tem menos tempo, e tem de focar-se em muitos temas, desde a economia, desde o desporto, desde a política nacional e internacional, desde os acontecimentos nacionais. Obviamente que eles fazem mais notícias, e menos reportagem. Nós

fazemos muita reportagem, sendo que o “Portugal em Direto” tem uma hora e meia e o telejornal cinquenta minutos.

**AP: No teu parecer, acreditas que o “Portugal em Direto” representa de forma equitativa todas as regiões, inclusive Madeira e Açores, ou acreditas que existem regiões que têm maior representatividade do que outras?**

FC: Nos meus alinhamentos, eu tento que todo o país esteja representado de forma equitativa. Atualmente, dado o panorama dos nossos centros de emissão regional, isso não é possível. Porque estamos com poucas pessoas, para fazer e cobrir todo o país, e esse é atualmente o grande problema do “Portugal em Direto”. A nível dos Açores e da Madeira, todos os dias entram peças dos Açores e da Madeira no “Portugal em Direto”. A nível das outras regiões isso não é possível, porque dado que há poucos jornalistas e repórteres de imagem em cada delegação e dado que eles não trabalham apenas para o “Portugal em Direto”, trabalham para o Jornal da tarde e trabalham para o telejornal, portanto eles têm que se dividir entre estes programas de informação. Neste momento, há delegações mais depauperadas de pessoas, nomeadamente o Covid-19 não tem ajudado, porque as pessoas têm adoecido, portanto posso dizer que a região do nordeste transmontano coberto por Bragança, está menos representada atualmente, o Algarve também. A região de Vila Real já está mais representada, portanto... reabriu a nossa delegação em Vila Real, mas infelizmente dadas às contingências que as pessoas que estão a trabalhar nas delegações não posso dizer que estejam todas as regiões equitativamente representadas.

**AP: Quais têm sido os principais constrangimentos na produção de notícias?**

FC: Eu defendo que, que devia haver mais gente, como já houve. Eu já trabalhei em duas delegações... já trabalhei em Faro e em Évora, e nós tínhamos emissões regionais próprias, com o "Regiões", que era o programa anterior ao “Portugal em Direto”, em que cada centro de emissão regional tinha seis jornalistas e seis repórteres de imagem. Foi feito um grande investimento nessa

altura, estamos a falar dos anos de 1998 e 1999, e, entretanto, por razões várias as equipas foram sendo reduzidas, e infelizmente atualmente os centros de emissão regional estão com pouco pessoal.

**AP: De acordo com a tua experiência nas várias delegações, acreditas que atualmente os centros de emissão regional têm acompanhado com mais fluidez as inovações digitais?**

FC: A RTP tem feito um grande investimento a nível de equipamento, para que se possa acompanhar todas as inovações tecnológicas. Obviamente, que não têm todo o equipamento que temos em Lisboa e no Porto, mas tem que ser equipamentos compatíveis para que o pessoal possa trabalhar (entrevista interrompida).

Em relação ao equipamento, todos os centros de emissão regional foram dotados com equipamento próprio sobretudo até para fazer diretos, com as inovações por exemplo os *teradeks* e as *live views*, que permitem em qualquer lado fazer um direto e não estão dependentes dos casos exteriores de satélites que nós temos, portanto foi feito um grande investimento nessa área, e a RTP tenta também dado aos seus constrangimentos financeiros não pode estar constantemente a fazer avanços tecnológicos, mas tenta que todos os equipamentos estejam dotados de todas as condições para que as emissões sejam diariamente asseguradas.

**AP: Existe, então uma política de autoajuda entre a RTP e os seus centros de emissão regional?**

FC: A RTP descora os seus centros de emissão regional, porque são parte integrante da informação da RTP. A RTP não vive da informação em Lisboa e no Porto, vive de todo o país, dos Açores e da Madeira, nomeadamente a RTP Açores fez ultimamente grandes investimentos e a RTP Madeira fez grandes investimentos na inovação digital, na renovação de equipamento, porque temos de estar a acompanhar tudo o que é de mais moderno para não ficarmos na cauda dos outros. Isto é um meio televisivo, de muita competitividade e, portanto... nós não funcionamos para

audiências ao contrário das televisões generalistas. A RTP tem uma missão de serviço público... as audiências não são o seu objetivo último, mas não podemos esquecer as audiências, porque temos de dar um produto de qualidade ao nosso espectador, nunca esquecendo a nossa missão de serviço público, que não se baseia nas audiências, mas não as pode esquecer, e portanto temos de acompanhar as mais recentes inovações tecnológicas, as novas tendências de tudo o que se está a passar em termos de informação nacional e internacional, portanto a RTP tem lá estado sempre. A RTP é um exemplo, dada à sua longa história, do que é a história da televisão e do que tem sido a evolução da televisão quer no entretenimento, quer na informação e isso não pode ser esquecido, porque a RTP tem dado cartas, e tem formado muitos profissionais que hoje em dia também trabalham noutras televisões, a RTP é também uma escola do jornalismo.

**AP: Sendo que a RTP tem um contrato de concessão com o Estado, acreditas que a nível do telejornal em comparação com o “Portugal em Direto” existe uma representação justa das regiões?**

FC: Justa não é a palavra mais adequada. O telejornal é programa de informação nacional, portanto é o programa mais antigo em Portugal, e tem outra missão que não tem o “Portugal em Direto”.

O telejornal tem uma missão de âmbito nacional, portanto tem de garantir que toda a informação de relevo nacional e internacional está lá naqueles 50 minutos. Obviamente que, 50 minutos é um pouco constrangedor para pôr toda a informação e dado que existe o “Portugal em Direto” nós, coordenadores entendemos muito bem o que é que há de ir para um e para outro. Se acontece alguma coisa de grande relevo de nível regional, essa notícia entra no telejornal, e notícias mais regionais entram no “Portugal em Direto”, portanto daí a existência destes dois programas de informação, eles complementam-se, não são concorrentes ou parentes, ou seja, um tem uma missão e o outro tem outra missão, dado que o telejornal tem de pôr a política, pôr a economia, pôr o desporto, pôr a informação internacional. Obviamente, que a informação regional fica no “Portugal em Direto”. Quando há uma notícia regional que tem impacto na Sociedade a nível nacional entra no Telejornal.

**AP: Qual é a diferença a nível de temas que vão para o telejornal e que vão para o “Portugal em Direto”?**

FC: Política não. A não ser que seja política local, municipal ou alguma coisa que envolva presidentes da Câmara, Presidentes de junta de freguesia, obviamente nós damos essas notícias, mas por exemplo, “Ministro vai a uma região ver ou visitar uma fábrica, etc.”, nós damos essa informação, mas por exemplo enquanto o telejornal se foca na visita do ministro ou o que é que o ministro disse, nós fazemos a reportagem, por exemplo, “daquela fábrica”. Damos a conhecer a fábrica, o telejornal dá a conhecer o motivo de visita do ministro e as declarações do ministro. O “Portugal em Direto” dá outra roupagem àquela reportagem, ou seja, se ele (ministro) for visitar uma fábrica, “que fábrica é esta?” Vamos dar a conhecer esta fábrica.

**AP: Qual é o público-alvo do “Portugal em Direto”?**

FC: O nosso público tem evoluído muito ao longo dos tempos. Antigamente era um público mais idoso, menos letrado. Hoje em dia, o nosso *target* sobretudo é pessoas a partir dos 40 para cima, geralmente mais do interior do que do litoral, porque à hora que o “Portugal em Direto” é transmitido... muitas pessoas nas zonas mais urbanas estão ainda a trabalhar ou estão em trânsito para casa, ao contrário das zonas menos urbanas, portanto as pessoas que trabalham no campo, numa loja, na pesca, obviamente que àquela hora estão em casa vêm mais o “Portugal em Direto”, mas o nosso público também se tem, derivado do nosso *feedback*, diversificado.

Muitas vezes temos jovens a procurar-nos, porque gostaram imenso de uma reportagem, temos pessoas desde as mais variadas faixas etárias e dos mais variados estratos sociais, com todo o tipo de habilitações literárias, por isso é que nós falamos quer para um pescador quer para o agricultor, quer para o juiz, quer para o médico, daí temos de ter uma linguagem simples. Por exemplo, quando temos um médico no “Portugal em Direto” a dar uma entrevista, a informação que logo nós dizemos é linguagem acessível a todas as pessoas. Todas as pessoas entendam aquilo...,

portanto temos um público de 40 anos para cima que não quer dizer que outras pessoas mais novas não vejam o programa.

**AP: Como tem sido a receptividade do público ao “Portugal em Direto”?**

FC: A receptividade do nosso público tem sido muito grande, tudo a nível dos horários de Outono e Inverno em que anoitece mais cedo, e as pessoas vão mais cedo para casa, o “Portugal em Direto” como eu costumo dizer é um programa de informação em que as pessoas se sentam para ver, ao contrário dos outros programas de informação, como o telejornal em que as pessoas chegam a casa... estão mais preocupadas, porque têm de estar com os filhos, tratar do jantar... há ali uma série de questões para resolver.. e que vão ouvindo as notícias, o público do “Portugal em Direto”, às 17h30 senta-se e vê até às 19h.

É um público atento, que se deteta alguma falha, alguma gralha, telefona, escreve, faz a sua crítica, mas também faz a sua crítica positiva... também nos dão esse *feedback*... gostam muito de ver o programa... mandam cartas, mandam emails, telefonam, dão sugestões da sua terra, “vi, e estou assim na minha terra... também tenho uma coisa engraçada para propor da minha terra... olhe eu também sou um artesão, também faço isto e aquilo, e também gostava que as pessoas me conhecessem”, portanto temos uma grande receptividade, porque as pessoas têm muito carinho sobretudo, porque não nos podemos esquecer da nossa pivô... a Dina Aguiar. A Dina Aguiar é atualmente a pivô atualmente em televisão nacional há mais tempo no ecrã, e, portanto, tem uma grande empatia com o público e isso faz toda a diferença, porque a Dina conta uma história, ou seja, dá um mote para a pessoa ver aquela reportagem, e é uma pessoa que tem muita empatia com espectador, e esse é um dos grandes segredos do sucesso do programa.

**Apêndice 1.3 – Análise de Conteúdo Entrevista I – Coordenadora do programa “Portugal em Direto” - Filipa Costa**

Categorias	Unidades de Sentido
<p><b>A) Objetivos do programa “Portugal em Direto</b></p>	<p>“Um dos principais objetivos do “Portugal em Direto” é o jornalismo de proximidade sempre com tónica regional , ou seja , o “Portugal em Direto” não se pode esquecer de assuntos nacionais mais importantes e esses têm que entrar porque é um programa de informação nacional e que também vai para a RTP internacional em direto portanto , quem nos vê àquela hora também precisa de saber o que está a acontecer a nível nacional , no país, que tem mais relevo nomeadamente nesta altura sobre dos casos de COVID-19 , problemas nos hospitais , como é que está a situação em Portugal e depois avançamos para a informação regional.” (P1, EI, p.1)</p> <p>“Depois, na informação regional, este jornalismo de proximidade tem que lá estar sempre no “Portugal em Direto”, ou seja, seja para dar a conhecer situações negativas que estejam a acontecer como problemas específicos de uma região, de uma terra, de um concelho ou de uma aldeia, coisas positivas como um museu regional que ninguém conhece...” (P1, EI, p.2).</p>

	<p>“(…) tudo o que for regional tem que haver no nosso programa, nunca esquecendo as ilhas dos Açores e da Madeira que têm uma riqueza de histórias para contar, portanto a filosofia do “Portugal em Direto” é este jornalismo de proximidade regional nunca esquecendo a informação nacional de maior relevo.” (P1, EI, p.2)</p>
<p><b>B) Processos de Produção e Seleção de Assuntos/ Notícias</b></p>	<p>“Para o nosso público-alvo os temas de maior relevância são os temas regionais, ou seja, problemas que estejam a acontecer em determinadas zonas do país, portanto são problemas que dizem muito às pessoas que lá vivem, depois problemas de saúde nomeadamente como está o acesso à saúde.” (P8, EI, p.1)</p> <p>“Depois temos também a parte da produção, ou seja, como está o mercado de trabalho ou o mercado laboral na área, os problemas das fábricas ... se fecham ou se abrem, se abrem novos negócios, ou seja, como é que está a economia local porque também temos de dar esse ponto de vista porque as pessoas gostam de saber como é que está o emprego ou o nível de emprego. A cultura, nós vamos muito em termos de museus portanto dar a conhecer o</p>

que é que todas as terras têm em termos culturais em termos de museus, de teatro local , também damos muito relevo e destaque a nível cultural em termos de música como jovens músicos ou concertos etc. portanto tudo com âmbito regional e também muito artesanato porque as pessoas gostam muito de conhecer a parte do artesanato , ou seja , dar a conhecer os artesãos , jovens artesãos ou outros artesãos que ainda lá estão e que ainda preservam determinadas tradições que podem estar em risco de se perder.” (P8,EI, p.2)

(...) o que o “Portugal em Direto” faz é contar histórias, e as histórias são contadas pelas pessoas que as fazem, e que estão no local. Portanto, a reportagem que nós privilegiamos muito, os diretos, os falsos diretos que nós chamamos de *lives*, que é o que eu digo, que é uma história contada em vivo, e as histórias são contadas por pessoas, e as pessoas têm sempre muita riqueza para contar. (P11, EI, p.2)

“O telejornal tem uma missão de âmbito nacional, portanto tem de garantir toda a informação de relevo nacional e internacional está lá naqueles 50 minutos. Obviamente que, 50 minutos é um pouco constrangedor para pôr toda a informação e dado que existe o “Portugal em Direto” nós, coordenadores entendemos muito bem o que é que há de ir

	<p>para um e para outro. Se acontece alguma coisa de grande relevo de nível regional, essa notícia entra no telejornal, e notícias mais regionais entram no “Portugal em Direto”, portanto daí a existência destes dois programas de informação, eles complementam-se, não são concorrentes ou parentes...” (P17, EI, p.2)</p>
<p><b>C) Constrangimentos na produção de notícias</b></p>	<p>“Nos meus alinhamentos, eu tento que todo o país esteja representado de forma equitativa. Atualmente, dado o panorama dos nossos centros de emissão regional, isso não é possível. Porque estamos com poucas pessoas, para fazer e cobrir todo o país, e esse é atualmente o grande problema do “Portugal em Direto”.” (P.13, EI, p.1)</p> <p>“(...) dado que há poucos jornalistas e repórteres de imagem em cada delegação e dado que eles não trabalham apenas para o “Portugal em Direto”, trabalham para o Jornal da tarde e trabalham para o telejornal, portanto</p>

	<p>eles têm que se dividir entre estes programas de informação. Neste momento, há delegações mais depauperadas de pessoas, nomeadamente o Covid-19 não tem ajudado, porque as pessoas têm adoecido...” (P.13, EI, p.1)</p>
<p><b>D) Delegações Regionais e Representação das Regiões</b></p>	<p>“A nível nacional, nós vemos todas as editorias que fazem parte da redação da RTP, o que é que elas estão a tratar, o que é que importa e interessa ao “Portugal em Direto”, portanto eu vou ali buscar uma série de notícias a nível nacional. A nível regional é na zona de Lisboa, onde está a redação de Lisboa, que nós escolhemos os temas, vemos o que há em termos noticiosos, o que é que nos interessa mais para a parte regional e depois nos centros de emissão regional espalhados pelo país, cada centro tem um coordenador e nós falamos com os coordenadores.” (P3, EI, p.1)</p> <p>“(...) eles próprios como estão mais próximos das suas regiões tem conhecimento mais privilegiado do que nós aqui em Lisboa e propõem-nos diariamente ...” (P3, EI, p.2)</p> <p>“Lisboa tem a maior área de cobertura, nós cobrimos da parte de Lisboa todo o Ribatejo até Abrantes inclusive, toda a zona oeste até</p>

	<p>Alcobaça inclusive, toda a costa Vicentina até Sines inclusive. Temos o centro emissão regional de Faro, centro emissão regional Évora , centro de emissão regional de Castelo Branco , centro de emissão regional de Coimbra que tem uma subdelegação em Viseu , centro de emissão regional em Bragança , o centro de emissão regional de Castelo Branco tem uma subdelegação da Guarda , depois temos uma subdelegação em Viana do Castelo que está muito dependente do Porto e temos um centro de emissão regional em Vila Real. Sendo que o Porto que é o centro de emissão norte tem uma estrutura muito própria mas tem sempre uma jornalista que está a trabalhar para o “Portugal em Direto” para cobrir toda a zona Norte.” (P5, EI, p.1)</p>
<p><b>E) O público-alvo do programa e a receptividade</b></p>	<p>“Hoje em dia o nosso <i>target</i> sobretudo é pessoas a partir dos 40 para cima, geralmente mais do interior do que do litoral...” (P.19, EI, p.1)</p> <p>“(...) mas o nosso público também se tem, derivado do nosso <i>feedback</i>, diversificado.</p> <p>Muitas vezes temos jovens a procurar-nos, porque gostaram imenso de uma reportagem, temos pessoas desde as mais variadas faixas etárias e dos mais variados estratos sociais,</p>

com todo o tipo de habilitações literárias...”  
(P19, EI, p.1 e 2)

“A recetividade do nosso público tem sido muito grande, tudo a nível dos horários de Outono e Inverno em que anoitece mais cedo, e as pessoas vão mais cedo para casa, o “Portugal em Direto” como eu costumo dizer é um programa de informação em que as pessoas se sentam para ver, ao contrário dos outros programas de informação, como o telejornal em que as pessoas chegam a casa... estão mais preocupadas, porque têm de estar com os filhos, tratar do jantar...” (P20,EI,p.1)

“É um público atento, que se deteta alguma falha, alguma gralha, telefona, escreve, faz a sua crítica, mas também faz a sua crítica positiva... também nos dão esse *feedback*... gostam muito de ver o programa... mandam cartas, mandam emails, telefonam, dão sugestões da sua terra, “vi, e estou assim na minha terra... também tenho uma coisa engraçada para propor da minha terra... olhe eu também sou um artesão, também faço isto e aquilo, e também gostava que as pessoas me conhecessem”, portanto temos uma grande recetividade, porque as pessoas têm muito carinho sobretudo, porque não nos podemos esquecer da nossa pivô... a Dina Aguiar.”  
(P20, EI, p.2)

--	--

**Tabela 5** – Análise de Conteúdo Entrevista I – Dimensão I

## **Apêndice 1.4 – Transcrição da Entrevista II**

**Dimensão I:** Coordenadores do programa “Portugal em Direto”

**Entrevistado:** Coordenador do programa “Portugal em Direto” – Fernando Miravent

**Data da Entrevista:** 10/02/2022

**Local da Entrevista:** Sala de acesso a corredores - RTP

**Duração da Entrevista:** 26 minutos e 6 segundos

**AP: Quais são os principais objetivos do “Portugal em Direto”?**

FM: Os objetivos do “Portugal em Direto”, sendo um programa de informação regional, procura essencialmente em ser um espaço para regular reportagens, ter diretos, ter falsos diretos, ter conjuntos de informação com conteúdos que refletem o que se passa nas várias regiões do país e que muitas vezes esse tipo de informação não cabe por questões de limitação de tempo, por questões editoriais que os telejornais normais têm. Fazem, no fundo, uma seleção dos grandes acontecimentos que têm importância nacional. Conteúdos mais locais, que têm a haver mais com a vida local, como a promoção de iniciativas locais, como acontecimentos que tenham a haver com o património das regiões, como eventos que vão ocorrendo nas várias regiões, têm aqui na RTP e no “Portugal em Direto” uma hora e meia para ver e nós debatemo-nos para ter sempre um programa dentro do que é possível, o mais variado possível, com contributos de norte a sul ou das ilhas dos Açores e da Madeira e que possa refletir toda essa vasta realidade. O Telejornal tem de ser uma coisa muito mais selecionada e sobretudo sobre tudo o que tem uma importância mais nacional e internacional e obviamente o Telejornal da RTP tem limitações de tempo. Os outros telejornais de outros canais são mais longos e podem conter conteúdos mais ligeiros.

**AP: Sendo que és coordenador do “Portugal em Direto”, a seleção de notícias passa por ti? Como é feito esse processo?**

FM: O critério da seleção de notícias é trazerem novidade, serem notícias importantes para veicularem, refletirem transformações... necessidades, protestos, e traduzirem-se de facto, em questões importantes para as regiões. O facto de uma notícia ter enfoque em Trás-os-Montes, não quer dizer que ela não interesse a todo o país. Em primeiro, o país é feito de gente que vem de todo o lado. As grandes regiões metropolitanas têm gente que vêm do interior do país, do norte e do sul, que goste de estar informado, mas acho que a maior parte dos portugueses gostam de conhecer e saber o que se passa no seu país, independentemente de ser em Bragança, Vila Real ou em Olhão... quer dizer acho que há esse gosto especial, de quem é proveniente dessas regiões, mas depois há também um todo, e o programa de informação regional também deve ser isso, ou seja, veicular um retrato daquilo que vai acontecendo no país todo, e não só.

Como é que escolhemos? Com as coisas que vão acontecendo, com a agenda, com o que nos chega também das nossas delegações... os nossos colegas, com os quais procuramos estabelecer contato todos os dias, e saber o que é que têm, ou então coisas que nós já planeámos com eles, já sabemos que vão acontecer e que eles têm oportunidade de ir fazer reportagem ou direto e então nós aproveitamos, e então isso parte de toda uma dinâmica que procuramos ter na medida do possível com os colegas das delegações.

**AP: Existe uma relação de confiança e dependência entre o programa “Portugal em Direto” e as delegações da RTP?**

FM: Eu confio geralmente nessas delegações, nos seus coordenadores, naquilo que eles entendem como sendo notícias com alguma importância e que devem ser veiculadas, desde que seja naturalmente conversado, e desde que também nós aqui em Lisboa conversemos sobre isso. Nós lidamos muitas vezes com assuntos, notícias, temas ou projetos que estão em curso, como restauro de património ou intervenção na área agrícola especificamente na inovação. Nós sugerimos coisas que também tomamos conhecimento e também somos recetivos às coisas que por iniciativa deles (coordenadores e jornalistas das delegações) nos chegam porque foram notícias que tiveram conhecimento e eles próprios fizeram.

**AP: Em relação às regiões autónomas, o processo é o mesmo?**

FM: É muito similar, embora os centros regionais da RTP, tenham alguma autonomia porque eles têm uma emissão própria. Tanto na Madeira como nos Açores, há uma emissão regional embora eles transmitam para o telejornal ... eles têm um telejornal que é feito lá que vigia conteúdos da sua própria região. Eles, inclusivamente, têm um caudal de informação muito maior, têm mais reportagens ... têm de ter porque eles têm serviços de informação regional tanto nos Açores como na Madeira. Eles têm assuntos que são de âmbito nacional como também muitos assuntos que são de âmbito regional e têm redações que, muitas vezes, eles dizem que são pequenas e reduzidas, mas são maiores do que a delegação de Bragança ou de Castelo Branco.

**AP: Este também é o caso das sub-delegações?**

FM: Há o caso de Castelo Branco com a subdelegação da Guarda. No caso das regiões autónomas têm um facto, a RTP Açores e Madeira terem serviços de informação daí termos muitas peças que podemos utilizar.

**AP: Nos serviços de informação regional é praticado um tipo diferente de jornalismo mais próximo das pessoas?**

FM: O chamado jornalismo de proximidade deve ser um jornalismo que está junto das pessoas, das comunidades, da sociedade, daquilo que é o que se reflete nestes territórios e isso é expresso pela sua vida empresarial, na autárquica, pelo que é produzido e implementado pelas múltiplas associações de solidariedade social ou de promoção cultural, de produtos culturais regionais, das feiras... tudo isso nos expressa e leva-nos a ter às pessoas ... é essa a proximidade. As pessoas identificam-se com relativa facilidade perante reportagens mesmo que sejam de determinados lares de Freixo de Espada à Cinta ..., portanto há muitas situações noutros sítios que tem que ver com

aquelas ou têm problemas daquele tipo ... isso identifica-se, as pessoas conhecem o facto de se ter um familiar num lar, das visitas ou de ter boas condições e isso é comum em  $n$  coisas. Por exemplo esta índole pode vir de Vila Real, mas é identificável com outras situações do país.

**AP: Todas estas situações têm representação pelo Telejornal?**

FM: De facto, quando são situações de demasiada gravidade ou porque houve um incêndio num lar ou por exemplo um lar que não tenha as condições mínimas legais para os idosos estarem lá e fugiu às malhas da segurança social, isso adquire uma importância e informação nacional e continua a ter uma dimensão local e, portanto, isto já é um assunto nacional. Ora porque houve identidades que não fiscalizaram ou porque às vezes há casos de incêndios ou tragédias e, portanto, isso adquire um tom nacional. Há assuntos que podem ter uma dinâmica que já não é nacional.

**AP: Sendo coordenador, quais são os temas de destaque ou de maior relevância no “Portugal em Direto”?**

FM: Eu acho que o “Portugal em Direto” deve ter uma grande preocupação com os assuntos de ordem social, dar assistência às pessoas, do combate ao isolamento, de produção dos cuidados de saúde ... das ações que se desenvolvem para que a saúde vá ao encontro das pessoas ... notícias novas também sobre o esclarecimento de novos tratamentos sobre determinados problemas de saúde e isso é muito importante.

Por outro lado, o “Portugal em Direto” tem um grande impacto na comunidade rural, na agricultura que tem a ver com a vida agrícola mas também com a inovação com as dificuldades, agora, por exemplo, com todos os problemas derivados da seca e da falta de água que está ter um impacto junto da atividade pecuária e do mercado em geral, no aumento dos custos, das explorações de produção de gado ... tudo isto tem que estar presente ... toda a vida cultural, temos que dosear um pouco porque a sociedade faz-se de tudo. Faz-se de tragédia, faz-se das situações que têm um elevado impacto social e na vida das pessoas e faz-se também da vida e da riqueza cultural, das

coisas que vão acontecendo e é nossa obrigação ser uma janela para o que acontece e é promovido pelas sociedades, pelas autarquias também porque obviamente o poder autárquico está muito por dentro de muitas das iniciativas que também se desenvolvem portanto , para mim , é importante relatar os problemas mas também toda a atividade de dinamização da indústria que na região tem maior impacto , seja , por exemplo, os fumeiros ou o queijo ou as medidas para fomentar o consumo , ou seja , isto depois na construção do alinhamento tem que ser feito pela ordem de importância que os assuntos têm, pela atualidade que os assuntos têm e também deve haver espaço para outro tipo de assuntos que não são de premência noticiosa mas que estão a acontecer ou que refletem uma determinada situação cultural , na área da música , no que toca a instituições ou museus com projetos de novas exposições ... no fundo é um jornal e portanto temos as coisas que são a atualidade do dia , as coisas que têm a haver com as aflições do momento que estamos a atravessar e depois as outras coisas que também estão a acontecer e que devem ganhar espaço.

**AP: O programa na sua base apresenta uma primeira parte nacional mais sobre a saúde e duas partes sobre informação regional mais sobre a cultura e gastronomia?**

FM: O programa teve também a linha editorial que se adaptava um pouco às circunstâncias, portanto o programa foi ganhando tempo. Eu diria que o programa, hoje em dia, é maior do que deveria ser em termos de tempo. Isso obriga a que por vezes temos de buscar mais assuntos dos noticiários nacionais, ou seja, o caudal de informação regional que nós dispomos diariamente não chega para fazer quase uma hora e meia de programa diário e isto refletiu-se num alargar dos nossos alinhamentos a outras temáticas que à partida estariam nos jornais nacionais como o jornal da tarde. Porque o programa também adquiriu necessidade de se abrir às entrevistas ... o programa tornou-se muito grande e infelizmente as delegações estão um pouco desfalcadas. Têm poucos jornalistas, há sempre contingências várias, não houve um reforço da informação regional ao longo dos tempos. Eu falo à vontade porque estou como coordenador há 14 anos e, portanto, tenho passado por diversas fases por muitas dificuldades e por isso não podemos dizer que a informação regional é o parente rico ou muito acarinhado pela RTP porque não é, isso é mentira, a RTP acarinha porque dá-lhe espaço e tempo de antena mas não lhe dá os meios que devia ter e debatemo-nos todos os dias com falta de reportagens , com pessoas que não estão a trabalhar

porque estão doentes ou por situações em que não podemos fazer determinadas reportagens e achávamos que podíamos fazer... isto porque também temos de ser honestos naquilo que dizemos, ou seja, o programa nem sempre se faz nas melhores condições e nem sempre conseguimos construir o melhor alinhamento, ou seja, aquilo que representa o que é a informação regional que é um retrato do que acontece de norte a sul daquilo que vai acontecer, do que nos diz mais e que são temas que não aparecem no Telejornal ou no jornal da tarde. Por vezes temos que recorrer a essa informação (nacional) porque ela existe e porque também não temos maneira de cobrir muitos temas e coisas que deviam de ser feitas porque não temos meios.

**AP: Quais são os principais constrangimentos do programa “Portugal em Direto”?**

FM: Eu como já estou aqui há muitos anos e antes também fazia informação regional em programas que existiam, mas como coordenador, há mais de uma década, já tive uma redação em Lisboa com seis ou sete jornalistas, já tive que contar com um ou dois e fazer o programa na mesma... Neste sentido, as delegações são muito flutuantes, e existem delegações que não irei mencionar, mas que funcionam razoavelmente bem porque tem uma equipa e uma redação mínima com duas ou três pessoas e repórteres de imagem porque sem um jornalista e repórter de imagem não se faz a reportagem, isso não pode faltar. Não basta teres o jornalista e não teres o repórter de imagem porque isso não é reportagem, portanto o jornalista não sai. Neste sentido, como há muitas vicissitudes e há delegações que não têm o número que deveriam ter de elementos e, por vezes, há regiões que têm uma cobertura deficiente, por exemplo, eu acho que Trás-os-Montes tem efetivamente uma cobertura deficiente porque tem problemas que se têm vindo a arrastar há vários anos, ou seja, não têm uma delegação completa e com capacidade de substituir uma pessoa quando esta está doente. É claro que também há o COVID-19, mas também não vale a pena dizer que o problema é o COVID-19 e que todos os males vêm do COVID-19, há males que já vêm desde há muitos anos.

A RTP já teve na sua história o momento em que tinha uma emissão regional desdobrada e foi aí a origem do reforço das delegações. Com os centros regionais, a emissão desdobrava-se e havia 15 minutos que eram produzidos pela própria região e isto era diabólico, dava bastante trabalho,

porque exigia que as delegações tivessem, efetivamente, uma equipa e uma redação e que funcionassem e isso depois desmantelou-se e passou à história porque tinha custos, ou seja, não foi porque não teve oportunidade de avanço ou desenvolvimento.

**AP: Quais são os temas que o “Portugal em Direto” não tem por base no seu programa?**

FM: Não temos, normalmente, coisas como o crime, não temos política... política direta, a política partidária porque não são as áreas pelas quais nos movemos naturalmente, o que não quer dizer que não se reflitam questões de política regional ou que tenham a ver com casos próprios. Agora se há projetos que são discutidos numa determinada região e que há uma área política num partido que defende isto e outro que questiona e diz outra coisa, isso é informação regional e não vamos escamotear isso. Há várias forças locais que discutem diversas sensibilidades, determinado assunto e têm visões diferentes sobre o que é feito ou que não é feito ou o que está por fazer e isso deve ser também refletido nas nossas reportagens.

**AP: O programa “Portugal em Direto” representa de forma equitativa todas as regiões?**

FM: Se há delegações que têm mais problemas que outras... quando se vai fazer um alinhamento ele vai se refletir que região Y tem uma ou duas reportagens e da outra hoje não tem, mas se calhar amanhã tem. Às vezes reflete-se porque há locais que não há assunto, muitas vezes, esses problemas contínuos, repercutindo-se ao longo do tempo, vão refletir que há uma determinada região que está melhor coberta e portanto nós temos mais coisas da vida cultural e dos problemas dessa região e há outra que vai ficando para trás e eu contra isso não posso fazer nada, ou seja, se eu não tenho não posso pôr. Quem é que eu acho que perde? Perdem os telespectadores e perde a RTP que tem o programa de informação regional que não cumpre aquilo que eu acho que devia cumprir que é procurar, ter um retrato mais completo possível do país. O país é o Norte, o centro, o Sul, o interior, o litoral e tudo isso e para isso ou se tem meios ou não há.

**AP: Como avalia a receptividade do público ao programa?**

FM: O público, apesar destas turbulências e destas falhas que temos de admitir que há falhas porque eu digo que gostava de ter um programa mais variado e que refletisse mais o que acontece no país todo e a sua riqueza e toda a vida cultural. No entanto o público, neste caso, os telespectadores ou quem nos vê são extremamente fiéis e até benevolentes. Se eu fosse telespectador, se calhar seria muito mais chato ... até poderia dizer ... “Mas vocês nunca têm reportagens da minha terra ou do meu distrito!” e isso seria muito chato.

Eu até acho que as pessoas são muito fiéis, temos felizmente uma excelente audiência e tem-se mantido. As pessoas também são muito fiéis à nossa apresentadora Dina Aguiar que tem história, temos uma pessoa que apresenta há muitos anos e que, de facto, está ligada a este programa desde que ele existe e as pessoas seguem-na e eu acho que as pessoas acreditam no nosso trabalho e isso também é o que nos satisfaz porque nós procuramos fazer da melhor maneira possível. Se o programa poderia ser melhor? Claro que poderia e deveria ser melhor porque a RTP é canal de serviço público. Não basta ter hora e meia de serviço regional... é preciso que o conteúdo seja também de informação regional e aí é que está o objetivo. É preciso que o conteúdo seja informação regional com a produção cultural e não podemos encher uma hora e meia com conteúdos que se calhar não caberiam aqui e que certamente as pessoas não estariam à espera de ver.

**AP: Acredita que a apresentadora Dina Aguiar exerce empatia com os telespectadores?**

FM: Existe uma relação de empatia que nos ajuda a ultrapassar algumas falhas que existam, mas melhores tempos virão.

**AP: O feedback que recebem dos telespectadores ajuda à produção de novas notícias?**

FM: Sim, porque vê-se que as pessoas seguem por interesse as temáticas da saúde... há um interesse geral das pessoas pelos assuntos que vão sendo focados.

**AP: Qual é o público-alvo do programa “Portugal em Direto”?**

FM: O público, por excelência, do “Portugal em Direto” é um público a partir dos 40, 50 ou 60 anos. Normalmente é um público com um pouco mais de idade, mas dadas as audiências que temos, obviamente que é um público que tem todo o interior como das linhas metropolitanas e de todo o litoral. À partida são pessoas um pouco mais velhas, o que não quer dizer que somos vistos por idosos e eu tento combater essa visão que é velhinhos. Eu detesto um pouco essa visão, porque eu trabalho para todos com o mesmo respeito e respeito a sua inteligência e a capacidade que têm em ver qualquer tipo de reportagem seja, cobertura do bailado, do fandango. Eu não acredito que as pessoas não compreendam ou não aceitam. O que nós queremos é que aconteça mais bailado ou música clássica em Castelo Branco ou em Beja, e sermos capazes de ir aos ensaios e dizer que há um espetáculo. Eu não quero ceder a um certo tipo de reportagens para um certo tipo de pessoas, acho que isso não é o caminho.

**AP: Existe um alargamento do programa para outras idades?**

FM: Claro para todas as idades. O programa tem coisas e se as pessoas estiverem a ver, ou seja, as pessoas mais novas poderão ver com agrado e se calhar “olha este programa até tem reportagens giras e são coisas que nos interessam como as novidades tecnológicas “e acho que devemos fazer isso. Por exemplo “olha há estes cursos no politécnico de Castelo Branco” ou “há estes projetos de investigação “e as pessoas novas podem reparar “olha! Afinal há estes cursos e este programa tem boa informação!”. A informação tem de lá estar toda, ou seja, todos os que aqueles que estão à procura de opções para os seus cursos ou os querem saber mais sobre isto, está lá tudo. Até de âmbito histórico as pessoas dizem “olha eu lembro-me perfeitamente disto...” e é verdade o que eles dizem, isto era assim agora está de outra forma, porque também temos espectadores com memória. A nossa missão é, aos telespectadores ajudá-los a recuperar essa memória e a reviver

essa memória, aos outros (mais novos) dar-lhes a conhecer os conhecimentos das memórias que não têm porque não viveram nessas épocas e, portanto, não as puderam conhecer e nós estamos lá para mostrar como era e como é agora. É isto que nos faz aproximar as pessoas, o facto de as pessoas identificarem-se perceberem, terem pontos de contacto porque passaram por lá , porque conheceram , porque o pai também fez, e por outro lado também podem ser coisas que podem ter a haver com o seu dia à dia como o facto de não terem médicos nos centros de saúde , porque todos os dias vão lá para a porta porque não têm consulta e nunca mais se resolve ... aquela estrada que está lá há anos esburacada e nunca mais se resolve.

**Apêndice 1.5 – Análise de Conteúdo Entrevista II: Coordenador do programa “Portugal em Direto” - Fernando Miravent**

Categorias	Unidades de Sentido
<p><b>A) Objetivos do programa “Portugal em Direto”</b></p>	<p>“Os objetivos do “Portugal em Direto”, sendo um programa de informação regional, procura essencialmente em ser um espaço para regular reportagens, ter diretos, ter falsos diretos, ter conjuntos de informação com conteúdos que refletem o que se passa nas várias regiões do país e que muitas vezes esse tipo de informação não cabe por questões de limitação de tempo, por questões editoriais que os telejornais normais têm. Fazem, no fundo, uma seleção dos grandes acontecimentos que têm importância nacional. Conteúdos mais locais, que têm a haver mais com a vida local, como a promoção de iniciativas locais , como acontecimentos que tenham a haver com o património das regiões , como eventos que vão ocorrendo nas várias regiões , têm aqui na RTP e no “Portugal em Direto” uma hora e meia para ver e nós debatemo-nos para ter sempre um programa dentro do que é possível , o mais variado possível , com contributos de norte a sul ou das ilhas dos Açores e da Madeira e que possa refletir toda essa vasta realidade.” (P1,EII,p.1)</p>
<p><b>B) Processos de produção e seleção de Assuntos / Notícias</b></p>	<p>“O critério da seleção de notícias é trazerem novidade, serem notícias importantes para</p>

veicularem, refletirem transformações... necessidades, protestos, e traduzirem-se de facto, em questões importantes para as regiões.” (P2, EII, p.1)

“Com as coisas que vão acontecendo, com a agenda, com o que nos chega também das nossas delegações... os nossos colegas, com os quais procuramos estabelecer contato todos os dias, e saber o que é que têm, ou então coisas que nós já planeámos com eles, já sabemos que vão acontecer e que eles têm oportunidade de ir fazer reportagem ou direto e então nós aproveitamos, e então isso parte de toda uma dinâmica que procuramos ter na medida do possível com os colegas das delegações.” (P2, EII, p.2)

“Eu acho que o “Portugal em Direto deve ter uma grande preocupação com os assuntos de ordem social, dar assistência às pessoas, do combate ao isolamento, de produção dos cuidados de saúde ... das ações que se desenvolvem para que a saúde vá ao encontro das pessoas ... notícias novas também sobre o esclarecimento de novos tratamentos sobre determinados problemas de saúde e isso é muito importante. Por outro lado, o “Portugal em Direto” tem um grande impacto na comunidade rural, na agricultura que tem a ver

	<p>com a vida agrícola, mas também com a inovação com as dificuldades...” (P8, EII, p.1)</p> <p>“(...) para mim, é importante relatar os problemas, mas também toda a atividade de dinamização da indústria que na região tem maior impacto...” (P8, EII, p.2)</p> <p>“(...) também deve haver espaço para outro tipo de assuntos que não são de premência noticiosa mas que estão a acontecer ou que refletem uma determinada situação cultural , na área da música , no que toca a instituições ou museus com projetos de novas exposições ... no fundo é um jornal e portanto temos as coisas que são a atualidade do dia , as coisas que têm a haver com as aflições do momento que estamos a atravessar e depois as outras coisas que também estão a acontecer e que devem ganhar espaço. “(P8, EII, p.2)</p>
<p><b>C) Constrangimentos na produção das notícias</b></p>	<p>“(...) as delegações são muito flutuantes, e existem delegações que não irei mencionar, mas que funcionam razoavelmente bem porque têm uma equipa e uma redação mínima com duas ou três pessoas e repórteres de imagem porque sem um jornalista e repórter de</p>

	<p>imagem não se faz a reportagem, isso não pode faltar.” (P10, EII, p.1)</p> <p>(...) como há muitas vicissitudes e há delegações que não têm o número que deveriam ter de elementos e, por vezes, há regiões que têm uma cobertura deficiente...” (P10, EII, p.1)</p>
<p><b>D) Delegações regionais e representação das regiões</b></p>	<p>“Eu confio geralmente nessas delegações, nos seus coordenadores, naquilo que eles entendem como sendo notícias com alguma importância e que devem ser veiculadas, desde que seja naturalmente conversado, e desde que também nós aqui em Lisboa conversemos sobre isso.” (P3, EII, p.1)</p>
<p><b>E) O público-alvo e a receptividade</b></p>	<p>“(...) os telespectadores ou quem nos vê são extremamente fiéis e até benevolentes.” (P12, EII, p.1)</p> <p>“Eu até acho que as pessoas são muito fiéis, temos felizmente uma excelente audiência e tem-se mantido. As pessoas também são muito fiéis à nossa apresentadora Dina Aguiar que tem história, temos uma pessoa que apresenta há muitos anos e que, de facto, está ligada a este programa desde que ele existe e as pessoas seguem-na e eu acho que as pessoas acreditam no nosso trabalho e isso também é o que nos satisfaz porque nós procuramos fazer da melhor maneira possível. “(P12, EII, p.2)</p>

	<p>“O público, por excelência, do “Portugal em Direto” é um público a partir dos 40, 50 ou 60 anos. Normalmente é um público com um pouco mais de idade, mas dadas as audiências que temos, obviamente que é um público que tem todo o interior como das linhas metropolitanas e de todo o litoral.” (P15, EII, p.1)</p>
--	--

**Tabela 6** – Análise de Conteúdo Entrevista II – Dimensão I

## Apêndice 1.6 – Guião de Entrevista II – Dimensão II

**Dimensão II:** Jornalistas do programa “Portugal em Direto”

**Entrevistados:** Jornalistas Filipa Marques Henriques, Mariana Morais e Ana Luísa Alves

**Objetivo Geral:** Compreender as diversas técnicas de reportagem aplicadas no jornalismo de Proximidade do programa “Portugal em Direto”

Local Estrutural	Objetivos	Questões Propostas	Observações
<b>A) Contextualização da Entrevista</b>			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dar a conhecer ao entrevistado os objetivos da entrevista e da investigação;</li>   <li>• Pedir permissão para gravação da entrevista;</li>   <li>• Garantir ao entrevistado que a informação obtida será confidencial e apenas para fins académicos;</li> </ul>
	B1. Compreender como são	B1. Existe alguma norma de	

<p><b>B) Reportagens do programa “Portugal em Direto”</b></p>	<p>produzidas as notícias por parte dos jornalistas. Analisar o tipo de influência exercido por parte dos coordenadores.</p> <p>B2. Compreender a diferença entre o género de reportagem “Falso Direto” e uma peça televisiva.</p>	<p>reportagem no programa “Portugal em Direto” em termos de escrita e planos de imagem ou cada jornalista tem liberdade em conduzir e relatar a sua notícia?</p> <p>B2. Relativamente às reportagens, em que situações as mesmas são realizadas em <i>direto/ live</i> (falso <i>direto</i>)? Por outras palavras, qual considera ser a maior valia dos <i>lives</i>?</p>	
<p><b>C) Representação das Regiões</b></p>	<p>C1. Analisar a diferença de opiniões referentes à importância dada pelo serviço público às regiões portuguesas.</p>	<p>C1. No seu parecer, acredita que o programa “Portugal em Direto” representa de forma igual / justa todas as regiões? (Inclusive Açores e Madeira)</p>	

<p><b>D) Temas do programa “Portugal em Direto”</b></p>	<p>D1. Compreender o parecer dos jornalistas relativamente à presença de categorias de assunto no programa.</p>	<p>D1. No seu parecer, quais são os temas de maior relevância do programa “Portugal em Direto”?</p>	
<p><b>E) Conclusão da Entrevista</b></p>			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Foi questionado ao entrevistado se gostaria de acrescentar mais alguma informação;</li> <li>• Agradecer pela disponibilidade e participação prestadas para a investigação;</li> </ul>

**Tabela 7** - Guião de Entrevista II – Dimensão II

## Apêndice 1.7 – Transcrição da Entrevista III

**Dimensão II:** Jornalistas do programa “Portugal em Direto”

**Entrevistada:** Jornalista do programa “Portugal em Direto” – Filipa Marques Henriques

**Data da Entrevista:** 8/02/2022

**Local da Entrevista:** Sala de Gravações RTP

**Duração da Entrevista:** 20 minutos e 24 segundos

**AP: Filipa, trabalhas no Portugal em Direto, já fizeste várias reportagens, como descreves a norma ou a forma como fazes as reportagens? Em termos de escrita tens de liberdade para conduzir a tua notícia, como é feito este processo?**

FH: Podemos dividir a minha resposta em duas partes. Em primeiro, aquilo que é a minha liberdade enquanto jornalista no local de reportagem porque eu posso levar um enquadramento que me é dado pela minha coordenação ou pela minha editoria e posso levar uma ideia pré-concebida do que vou encontrar e depois chego ao local e a realidade que encontro é diferente e aí eu tomo liberdade porque sou jornalista, tenho carteira profissional de jornalista, portanto eu escolho o caminho que vou seguir. Escolho as perguntas que vou fazer, posso adaptá-las... até levar uma ideia e depois, as coisas mudarem consoante aquilo que eu encontro, consoante aquilo que as pessoas me vão dizendo e sim tenho, no programa onde trabalho, total liberdade de o fazer. Posso levar umas diretrizes... umas linhas guias para o trabalho que vou fazer, mas as coisas podem ser completamente diferentes. Há uma coisa que me disseram aqui logo no início quando eu comecei a trabalhar, nesta área, que foi:” aquilo que mais te surpreender quando chegas ao local provavelmente é aquilo mais vai surpreender os telespectadores, portanto é isso que tu tens de dar destaque e isso vai ser a primeira frase da tua peça” ...tentas sempre que seja essa surpresa...a *punchline* inicial da tua peça. Se eu vou fazer uma peça tenho de começar por aí e aqui entramos na segunda parte da resposta.

Eu tenho total liberdade criativa de escrita, é raríssimo eu mostrar o meu texto ao coordenador, porque sempre foi assim. Alguns editores funcionam de outra forma, mas isso depende muito de editoria para editoria. No “Portugal em Direto” eu não mostro o meu texto, a menos que eu tenha alguma dúvida quando são peças sobre assuntos mais sensíveis e que exigem apresentar o contraditório porque existem várias partes envolvidas, aí sim eu prefiro mostrar o texto para garantir que está tudo certo e que não vamos correr o risco de recebermos uma queixa, mas quando são assuntos mais leves, boas notícias, aquelas coisas que nós fazemos muito no “Portugal em Direto” é raro eu mostrar.

**AP: Sendo que a construção é algo que acaba por ser subjetivo porque depende da visão..., os coordenadores podem ter alguma influência na correção. No teu caso, como vimos, não é, mas qual é o caso por exemplo o caso das restantes jornalistas?**

FH: Não sei bem porquê, mas ... eu comecei aqui, tive alguns meses no telejornal antes de ir para o “Portugal em Direto” e então acho que nessa transição, quando eu passei para o “Portugal em Direto”, estive sob a coordenação do Fernando (Miravent) até a Filipa (Costa) começar a coordenar, e portanto, talvez nunca tenha mostrado os textos porque também nunca mo exigiram. A experiência das minhas colegas pode ser diferente, mas eu não te posso responder por elas. Mas o que eu queria acrescentar à resposta é que não há uma maneira certa de fazer uma peça porque isto não é Matemática, não é uma ciência exata ... então a minha maneira está tão certa como a tua e nós podemos destacar coisas diferentes e nós podemos transmitir informações diferentes sobre o mesmo assunto. A notícia está lá, mas a forma como a damos é subjetiva ... isto é um trabalho quase artístico e é por isso que eu gosto de fazer este trabalho, neste programa porque tenho essa liberdade.

**AP: E é através dessa liberdade que o programa “Portugal em Direto” é conhecido por praticar um tipo de jornalismo que é o jornalismo de proximidade. Sentes que, por exemplo, nas peças que realizas dás mais valor às pessoas? O que é que procuras, nas tuas peças, priorizar mais, é o espaço, são as pessoas? O que procuras especificamente?**

FH: Depende do assunto e lá está, depende daquilo que me surpreender quando eu chego ao local. Eu sou uma pessoa antes de ser jornalista, e então muito antes de ser jornalista era telespectadora eu tenho de pensar sempre, o que é que me vai surpreender e é por aí que vou começar. Pode ser uma peça, um objeto que nós tenhamos visto no local, pode ser a história da pessoa, mas as pessoas são sempre o mais importante e eu vou te dar um exemplo que pode ajudar. Uma vez fui fazer ... havia um evento, aqui em Lisboa, e mandaram para lá fazer um direto. Era uma espécie de recriação da feira da Golegã em Lisboa e era uma organização conjunta da junta de freguesia ... julgo que da Estrela com a câmara municipal da Golegã que trouxe um bocadinho do formato da feira nacional do cavalo aqui para Lisboa. Eu chego ao local e tinha uma assessora , provavelmente era de uma agência de comunicação , já não me recordo ... e eu vi , tenho estas pessoas todas para falar , tenho cavaleiros que são cavaleiros paralímpicos que fazem *paradressage* , temos aqui a charanga da GNR , basicamente é uma banda da GNR a cavalo , eles tocam em cima dos cavalos em andamento e temos o presidente da junta da estrela que é o responsável máximo da organização e temos o presidente da Câmara da Golegã que é a parceria na organização. Muito bem... então eu vou começar ... já não me recordo, se comecei pela charanga ou pelos alunos de *paradressage*, mas comecei pelas pessoas ... o que é que as pessoas mais querem ver? Tu comesas um direto, tu queres ouvir o presidente da junta a falar? Ou tu queres ver os alunos de *paradressage* ou ver a charanga da GNR a cavalo? São coisas mais giras, mais interessantes, comecei por aí... Ela (assessora de comunicação) veio ter comigo e diz-me: “Mas está aqui o presidente da junta, ele devia ser o primeiro a falar e eu não, não devia ... isto não é uma peça de política... isto não é um assunto de política, isto é para o “Portugal em Direto” da RTP 1, nós temos de começar pelas pessoas, no fim falam os institucionais. “Ah então falam os dois, o da junta e o da câmara” (assessora de comunicação) e eu não, “fala o presidente da junta da Estrela porque nós não temos tempo para entrevistar dois autarcas sobre um assunto destes e eu não posso retirar tempo àquilo que é mais interessante para dar tempo a dois autarcas diferentes portanto fala um” e depois pregaram-me uma partida e no direto meteram os dois presidentes ao lado um do outro naquela de ... eu entrevistei o presidente da junta da Estrela e queriam que eu forçosamente em direto entrevistasse o presidente da câmara da Golegã e eu não entrevistei. O homem apareceu no enquadramento e não falou. O presidente da Junta de Freguesia da Estrela quando viu que o direto tinha terminado e não viu que eu não tinha entrevistado o amigo parceiro, ficou furioso comigo e tentou descredibilizar-me... Na altura era miúda, ainda sou, mas ... tentou

descrédibilizar o meu trabalho e eu disse: “Não, peço desculpa, mas a jornalista aqui sou eu e quem escolhe quem é que eu entrevisto e o que é interessante para as pessoas lá em casa sou eu “e pronto é um exemplo.

**AP: É bastante figurativo este exemplo. Sendo que tratamos do jornalismo de proximidade e sendo que o objetivo do “Portugal em Direto” são as pessoas, por exemplo até quando vais para uma aldeia... já deves ter feito peças sobre isso, o teu foco vai mesmo para as pessoas que vivem nessas situações e depois tentar equilibrar com uma pessoa mais institucional?**

FH: São sempre os últimos, a menos que o assunto que nós vamos fazer seja sobre uma nova estrada que vai... Mesmo assim, eu já fiz várias reportagens sobre novos acessos, portanto “novo troço da A5 em Cascais” quem é que aparece em primeiro na peça? Os automobilistas... eu vou tentar entrevistar automobilistas a perguntar: “então o que é que acha deste novo acesso? Ah é assim olhe, isto vai facilitar imenso a minha vida porque poupo aqui 15 minutos no trânsito”. Pronto, estas pessoas são as primeiras a falar, se eu conseguir ter os testemunhos delas, só depois fala o responsável da iniciativa.

**AP: Em termos mais técnicos, acaba por ser uma escolha como já respondeste, no entanto em que situações justificas que deva existir um falso direto ou o que é definido pelo “Portugal em Direto” como *lives* ou, por outras palavras, sendo que esta técnica é única neste programa, qual consideras ser a mais-valia ou em que circunstâncias achas que se deve utilizar o *live*?**

FH: Nem tudo é motivo para um *live*. Quando eu consigo fazer uma espécie de visita guiada ... Quando por exemplo, são assuntos culturais eu vou dar a conhecer aquele museu, aquela exposição, aquele monumento, eu chego ao local e vejo que aquilo me permite fazer uma reportagem em jeito de visita guiada. Quando eu digo visita guiada, refiro-me ao programa da Paula Moura Pinheiro que basicamente ela está no local, a reportagem é toda conduzida por ela no

sítio e nós tentamos fazer um mini formato desses no “Portugal em Direto” através desses *lives*. Existem outras situações que nos permitem fazer *lives*, por exemplo, festivais gastronómicos, nós vamos ao local... agora uma coisa que já não existe muito por causa da pandemia, mas feiras.

Por exemplo, a feira internacional de artesanato na FIL era uma coisa que se espalhava por vários pavilhões da FIL. Muitas vezes , o Fernando ou a Filipa optavam por não nos mandar para lá em direto , porque o direto não nos permite mostrar muita coisa porque tu tens de estar concentrado naquele espaço, então só podes mostrar a senhora que está a fazer renda e a senhora que está ao lado dela que se calhar é uma coisa que não tem assim tanto interesse mas como não te podes mexer muito porque estás em direto acaba por ser mais pobre, então em vez de fazermos diretos íamos para lá, antecipadamente e fazíamos *lives* porque com o *live* tu podes gravar um bocadinho aqui , um bocadinho a 100 metros , outro bocadinho no outro pavilhão e juntas tudo e editas e pões imagens e depois , planos de corte , pintas e fica muito mais valorizado do que um direto e do que uma peça, talvez porque o *live* acaba sempre por ter mais tempo , permite-te mostrar mais coisas que uma peça não te permite. O que é que a peça permite que o *live* não permite? O teu trabalho artístico e criativo de redação de texto, o *live* não.

**AP: O *live* então acaba por ser algo mais fluído, na medida em que estamos a explicar uma situação que está a acontecer como se de um direto se tratasse, mas acaba por ser algo que é editado e acaba por ser algo mais trabalhado do que um direto?**

FH: Sem dúvida. Direto não é minimamente trabalhado ... O direto é tudo no local ... começas e acabas e pronto não há qualquer tipo de edição. Na maior parte dos casos, eu nem trago cartão para descarregar no AGS porque o trabalho está feito, não precisas de trazer o cartão e descarregar, portanto, é uma coisa muito ... é o trabalho “mais fácil” que nós temos porque não exige pós-produção...é tudo feito no local.

**AP: Em relação ao enquadramento do programa do “Portugal em Direto”, qual é a tua opinião? Acreditas que o programa representa de forma equitativa todas as regiões inclusive os Açores e a Madeira?**

FH: Não representa, mas não por culpa da coordenação. Portanto, a coordenação, infelizmente, não tem muita hipótese porque tem de trabalhar com aquilo que lhes dão. Nós temos várias delegações, umas com mais equipas, outras com menos equipas, umas que naquele dia estão a trabalhar para o telejornal porque há uma coisa a acontecer lá e não conseguem fazer nada para o “Portugal em Direto” e, portanto, a coordenação do “Portugal em Direto” tem que meter no programa aquilo que as várias delegações têm para oferecer. Por isso, existem delegações a trabalhar muito, outras a trabalhar menos, outras que podem estar a trabalhar para programas de investigação como o “Prova dos Factos”, outros que estão a fazer coisas para o telejornal, não conseguem ... então não é equitativa a representação.

**AP: Ou seja, depende muito da disponibilidade das delegações?**

FH: Sim, basta ver que nós temos aqui em Lisboa uma equipa de três jornalistas a trabalhar permanentemente e portanto esta região que nós abrangemos está muito mais representada do que qualquer outra e logo aí, à cabeça, não existe nenhum outro sítio que tenha três jornalistas permanentemente a trabalhar para o “Portugal em Direto”, não há. Portanto, Lisboa acaba sempre por estar mais representada, ou então, a área metropolitana de Lisboa que vai desde Vila Nova de Mil Fontes, Sines até quase à Batalha ...Abrantes etc... tudo isso é nosso. Toda esta região está muito mais representada.

**AP: Relativamente aos temas que o “Portugal em Direto” tem por base quais são, na tua opinião, os temas ou categorias que se destacam mais no “Portugal em Direto”?**

FH: O objetivo do “Portugal em Direto” é precisamente fugir ou então ser uma alternativa aos noticiários que nós já temos que são generalistas, que são o jornal da tarde e o telejornal da RTP 1 e todos os outros noticiários da RTP 3. O “Portugal em Direto” tem de ser uma alternativa diferente de informação. Uma alternativa informativa completamente diferente, portanto as pessoas procuram o “Portugal em Direto” porque encontram lá notícias que não encontram nos outros programas de informação da RTP e provavelmente em nenhum outro programa de informação de canal de televisão porque temos cultura mas é uma cultura mais local e é uma cultura que é diferente dos programas de cultura que nós também temos que são para um público talvez mais erudito, mais informado, com outro nível de escolaridade, de outra faixa etária.

O “Portugal em Direto” é para uma população mais abrangente do país inteiro que pode ser desde a pessoa que não tem escolaridade nenhuma até uma pessoa com formação superior que é para uma faixa etária mais avançada. Portanto eu diria que nós, num top 3, temos em termos de categorias, cultura, mas reforço é uma cultura mais local na medida em que misturamos desde exposições e melhorias feitas em museus nacionais, em monumentos nacionais até museus da câmara municipal, coisas muito pequenas e locais, até por vezes, exposições nos auditórios das juntas de freguesia! Depois temos uma grande parte da economia local, negócios regionais como as ferragens, isso é economia local e depois temos uma parte de gastronomia que já tivemos mais, mas hoje não temos tanto como se calhar gostaríamos.

**AP: Neste sentido, sendo que o programa “Portugal em Direto” se divide em três partes, a primeira de âmbito de foro mais nacional, acredita que esta opção foi estipulada pela coordenação? Como é feita a estrutura?**

FH: Tem a ver com as opções editoriais, mas seja um coordenador ou outro, eles fazem sempre dessa forma. A primeira parte do programa, que não existia até há 4 anos... o programa tinha 1 hora, não sei como era há 20 anos, mas quando eu entrei na RTP há 7 anos o “Portugal em Direto” era das 18 às 19. Portanto das 18:00 às 18:30 era a primeira parte e das 18:30 às 19 era a segunda parte e eram exatamente como era agora, a segunda e a terceira parte. Quando acrescentaram mais meia hora ao programa e passou a começar às 17:30 a coordenação decidiu fazer a primeira parte

do programa mais nacional com algumas reportagens que até vêm no jornal da tarde. Há sempre uma parte mais dedicada à saúde, na primeira parte do programa tem a ver com a pandemia, isso é obrigatório, depois pode haver notícias sobre educação relacionadas com outros assuntos de sociedade, se calhar não tanto de justiça e casos mediáticos política 0 e crime é pouco. No entanto, assuntos que o presidente da república comente, mas assuntos relacionados com os partidos políticos não. Não é bem assunto de política, mas sim de interesse nacional, depois a segunda e terceira parte são quase iguais com algumas diferenças. Por exemplo, se nós formos fazer diretos para algum sítio ou os próprios *lives*, mas se calhar mais nos diretos tentamos sempre deixar o mais interessante para a última parte do programa porque é aquela que tem mais audiência. Então, a segunda e a terceira parte parecem muito semelhantes, mas não tanto porque na terceira parte há sempre coisas mais entusiasmantes porque sabemos que à parte em que o programa tem mais audiência que vai a colar com o Preço Certo e há mais gente em casa a essa hora.

**Apêndice 1.8 – Tabela Análise de Conteúdo Entrevista III: Jornalista do programa “Portugal em Direto” – Filipa Marques Henriques**

Categorias	Unidades de Sentido
<p><b>A) Reportagens do programa “Portugal em Direto”</b></p>	<p>“Podemos dividir a minha resposta em duas partes. Em primeiro, aquilo que é a minha liberdade enquanto jornalista no local de reportagem porque eu posso levar um enquadramento que me é dado pela minha coordenação ou pela minha editoria e posso levar uma ideia pré-concebida do que vou encontrar e depois chego ao local e a realidade que encontro é diferente e aí eu tomo liberdade porque sou jornalista, tenho carteira profissional de jornalista, portanto eu escolho o caminho que vou seguir.” (P1, EIII, p.1)</p> <p>“Eu tenho total liberdade criativa de escrita, é raríssimo eu mostrar o meu texto ao coordenador, porque sempre foi assim. Alguns editores funcionam de outra forma, mas isso depende muito de editoria para editoria. No “Portugal em Direto” eu não mostro o meu texto, a menos que eu tenha alguma dúvida quando são peças sobre assuntos mais sensíveis e que exigem apresentar o contraditório porque existem várias partes envolvidas, aí sim eu prefiro mostrar o texto para garantir que está tudo certo e que não vamos correr o risco de recebermos uma queixa, mas quando são assuntos mais leves,</p>

boas notícias, aquelas coisas que nós fazemos muito no “Portugal em Direto” é raro eu mostrar. (P1, EIII, p.2)

“(…) eu tenho de pensar sempre, o que é que me vai surpreender e é por aí que vou começar. Pode ser uma peça, um objeto que nós tenhamos visto no local, pode ser a história da pessoa, mas as pessoas são sempre o mais importante.” (P3, EIII, p.1)

“(…) eu já fiz várias reportagens sobre novos acessos, portanto “novo troço da A5 em Cascais” quem é que aparece em primeiro na peça? Os automobilistas... eu vou tentar entrevistar automobilistas a perguntar: “então o que é que acha deste novo acesso? Ah é assim olhe, isto vai facilitar imenso a minha vida porque poupo aqui 15 minutos no trânsito”. Pronto, estas pessoas são as primeiras a falar se eu conseguir ter os testemunhos delas só depois fala o responsável da iniciativa.” (P4, EIII, p.1)

“Nem tudo é motivo para um *live*. Quando eu consigo fazer uma espécie de visita guiada ... Quando por exemplo, são assuntos culturais eu vou dar a conhecer aquele museu, aquela exposição, aquele monumento, eu chego ao local e vejo que aquilo me permite fazer uma

reportagem em jeito de visita guiada.” (P5, EIII.p.1)

“Por exemplo, a feira internacional de artesanato na FIL era uma coisa que se espalhava por vários pavilhões da FIL. Muitas vezes, o Fernando ou a Filipa optavam por não nos mandar para lá em direto, porque o direto não nos permite mostrar muita coisa porque tu tens de estar concentrado naquele espaço então só podes mostrar a senhora que está a fazer renda e a senhora que está ao lado dela que se calhar é uma coisa que não tem assim tanto interesse mas como não te podes mexer muito porque estás em direto acaba por ser mais pobre então em vez de fazermos diretos íamos para lá, antecipadamente e fazíamos *lives* porque com o *live* tu podes gravar um bocadinho aqui, um bocadinho a 100 metros, outro bocadinho no outro pavilhão e juntas tudo e editas e pões imagens e depois, planos de corte, pintas e fica muito mais valorizado do que um direto e do que uma peça, talvez porque o *live* acaba sempre por ter mais tempo, permite-te mostrar mais coisas que uma peça não te permite. O que é que a peça permite que o *live* não permite? O teu trabalho artístico e criativo de redação de texto, o *live* não.” (P5, EIII, p.2)

<p><b>B) Representação das Regiões Portuguesas</b></p>	<p>“Não representa, mas não por culpa da coordenação. Portanto, a coordenação, infelizmente, não tem muita hipótese porque tem de trabalhar com aquilo que lhes dão. Nós temos várias delegações, umas com mais equipas, outras com menos equipas, umas que naquele dia estão a trabalhar para o telejornal porque há uma coisa a acontecer lá e não conseguem fazer nada para o “Portugal em Direto” e, portanto, a coordenação do “Portugal em Direto” tem que meter no programa aquilo que as várias delegações têm para oferecer.” (P7, EIII, p.1)</p> <p>“(…) nós temos aqui em Lisboa uma equipa de três jornalistas a trabalhar permanentemente e, portanto, esta região que nós abrangemos está muito mais representada do que qualquer outra...” (P8, EIII, p.1)</p>
<p><b>C) Temas do programa “Portugal em Direto”</b></p>	<p>“(…) as pessoas procuram o “Portugal em Direto” porque encontram lá notícias que não encontram nos outros programas de informação da RTP e provavelmente em nenhum outro programa de informação de canal de televisão porque temos cultura, mas é uma cultura mais local e é uma cultura que é diferente dos programas de cultura que nós também temos que são para um público talvez mais erudito, mais informado, com outro nível de escolaridade, de outra faixa etária.” (P9, EIII, p.1)</p>

	<p>Portanto eu diria que nós, num top 3, temos em termos de categorias. cultura, mas reforço é uma cultura mais local na medida em que misturamos desde exposições e melhorias feitas em museus nacionais, em monumentos nacionais até museus da camara municipal, coisas muito pequenas e locais, até por vezes exposições nos auditórios das juntas de freguesia! Depois temos uma grande parte da economia local, negócios regionais como as ferragens, isso é economia local e depois temos uma parte de gastronomia que já tivemos mais, mas hoje não temos tanto como se calhar gostaríamos. (P9, EIII, p.2)</p>
--	--

**Tabela 8** – Análise de Conteúdo da Entrevista III – Dimensão II

## Apêndice 1.9 – Transcrição da Entrevista IV

**Dimensão II:** Jornalistas do programa “Portugal em Direto”

**Entrevistada:** Jornalista do programa “Portugal em Direto”: Mariana Morais

**Data da entrevista:** 8/02/2022

**Duração da entrevista:** 15 minutos e 7 segundos

**Local da entrevista:** Sala de Gravações RTP

**AP: És jornalista do programa “Portugal em Direto”, fazes peças, entras em contacto com público, acreditas que quando produzes as notícias tens liberdade para relatar a notícia ou tens sugestões ou opiniões dos próprios coordenadores?**

MM: Não. Neste caso em específico, mas acho que também em todas as outras editorias ou em qualquer meio de comunicação nós temos a liberdade de escrever à nossa maneira usando o nosso estilo. No início pode ser mais complicado porque como estamos a aprender o estilo pode não ser muito bem aceite, mas depois tens toda a liberdade de contar a história ou contar os factos à tua maneira e até é interessante que a peça assim se faça porque senão o jornalismo era apenas uma cópia de versões e factos.

A única coisa que tem de acontecer é que nós temos de respeitar a política editorial, ou seja, o estilo do próprio programa em si. Por exemplo, no “Portugal em Direto” o estilo é mais orientado para um público numa faixa etária mais elevada por causa das audiências... é visto com uma idade mais elevada, mas, no geral, no jornalismo a linguagem tem de ser muito simples e básica para as pessoas perceberem. Costumam dizer que temos de falar como se fosse para uma criança ou para um idoso e não para comunidades científicas, todas as pessoas tem de entender. Se respeitarmos esse princípio podemos utilizar o nosso estilo desde que não seja muito sensacionalista. Às vezes não podemos abusar muito só para causar aquele impacto, aquele choque... temos de ser sóbrios.

**AP: Acabas por ter alguma subjetividade na criação das próprias peças, relatas as notícias na tua forma, tens liberdade em escrevê-las, desde que haja essa simplicidade na criação da notícia?**

MM: Sim e temos de respeitar o ponto da notícia em si. Por exemplo, nós agora fomos a uma reportagem que basicamente era uma escola que dava formação a pessoas refugiadas e imigrantes ... Podíamos ter aí outra história que era a vida delas a chegar a Portugal, mas o mais importante é selecionarmos a notícia, a escola em si, e não irmos muito pelo sofrimento que poderão ter tido estas pessoas, a objetividade é essa. A subjetividade é a forma como contamos as coisas, podemos começar por como é que é a vida na cozinha, podemos começar por contar como é feita a formação, a seleção das pessoas ou, na perspetiva de uma pessoa que já esteja com as mãos na massa ...”. É assim que começa um dia na escola...” é mais por aí.

**AP: Quando constróis as notícias no “Portugal em Direto”, quando vais para um local por exemplo estando em contacto direto com as pessoas, acreditas que a prioridade da notícia são as pessoas ou por exemplo dás prioridade ao objeto ou ao local? Dás mais prioridade a uma situação ou a outra?**

MM: Eu acho que damos mais prioridade às pessoas porque, às vezes, são as pessoas que acabam por fazer o evento e são as suas perspetivas que, muitas vezes, contam porque são elas que estão a experienciar aquilo. O evento, nós apenas podemos descrever aquilo que lá está, mas não podemos contar o que é que é vivido e sentido lá, então as pessoas são muito importantes porque, no caso do “Portugal em Direto”, vive muito da opinião dos populares e das pessoas que realmente experimentam o evento ou outra coisa.

**AP: Falando ainda sobre as reportagens, o “Portugal em Direto” tem uma particularidade que são os falsos diretos ou então os *lives*, em que situações consideras que os *lives* devem ser feitos, ou por outras palavras, qual consideras ser a valia de fazer de *lives* em comparação com uma peça, por exemplo?**

MM: Os lives são bons para mostrar, por exemplo, um museu ou algum espaço que tenha muita coisa para mostrar e nós, por exemplo, podemos ir a uma parte desse espaço onde estão a contar várias histórias ou há várias peças interessantes e temos muito mais abertura com naturalidade de mostrar ao telespectador o que é que ele está a ver, é como se fosse uma visita guiada. Nós somos a câmara, são os olhos do telespectador e é mais envolvente nesse sentido ... é como se fosse uma viagem continua. Na reportagem nós temos menos tempo para a fazer, temos cerca de 2:50 ou 3 minutos então temos de selecionar ali as coisas de forma muito objetiva e, muitas vezes, por exemplo, vês que uma peça de arte é muito interessante e ao lado está outra que é muito interessante, mas que não tem nada a ver e já avançamos anos na história do museu. Se estiveres em live é fácil explicares numa conversa fluída do que estares a juntar duas peças de datas diferentes, cronologicamente diferente no mesmo texto porque o texto tem de ser continuo e tem de fazer todo o sentido. Na peça nós temos as entrevistas que temos de colocar ali e nos lives podemos nós conduzir a conversa em direto e levar as respostas para as perguntas que queremos fazer sobre determinado objeto.

**AP: Achas que os lives dão uma maior envolvência das pessoas em contraposição com uma peça? Achas que existe uma maior representação através dos lives?**

MM: Sim, porque nós conseguimos mostrar a imagem em “tempo real”, ou seja, a câmara move-se em tempo real da altura em que foi gravado porque são gravados e numa reportagem nós já não podemos fazer isso porque no momento real estamos a gravar a entrevista, depois a pessoa enganou-se depois mudamos para outro plano, ou seja, não há um continuo, é mais neste sentido que nos dá uma realidade diferente.

**AP: Na tua opinião, o programa “Portugal em Direto” é um programa que representa de forma equitativa todas as regiões inclusive Açores e Madeira? Acreditas que representa de forma igual?**

MM: Sim, acho que representa. A única situação que pode acontecer da possibilidade de não apresentar de forma igual é mesmo a escassez de notícias porque , muitas vezes, há territórios que não são tão povoados ou onde não há tantos eventos e aí pode haver uma escassez... não há notícia e por isso podem ser menos falados mas não é por falta de acessibilidade porque nós temos várias delegações por todo o país e essas delegações tem uma área que nós podemos ir... aqui em Lisboa podemos ir até por exemplo a Alcobaça e isso dá nos uma liberdade para nós fazermos notícias na proximidade antes de chegarmos às outras delegações, então conseguimos abranger todo o território continental e também ilhas e eu penso que seja mais por aí , por exemplo se calhar Lisboa e Porto tem mais notícias porque há realmente mais eventos a acontecer.

**AP: O programa “Portugal em Direto” depende exclusivamente da informação das delegações?**

MM: Sim, muitas vezes por exemplo durante a pandemia mais no final... há eventos, mas não há tantos. Nós muitas vezes temos dificuldade em ter notícias, começamos a ver mais noutros sítios como Mafra, Alcobaça, Constância, Santarém ... Nós não procuramos só porque não há em Lisboa, mas, muitas vezes, não há em Lisboa e temos de ver noutros sítios, isto para dizer que não é por serem longe ou pela informação ser desigual, é mesmo quando há assunto e quando há notícia que merece a atenção por parte do nosso meio de comunicação.

**AP: Quais são, na tua opinião, os temas ou categorias que o programa “Portugal em Direto” tem em maior relevância?**

MM: Na minha opinião é sociedade e cultura. Claro que o “Portugal em Direto” no início tem de dar informação geral sobre o país, sobre o estado de saúde, sobre a política, notícias mais impactantes da sociedade e relevantes, mas como o programa é extenso e tem 1 hora e meia dá muito mais oportunidade a que se insiram e integrem notícias de sociedade e cultura. Neste caso, sociedade como problemas sociais, como por exemplo as populações, queixas das populações, mas muitas vezes cultura também porque o “Portugal em Direto” é um programa que transmite notícias muito positivas que são culturais por exemplo , peças de teatro , novos projetos e dá oportunidade de mostrarmos o que bom se passa no mundo e no nosso país... se calhar pelo facto de ser um

programa grande porque no telejornal por exemplo ... isto foi a minha tese que fiz sobre a quantidade de notícias culturais que havia no telejornal sendo a RTP serviço público e só havia uma ou duas por dia e a conclusão que eu cheguei era porque não havia tempo. As peças são de 1 minuto, 1 minuto e meio e só tem 45 minutos aproximadamente (telejornal) isso faz com que o “Portugal em Direto” tenha mais oportunidade de ter e transmitir notícias culturais e positivas.

**AP: Acreditas que o programa Portugal em Direto tenta passar uma visão mais positiva de Portugal?**

MM: Eu acho que não é essa a premissa inicial do programa. O nosso objetivo não é passar coisas positivas, eu acho é que nós privilegiamos naturalmente projetos positivos no nosso país e que de alguma forma valorizem os portugueses porque o próprio trabalho tem valor em si. Eu não acho que seja para dar uma imagem positiva, eu acho que é mesmo porque são notícias que deviam fazer parte do conhecimento público que por acaso são positivas, ou seja, nós não andamos atrás da notícia positiva, nós andamos atrás da notícia com algum valor e que demonstra aquilo que se faz em Portugal. Se for negativa, tudo bem, mas por acaso assistimos a muitas coisas positivas e, na minha opinião é só por acaso que são positivas.

**AP: Se formos a comparar com o telejornal que tem apenas cerca de 50 minutos de informação útil, sem contar com a publicidade, qual é que achas que é a grande diferença entre o telejornal e o “Portugal em Direto”?**

MM: Como o telejornal tem de passar informação sobre, em primeiro lugar política, saúde, economia por aí...que é o que mais impacta na sociedade, eu acho que por si as notícias tendem a ser negativas. Por exemplo na saúde, a notícia positiva que poderia acontecer seria o fim da pandemia. É natural, a saúde e a pandemia é mau, a política e a crise política, “o governo cai” é tom mau, na economia também estamos em crise por causa da pandemia é mau, portanto acaba por ser isso a nossa realidade, acaba por determinar o tom ou a valência das notícias do Telejornal e ele tem de dar as notícias mais importantes que são a política, a saúde e a economia, então isso

acaba por dar essa “cor” ao telejornal e como cultura é menos urgente para o telejornal , ou seja , é menos urgente dar uma notícia sobre uma peça de teatro do que milhares de mortes por Covid 19 porque é um assunto de emergência nacional , então naturalmente que a cultura que tende a ser positiva fique um pouco para atrás e acabe por não determinar aquilo que é o telejornal. Vamos ser também honestos, Portugal não está numa guerra, não vai sofrer invasões, esperemos nós e como são notícias nacionais não temos tanto dessa negatividade ou urgência desses países.

**Apêndice 1.10 – Tabela Análise de Conteúdo Entrevista IV: Jornalista do programa “Portugal em Direto” – Mariana Morais**

Categorias	Unidades de Sentido
<p style="text-align: center;"><b>A) Reportagens do programa “Portugal em Direto”</b></p>	<p>“Não. Neste caso em específico, mas acho que também em todas as outras editorias ou em qualquer meio de comunicação nós temos a liberdade de escrever à nossa maneira usando o nosso estilo.” (P1, EIV.p.1)</p> <p>“A única coisa que tem de acontecer é que nós temos de respeitar a política editorial, ou seja, o estilo do próprio programa em si. Por exemplo, no “Portugal em Direto” o estilo é mais orientado para um público numa faixa etária mais elevada por causa das audiências... é visto com uma idade mais elevada, mas, no geral, no jornalismo a linguagem tem de ser muito simples e básica para as pessoas perceberem.” (P1, EIV, p.2)</p> <p>“Eu acho que damos mais prioridade às pessoas porque, às vezes, são as pessoas que acabam por fazer o evento e são as suas perspetivas que, muitas vezes, contam porque são elas que estão a experienciar aquilo. O evento, nós apenas podemos descrever aquilo que lá está, mas não podemos contar o que é que é vivido e sentido lá, então as pessoas são muito importantes porque, no caso do</p>

	<p>“Portugal em Direto”, vive muito da opinião dos populares e das pessoas que realmente experimentam o evento ou outra coisa. “(P3, EIV, p.1)</p> <p>“Os lives são bons para mostrar, por exemplo, um museu ou algum espaço que tenha muita coisa para mostrar e nós, por exemplo, podemos ir a uma parte desse espaço onde estão a contar várias histórias ou há várias peças interessantes e temos muito mais abertura com naturalidade de mostrar ao telespectador o que é que ele está a ver, é como se fosse uma visita guiada. Nós somos a câmara, são os olhos do telespectador e é mais envolvente nesse sentido ... é como se fosse uma viagem continua. Na reportagem nós temos menos tempo para a fazer, temos cerca de 2:50 ou 3 minutos então temos de selecionar ali as coisas de forma muito objetiva...” (P4, EIV, p.1)</p>
<p><b>B) Representação das Regiões Portuguesas</b></p>	<p>“Sim, acho que representa. A única situação que pode acontecer da possibilidade de não apresentar de forma igual é mesmo a escassez de notícias porque, muitas vezes, há territórios que não são tão povoados ou onde não há tantos eventos e aí pode haver uma escassez... não há notícia e por isso podem ser menos falados, mas não é por falta de acessibilidade porque nós temos várias delegações por todo o</p>

	país e essas delegações tem uma área que nós podemos ir...” (P6, EIV, p.1)
<b>C) Temas do programa “Portugal em Direto”</b>	<p>“Na minha opinião é sociedade e cultura. Claro que o “Portugal em Direto” no início tem de dar informação geral sobre o país, sobre o estado de saúde, sobre a política, notícias mais impactantes da sociedade e relevantes, mas como o programa é extenso e tem 1 hora e meia dá muito mais oportunidade a que se insiram e integrem notícias de sociedade e cultura. Neste caso sociedade como problemas sociais, como por exemplo as populações, queixas das populações, mas muitas vezes cultura também porque o “Portugal em Direto” é um programa que transmite notícias muito positivas que são culturais por exemplo, peças de teatro, novos projetos e dá oportunidade de mostrarmos o que bom se passa no mundo e no nosso país...”</p> <p>“(P8, EIV, p.1)</p>

**Tabela 9** – Análise de Conteúdo Entrevista IV – Dimensão II

## **Apêndice 1.11 – Transcrição da entrevista V**

**Dimensão II:** Jornalistas do programa “Portugal em Direto”

**Entrevistada:** Jornalista do programa “Portugal em Direto”: Ana Luísa Alves

**Data da entrevista:** 8/02/2022

**Duração da entrevista:** 12 minutos e 36 segundos

**Local da entrevista:** Sala de gravações RTP

**AP: És jornalista do Portugal em Direto, estás em contacto direto com as pessoas, produzes notícias. Quando escreves uma peça tens liberdade em produzi-la?**

ALA: Total liberdade. Uma coisa é ter ajuda depois para organizar ideias, mas liberdade total para escrever porque eu é que vou ao terreno, portanto seria estranho alguém estar a condicionar-me nesse sentido.

**AP: Tens subjetividade na produção da tua notícia? Tens alguma correção por parte da coordenação?**

ALA: Tenho várias correções, mas nunca alteração da notícia em si nem nunca alteração da minha ideia, é mais complementar essas correções.

**AP: Quando vais para terreno, quando relatas a notícia, qual é para ti a prioridade? As pessoas ou os objetos?**

ALA: As pessoas eu diria, porque por norma, como são coisas locais ou é um problema ou um evento qualquer local ou coisas desse género, o foco é logo as pessoas para me falarem do que está a acontecer.

**AP: Em termos de imagem, o que tentas transmitir? Imagens positivas, neutras ou negativas?**

ALA: O maior boneco possível logo ao início para abrir, uma coisa que seja mais apelativa, mas a imagem em televisão é muito relativa porque, por norma o repórter de imagem pensa nela muito mais do que o jornalista, por norma essa não é uma preocupação minha e eu dou alguma indicação, mas por norma não é uma preocupação 100% minha. Claro que se for um assunto gritante, começaremos sempre por aí.

**AP: No caso da edição da peça das indicações?**

ALA: Sim. Há três coisas, há a edição, há a ida ao terreno com a imagem e há a escrita. Eu diria que tenho parte nas três, mas essencialmente na escrita, porque ninguém escreve por mim.

**AP: Relativamente às reportagens o “Portugal em Direto” tem um tipo de reportagem ou o formato de jornalismo que o telejornal não tem que são os falsos diretos ou os *lives*. Em que situações justificas que deva existir este tipo de formatos? O que consideras ser a maior valia dos lives?**

ALA: A maior valia dos lives é ter uma visão muito mais abrangente e natural de qualquer coisa porque à partida eu estou a falar de um assunto e estás imediatamente a vê-la, é uma conversa

muito mais natural. Por norma, eu acho que se justifica um live quando tu vais ter uma boa conversa no sítio que é bem ilustrado, ou seja, quando eu vou a um museu, quando eu vou a um sítio qualquer que sei que vou falar com alguém que tem qualquer coisa logo ali para me mostrar e que eu acho que às vezes ser transformado em peça, fica muito mais giro transformado num live e pintado com certas coisas, eu acho que é isso.

O falso direto é totalmente diferente, o falso direto é quando aconteceu qualquer coisa e tu vais lá, gravas aquilo, não dá para pôr em direto, mas não vale a pena fazer uma peça daquilo nem um live por isso mais vale fazer um falso direto e depois mostrar assim tal como foi.

**AP: Acreditas que, de uma certa forma, o “Portugal em Direto” representa de forma equitativa todas as regiões? Sentes que as pessoas das regiões são bem representadas no “Portugal em Direto” ?**

ALA: Sim, até porque nós passamos a vida fora de Lisboa. Claro, eu faço muita coisa em Lisboa, mas a grande ou o grosso das histórias são fora de Lisboa tanto fora de Lisboa da cidade como quase do distrito. Nós andamos por vários sítios, não pelo país inteiro por causa das delegações que fazem esse trabalho, mas nós fazemos muita coisa fora.

**AP: Em relação às delegações ou centros de emissão regional, acreditas que existe uma igualdade na forma como as regiões são representadas?**

ALA: Acho que sim. Com o “Portugal em Direto” há umas que não são representadas porque à partida não se passou lá nada, no entanto passando-se há sempre essa representação, mas por exemplo se um dia acontecer muita coisa em Faro e não em Évora, se calhar não vais ter tantas notícias de Évora e mais de Faro, mas há essa representação seguindo sempre aquilo que é o jornalismo que é a ordem da importância dos acontecimentos.

**AP: Em termos de ordem de acontecimentos, como é que o “Portugal em Direto” define os seus valores de notícia?**

ALA: O “Portugal em Direto” como qualquer outro programa define o valor notícia pela probabilidade da notícia, ou seja, quanto menos for provável de ela acontecer. Temos a história do homem que mordeu o cão e o cão que mordeu o homem, mas a notícia é o homem que mordeu o cão. Porque isto é um guia e foi algo que aprendi na faculdade e é uma coisa que me guia, é transversal ao meu trabalho e portanto aquilo que interessa saber é o que é que aconteceu aonde, aquilo que não era expectável, quando menos expectável aquilo for, mais motivo nos dá para nós lá irmos e avaliar a situação e fazer uma notícia a partir daí.

**AP: Quanto às regiões autónomas, acreditas que o “Portugal em Direto” faz bem essa representação?**

ALA: Eu diria que sim porque todos os dias ou pelo menos quase todos os dias ou quando vejo o alinhamento ou o programa há sempre qualquer peça da Madeira ou dos Açores, portanto a partir do momento em que há uma representação diária eu acho que estamos lá e que está lá essa representação.

**AP: Na tua opinião, quais são os temas ou categorias que o Portugal tem em maior relevância ou consideração?**

ALA: Política Local, Economia Local e Cultura Local e acho que é isso. Dentro da política está a abranger a sociedade também mas eu diria que estes são os três fatores que mais contribuem para o sucesso do “Portugal em Direto” e para a proximidade do “Portugal em Direto” às pessoas porque nós tanto vamos fazer uma feira em Óbidos como a seguir já vamos fazer um problema qualquer que houve em Óbidos, uma politiquice qualquer que “tramou” alguém até porque tu acabas por

investigar para verificar se houve de facto algum problema ou não , portanto estamos a falar que há sempre essa investigação por trás antes de te lançares à estrada mas acho que é isto , é a política, é a economia e a cultura ou os dramas locais. Eu faço muito esse tipo de histórias por isso é que para mim, eu lembro me logo dessas porque é as que costumo fazer mais.

**AP: Acabas então por produzir notícias para determinada categoria em detrimento de outras?**

ALA: Sim, e depois tu ganhas o traquejo, ganhas os contactos, comesças a perceber há problemas que são transversais a várias gerações do país não é apenas num sítio e tu com este tipo de temas comesças a perceber... “Ok, eu fiz esta peça assim, esta história é muito semelhante à outra ... será que está relacionada? será que não está? “já sabes com que pessoas é que hás de falar em cada um dos sítios porque já fizeste uma (peça) e já percebes a dinâmica e percebes o que está implicado nesses problemas, quais são as consequências e isso acaba por ser um trabalho que te dá bases para tu continuares a fazer este estilo de coisa. Agora se me perguntarem “será que fazes tudo? “... eu faço todos os temas, agora a incidência maior tem sido por normas nesses (temas) que exigem investigação, alguma leitura.

**AP: Na tua opinião como jornalista, sendo que priorizas as pessoas, como é que as entrevistas? Por outras palavras como é geres o contacto ou a proximidade com as fontes?**

ALA: Eu acho que uma das grandes qualidades do jornalista é a empatia. Tens de ser empático e tens de conseguir por te sempre nos sapatos da outra pessoa seja que tema for , seja o presidente da câmara seja um desato qualquer que houve no município e acho que depois disso é obvio que deves tentar deixar a pessoa mais o mais a vontade possível e tens de deixa-la falar e deixa-la partilhar consigo a sua história por muito que ela fale 5 minutos e tu sabes que o que te interessa foi o primeiro não interessa o resto tu deves sempre ouvir tudo até ao fim porque há sempre qualquer coisa que se calhar tu podes acrescentar ou que não publicando , não indo para o ar quer eu dizer , te pode dar pistas sobre outra coisa qualquer , isto falando da minha lógica de coisas que

exigem mais leitura e investigação mas eu acho que é preciso ter muita empatia para ser jornalista no terreno.

Para ser pivô não é preciso grande empatia, tem de ser simpático, mas não exige mais do que isso, agora para ser jornalista no local são te exigidas outras qualidades. Acho que no caso da empatia é fundamental saber ouvir muito mais do que falar e tentar perceber que história é que está ali porque muitas vezes o que acontece é que muitas vezes tu descobres uma história e vais fazer outra. Tu descobres que vais fazer uma coisa sobre X e descobres que há material para Y e tu pensas “não calma, isto então justifica eu cá voltar para fazer Y “.

**AP: Falando ainda das pessoas acredita que deve haver um equilíbrio das fontes? Por exemplo entrevistando o presidente da camara, a empatia é a mesma?**

ALA: Tu deves ouvir todos os lados da história. A atitude é outra, nesse caso, mas a empatia tem que ser a mesma porque tu precisas no fundo que eles falem contigo na mesma e isto é fundamental, é ouvir todos os lados da história e sem isso para mim não há jornalismo porque já tive peças em que não conseguia ouvir um dos lados então a peça não vai para o ar porque não indo um dos lados qual é o sentido da peça ir para o ar? Tem que se pensar sempre, há notícia aqui? Eu ouvi todas as pessoas envolvidas quer sejam 10 quer sejam 2? Mais do que uma vai haver sempre porque há dois lados para contar a história, mas isso é sempre importante, ouvir todos os lados da história e montar o puzzle e depois como jornalista é importante também retirar as próprias conclusões. Quando tu já tens alguma experiência no terreno, tu quando A diz isto, B diz isto é C, dificilmente é D ou é F. Agora se A diz 2 já pode ser diferente a tua conclusão, mas o mundo não muda assim tanto, a política não muda assim tanto, os problemas locais sobretudo no “Portugal em Direto” não mudam assim tanto para que as tuas conclusões sejam diferentes, mas a grande vantagem de tu teres alguma consistência no teu trabalho ao nível de temas é tu já perceberes que conclusão é que vem de onde e saberes “ah isto aconteceu assim? Provavelmente foi isto” é perceber se a consequência e as causas que também é muito importante.

**Apêndice 1.12 – Tabela Análise de Conteúdo Entrevista V: Jornalista do programa “Portugal em Direto” – Ana Luísa Alves**

Categorias	Unidades de Sentido
<p><b>A) Reportagens do programa “Portugal em Direto”</b></p>	<p>“Total liberdade. Uma coisa é ter ajuda depois para organizar ideias, mas liberdade total para escrever porque eu é que vou ao terreno, portanto seria estranho alguém estar a condicionar-me nesse sentido.” (P1, EV, p.1)</p> <p>“Tenho várias correções, mas nunca alteração da notícia em si nem nunca alteração da minha ideia, é mais complementar essas correções.” (P2, EV, p.1)</p> <p>“As pessoas eu diria, porque por norma como são coisas locais ou é um problema ou um evento qualquer local ou coisas desse género, o foco é logo as pessoas para me falarem do que está a acontecer.” (P3, EV, p.1)</p> <p>“A maior valia dos lives é ter uma visão muito mais abrangente e natural de qualquer coisa porque à partida eu estou a falar de um assunto estás imediatamente a vê-la, é uma conversa muito mais natural. Por norma, eu acho que se justifica um live quando tu vais ter uma boa conversa no sítio que é bem ilustrado, ou seja, quando eu vou a um museu, quando eu vou a um sítio qualquer que sei que vou falar com</p>

alguém que tem qualquer coisa logo ali para me mostrar e que eu acho que às vezes ser transformado em peça, fica muito mais giro transformado num live e pintado com certas coisas, eu acho que é isso.” (P6, EV, p.1)

“Eu acho que uma das grandes qualidades do jornalista é a empatia. Tens de ser empático e tens de conseguir por te sempre nos sapatos da outra pessoa seja que tema for , seja o presidente da camara seja um desato qualquer que houve no município e acho que depois disso é obvio que deves tentar deixar a pessoa mais o mais a vontade possível e tens de deixa la falar e deixa la partilhar consigo a sua história por muito que ela fale 5 minutos e tu sabes que o que te interessa foi o primeiro não interessa o resto tu deves sempre ouvir tudo até ao fim porque há sempre qualquer coisa que se calhar tu podes acrescentar ou que não publicando , não indo para o ar quer eu dizer , te pode dar pistas sobre outra coisa qualquer , isto falando da minha lógica de coisas que exigem mais leitura e investigação mas eu acho que é preciso ter muita empatia para ser jornalista no terreno”. (P13, EV, p.1)

“Tu deves ouvir todos os lados da história. A atitude é outra, nesse caso, mas a empatia tem que ser a mesma porque tu precisas no fundo que eles falem contigo na mesma e isto é

	<p>fundamental, é ouvir todos os lados da história e sem isso para mim não há jornalismo...” (P14, EV, p.1)</p>
<p><b>B) Representação das Regiões Portuguesas</b></p>	<p>“Acho que sim. Com o “Portugal em Direto” há umas que não são representadas porque à partida não se passou lá nada, no entanto passando-se há sempre essa representação...” (P8, EV, p.1)</p>
<p><b>C) Temas do programa “Portugal em Direto”</b></p>	<p>“Política Local, Economia Local e Cultura Local e acho que é isso. Dentro da política está a abranger a sociedade também, mas eu diria que estes são os três fatores que mais contribuem para o sucesso do “Portugal em Direto” e para a proximidade do “Portugal em Direto” às pessoas...” (P11, EV, p.1)</p>

**Tabela 10** – Análise de conteúdo Entrevista V – Dimensão II

### Apêndice 1.13 – Guião de Entrevista III

**Dimensão III:** Apresentadora do programa “Portugal em Direto”

**Entrevistada:** Apresentadora e jornalista Dina Aguiar

**Objetivo Geral:** Compreender o impacto da apresentadora no programa e nos telespectadores

Local Estrutural	Objetivos	Questões Propostas	Observações
<p><b>A) Contextualização da Entrevista</b></p>			<ul style="list-style-type: none"><li>• Dar a conhecer ao entrevistado os objetivos da entrevista;</li><li>• Garantir ao entrevistado que a informação obtida será confidencial e apenas para fins académicos</li><li>• Antes da realização da entrevista foi estipulado entre o investigador e a entrevistada que a mesma se realizaria por</li></ul>

			email, a pedido da apresentadora por indisponibilidade.
<b>B) Objetivos do Programa</b>		B1. No seu parecer, como define os objetivos do programa “Portugal em Direto”?	
<b>C) Apresentação do Programa</b>	C1. Compreender o impacto da apresentadora junto dos telespectadores	C1. A Dina, sendo uma figura bastante reconhecida pelos portugueses, sente que tal tem impacto na forma como os telespectadores a relacionam com o programa?	
<b>D) Relevância do Programa “Portugal em Direto” no serviço público de televisão</b>		D1. No seu parecer, qual o papel do programa “Portugal em Direto” no contexto de uma	

		televisão de serviço público?	
<b>E) Produção e seleção de notícias</b>		E1. Relativamente à produção de notícias, qual é a sua intervenção na definição dos temas que são tratados no programa?	
<b>F) Conclusão da Entrevista</b>			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Agradecimento pela disponibilidade e participação na entrevista.</li> </ul>

**Tabela 11** – Guião de Entrevista III – Dimensão III

## Apêndice 1.14 – Transcrição da Entrevista VI

**Dimensão III:** Apresentadora do programa “Portugal em Direto”

**Entrevistada:** Apresentadora do programa “Portugal em Direto”: Dina Aguiar

**Data da entrevista:** 3/03/2022

**AP: De uma forma geral, como define os objetivos do programa "Portugal em Direto"?**

DA: Informar sobretudo de forma positiva o que acontece o que se faz no país...O PD é o único programa de todo o panorama televisivo nacional de canal aberto com uma informação exclusivamente nacional de proximidade. Tudo o que acontece no país e que faz parte do quotidiano das pessoas ...é aqui notícia ...

**AP: A Dina sendo uma figura bastante reconhecida pelos portugueses, sente que tal tem impacto na forma como os telespectadores a relacionam com o programa? (Pode contar um pouco da sua história na televisão se pretender)**

DA: Sim...naturalmente. O facto de estar ligada á informação “regional” há 25 anos permitiu-me ir ganhando uma credibilidade e diria também o afeto dos portugueses que seguem o programa ... Para muitos, hoje em dia faço parte da família. Neste momento sou certamente a jornalista com mais tempo de antena, 44 anos, ainda no ativo. Apresentei todos os serviços informativos diários, inclusive o Telejornal durante 12 anos numa altura em que não havia concorrência televisiva. Muitas gerações cresceram a ver-me. Isso permitiu-me ganhar esse reconhecimento e confiança do público e já de algumas gerações.

**AP: No seu parecer qual o papel do programa "Portugal em Direto" no contexto de uma televisão de serviço público?**

DA: A informação regional é a única que está consignada na lei ..., portanto são programas que têm que existir na televisão de serviço público. A proximidade continua a ser uma condição de base do jornalismo. Atrever-me-ia a dizer que o PD impôs uma mudança de paradigma em relação ao jornalismo de proximidade ...recuperámos e impusemos a sua pertinência. Com a globalização da informação, através da internet e dos vários canais regionais que pululam por aí ... surgiu um novo jornalismo feito por órgãos de informação local, que de tão próximo, corre o risco de ter uma postura menos parcial ...ou de favorecimento e nesse aspeto o PD pela sua dimensão tem conseguido manter o seu lugar pela isenção, pela qualidade e rigor da informação que fazemos e pela grande abrangência da cobertura jornalística e difusão a nível nacional e internacional.

**AP: Relativamente à produção de notícias para o programa, qual é a sua intervenção na definição dos temas que são tratados no programa? Neste âmbito, a Dina costuma sugerir temas para notícia?**

DA: A execução de hora e meia de informação diária envolve muitos meios e por isso só a RTP enquanto empresa pública tem condições para o fazer, nesta altura porque envolve muitas pessoas desde os coordenadores, aos produtores, jornalistas. Houve períodos em que coordenei e apresentei e confesso que é muito trabalho para uma pessoa só. Agora são os coordenadores que participam nas reuniões e decidem em conjunto ou isolados os temas de interesse para o jornal. Os assuntos de reportagem podem também ser sugeridos pelos próprios jornalistas da equipa. Os responsáveis dos centros de regionais decidem naturalmente as reportagens da sua região pois eles conhecem melhor a realidade e as agendas locais.

Naturalmente há alguns assuntos sugeridos por mim ...até porque sou abordada de várias formas pelos telespectadores...com sugestões. Tudo o que faz parte do quotidiano das comunidades locais e que possa ser exemplo pode ser notícia no PD.

Acredito que num futuro próximo, com o desenvolvimento e melhoramento das condições do jornalismo online, se possa fazer um maior aproveitamento das novas tecnologias que são as mais valias do jornalismo online. Acredito que nessa altura, quando forem bem aproveitadas as novas tecnologias num qualquer meio de comunicação quando a informação de proximidade no suporte digital funcionar em plena poderá vir a fazer moça nas audiências do PD no canal generalista, mas que serão certamente compensadas com o jornalismo online na RTPPlay.

**Apêndice 1.15 – Análise de Conteúdo da Entrevista VI: Apresentadora do programa “Portugal em Direto” – Dina Aguiar**

Categorias	Unidades de Sentido
<p><b>A) Objetivos do programa “Portugal em Direto”</b></p>	<p>“Informar sobretudo de forma positiva o que acontece o que se faz no país...O PD é o único programa de todo o panorama televisivo nacional de canal aberto com uma informação exclusivamente nacional de proximidade. Tudo o que acontece no país e que faz parte do quotidiano das pessoas ...é aqui notícia ...” (P1, EVI, p.1)</p>
<p><b>B) Apresentação do programa “Portugal em Direto”</b></p>	<p>“O facto de estar ligada á informação “regional” há 25 anos permitiu-me ir ganhando uma credibilidade e diria também o afeto dos portugueses que seguem o programa ...” (P2, EVI, p.1)</p>
<p><b>C) Relevância do programa “Portugal em Direto” para o serviço público de televisão</b></p>	<p>“A informação regional é a única que está consignada na lei ..., portanto são programas que têm que existir na televisão de serviço público. A proximidade continua a ser uma condição de base do jornalismo. Atrever-me-ia a dizer que o PD impôs uma mudança de paradigma em relação ao jornalismo de proximidade ...recuperámos e impusemos a sua pertinência. Com a globalização da informação, através da internet e dos vários canais regionais que pululam por aí ... surgiu um novo jornalismo feito por órgãos de informação local, que de tão próximo, corre o risco de ter uma postura menos parcial ...ou de</p>

	<p>favorecimento e nesse aspeto o PD pela sua dimensão tem conseguido manter o seu lugar pela isenção, pela qualidade e rigor da informação que fazemos e pela grande abrangência da cobertura jornalística e difusão a nível nacional e internacional. “(P3, EVI, p.1)</p>
<p><b>D) Produção e seleção de notícias</b></p>	<p>“Houve períodos em que coordenei e apresentei e confesso que é muito trabalho para uma pessoa só. Agora são os coordenadores que participam nas reuniões e decidem em conjunto ou isolados os temas de interesse para o jornal. Os assuntos de reportagem podem também ser sugeridos pelos próprios jornalistas da equipa. Os responsáveis dos centros de regionais decidem naturalmente as reportagens da sua região pois eles conhecem melhor a realidade e as agendas locais.</p> <p>Naturalmente há alguns assuntos sugeridos por mim ...até porque sou abordada de várias formas pelos telespectadores...com sugestões. Tudo o que faz parte do quotidiano das comunidades locais e que possa ser exemplo pode ser notícia no PD. “(P4, EVI, p.1-2)</p>

**Tabela 12** -Análise de Conteúdo Entrevista VI – Dimensão III

## Apêndice 1.16 – Guião de Entrevistas IV

**Dimensão IV:** Jornalistas das delegações regionais de Castelo Branco, Faro e Évora

**Entrevistados:**

- Jornalista e coordenador da delegação regional de Castelo Branco: António Nunes Farias
- Jornalista da delegação regional de Faro: Duarte Baltazar
- Jornalista da delegação regional de Évora: Teresa Marques

**Objetivo Geral:** Compreender as práticas do jornalismo de proximidade nas delegações regionais e a dependência existente para com o programa “Portugal em Direto”

Locais Estruturais	Objetivos	Questões Propostas	Observações
A) Contextualização da Entrevista			<ul style="list-style-type: none"><li>• Dar a conhecer ao entrevistado os objetivos da entrevista.</li><li>• Pedir permissão para gravação da entrevista.</li><li>• Garantir ao entrevistado que a informação obtida será confidencial e apenas para</li></ul>

			fins acadêmicos.
<b>B) Produção de notícias</b>	<p>B1. Compreender a relação de dependência entre o programa “Portugal em Direto” e as delegações regionais.</p> <p>B2. Compreender os principais constrangimentos na produção de notícias.</p>	<p>B1. Como é feita a produção de notícias para o “Portugal em Direto”? As notícias são escolhidas pela coordenação ou existe a possibilidade de a vossa delegação oferecer sugestões?</p>	
<b>C) Adaptação à era digital</b>	<p>C1. Compreender como é que as delegações regionais têm feito o acompanhamento das novas tecnologias.</p>	<p>C1. No vosso centro de emissão regional como tem sido a adaptação às inovações digitais? Na sua opinião acredita que as editorias regionais têm acompanhado a evolução tecnológica?</p>	
<b>D) Jornalismo de Proximidade</b>		<p>D1. Na vossa região em específico, em</p>	

		que medidas o vosso tipo de jornalismo se distingue do jornalismo de telejornal?	
<b>E) Representação das Regiões</b>	E1. Compreender o parecer das delegações regionais, quanto à representação das regiões feita pelo programa “Portugal em Direto”.	E1. Acreditam que a vossa região em concreto tem representação pelo programa?	
<b>F) Conclusão da Entrevista</b>			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Foi questionado ao entrevistado se gostaria de acrescentar mais alguma informação.</li> <li>• Agradecimento pela disponibilidade e participação na investigação.</li> </ul>

**Tabela 13** – Guião de Entrevista IV – Dimensão IV

## Apêndice 1.17 – Transcrição da Entrevista VII

**Dimensão IV:** Jornalistas das delegações regionais

**Entrevistado:** Jornalista e Redator da Delegação Regional de Castelo Branco: António Nunes Farias

**Data da Entrevista:** 14/03/2022

**Duração da Entrevista:** 20 minutos e 27 segundos

**AP: O “Portugal em Direto” sendo um programa que se auxilia nas notícias dadas pelas delegações, como é que funciona esta relação? Vocês propõem as vossas notícias para a coordenação ou os coordenadores pedem-vos notícias para o programa?**

ANF: Aí são as duas situações, quer a nível de proposta ou sugestões que os próprios coordenadores do “Portugal em Direto” nos propõem a nós e às outras delegações obviamente dado que eles têm na cabeça o planeamento do país e as áreas que estão devidamente alocadas. Há, portanto, da parte deles essas sugestões e há da nossa parte também o poder da iniciativa, quando há notícia, e quando a notícia, por vezes, não chega a Lisboa, somos também nós a propor é esta a relação de proximidade e esse se calhar é um dos nossos grandes trunfos para trazer à antena coisas novas que não entram, por exemplo, no Telejornal ou no Jornal da Tarde ... as coisas podem ficar devidamente centradas no programa de informação que não é regional mas de informação nacional com notícias localizadas como é no “Portugal em Direto” e é assim certamente que tudo isto funciona.

**AP: Sendo que existe uma grande diferença de tempos de antena entre o Telejornal e o “Portugal em Direto”, este último programa acaba por fortalecer o jornalismo de proximidade?**

ANF: Eu até me atrever-me-ia a dizer que a essência do serviço público de televisão reside exatamente aí. A marcar a diferença pelo que mais não seja no programa que é vocacionado e virado para a realidade do país ... é exatamente isso.

O substrato do “Portugal em Direto” e a força do “Portugal em Direto” reside exatamente aí e até diria mais que é o programa que diferencia a informação regional , a informação dos locais em relação a todos os outros programas que existem na concorrência ... e depois há outra questão que não assume menos importância é que, e contra mim falo, porque é a empresa onde trabalho e que é a empresa para a qual eu desenvolvo trabalho meu e dos meus colegas ... é que e, isto é uma crítica, por isso é que dizia há pouco que contra mim falo , é que o “Portugal em Direto” consegue passar a informação que infelizmente, tenha muita ou pouca importância, infelizmente o Telejornal , de alguma forma, menospreza bem como, mas não tanto o Jornal da Tarde que é assim , uma coisa é numa empresa aqui em Castelo Branco serem despedidas 30 pessoas , outra coisa é serem despedidas 300 em Lisboa. Ora bem... são escalas diferentes, mas a importância que, por exemplo, o Telejornal possa dar aos 300 ... aliás é ao contrário, aos 300 em Castelo Branco e aos 30 em Lisboa, por vezes, e já se passou isso comigo e com os meus colegas, a importância é zero. Logo aí, o canal onde temos a certeza que essa notícia passará e será dada com destaque... em primeiro porque é notícia e em segundo porque é na região onde está a acontecer e que faz parte do país, somos um todo não é, ... a importância do “Portugal em Direto” porque às vezes as coisas falham do Telejornal, onde existe alguma ditadura do tempo. Para fazermos uma notícia temos 1:50 e no “Portugal em Direto” até a podemos desenvolver.

**AP: Acredita que o “Portugal em Direto” representa de igual forma todas as regiões, neste caso, a de Castelo Branco?**

ANF: Faz toda a diferença e é a diferença. Obviamente que faltam meios humanos... nós temos, por exemplo, aqui no nosso caso, nós temos um distrito inteiro que é o de Castelo Branco. Temos um distrito inteiro que é o distrito da Guarda e temos franjas de outros distritos como seja o de Santarém ... vamos a Mação , quando é necessário a Abrantes , Constância , a Vila Nova da Barquinha e para o Alentejo , Marvão , Castelo de Vide e quando é necessário vai-se a Portalegre,

portanto a nossa área geográfica é de tal maneira grande e os meios humanos são de tal maneira escassos que tentamos equilibrar aqui ... dar as notícias de, não é pesar na balança todos por igual mas é de alguma forma poder equilibrar para abarcarmos, no que nos toca, toda esta grande região. Quer dizer ir de Foz Côa a Marvão ou a Castelo de Vide são 300 quilómetros ... Em Castelo Branco temos duas equipas, dois jornalistas redatores e dois repórteres de imagem e na Guarda temos uma equipa. Portanto, a pensar pela escassez de meios, aliás não sou só eu que me queixo, toda a gente se queixa, a gente faz o que pode e às vezes quase aquilo que não podemos. Temos é de ter esse equilíbrio, esse discernimento para equilibrarmos as coisas e darmos as notícias que têm de ser dadas de uma forma que se consiga equilibrar os pratos. Quando convém ir à Sertã, quando convém ir a Proença, quando temos de ir ... enfim a zonas muito mais distantes também temos de fazer esse serviço. Ao fim ao cabo tudo converge para uma situação, é dar as notícias que os outros não dão e nós fazemos isso.

**AP: Em que medidas funciona o vosso Jornalismo de Proximidade? Quando vocês vão às localidades, o que é que dão mais relevância? De uma forma geral, como funciona a relação de proximidade?**

ANF: Isto nestas coisas não há bela sem se não. Nós conhecemos e temos essa proximidade quer com... digamos assim o povo e com os ... quem manda. Isto pode parecer, à primeira vista, ... pode-se criar aqui uma relação perversa, isto é, ter conhecimento muito próximo com autarcas ou gente que manda pode criar aqui uma certa ... enfim... criar certos vícios e normalmente o que se vê é, quando há uma notícia, por exemplo, de Proença à Nova aparece muita vez o presidente da câmara de Proença e, aos olhos das pessoas eventualmente este tipo de situações é, como dizia há pouco, pode parecer um pouco perversa mas a questão é que ... digamos que as notícias não é que estejam canalizadas para a aparecer sempre o presidente da Câmara mas, às vezes, há essa entropia com os presidentes da Câmara que é não delegam e querem ser eles a falar. Da nossa parte se houver alguma pedagogia como eu, e falo por mim, faço é: “Porque é que o presidente da câmara terá de falar desde a inauguração de uns sanitários até a um projeto de 2 milhões de euros que possa cair nessa região?” Quer dizer, tem de haver aqui uma certa flexibilidade do mandante em

relação aos colegas de trabalho. Porque é que tem de aparecer sempre o presidente a falar dos problemas... que vai desde a coisinha pequena à coisinha maior?

E depois, o nosso trabalho, propriamente dito... nós tivemos aqui um coordenador conhecido em Castelo Branco e é conhecido na Comunicação Social que foi o José Manuel Barata Feyo que dizia que ser jornalista é uma espécie de advogado do povo e eu por acaso vou um bocado por aí. Nós, de alguma forma, não é uma questão de queixinhas que o povo do interior fala muito baixinho ou não tem voz suficiente para chegar aos grandes decisores, mas nós somos um bocadinho o intermeio de tudo isso. Não direi um intermediário, mas alguém que põe as pessoas a falar que de outra forma não se ouviria e esse é o trabalho que nós fazemos que, de alguma forma, eu penso... temos vindo a rentabilizar da melhor maneira quer para o trabalho que é nosso, quer para a empresa... o desidrato que falávamos desde o início ... o serviço público. O serviço público é isso, é fazer notícia quando há notícia pondo os protagonistas a falar. Podem ser os presidentes de câmara como podem ser as pessoas que trabalham no campo ... enfim a coisa tem de funcionar assim senão não funciona. Se não é onde se criam essas tais entropias e a notícia não é realmente clara ... Não é preciso ir ao contraditório aí, é apenas ouvir as pessoas, os problemas que elas têm, aquilo que elas precisam que seja resolvido.

**AP: Como é que a delegação de Castelo Branco tem acompanhado as inovações digitais?**

ANF: Nós praticamente estamos em linha com o resto do país. Antigamente não recebíamos qualquer tipo de imagem, se precisássemos de fazer um trabalho em concreto nesta região e se colegas meus que cá teriam vindo há 40 anos, há um tempo atrás, era necessário vir um estafeta com uma cassete daquelas grandes... uma *betacam* ou uma coisa qualquer dessas ... vinha de mota e entregava a cassete e nós aqui fazíamos a transcrição. Agora já não é necessário isso, agora já recebemos imagens diretas do arquivo através do *wetransfer* por exemplo, e, portanto, temos acesso a essas tecnologias digamos assim. Isto é uma espécie de padrão uniforme por toda a RTP. Agora se algumas chegam com mais atraso do que outras, sim isso também aconteceu. Por exemplo, eu tenho um computador do tempo da Maria Cachucha, precisava de um computador em condições ... não é que eu perceba muito de informática e considero-me um info excluído ...

porque estou realmente... digamos que preparado para trabalhar como tem trabalhado até agora, utilizando eventualmente outro tipo de funções mas pronto , aprendi para me focar nessas balizas e , isto para justificar, que as novas tecnologias comigo enfim... funcionam um bocado mal mas tento adaptar-me àquilo que preciso de trabalhar no dia à dia e até agora tenho-o conseguido fazer. Agora não há grandes diferenças entre utilizar as novas tecnologias aqui como existe em Lisboa, mas é como digo, houve coisas aqui que chegaram com algum atraso e finalmente cá estão.

**AP: Qual é a área de cobertura jornalística da delegação de Castelo Branco?**

ANF: Castelo Branco coordena a Guarda e há pouco disse, nós fazemos desde Vila Nova de Foz Côa até..., isto a área designada propriamente dita que está no mapa e da qual temos responsabilidade, não temos áreas sombra ... aliás algumas. As áreas sombra são, por exemplo, Abrantes é uma sombra porquê? Porque pode ser feita... normalmente por Lisboa, mas se se em quilometragem o tempo que se demora com urgência de Castelo Branco a Abrantes não é Lisboa que vai, é Castelo Branco. Excluindo essas áreas cinzentas, Vila Nova da Barquinha, Constância e Abrantes, o exercício é fácil de fazer é... ver a quilometragem de Vila Nova de Foz Côa até para sul ... Marvão, Castelo de Vide e para Este, Mação distrito de Santarém, portanto é uma área muito grande, extensa. Nós, por exemplo... essas regiões foram demarcadas há alguns anos atrás, que me lembre, há 20 ou 18 anos ... nós temos uma zona, por exemplo, que fica acerca de 40 quilómetros de Coimbra e que somos nós que a fazemos que é a feira do Zêzere. Portanto há este tipo de figurino territorial que foi devidamente delineado e que nos calhou isso a nós, mas porquê se isso está a 40 quilómetros de Coimbra e tem de ser Castelo Branco a fazê-lo? É algo que está delineado e é assim.

**AP: Vocês adaptam-se ao tipo de reportagem do programa “Portugal em Direto” nomeadamente no caso dos *lives* ou de falsos diretos?**

ANF: Adaptamo-nos e também não fazemos tantos diretos porque também tecnicamente não é possível por uma razão muito simples. Nós para Castelo Branco e para a Guarda temos apenas um *live view* para fazer os diretos, então a forma de ... não é aldrabar mas , a forma de contornar essa ausência de mais um aparelho , esse aparelho podia ficar na Guarda e o outro em Castelo Branco e portanto quer um distrito quer o outro distrito estariam devidamente cobertos para se fazer diretos onde fosse necessário fazer mas isso não acontece e posso dizer, quando a minha equipa da Guarda precisa de um *live view* , nós temos de ir deixar o *live view* à Covilhã para eles irem lá buscá-lo porque temos um *live view* para três equipas, portanto essa questão dos diretos é possível fazê-los, é preciso é que haja material para que se possa fazer , de resto não temos qualquer problema em os realizar.

**AP: Portanto sente que a maior dificuldade para a realização de reportagens em Castelo Branco é a falta de material?**

ANF: Ao fim ao cabo é uma máquina e uma máquina que nos faz falta. Isto não é uma reivindicação, mas é uma espécie de queixa que eu já tenho vindo chegar à direção de informação ... que faz falta porque isto não faz muito sentido. Os meus colegas que estão de serviço, no fim de semana... eu à sexta-feira ou um colega meu que também trabalha aqui em Castelo Branco e vive na Covilhã têm a preocupação de deixar a máquina que pode ser precisa durante o fim de semana a meio do caminho para que os outros a vão lá buscar e a levem e façam o trabalho deles normalmente. Então e se acontece alguma coisa de imediato e que necessite de urgência em Castelo Branco? Mesmo as pessoas que estão de folga poderiam trabalhar e onde é que está a máquina? está na Guarda e temos de ir lá buscá-la ... não faz sentido.

**Apêndice 1.18 – Tabela Análise de Conteúdo Entrevista VII: Jornalista e Redator da Delegação Regional de Castelo Branco: António Nunes Farias**

Categorias	Unidades de Sentido
<p><b>A) Produção de Notícias</b></p>	<p>“(…) são as duas situações, quer a nível de proposta ou sugestões que os próprios coordenadores do “Portugal em Direto” nos propõem a nós e às outras delegações obviamente dado que eles têm na cabeça o planeamento do país e as áreas que estão devidamente alocadas.” (P1, EVII, p.1)</p> <p>“Adaptamo-nos e também não fazemos tantos diretos porque também tecnicamente não é possível por uma razão muito simples. Nós para Castelo Branco e para a Guarda temos apenas um <i>live view</i> para fazer os diretos, então a forma de ... não é aldrabar mas , a forma de contornar essa ausência de mais um aparelho , esse aparelho podia ficar na Guarda e o outro em Castelo Branco e portanto quer um distrito quer o outro distrito estariam devidamente cobertos para se fazer diretos onde fosse necessário fazer mas isso não acontece e posso dizer, quando a minha equipa da Guarda precisa de um <i>live view</i> , nós temos de ir deixar o <i>live view</i> à Covilhã para eles irem lá buscá-lo porque temos um <i>live view</i> para três equipas, portanto essa questão dos diretos é possível fazê-los, é preciso é que haja material para que</p>

	<p>se possa fazer , de resto não temos qualquer problema em os realizar. “(P7, EVII, p.1)</p>
<p><b>B) Adaptação à Era Digital</b></p>	<p>“Nós praticamente estamos em linha com o resto do país. “(P5, EVII, P.1)</p>
<p><b>C) Jornalismo de Proximidade</b></p>	<p>“O substrato do “Portugal em Direto” e a força do “Portugal em Direto” reside exatamente aí e até diria mais que é o programa que diferencia a informação regional, a informação dos locais em relação a todos os outros programas que existem na concorrência...” (P2, EVII, p.2)</p> <p>“Nós conhecemos e temos essa proximidade quer com... digamos assim o povo e com os ... quem manda. (P4, EVII, p.1)</p> <p>(...) nós tivemos aqui um coordenador conhecido em Castelo Branco e é conhecido na Comunicação Social que foi o José Manuel Barata Foyo que dizia que ser jornalista é uma espécie de advogado do povo e eu por acaso vou um bocado por aí. Nós, de alguma forma, não é uma questão de queixinhas que o povo do interior fala muito baixinho ou não tem voz suficiente para chegar aos grandes decisores, mas nós somos um bocadinho o intermeio de tudo isso. Não direi um intermediário, mas alguém que põe as pessoas a falar que de outra forma não se ouviria e esse é o trabalho que nós</p>

	<p>fazemos que, de alguma forma, eu penso... temos vindo a rentabilizar da melhor maneira quer para o trabalho que é nosso, quer para a empresa... o desidrato que falávamos desde o início ... o serviço público. (P4, EVII, p.2)</p>
<p><b>D) Representação das Regiões</b></p>	<p>“(...) o “Portugal em Direto” consegue passar a informação que infelizmente, tenha muita ou pouca importância, infelizmente o Telejornal, de alguma forma, menospreza...” (P2, EVII, p.2)</p> <p>“Faz toda a diferença e é a diferença. Obviamente que faltam meios humanos... nós temos, por exemplo, aqui no nosso caso, nós temos um distrito inteiro que é o de Castelo Branco. Temos um distrito inteiro que é o distrito da Guarda e temos franjas de outros distritos como seja o de Santarém ... vamos a Mação , quando é necessário a Abrantes , Constância , a Vila Nova da Barquinha e para o Alentejo , Marvão , Castelo de Vide e quando é necessário vai-se a Portalegre, portanto a nossa área geográfica é de tal maneira grande e os meios humanos são de tal maneira escassos que tentamos equilibrar aqui ... dar as notícias de, não é pesar na balança todos por igual mas é de alguma forma poder</p>

	<p>equilibrar para abarcarmos, no que nos toca, toda esta grande região. (P3, EVII, p.1)</p> <p>“Castelo Branco coordena a Guarda e há pouco disse, nós fazemos desde Vila Nova de Foz Côa até..., isto a área designada propriamente dita que está no mapa e da qual temos responsabilidade, não temos áreas sombra ... aliás algumas. As áreas sombra são, por exemplo, Abrantes é uma sombra porquê? Porque pode ser feita... normalmente por Lisboa, mas se se em quilometragem o tempo que se demora com urgência de Castelo Branco a Abrantes não é Lisboa que vai, é Castelo Branco. Excluindo essas áreas cinzentas, Vila Nova da Barquinha, Constância e Abrantes, o exercício é fácil de fazer é... ver a quilometragem de Vila Nova de Foz Côa até para sul ... Marvão, Castelo de Vide e para Este, Mação distrito de Santarém, portanto é uma área muito grande, extensa.” (P6, EVII, p.1)</p>
--	---

**Tabela 14** – Tabela Análise de Conteúdo Entrevista VII – Dimensão IV

## **Apêndice 1.19 – Transcrição da entrevista VIII**

**Dimensão IV:** Jornalistas das delegações regionais

**Entrevistado:** Jornalista da delegação regional de Faro: Duarte Baltazar

**Data da Entrevista:** 17/03/2022

**Duração da Entrevista:** 25 minutos e 7 segundos

**AP: O programa “Portugal em Direto” é um programa que se auxilia pelas notícias que são dadas pelas delegações. Como é que funciona esta relação? São vocês que sugerem temas de notícias para o programa ou são os coordenadores do programa que vos requisitam notícias da vossa região?**

DB: Na maioria das vezes, como acontece com os outros programas, a maioria das vezes somos nós que temos a iniciativa de sugerir reportagens porque dominamos melhor a atualidade da nossa região e as características da nossa região depois há vezes também, em que eles próprios encontram assuntos de reportagem sobre o Algarve e fazem essa proposta. Portanto, nesse sentido, funciona como com os outros programas, a relação é muito semelhante. No caso da delegação de Faro parte em 80 % ou 90% da nossa iniciativa.

**AP: Qual a área ou o tipo de zonas que abrange a delegação regional de Faro?**

DB: Portanto, a área que está sob jurisdição do centro regional de Faro são os 16 concelhos que compõem o distrito de Faro, portanto todo o Algarve mais o concelho de Odemira no Baixo Alentejo, o concelho de Ourique e o concelho de Almodôvar. Portanto, ou seja, nós temos o Algarve todo sob nossa responsabilidade e três concelhos do Baixo Alentejo.

**AP: O “Portugal em Direto” é um programa que se baseia num tipo de jornalismo específico que é o jornalismo de proximidade através de formatos específicos como os lives ou falsos diretos. Como é que funciona esta adaptação? Como é a tua experiência de jornalismo de proximidade?**

DB: Muito bem. Então é o seguinte, o “Portugal em Direto” tem, através dos seus dois coordenadores, manifestado preferência nos formatos de falso direto e de direto. O falso direto, às vezes, usado como sinónimo de *live* ... há quem diga que são coisas diferentes, há quem diga que é, mais ou menos, a mesma coisa ... para simplificar diretos e falsos diretos. Eles têm manifestado muita preferência nisso.

Sempre que nós encontramos um assunto que seja fácil de tratar nesse registo, é isso que nós fazemos, é isso que nós propomos, portanto, propomos-mos a fazer dali um falso direto para o PD (“Portugal em Direto) ou a marcar um direto para o período das 18 às 19 da tarde e que possa passar no PD. Isto acontece muitas vezes, por exemplo, a questão do direto acontece muitas vezes, por exemplo, com sugestões de espetáculos ou coisas que estejam em cena ou de exposições, enfim, sugestões culturais de coisas que vão decorrer durante os próximos dias e é muito mais fácil tratá-las em falso direto para o “Portugal em Direto” ou em direto porquê? Muitas vezes nós temos sabemos que não vale a pena fazer reportagem porque, se o falso direto já vai passar qualquer coisa sobre esse assunto, a reportagem só faria sentido fazer se o telejornal ou jornal da tarde transmitissem e nós sabemos, de antemão muitas vezes, porque fazemos uma avaliação dos temas e conhecemos os programas da nossa antena. Nós sabemos que não faz sentido, propormos para aí, portanto, aquilo que fazemos é sobre aquele assunto, aquela exposição, aquele espetáculo é só um direto ou falso direto o que facilita bastante as coisas também numa lógica de produção porque são dois formatos muito fáceis de produzir... o direto então ...

**AP: E mais fácil de editar?**

DB: Absolutamente. O falso direto precisa muito pouco de edição. Às vezes, quando nos enganamos, quando aquilo fica comprido demais ou percebemos que é preciso cortar qualquer coisa fazemos uns planos de corte mas a edição é sempre muito fácil, portanto, a produção de diretos e falsos diretos é muito fácil.

**AP: Acreditas que o programa “Portugal em Direto” faz bem a representação da vossa região? Acreditas que existe uma representação igualitária?**

DB: Não. Eu não acredito que a representação, eu não acredito que a RTP, de uma forma geral, e eu falo da RTP, em particular, porque é onde trabalho, certamente a SIC e a TVI terão os mesmos problemas, mas eu só posso falar da minha casa.

Eu acredito que a RTP, de uma forma geral, ainda tem muito pela frente para tratar com justiça aquilo que é a informação... aquilo que é a atualidade que acontece em todo o território. Não existe uma lógica, na minha opinião, de coesão territorial na RTP, como eu acho que era suposto haver numa empresa pública, afinal de contas, todos somos contribuintes. A taxa audiovisual paga por um algarvio é igual à taxa audiovisual paga por um lisboeta e, portanto, todas as pessoas do país merecem se ver representadas nos vários espaços de informação da RTP. O que é que acontece?

O “Portugal em Direto” é, na verdade, um programa ... na verdade, alias quando se chamava “Regiões” o *slogan* do programa era este. Isto é oficial está nos canais oficiais da RTP, o *slogan* do programa, quando se chamava “Regiões” é “um noticiário dedicado a pequenos factos”, portanto, a distinção aqui era a dimensão dos factos, ou seja, um noticiário dedicado a factos que se consideram menos relevantes daqueles que figuram, por exemplo, no Jornal da Tarde ou no Telejornal. Não a escolha de factos pela sua geografia, o que é que acontece? É que... Como é que as coisas funcionam agora? O que funciona agora é que o Telejornal e o Jornal da Tarde são, digamos, o repositório de tudo aquilo que se passa em Lisboa e na área metropolitana do Porto e o “Portugal em Direto”, pronto, é o que se passa no Algarve, nos Alentejo Alto e Baixo, nas Beiras... nas três, em Trás-os-Montes e nas ilhas e no Ribatejo. Eu sou absolutamente contra esta lógica porque eu não sou nem menos português nem menos jornalista, mas, sobretudo, não sou menos português por estar no Algarve. Na minha região acontecem pequenos e grandes factos,

não acontecem só factos pequenos e, nesse sentido, tenho algumas divergências com aquilo que é... com aquilo em que o “Portugal em Direto” se transformou. Não com o princípio, digamos, eu acho que é um programa cuja ideia base faz sentido, não na história das regiões, faz sentido enquanto noticiário de pequenos factos. Não é “pronto agora à noite vamos ver o que se passa em Lisboa e no Porto, à tarde vamos ver o que se passa em Lisboa sobretudo e, agora durante tarde, vamos lá ao Portugal dos pequenitos...” não de todo, mas é isso que está a acontecer. O “Portugal em Direto” dá preferência ... depende muito delegações regionais, dá primazia a coisas pequenas que muitas vezes até se confundem com entretenimento, na minha opinião, são notícia. Eu tenho falado com eles, eu acho que é um noticiário ... é um noticiário de pequenos factos, contra isso não tenho nada, o que eu tenho contra é que se considere que os pequenos factos acontecem em todas as regiões de Portugal à exceção de Lisboa e do Porto, onde acontecem as coisas verdadeiramente importante para o país. Só para se ter uma noção, por exemplo, nós temos na região do Algarve ... na delegação do Algarve ... nós temos uma cultura de trabalhar para os programas todos, estou a olhar para a toda a grelha da RTP como válida, portanto, não me considero jornalista do “Portugal em Direto” e as minhas duas colegas também não garantidamente. Eu não sei o que dirão as pessoas de outras delegações, portanto, nós trabalhamos em função da notícia e não em função de noticiários e consoante o valor da notícia e o valor da reportagem que estamos a tratar, nós depois vendemos a reportagem para o programa que achamos mais adequado e, muitas vezes, achamos que o mais adequado é o Telejornal e não ao “Portugal em Direto” porque nós não achamos que estamos a falar de pequenos factos, estamos a falar de factos mais relevantes, mas depois isto choca com uma lógica na RTP que é “não desculpa, isso é do Algarve, portanto isso devia estar é no “Portugal em Direto” não, não devia. Deve estar no “Portugal em Direto” se for considerado uma coisa pequena, menos importante como a apanha do cogumelo, uma festa ou uma exposição num salão de Junta qualquer, pronto, isso aí são coisas que cabem no “Portugal em Direto”. Agora, se estivermos a falar de três crimes ambientais no parque natural da Ria Formosa, peço imensa desculpa, isso na minha lógica tem muito mais cabimento no Jornal da Tarde ou no Telejornal porque são coisas da âmbito nacional. O parque natural nacional da Ria Formosa tem importância nacional, não tem importância só para o Algarve

**AP: Os tempos de emissão entre o Telejornal e o programa “Portugal em Direto” são diferentes. Acreditas que isso pode ser uma variável de relevo na questão da representação das regiões?**

DB: Absolutamente. Eu não discordo disso, realmente os programas também têm durações diferentes e por isso, têm prioridades diferentes. Em todo o caso, esta minha crítica à RTP, de uma forma geral, nesta questão da coesão territorial, estou até a criticar mais o “Portugal em Direto” porque o Telejornal e o Jornal da Tarde, mas o Telejornal, em particular, manifesta grande interesse, aliás, solicitam muito trabalho ao Algarve, à delegação do Algarve.

Nós, muitas vezes, não temos de vender nada porque já são os outros que já estão a pedir e a delegação do Algarve tem tido, face em comparação com o do Alentejo, com a delegação de Évora, com a delegação de Castelo Branco ou com a de Trás-os-Montes, Bragança tem tido muito mais presença nos noticiários diários para além do “Portugal em Direto”. Isto têm a ver também com a nossa cultura, de olhar para a notícia e não para o noticiário. Se nós acreditamos que temos uma coisa forte e de interesse nacional a acontecer aqui e que merece visibilidade noutra programa, nós vendemos a esse programa e esse programa depois fará o que quiser como é óbvio, mas acontece também porque esta é uma região que, em comparação com as outras, que tem ... a área de cobertura da RTP da delegação da RTP em Faro tem a maior linha de costa, o que aumenta a probabilidade de cobertura de todo o tipo de ocorrência de ocorrências náuticas, quer sejam, por exemplo, acidentes, afogamentos... estou a falar das coisas mais graves mas também desembarques de droga, desembarques migratórios que acontecem e tem acontecido apenas no Algarve. É a única região do país onde vêm migrantes da rota das Canárias parar a Portugal, isso é uma grande particularidade. Tem outras particularidades ... é a região do país que tem mais forte atividade turística. O turismo é uma das atividades mais fortes ... é um dos mais fortes contribuidores para a economia nacional. O Turismo é também um setor muito oscilante, muito vulnerável a qualquer tipo de oscilação, como percebemos agora com a pandemia, e, portanto, tudo o que acontece e que influencia o turismo é necessariamente notícia de interesse nacional. O Algarve tem, também, um conjunto de infraestruturas que faz com que receba com muita regularidade eventos desportivos como seja estádios de futebol, eu não me lembro de isto acontecer na Beira Baixa ou em Trás-os-Montes, não me lembro do Benfica ou da seleção portuguesa irem

estagiar a Trás-os-Montes, acontece aqui com muita regularidade. Essas infraestruturas, por causa, do turismo e dos hotéis, existem inúmeros salões de conferência, portanto, é uma região, também ... digamos prioritária para receber conferências e encontros nacionais de ordens e classes profissionais. Por outro lado, é uma região com enorme número de segundas habitações. A maior parte das pessoas tem casas no Algarve, o que é que isto significa? No ponto de vista específico, para que se tenha uma ideia, como é que isto influencia o nosso trabalho... Muitas vezes, há fontes, entrevistados de interesse nacional que só podem ser entrevistados cá porque calha em estarem cá a passar férias por exemplo, representantes de sindicais, representantes de ordens profissionais, representantes de setor patronal... tem acontecido inúmeras vezes e depois há autoridades em determinadas matérias, sociologia, demografia etc. Portanto, ou seja, existe, de facto... a área de cobertura da delegação de Faro tem um conjunto de especificidades que eu acho que a distinguem no resto do país, das outras ... aliás do resto do país onde a RTP tem centros regionais. Por outro lado, depois tem coisas que depois tem fatores comuns ... ah e tem outra coisa que eu acho que é importantíssima, só o Algarve que é uma região que não é muito grande tem uma densidade populacional superior a todo o centro português ... centro esse onde a RTP tem quatro centros regionais, Castelo Branco, Porto, Viseu e Coimbra e Guarda.

**AP: Com a maior densidade populacional também a ocorrência de eventos é maior?**

DB: Justamente. Portanto, a região tem estas características que são as características da região e depois nós temos uma cultura também de não nos assumirmos como satélite preferencial de um programa, de exclusivo ou preferencial de um programa ou determinado programa. Não, nós trabalhamos para a notícia, em função daquilo que for a natureza da notícia e depois nós lidamos com os vários noticiários da RTP e isso tem sido, digamos, isso não tem sido, de facto, fácil de fazer no “Portugal em Direto” entender que as coisas devem funcionar assim porque eles acham que as delegações foram criadas para trabalhar em exclusividade para um noticiário de pequenos factos e eu rejeito.

**AP: Vocês têm tido mais pedidos de peças por parte do Telejornal, Jornal da Tarde ou “Portugal em Direto”?**

DB: O “Portugal em Direto” tem uma prática que é a seguinte. Como eu disse, eles não têm muito por hábito ... não é muito habitual eles proporem coisas ... eles, portanto, dão muita liberdade ou dão-nos muita autonomia para escolhermos e selecionarmos as reportagens que achamos interessantes, portanto aquilo que eles fazem diariamente é ligar para a delegação e perceber o que é que há hoje ... o que é que temos hoje. Nesse ponto de vista, eu diria que o telejornal, por exemplo, é se calhar muito mais intenso a solicitar coisas ou o Jornal da Tarde porque precisam de coisas específicas ... “Nós queremos isto ... Sabemos que no Algarve está a acontecer isto ... Não sabemos se no Algarve está a acontecer ou não mas sabemos que como o Algarve tem características de demográficas que a distinguem das outras regiões , portanto queremos que percebam se está a acontecer isto agora ... se já começaram a receber refugiados , se já começaram a chegar refugiados Ucrânios , se estes refugiados já começaram a ser integrados nas escolas , os jovens , e se os outros mais velhos podem ser integrados no mercado de trabalho ...” isto são solicitações que nós temos tido. Só, nas últimas duas semanas, eu praticamente só tenho tido solicitações do Telejornal, numa base quase diária.

**AP: Sendo então que o Algarve, neste momento, é um dos maiores centros de acolhimento em Portugal acaba por ser mais requisitado pelo Telejornal?**

DB: É onde está a segunda maior comunidade portuguesa de ucranianos, neste caso, em particular o Algarve é, de resto, deixa acrescentar, enquanto especificidade... não tenho números ou dados concretos para me comparar ou nos comparar com outras regiões, mas de facto há comunidades estrangeiras muito bem representadas em termos de número aqui em baixo. O algarve é mais fértil em notícia e isso tem a ver com a litoralização do país em que vivemos, em que há muito menos gente no interior, se há muito menos pessoas há menos probabilidade de notícia, logo o Algarve acaba por ter muito mais notícia.

**AP: A delegação de Faro tem conseguido acompanhar as inovações tecnológicas?**

DB: Talvez um repórter de imagem pudesse responder melhor a essa questão. Eu acho que, de uma forma geral, nós não temos grande reparos a fazer nesse sentido. A RTP , universalmente trabalha com bom material , entendemos nós... em determinadas alturas , temos críticas a fazer, por exemplo, mas isso é de uma forma nacional... entendemos que a chegada para a conversão para o HD foi demasiado tardia em comparação com a concorrência ... não tarda nada está a concorrência a chegar ao 4K e estamos nós a chegar ao HD mas, de uma forma geral, no nosso trabalho diário , enquanto operacionais, eu não creio que tenhamos assim grandes dificuldades técnicas , as coisas tem funcionado razoavelmente bem eu acho.

**AP: Tem existido uma boa adaptação às novas tecnologias?**

DB: Acho que não temos grandes queixas. Posso falar por todos porque não oiço grandes coisas. As nossas maiores críticas são estas, a nível editorial, a ideia que temos de ser o satélite preferencial ou exclusivo do “Portugal em Direto”, do noticiário que eu acho que é absolutamente demeritório, é dedicado a pequenos factos, o que não acrescenta nem retira dignidade ao programa. Eu não sou é a favor da geografização da forma como é feita. Eu acho que o Algarve ou o Castelo Branco pode entrar no Telegen, pode entrar no “Portugal em Direto”, pode entrar onde quer que ... dependendo da dimensão ou da magnitude da notícia ou do acontecimento, não tem de acontecer necessariamente em Lisboa... isso tem sido um cavalo de batalha porque ... enfim... isto se calhar cria alguns problemas à lógica dominante que temos de estar preferencialmente para ... detalhados para um certo tipo de informação.

Irei apenas acrescentar mais uma coisa e eu sei que nisto estou a representar a Helena e a Cristina e os meus colegas repórteres de imagem, que sei que estou a bater muito nesta tecla. É o seguinte, o conceito de informação regional é muitas vezes é usado para descrever o “Portugal em Direto” e eu acho que do ponto de vista de nomenclatura isso está errado porque a informação regional é informação , acho eu , é informação ... eu gosto muito mais de jornalismo de proximidade , isso para mim faz mais sentido, porque a informação regional é a informação que é feita , neste caso, por exemplo, de Algarvio para Algarvio que faz o “SulInformação” portanto eles têm circulação

apenas no Algarve e, portanto falam apenas para as pessoas da região , coisas que tem interesse apenas no ambito desta região. O “Portugal em Direto” tinha essa modalidade até ao inicio dos anos 2000 , portanto , as emissões regionais em que nos últimos 15 minutos de programa , mas o “Portugal em Direto” tinha ao inicio dos anos 2000, até 2001 ,2002 as chamadas emissões regionais em que o primeiro bloco do programa era emitido por todo o país em simultâneo com os mesmos conteúdos e os últimos 15 minutos eram emitidos , por exemplo, eram noticias do Algarve que só tinham para o Algarve, só com cobertura para o Algarve individualização. Eu não sei explicar do ponto de vista deontológico como é que isto se fazia, mas há as áreas de cobertura pelas antenas e depois lá está, os últimos 15 minutos de programa, havia um pivô no Algarve que apresentava só as notícias do Algarve e aí sim podíamos dar destaque às obras de uma rua em Faro porquê? Porque sabemos que só estamos a falar para as pessoas do Algarve, não temos ninguém em Trás-os-Montes que nos está a ouvir, no Alentejo a mesma coisa. A Filipa Costa foi, neste ambito, que é hoje coordenadora do PD, foi pivô, do Algarve nessa altura... das emissões regionais, portanto nos últimos 15 minutos do programa, entrava ela a representar apenas o Algarve e a falar de Algarvio para Algarvio. Desde que isso acabou, eu falo de algarvio para Transmontano, para Açoreano, para madeirense etc.

Nós temos de partilhar o Algarve ao país inteiro, temos de dar notícias que não sejam só do interesse dos algarvios ... posso interessar também a um transmontano, portanto, o concelho de informação regional cai no início dos anos 2000, isso já não existe. Então, nesse caso, não existe então o que justifica o “Portugal em Direto”? Aquilo que está no *slogan* do antigo programa “Regiões” dedicado a pequenos factos, na hierarquia dos pequenos e dos grandes factos, da dimensão dos factos. O “Portugal em Direto” dedica-se aos mais pequenos para não sermos só ... e eu concordo e acho bem, para não ser só bombardeados com os grandes, portanto, há se calhar histórias mais pequenas e importantes para o dia a dia, mas que têm o seu valor e têm o seu espaço. O “Portugal em Direto” surge como, esse espaço, e aí sim tudo bem. Agora convencionou-se é que o espaço dos pequenos factos é por todas as regiões à exceção de Lisboa e do Porto e aí é que está o problema.

**Apêndice 1.20 – Tabela Análise de Conteúdo Entrevista VIII: Jornalista da delegação Regional de Faro – Duarte Baltazar**

Categorias	Unidades de Sentido
<p><b>A) Produção de Notícias</b></p>	<p>“(…) a maioria das vezes somos nós que temos a iniciativa de sugerir reportagens porque dominamos melhor a atualidade da nossa região e as características da nossa região depois há vezes também, em que eles próprios encontram assuntos de reportagem sobre o Algarve e fazem essa proposta.” (P1, EVIII, p.1)</p> <p>“(…) o “Portugal em Direto” tem, através dos seus dois coordenadores, manifestado preferência nos formatos de falso direto e de direto.” (P3, EVIII, p.1)</p> <p>“(…) a questão do direto acontece muitas vezes, por exemplo, com sugestões de espetáculos ou coisas que estejam em cena ou de exposições, enfim, sugestões culturais de coisas que vão decorrer durante os próximos dias e é muito mais fácil tratá-las em falso direto para o “Portugal em Direto” ou em direto porquê? Muitas vezes nós temos sabemos que não vale a pena fazer reportagem porque, se o falso direto já vai passar qualquer coisa sobre esse assunto, a reportagem só faria sentido fazer se o telejornal ou jornal da tarde</p>

transmitissem e nós sabemos, de antemão muitas vezes, porque fazemos uma avaliação dos temas e conhecemos os programas da nossa antena.” (P3, EVIII, p.2)

“Nós, muitas vezes, não temos de vender nada porque já são os outros (Telejornal e Jornal da Tarde) que já estão a pedir e a delegação do Algarve tem tido, face em comparação com o do Alentejo, com a delegação de Évora, com a delegação de Castelo Branco ou com a de Trás-os-Montes, Bragança tem tido muito mais presença nos noticiários diários para além do “Portugal em Direto”. Isto têm a ver também com a nossa cultura, de olhar para a notícia e não para o noticiário. Se nós acreditamos que temos uma coisa forte e de interesse nacional a acontecer aqui e que merece visibilidade noutro programa, nós vendemos a esse programa e esse programa depois fará o que quiser como é obvio, mas acontece também porque esta é uma região que , em comparação com as outras , que tem ... a área de cobertura da RTP da delegação da RTP em Faro tem a maior linha de costa , o que aumenta a probabilidade de cobertura de todo o tipo de ocorrência de ocorrências náuticas...” (P6, EVIII, p.2)

“(...) nós temos uma cultura também de não nos assumirmos como satélite preferencial de

	<p>um programa, de exclusivo ou preferencial de um programa ou determinado programa. Não, nós trabalhamos para a notícia, em função daquilo que for a natureza da notícia e depois nós lidamos com os vários noticiários da RTP e isso tem sido, digamos, isso não tem sido, de facto, fácil de fazer no “Portugal em Direto” entender que as coisas devem funcionar assim porque eles acham que as delegações foram criadas para trabalhar em exclusividade para um noticiário de pequenos factos e eu rejeito. (P7, EVIII, p.1)</p>
<p><b>B) Adaptação à Era Digital</b></p>	<p>“Acho que não temos grandes queixas. Posso falar por todos porque não oiço grandes coisas.” (P11, EVIII, p.1)</p>
<p><b>C) Jornalismo de Proximidade</b></p>	<p>“(…) eu gosto muito mais de jornalismo de proximidade, isso para mim faz mais sentido, porque a informação regional é a informação que é feita, neste caso, por exemplo, de Algarvio para Algarvio que faz o “SulInformação” portanto eles têm circulação apenas no Algarve e, portanto falam apenas para as pessoas da região, coisas que tem interesse apenas no ambito desta região. O “Portugal em Direto” tinha essa modalidade até ao início dos anos 2000…” (P11, EVIII, p.2)</p>

	<p>“Nós temos de partilhar o Algarve ao país inteiro, temos de dar notícias que não sejam só do interesse dos algarvios ... posso interessar também a um transmontano, portanto, o concelho de informação regional cai no início dos anos 2000, isso já não existe.” (P11, EVIII, p.3)</p>
<p><b>D) Representação das Regiões</b></p>	<p>“Portanto, a área que está sob jurisdição do centro regional de Faro são os 16 concelhos que compõem o distrito de Faro, portanto todo o Algarve mais o concelho de Odemira no Baixo Alentejo, o concelho de Ourique e o concelho de Almodôvar. Portanto, ou seja, nós temos o Algarve todo sob nossa responsabilidade e três concelhos do Baixo Alentejo.” (P2, EVIII, p.1)</p> <p>“Não. Eu acredito que a RTP, de uma forma geral, ainda tem muito pela frente para tratar com justiça aquilo que é a informação... aquilo que é a atualidade que acontece em todo o território. Não existe uma lógica, na minha opinião, de coesão territorial na RTP,” (P5, EVIII, p.2)</p> <p>“O “Portugal em Direto” é, na verdade, um programa ... na verdade, alias quando se chamava “Regiões” o <i>slogan</i> do programa era este. Isto é oficial está nos canais oficiais da RTP, o <i>slogan do</i> programa, quando se chamava “Regiões” é “um noticiário dedicado</p>

	<p>a pequenos factos”, portanto, a distinção aqui era a dimensão dos factos, ou seja, um noticiário dedicado a factos que se consideram menos relevantes daqueles que figuram, por exemplo, no Jornal da Tarde ou no Telejornal. Não a escolha de factos pela sua geografia, o que é que acontece? É que... Como é que as coisas funcionam agora? O que funciona agora é que o Telejornal e o Jornal da Tarde são, digamos, o repositório de tudo aquilo que se passa em Lisboa e na área metropolitana do Porto e o “Portugal em Direto”, pronto, é o que se passa no Algarve, nos Alentejo Alto e Baixo, nas Beiras... nas três, em Trás-os-Montes e nas ilhas e no Ribatejo. Eu sou absolutamente contra esta lógica porque eu não sou nem menos português nem menos jornalista, mas, sobretudo, não sou menos português por estar no Algarve. Na minha região acontecem pequenos e grandes factos, não acontecem só factos pequenos e, nesse sentido, tenho algumas divergências com aquilo que é... com aquilo em que o “Portugal em Direto” se transformou. (P5, EVIII, p.3)</p>
--	--

**Tabela 15** – Análise de Conteúdo da Entrevista VIII – Dimensão IV

## **Apêndice 1.21 – Transcrição da entrevista IX**

**Dimensão IV:** Jornalistas das delegações regionais

**Entrevistada:** Jornalista da delegação regional de Évora: Teresa Marques

**Data da Entrevista:** 21/03/2022

**Duração da Entrevista:** 18 minutos e 15 segundos

**AP: Como é que funciona a relação do “Portugal em Direto” e a vossa delegação? São os coordenadores que vos pedem notícia ou vocês sugerem as próprias notícias?**

TM: Das duas maneiras. Tem corredores nos dois sentidos, nós sugerimos coisas e eles pedem-nos coisas. Normalmente começa por eles nos perguntarem: “O que é que tens?” Eles dão -nos essa abertura “O que é que tens, o que é que sugeres, o que é que há por aí? E nós apresentamos aquilo que temos, o que andamos a fazer etc. E ao mesmo tempo também nos mandam alguns emails, algumas coisas que tenham ou então algumas sugestões : “Olha hoje estava a pensar fazer um programa dedicado a esta área aqui... era giro se conseguisses encontrar uma situação qualquer que se enquadrasse” sei lá , por exemplo, os preços dos combustíveis qualquer coisa do género , “era giro encontrares uma situação aí “ ou os comerciantes , por exemplo , estou a lembrar -me ali, na altura , dos saldos quando os saldos foram adiados falámos sobre isso. “Olha era giro se fizesses aí uma reportagem sobre como os comerciantes estão a reagir à questão dos saldos terem sido adiados” e nós fizemos, ou um direto ou um falso direto, portanto funciona nos dois sentidos.

**AP: Que tipo de setores / categorias é que abrange a delegação regional de Évora?**

TM: Temos mais sociedade, economia, cultura ... não tanto política nem tanto o desporto. Não quer dizer que não se façam também. Mas principalmente sociedade.

**AP: Vocês adaptam-se ao tipo de reportagem do “Portugal em Direto”, neste caso, os lives ou falsos diretos?**

TM: Sim. Podemos sempre, por exemplo, fazer uma entrevista com alguém sobre uma situação ou fazer uma entrevista maior em *live on tape* ou podemos, sei lá, visitar um espaço museológico ou uma empresa, uma instituição e fazer uma visita em *live*, funciona muito assim ou, então, a reportagem clássica que tanto entra no “Portugal em Direto” como depois é aproveitada por outros noticiários, por vezes, também.

**AP: Sendo uma delegação, vocês produzem informação apenas para o “Portugal em Direto” ou também para outros programas?**

TM: Sim porque como nós produzimos para o “Portugal em Direto”, mas para todos os outros. Se for um *live* fica mais condicionado ao “Portugal em Direto”. Se for uma reportagem e se não for demasiado longa ela pode perfeitamente entrar no “Bom dia” na RTP 3, até no Jornal da Tarde, mais dificilmente, mas também no Telejornal, mas, portanto, tem depois ali uma série de outros jornais que podem comprar. Portanto, nós também acabamos por filtrar isso um pouco pelo valor notícia do que estamos a fazer. Se nós temos noção que aquilo é uma questão que tem uma projeção nacional forte e que a nível nacional é preponderante e o olhar do norte é semelhante ao olhar do sul, portanto, aquilo que faz sentido entrar no noticiário diferente ... temos de ter esse cuidado se achamos que o tema tem esse enfoque devemos trabalhá-lo para o “Portugal em Direto” mas pensando “olha o “Bom Dia” amanhã vai pegar nisto ou a RTP 3 é capaz de pegar nisto ou isto é um assunto que também interessa ao Jornal da Tarde, portanto, das duas uma, ou vamos aqui fazer uma versão mais curta para o Jornal da Tarde porque sabemos que eles também querem este assunto e fazemos uma cabeça de notícia diferente só para parecer uma reportagem diferente ou para lhe dar ali um ar ... mais refrescar a notícia e fazemos de uma maneira para o Jornal da Tarde e de outra maneira para o “Portugal em Direto” ou simplesmente fazemos uma versão um pouco mais longa porque sabemos que o “Portugal em Direto” nos dá essa liberdade de tratar os assuntos de uma forma um pouco mais extensa e gerimos assim.

**AP: Manter também originalidade na produção das peças?**

TM: É isso, procurando, por exemplo, se a cabeça da notícia for um pouco diferente ... se a entrada, reportagem for um pouco diferente já refresca, já lhe dá um ar diferente, já não é bem a mesma coisa

**AP: O vosso tipo de escrita das peças também se adapta ao público-alvo do “Portugal em Direto”?**

TM: Eu aí não tenho, não faço diferença. Eu acho que a nossa linguagem deve ser clara e objetiva, se ela for clara e objetiva ela é entendida por quem tem menos formação académica e é entendida também por quem tem mais formação académica, portanto, eu não estou a chamar burro a ninguém, mas também não chamo intelectual a ninguém, portanto, se eu tive uma linguagem ... acho que posso encontrar uma linguagem que se adeque aos dois públicos, eu, pelo menos, tenho essa opinião. Não quer dizer que não compreenda o que está a ser questionado e que não ache que possa fazer sentido, mas eu tento não o fazer, por isto que expliquei.

**AP: No caso de Évora, como funciona a prática de jornalismo de proximidade? Vocês têm foco nas pessoas? Qual é a tua experiência?**

TM: Nós aqui temos uma particularidade, temos uma região muito grande em termos de área geográfica. O Alentejo é um terço do país e nós temos que chegar aos três distritos. Não cobrimos por completo, os três distritos ... há ali as franjas do baixo Alentejo, alto Alentejo que ficam para a zona de Castelo Branco, para o Algarve e para Lisboa, mas ainda assim temos uma área geográfica muito grande. Nós quando saímos em reportagem nunca temos menos do que 2 horas de viagem ida e volta mas pronto, nunca é menos do que 2 horas de viagem para chegar a qualquer lado, pronto, nalguns casos menos, sim como Claras aqui no distrito de Évora, mas não é muito

diferente para chegarmos a Mora que pertence ao distrito de Évora, demoramos quase 1 hora e porque não temos auto estradas. A nossa única auto estrada é a A6 que nos liga a Elvas e consequentemente a Espanha e tudo o resto, são estradas nacionais e o IP2 que tem ali um perfil que não é um perfil de auto estrada.

**AP: A maior dificuldade é mesmo o acesso?**

TM: Sim. É um pouco mais difícil, mas fazemos por chegar e fazemos por cobrir se formos ao Alto Alentejo, se formos ao Baixo etc. e depois temos temas que são muito ... são temas que quando se fala deles lembramo-nos logo do Alentejo. Por exemplo, se falamos logo de agricultura, o Alentejo é uma das regiões com muitos exemplos em termos de agricultura, portanto, pedem-nos muitas reportagens nessa área e nós próprios temos essa sensibilidade. Se vemos uma notícia, por exemplo, sobre os preços dos cereais, automaticamente, haverá qualquer coisa aqui na região que possa ser tratado neste âmbito. Se há uma notícia sobre a seca, de certeza que o Alentejo tem um exemplo bom para dar sobre este assunto, sei lá, agora estou aqui a lembrar-me... se é uma notícia de agricultura, se ouvimos dizer que o preço do azeite vai subir, de certeza que o Alentejo é a zona mais indicada para fazer esta reportagem porque é onde se produz mais azeite. Se ouvirmos falar... são muitas coisas relacionada com a agricultura, se ouvirmos falar do envelhecimento da população, de aldeias despovoadas. De certeza que nós aqui no Alentejo vamos encontrar um bom exemplo de aldeia despovoada, de envelhecimento da população ... por aí. São temas que nós quando falamos deles sabemos logo que aqui haveremos de encontrar bons exemplos disso, mas é um jornalismo próximo das pessoas, sendo que, o Alentejo tem poucas pessoas. O que eu noto aqui é que, em termos do meu trabalho, é que as pessoas são muito mais reservadas. Eu já trabalhei na RTP no Porto e já trabalhei na RTP em Bragança e chegar à rua e pôr o microfone à frente de alguém e colher uma opinião era a coisa mais fácil do mundo. As pessoas aproximavam-se até para ... “então o que é que estão a falar, o que é que andam a fazer” e aqui as pessoas fogem de nós e é muito mais difícil nós conseguirmos um depoimento de alguém que pare e diga: “ah sim senhor diga lá o que é quer e tal... Olhe estamos a fazer uma reportagem sobre isto, fala connosco? Eu não! Fala ali o não sei quantos que ele é que sabe! Eu não sei nada! O não sei quantos também diz eu não sei nada, vá falar com aquele que aquele é que sabe...”

portanto, eu acho que isto é cultural. As pessoas são muito mais reservadas, não gostam de expor, não gostam de aparecer, não têm muita disponibilidade para uma câmara de televisão, para aparecer numa câmara de televisão. Não quer dizer que não sejam afáveis ou carinhosas e que nos tratem bem, que nos recebam bem, mas depois quando chega a hora de ligar a câmara e falar com elas, não é boa ideia. Mas eu acho que aqui no Sul ... eu já trabalho aqui há muitos anos... não sei como estão as pessoas lá para cima para o Norte, mas a minha experiência é que aqui é pior do que lá em cima a não ser que agora as pessoas lá em cima porque também se começou a falar mais sobre o direito de imagem , sobre... pronto, as pessoas também estão mais informadas , têm... e fala-se mais sobre os perigos da exposição e eu acho que isso faz com que as pessoas também se reservem mais. Portanto, lá em cima, pode também já acontecer mais, haver mais gente a não querer aparecer, mas dantes não era isso de certeza. Eu notei uma diferença enorme em 2003 saí do Porto vim para Évora e eu no Porto falava com toda a gente e aqui não falava com ninguém.

**AP: Qual é a área de cobertura da delegação regional de Évora?**

TM: Então , nós vamos ... no Baixo Alentejo vamos até Mértola , Castro Verde, Aljustrel... por ali assim , portanto a fronteira ali com o Algarve fica ali em Mértola, Castro Verde, Aljustrel e depois o que está abaixo disso Odemira , Ourique ... é o Algarve que faz , Santiago do Cacém ... Sines é o Algarve e Lisboa e depois aqui para cima nós vamos até ao Crato , Portalegre, depois Castelo de Vide já é com Castelo Branco e ali a seguir a Ponte de Sor... não me lembro do concelho, mas a seguir a Ponte de Sor é Castelo Branco. Há algumas áreas que até são áreas comuns, vai quem estiver mais próximo ou quem tiver mais disponibilidade.

**AP: Como é que funcionam essas situações onde um território, a ser coberto, está numa fronteira?**

TM: Vai quem estiver mais próximo, quem tem mais disponibilidade, quem tem a agenda mais livre conforme o assunto, conforme o dia, conforme a urgência de chegar.

**AP: Acredita que o “Portugal em Direto” faz bem a representação do vosso concelho?**

TM: Eu acho que, na medida do possível é. Agora , também digo , se tivesse mais uma equipa de reportagem comigo aqui na zona a tempo inteiro acredito que fosse mais bem representado porque era mais fácil ir porque... eu sozinha não consigo estar em dois sítios ao mesmo tempo , não consigo chegar a tudo e o outro colega que faz televisão aqui comigo , faz televisão e rádio e portanto, a prioridade dele é a rádio , depois dá uma ajuda na televisão e isso faz com que a coisa se torne mais difícil porque a área é muito grande porque, como já disse, as viagens são muito longas e, portanto, não é fácil chegar... não fazes uma perninha aqui, outra ali e vai-se a correr de um sitio para o outro e isso faz com às vezes que eu gostava de fazer e sítios onde gostava de chegar que não consigo por isso mesmo.

**AP: A grande dificuldade é a falta de recursos humanos. E a nível material ou tecnológico existe algum problema?**

TM: Não. Acho que estamos bem equipados, estamos tranquilos.

**AP: Acredita que a delegação de Évora tem feito um bom acompanhamento da digitalização? Como é que tem funcionado a adaptação?**

TM: Sim, dentro daquilo que é a RTP, dentro do que é a situação ... do panorama da RTP, eu penso que sim. Não trabalhamos muito com o digital, não trabalhamos com o online, não fazemos nada disso porque a RTP tem um departamento para isso, portanto, não sei até que ponto ... isso depois tem a ver com uma questão ... isso é uma questão de política da empresa. Se a política da empresa fosse ... nós fizéssemos também trabalho para o online, acho que isso seria uma questão geral nacional, não é..., mas também penso que nós já somos poucos para fazer isto. Se nos

pedissem, então, para trabalhar também para o online seria ainda mais complicado, portanto, digamos que ficamos um bocadinho... não fazemos muita coisa

**AP: Em termos de equipamento o caso é o mesmo?**

TM: Em termos de equipamento digitais sim, fazemos um acompanhamento da evolução tecnológica ao ritmo da empresa, agora em termos de nós produzimos conteúdos especificamente para o online, isso não produzimos, são os colegas de Lisboa que produzem mas claro que estamos próximos deles e qualquer dúvida, qualquer necessidade, o contacto é fácil.

**Apêndice 1.22 – Tabela Análise de Conteúdo da Entrevista IX: Jornalista da Delegação Regional de Évora – Teresa Marques**

Categorias	Unidades de Sentido
<p><b>A) Produção de Notícias</b></p>	<p>“Das duas maneiras. Tem corredores nos dois sentidos, nós sugerimos coisas e eles pedem-nos coisas.” (P1, EIX, p.1)</p> <p>“(…) nós produzimos para o “Portugal em Direto”, mas para todos os outros. Se for um <i>live</i> fica mais condicionado ao “Portugal em Direto”. Se for uma reportagem e se não for demasiado longa ela pode perfeitamente entrar no “Bom dia” na RTP 3, até no Jornal da Tarde, mais dificilmente, mas também no Telejornal, mas, portanto, tem depois ali uma série de outros jornais que podem comprar. Portanto, nós também acabamos por filtrar isso um pouco pelo valor notícia do que estamos a fazer. Se nós temos noção que aquilo é uma questão que tem uma projeção nacional forte e que a nível nacional é preponderante e o olhar do norte é semelhante ao olhar do sul, portanto, aquilo que faz sentido entrar no noticiário diferente ... temos de ter esse cuidado se achamos que o tema tem esse enfoque devemos trabalhá-lo para o “Portugal em Direto...” (P4,EIX, p.1)</p>

<p><b>B) Adaptação à Era Digital</b></p>	<p>“Sim, dentro daquilo que é a RTP, dentro do que é a situação ... do panorama da RTP, eu penso que sim. Não trabalhamos muito com o digital, não trabalhamos com o online, não fazemos nada disso porque a RTP tem um departamento para isso, portanto, não sei até que ponto ... isso depois tem a ver com uma questão ... isso é uma questão de política da empresa.” (P13, EIX, p.1)</p> <p>“Em termos de equipamento digitais sim, fazemos um acompanhamento da evolução tecnológica ao ritmo da empresa...” (P14, EIX, p.1)</p>
<p><b>C) Jornalismo de Proximidade</b></p>	<p>“O que eu noto aqui é que, em termos do meu trabalho, é que as pessoas são muito mais reservadas. Eu já trabalhei na RTP no Porto e já trabalhei na RTP em Bragança e chegar à rua e pôr o microfone à frente de alguém e colher uma opinião era a coisa mais fácil do mundo. As pessoas aproximavam-se até para ... “então o que é que estão a falar, o que é que andam a fazer” e aqui as pessoas fogem de nós e é muito mais difícil nós conseguirmos um depoimento de alguém que pare e diga: “ah sim senhor diga lá o que é quer e tal... Olhe estamos a fazer uma reportagem sobre isto, fala connosco? Eu não! Fala ali o não sei quantos que ele é que sabe! Eu não sei nada! O não sei quantos</p>

	<p>também diz eu não sei nada, vá falar com aquele que aquele é que sabe...” portanto, eu acho que isto é cultural. As pessoas são muito mais reservadas, não gostam de expor, não gostam de aparecer, não têm muita disponibilidade para uma câmara de televisão, para aparecer numa câmara de televisão. Não quer dizer que não sejam afáveis ou carinhosas e que nos tratem bem, que nos recebam bem, mas depois quando chega a hora de ligar a câmara e falar com elas, não é boa ideia. (P8, EIX, p.1)</p>
<p><b>D) Representação das Regiões</b></p>	<p>“Nós aqui temos uma particularidade, temos uma região muito grande em termos de área geográfica. O Alentejo é um terço do país e nós temos que chegar aos três distritos. Não cobrimos por completo, os três distritos ... há ali as franjas do baixo Alentejo, alto Alentejo que ficam para a zona de Castelo Branco, para o Algarve e para Lisboa, mas ainda assim temos uma área geográfica muito grande. Nós quando saímos em reportagem nunca temos menos do que 2 horas de viagem ida e volta... (P7, EIX, p.1)</p> <p>“Então , nós vamos ... no Baixo Alentejo vamos até Mértola , Castro Verde, Aljustrel... por ali assim , portanto a fronteira ali com o Algarve fica ali em Mértola, Castro Verde, Aljustrel e depois o que está abaixo disso Odemira , Ourique ... é o Algarve que faz ,</p>

	<p>Santiago do Cacém ... Sines é o Algarve e Lisboa e depois aqui para cima nós vamos até ao Crato , Portalegre, depois Castelo de Vide já é com Castelo Branco e ali a seguir a Ponte de Sor... não me lembro do concelho, mas a seguir a Ponte de Sor é Castelo Branco. Há algumas áreas que até são áreas comuns, vai quem estiver mais próximo ou quem tiver mais disponibilidade. (P9, EIX, p.1)</p> <p>“Eu acho que, na medida do possível é. Agora , também digo , se tivesse mais uma equipa de reportagem comigo aqui na zona a tempo inteiro acredito que fosse mais bem representado porque era mais fácil ir porque... eu sozinha não consigo estar em dois sítios ao mesmo tempo , não consigo chegar a tudo e o outro colega que faz televisão aqui comigo , faz televisão e rádio e portanto, a prioridade dele é a rádio , depois dá uma ajuda na televisão e isso faz com que a coisa se torne mais difícil porque a área é muito grande porque, como já disse, as viagens são muito longas e, portanto, não é fácil chegar...” (P11,EIX,p.1)</p>
--	--

**Tabela 16** – Análise de Conteúdo Entrevista IX – Dimensão IV